



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE

CIRLENE FRANCISCA SALES DA SILVA

**RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL ENTRE IDOSOS E ADULTOS
JOVENS DA MESMA FAMÍLIA: CARACTERIZAÇÃO E REPERCUSSÕES**

RECIFE

2019

CIRLENE FRANCISCA SALES DA SILVA

**RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL ENTRE IDOSOS E ADULTOS
JOVENS DA MESMA FAMÍLIA: CARACTERIZAÇÃO E REPERCUSSÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco, para defesa pública, como requisito parcial para obtenção do título de doutora.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

RECIFE

2019

CIRLENE FRANCISCA SALES DA SILVA

**RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL ENTRE IDOSOS E ADULTOS
JOVENS DA MESMA FAMÍLIA: CARACTERIZAÇÃO E REPERCUSSÕES**

Aprovada em 05 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª Dr^ª Cristina Maria de Souza Brito Dias (UNICAP)

Prof^ª. Dr^ª. Carmem Lúcia Tavares Barreto (UNICAP)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas (UNICAP)

Prof^ª Dr^ª Maria Lúcia Gurgel da Costa (UFPE)

Prof^ª Dr^ª Elaine Pedreira Rabinovich (UCSal/FABEP)

RECIFE

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os idosos,

Aos adultos jovens,

Ao meu marido Daniel,

Aos filhos Israel, Esdras, Ruth e Eline (nora/filha),

À minha netinha Ana Elise.

“Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação” (Bosi, 2003, p. 175).

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todos os benefícios que me tem concedido, que cuidou de mim nesta trajetória de imensa importância para minha vida acadêmica e pessoal, em meio a tantos percalços, entre doenças e falecimentos de familiares muito queridos.

À minha família, em especial, ao meu marido Daniel, aos meus filhos Israel, Esdras, Ruth, Eline (Nora) e minha netinha Ana Elise, pelo apoio, paciência e compreensão, pelos momentos de renúncia a estarmos juntos pela necessidade de dedicação a esta pesquisa.

À minha mãe (*in Memoriam*), minha inspiração, meu maior tesouro na terra, grande guerreira que, sem meu pai, criou-nos com muito esforço e dedicação. Que foi também um grande exemplo de mãe, envelhecimento ativo e bem-sucedido, e que me deixou um grande legado, “o cuidar”, “o fazer o bem sem olhar a quem”.

A todos os meus irmãos(ãs), cunhados(as), sobrinhos(as), enfim, parentes e aderentes. Aos meus avós maternos e paternos (*in Memoriam*), que não tive o privilégio de conhecer.

A todos(as) os(as) idosos(as) do mundo, por quem tenho profundo amor e consideração, e por quem espero lutar sempre, em busca de contribuir na construção de um mundo melhor para eles, onde possam viver com mais qualidade de vida e dignidade.

A todos os participantes, idosos(as) e adultos jovens, pela sua disponibilidade e presença nesta pesquisa, sem os quais não seria possível realizá-la.

À minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria de Souza Brito Dias, pela paciência, dedicação, assistência, seriedade e competência, que contribuiu de forma imprescindível para a construção do presente trabalho e meu desenvolvimento profissional e acadêmico, e por me ensinar a postura de uma verdadeira mestra e pesquisadora.

A todos os meus professores, mas especialmente, às professoras doutoras Cristina Amazonas, Carmem Barreto, Ana Lúcia Francisco, Suely Santana, Albenise Oliveira, Marisa Sampaio e todos(as) que compõem o Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da UNICAP. Por tudo que me ensinaram... E o apoio durante o momento de adoecimento e morte de minha mãe. Como também, todo o calor humano que me aqueceu no meu processo de luto, as palavras de conforto, o cuidado... Minha eterna gratidão....

A todos os meus colegas de doutorado, aos funcionários da secretaria: Nicéias, Nélia, Sérgio, Eliane, Dany e os demais.

Às professoras examinadoras Dr^a. Carmem Lúcia Tavares Barreto, Dr^a. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas, Dr^a Elaine Pedreira Rabinovich, Dr^a Maria Lúcia Gurgel da Costa, pelo acolhimento, disponibilidade e cuidado na leitura do trabalho e pelas sugestões enriquecedoras.

À CAPES, por acreditar neste projeto e financiar a sua execução.

APRESENTAÇÃO

Desde a minha infância gostava de estar no meio de pessoas idosas, embora não tenha conhecido os meus avós maternos e paternos, tendo convivido apenas com uma bisavó e por pouco tempo. Creio que me afeiçoava a pessoas idosas com facilidade em busca de sua proteção, afeto e sabedoria, talvez como uma forma de compensar a falta que meus avós faziam.

Ao crescer, tomei como um dos meus objetivos de vida trabalhar pelo segmento das pessoas idosas, especialmente após ter ingressado em uma comunidade religiosa onde coordenei, por dez anos, um Programa de Apoio à Terceira Idade (PROATI), que atende a cerca de sessenta mil idosos em Pernambuco.

Paralelamente, iniciei meus estudos sobre o envelhecimento no curso de Psicologia e participei de eventos científicos e palestras. Após a conclusão dos cursos, me interessei em continuar na Academia, realizando uma especialização em Intervenções Clínicas e, em seguida, o Mestrado, nos quais focalizei o tema da violência contra a pessoa idosa. Na dissertação, realizei uma intervenção psicoeducativa com treze pessoas, familiares de pessoas idosas, que estavam respondendo processo por agressão a estas.

Soube então da criação de um Curso de Especialização em Gerontologia Social, na Universidade Federal de Pernambuco, o qual frequentei durante a fase final do meu mestrado, realizado na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Na monografia de conclusão do curso de especialização em Gerontologia Social, detive-me a estudar a relação entre a disfuncionalidade familiar e a violência contra a pessoa idosa.

Como fruto dessa caminhada, publiquei três artigos em periódicos bem qualificados, um livro em coautoria, três capítulos de livros (estando mais um em elaboração pela ARTMED) e várias apresentações de trabalhos em eventos, além de redigir notas encomendadas pelos Conselhos Federal e Regional de Psicologia. Quando da apresentação de um trabalho no Congresso Nacional de Geriatria e Gerontologia, inscrevi-me para prova de titulação de especialista em gerontologia da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), tendo sido sabatinada por profissionais da referida instituição, terminando por ser aceita. Fui então a primeira psicóloga de Pernambuco a ter esse título.

O contato frequente com idosos me despertou para a necessidade de continuar pesquisando sobre esse público, e então me submeti à seleção do doutorado, na UNICAP. Como ouvia muitas queixas dos idosos sobre seu isolamento e solidão, e que se sentiam deprezados pelos jovens, muitas vezes em decorrência de afastamento por parte dos próprios familiares, decidi deter-me na temática do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens, tema da presente tese.

Nesse sentido, resolvi analisar empiricamente o fenômeno do distanciamento entre gerações, que é apontado pelo senso comum. Segundo Gramsci (1981), o senso comum é uma matéria-prima que tem potencial transformador. Ele deve ser levado em conta, compreendido, avaliado e recuperado criticamente, uma vez que corresponde às condições reais de vida da população.

A presente tese está constituída por três artigos. Essa opção de escrita justifica-se pelo fato de ser uma possibilidade já utilizada em Programas de Pós-graduação como o da USP, reconhecida pela CAPES, e por facilitar a logística para o envio à publicação de forma mais rápida, devido ao tempo que se demanda entre o envio do artigo e a sua publicação. Desse modo, como resultado dessa experiência, o primeiro e o terceiro artigos serão publicados no início do ano de 2019. O primeiro, no livro “Envelhecimento e Intergeracionalidade” (fruto do Simpósio Internacional em Família: olhares interdisciplinares sobre o envelhecimento, do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL - Universidade Católica do Salvador) e o terceiro no de “Casal e família: estudos psicossociais e psicoterapia” (apresentado no XVII Simpósio da ANPEPP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia).

Embora configurada em formato de artigos, ressalta-se o esforço da autora na tentativa de haver uma unidade entre os estudos que compuseram a tese, para que não se perdesse a sua função e objetivo geral. Da mesma forma, para que também não houvesse repetição excessiva, embora alguns tópicos e conceitos necessitaram perpassar os três estudos, sendo inevitável tal redundância, visto que os três se referem ao mesmo objetivo. Contudo, não é pretensão da autora cansar o leitor, todavia, seguem-se desculpas antecipadas, se, por acaso, não foi alcançado esse objetivo.

Desse modo, em busca de uma linha matriz que perpassasse os três artigos, que é “compreender como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família”, no primeiro, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, acerca do estado da arte do tema,

a partir de artigos publicados em bases de dados e consulta ao banco de teses e dissertações da CAPES. Optou-se por esse tipo de revisão porque, segundo Ossó (2014), ela nos permite identificar e buscar informações disponíveis sobre um tema específico e contribui para que se consiga extrair os principais aportes e limitações dos estudos para o campo do conhecimento, essencial para a pesquisa e a prática profissional.

No segundo artigo, foi realizada uma análise da percepção dos participantes/díades acerca dessa relação (eles foram entrevistados individualmente e em momentos diferentes, mas as falas foram analisadas em conjunto). E no terceiro, buscou-se verificar, a percepção do relacionamento entre idosos e adultos jovens da mesma família por meio de um grupo focal. Nesse sentido, os três estudos, em linhas gerais, foram direcionados para compreender como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, de forma sistêmica, com foco na interação entre as duas gerações.

RESUMO

A presente Tese tem como objetivo geral, ou seja, grande tema, compreender os modos como acontecem as relações entre idosos(as) e adultos jovens da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas. E, como objetivos específicos, para facilitar o entendimento da complexidade: 1) Descrever as características da relação entre idosos(as) e adultos jovens; 2) Analisar como percebem a influência entre eles; 3) Descrever os fatores positivos e/ou negativos presentes na relação; 4) Indicar, a partir da percepção dos participantes, o que pode ser realizado para facilitar a relação. Esses objetivos perpassaram toda a tese como linha condutora para esclarecimento do problema. Desse modo, a Tese foi organizada em três artigos/estudos, que foram orientados com temas e instrumentos que intentaram possibilitar o entendimento mais profundo de como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, apresentados da seguinte forma: no primeiro artigo, através de uma Revisão Sistemática da literatura (2008-2018), objetivou-se compreender o estado da arte do tema, mais especificamente as interlocuções sobre o problema; no segundo, entender a partir do olhar de doze díades compostas por avós-netos(as), tios(as)-sobrinhos(as), mães-filhos(as), como eles percebem a relação entre essas duas gerações; e no terceiro, por meio do relato de um Grupo Focal, composto pelos mesmos participantes das díades em interação, buscou-se a compreensão da relação entre idosos e adultos jovens. O referencial teórico empregado para a compreensão do fenômeno foi o Pensamento Sistêmico. Utilizou-se para analisar os estudos, o método qualitativo, de corte transversal e com uma amostra por conveniência. Os instrumentos para a coleta de dados constaram de um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturado, que foram respondidos individualmente em momentos e locais diferentes, pelas díades compostas por 12 idosos(as) e 12 adultos jovens; além do grupo focal, em que só participaram sete idosos(as) e cinco adultos jovens, que foi realizado em uma única sessão. Os resultados foram avaliados através da Técnica de Análise de Conteúdo Temática, composta pela pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. As principais conclusões foram: 1) houve a percepção de distanciamento entre as gerações, o que corrobora com a literatura, embora exista um membro de cada grupo, com o qual se tem mais proximidade; 2) entre os que vivenciam uma relação mais próxima, existe uma influência mútua; 3) bem como fatores positivos e negativos na relação, como exemplo de positivos: a atenção, cuidado, carinho, aprendizado, confiança, entre outros; e negativos: a falta de tempo do jovem, o uso da tecnologia, a distância geográfica, religião, questões familiares (tensões e conflitos), entre outros; 4) as estratégias citadas pelos participantes para facilitar a relação foram: conviver mais tempo, o jovem dedicar mais tempo à relação, procurar se compreender e respeitar as diferenças, dentre outros. Destacou-se ainda, que há uma carência de estudos sobre o relacionamento entre idosos e adultos jovens da mesma família, sobretudo, de tios(as)-sobrinhos(as); outro achado interessante foi a maior parte dos participantes terem preferido os parentes de vinculação paterna (avós, tios(as)); a escolha por afinidade/afetiva, referida por duas díades, sobressaindo-se ao laço sanguíneo; e uma maior proximidade entre avós-netos(as), ao invés de mães-filhos(as) ou tios(as)-sobrinhos(as). Concluiu-se, a partir dos resultados elencados, que para minimizar o distanciamento entre as gerações, ou seja, “aproximar os que estão mais distantes”, faz-se necessário, como medida mais imediata, a implantação de Programas e encontros intergeracionais, que contribuam para promover a aproximação entre as gerações. Por outro lado, é premente ensinar às pessoas, desde a infância, a respeitar, acolher, compreender, cuidar e amar a pessoa idosa, dada a vulnerabilidade na velhice. Sendo ideal esses ensinamentos transporem os muros domésticos e fazerem parte do currículo escolar, no afã de desconstruir o estigma social que coloca a pessoa idosa no lugar de descartável e peso social em algumas sociedades. Por fim, espera-se dar visibilidade social e científica à importância do relacionamento entre essas gerações, fornecer subsídios teóricos e práticos aos profissionais que trabalham com esse público, incitando ao aprofundamento de pesquisas acerca das questões levantadas, no afã de contribuir para a solidariedade intergeracional.

Palavras-chave: Família; Idoso; Adulto jovem; Intergeracionalidade.

ABSTRACT

The main objective of this present thesis was to understand in which ways relationships between the elders and young adults of the same family happen, from their own perspectives. And, as specific objectives, facilitate the understanding of the complexity: 1) Describe the characteristics of the relationship between the elders and young adults; 2) Analyze how they perceive the influence between them; 3) Describe the positive and/or negative factors present in the relationship; 4) Indicate, from the participants' perception, what can be done to facilitate the relationship. These objectives permeated the whole thesis as a guiding line to clarify the problem. Thus, the thesis was organized in three articles/studies, which were oriented by themes and instruments that tried to enable a deeper understanding of how the relationships between elders and young adults of the same family occur, as follows: the first article, through a Systematic Review of the literature (2008-2018), aimed to understand the state of the art of the theme, more specifically the dialogues about the problem; the second, to understand from the view of twelve dyads composed by grandmothers-grandchildren, aunts-nephews, mothers-children, how they perceive the relationship between the two generations; and in the third, through the report of a Focal Group, composed of the same participants of the dyads in interaction, we sought to understand the relationship between the elders and young adults. The theoretical reference used to understand the phenomenon was the Systemic Thinking. It was used to analyze the studies, the qualitative method, cross-sectional cohort and with a sample for convenience. The instruments for data collection consisted of a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview script, which were answered individually at different times and places by the dyads composed of 12 elders and 12 young adults; in addition to the focus group, in which only seven elders and five young adults participated, which was performed in a single session. The results were evaluated through the Thematic Content Analysis Technique, composed by the pre-analysis, material exploration, treatment of the obtained results and interpretation. The main conclusions were: 1) there was a perception of distancing between the generations, which corroborates with the literature, although there is one member of each group, with whom one has more proximity; 2) among those who experience a closer relationship, there is a mutual influence; 3) as well as positive and negative factors in the relationship, as an example of positives: attention, care, affection, learning, trust, among others; and negatives: the lack of time of the younger, the use of technology, geographical distance, religion, family issues (tensions and conflicts), among others; 4) the strategies cited by the participants to facilitate the relationship were: to have a closer living experience, the young person could dedicate more time to the relationship, seek to understand and respect differences, among others. It was also pointed out that there is a lack of studies on the relationship between the elders and young adults of the same family, especially of aunts and uncles; another interesting finding was that most of the participants preferred paternal relatives (grandparents, uncles, aunts), the affinity/affective choice, referred to by two dyads, standing out to the blood tie, and a greater proximity between grandparent-grandchildren, as opposed to mothers-children or uncles/aunts-nephews. It was concluded from the results listed that, in order to minimize distancing between the generations, that is, to "bring closer those farthest away", it is necessary, as a more immediate measure, the implementation of Programs and intergenerational encounters, which contribute to promoting rapprochement between generations. On the other hand, it is an imperative to teach people, from childhood on, to respect, welcome, understand, care for and love the elders, given their vulnerability in old age. Ideally, these teachings should transpose the domestic walls and be part of the school curriculum, in an effort to deconstruct the social stigma that places the older person in the place of disposable and social weight in some societies. Finally, it is hoped to give social and scientific visibility to the importance of the relationship between these generations, to provide theoretical and practical support to professionals working with this public, encouraging further research on the issues raised, in an effort to contribute to intergenerational solidarity.

Keywords: Family; Elder; Young adult; Intergenerationality.

RESUMEN

La presente tesis tiene como objetivo general, es decir, gran tema, comprender los modos como suceden las relaciones entre ancianos y adultos jóvenes de la misma familia, a partir de sus propias perspectivas. Y, como objetivos específicos, para facilitar el entendimiento de la complejidad: 1) Describir las características de la relación entre ancianos y adultos jóvenes; 2) Analizar cómo perciben la influencia entre ellos; 3) Describir los factores positivos y/o negativos presentes en la relación; 4) Indicar, a partir de la percepción de los participantes, lo que puede ser realizado para facilitar la relación. Estos objetivos atravesaron toda la tesis como línea conductora para aclarar el problema. De este modo, la Tesis fue organizada en tres artículos/estudios, que fueron orientados con temas e instrumentos que intentaron posibilitar el entendimiento más profundo de cómo se dan las relaciones entre ancianos y adultos jóvenes de la misma familia, presentados de la siguiente forma: en el primer artículo, a través de una Revisión Sistemática de la literatura (2008-2018), se objetivó comprender el estado del arte del tema, más específicamente las interlocuciones sobre el problema; en el segundo, entender a partir de la mirada de doce parejas compuestas por abuelos-nietos, tíos(as)-sobrinos, madres-hijos, como ellos perciben la relación entre esas dos generaciones; y en el tercero, por medio del relato de un Grupo Focal, compuesto por los mismos participantes de las parejas en interacción, se buscó la comprensión de la relación entre ancianos y adultos jóvenes. El referencial teórico empleado para la comprensión del fenómeno fue el Pensamiento Sistémico. Se utilizó para analizar los estudios, el método cualitativo, de cohorte transversal y con una muestra por conveniencia. Los instrumentos para la recolección de datos constaron de un cuestionario sociodemográfico y un itinerario de entrevista semiestructurado, que fueron respondidos individualmente en momentos y lugares diferentes, por las parejas compuestas por 12 ancianos y 12 adultos jóvenes; además del grupo focal, en el que sólo participaron siete ancianos y cinco adultos jóvenes, que se realizó en una sola sesión. Los resultados fueron evaluados a través de la Técnica de Análisis de Contenido Temático, compuesta por el pre-análisis, explotación del material, tratamiento de los resultados obtenidos e interpretación. Las principales conclusiones fueron: 1) hubo la percepción de distanciamiento entre las generaciones, lo que corrobora con la literatura, aunque exista un miembro de cada grupo, con el cual se tiene más cercanía; 2) entre los que viven una relación más cercana, existe una influencia mutua; 3) así como factores positivos y negativos en la relación, como ejemplo de positivos: la atención, cuidado, cariño, aprendizaje, confianza, entre otros; y negativos: la falta de tiempo del joven, el uso de la tecnología, la distancia geográfica, religión, cuestiones familiares (tensiones y conflictos), entre otros; 4) las estrategias citadas por los participantes para facilitar la relación fueron: convivir más tiempo, el joven dedicar más tiempo a la relación, procurar comprender y respetar las diferencias, entre otros. Se destacó, además, que hay una carencia de estudios sobre la relación entre ancianos y adultos jóvenes de la misma familia, sobre todo, de tíos(as)-sobrinos; el otro interesante hallazgo fue que la mayoría de los participantes prefirieron a los parientes de vinculación paterna (abuelos, tíos); la elección por afinidad afectividad, referida por dos parejas, sobresaliendo al lazo sanguíneo; y una mayor proximidad entre abuelos, el contrario de las madres-hijos o tías-sobrinos. Se concluye, a partir de los resultados señalados, que, para minimizar el distanciamiento entre las generaciones, es decir, "aproximar los que son más distantes", se hace necesario, como medida más inmediata, la implantación de Programas y encuentros intergeneracionales, que contribuyan a promover la aproximación entre las generaciones. Por otro lado, es urgente enseñar a las personas, desde la niñez, a respetar en el afán de deconstruir el estigma social que coloca a la persona anciana, dada la vulnerabilidad en la vejez. Siendo ideal estas enseñanzas transponer los muros domésticos y formar parte del currículo escolar, en el afán de deconstruir el estigma social que coloca a la persona anciana, en lugar de descartable y peso social en algunas sociedades. Por último, se espera dar visibilidad social y científica a la importancia de la relación entre estas generaciones, proporcionar subsidios teóricos y prácticos a los profesionales que trabajan con ese público, incitando a la profundización de investigaciones sobre las cuestiones planteadas, en el afán de contribuir a la solidaridad intergeneracional.

Palabras clave: Familia; Ancianos; Adulto joven; Intergeneracionalidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL.....	16
MÉTODO GERAL.....	28
Natureza e delineamento da pesquisa.....	28
Participantes.....	28
Instrumentos para coleta dos dados.....	31
Procedimento de coleta dos dados.....	33
Procedimento de análise dos dados.....	34
Referencial teórico do método e da tese.....	36
ESTUDO I: RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL ENTRE IDOSOS E ADULTOS JOVENS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA (2008-2018).....	48
Resumo.....	48
Introdução.....	48
Método.....	53
Resultados.....	55
Análise e discussão dos resultados.....	60
Considerações finais.....	67
Referências.....	68
ESTUDO II: PERCEPÇÃO DO RELACIONAMENTO ENTRE IDOSOS E ADULTOS JOVENS DA MESMA FAMÍLIA: UM OLHAR A PARTIR DOS GRUPOS FORMADOS PELAS DÍADES AVÓS-NETOS(AS), TIOS(AS)-SOBRINHOS(AS) E MÃES-FILHOS(AS).....	74
Resumo.....	74
Introdução.....	74
Método.....	78

Análise e discussão dos resultados.....	81
Considerações finais.....	116
Referências.....	118
ESTUDO III: PERCEPÇÃO DO RELACIONAMENTO ENTRE IDOSOS E ADULTOS JOVENS DA MESMA FAMÍLIA: RELATO DE UM GRUPO FOCAL.....	
Resumo.....	126
Introdução.....	126
Método.....	134
Análise e discussão dos resultados	137
Considerações finais.....	151
Referências.....	152
CONCLUSÃO GERAL.....	159
REFERÊNCIAS GERAIS.....	165
LISTA DE APÊNDICES.....	180

INTRODUÇÃO

O termo “intergeracional”, em sua decomposição, tem o seguinte significado: “inter” exprime a ideia de “entre, dentro de, no meio de”, e “geracional” indica as relações entre as diversas gerações em qualquer espaço, trabalho, lazer, família, universidades, entre outros (Dias, 2015, p. 93). Do mesmo modo, a BVS/DeCS– Biblioteca Virtual de Saúde: Descritores em Ciências da Saúde (2018, registro 30031) conceitua a “Relação entre gerações” como “as interações entre indivíduos de diferentes gerações”. E acrescenta que, “essas interações incluem a comunicação, o cuidado, a responsabilidade, a fidelidade e até os conflitos entre indivíduos com ou sem parentesco”.

O “idoso”, no Brasil, é definido como a pessoa com 60 anos ou mais, seguindo a tendência dos países em desenvolvimento (Estatuto do Idoso: Lei nº 10741 de 1º de outubro de 2003; Política Nacional do Idoso - PNI: Lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994). Já nos países desenvolvidos, é considerado idosa, a pessoa a partir dos 65 anos (Neri, 2008); o “Adulto jovem”, é a pessoa que está vivendo o período entre 19 e 40 anos (Papalia & Feldman, 2013). Mesmo não constando como objeto deste estudo, é importante ressaltar que a pessoa que está com a idade entre 40 e 60 anos é definida como “adulta intermediária” (Papalia & Feldman, 2013).

Os marcadores etários são importantes, contudo, faz-se necessário compreender o que ocorre durante essas fases da vida, para entender melhor o que acontece na relação entre o adulto jovem e a pessoa idosa, e os impactos no relacionamento entre essas duas gerações. A esse respeito, Müller (2013), refere o termo curso de vida, como mais adequado para caracterizar as fases dinâmicas que caracterizam nossa existência (ao invés de ciclo vital, que remete à ideia de estagnação). A autora faz um recorte, o da transição da juventude à adultez, buscando trazer algumas questões que contribuam para uma antropologia das idades da vida. Nesse sentido, inicialmente, irá se discutir sobre a categorização do adulto jovem e, posteriormente, sobre a pessoa idosa.

A autora supracitada argumenta que a tentativa de entendimento desse período foi direcionada não apenas por meio dos eventos, como a saída da casa dos pais, o casamento ou a inserção profissional (que tanto têm sentidos diferentes para os indivíduos como lhes colocam dilemas de ordem muito diversa), mas também pelas expectativas dos sujeitos quanto a suas trajetórias e à sua própria visão sobre elas. A autora supracitada menciona que,

no que diz respeito à noção de transição, embora pareça pertinente para se pensar o momento crucial da vida dos/as jovens que se sentem “em crise” ou em uma “encruzilhada”, observou-se que a vida inteira é percebida como uma transição na qual a mudança e os novos desafios não são privilégio de nenhuma idade.

Da mesma forma, em uma definição clássica sobre “transição para a vida adulta”, Modell, Furstenberg Jr. e Hershberg (1976) postulam que essa fase é um processo marcado por eventos peculiares aos quais damos significados específicos: saída da escola, entrada na força de trabalho, saída da casa da família de origem, casamento e estabelecimento de uma família, para a maioria.

Por outro lado, Pierre Bourdieu (1983) afirma que as divisões entre as idades são arbitrárias. Ele ressalta, por exemplo, que a fronteira entre juventude e velhice é objeto de disputa e manipulação em todas as sociedades. O referido autor, ao ser questionado sobre o que entendia “Por velho? Os adultos? Os que estão na produção? Ou a terceira idade?”, respondeu: “Quando digo jovens/velhos, tomo a relação em sua forma mais vazia. Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isso que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente”, e, reforça o autor, “são objeto de manipulações” (1983, p. 112-113).

Por sua vez, Elias (1994, p.30) acrescenta que “A historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta, é a chave para a compreensão do que é a sociedade”. Camarano (2004, p. 59) concorda com essa afirmação ao pontuar que “entender a passagem para a vida adulta requer a análise da emergência de novos estilos de vida e dos variados modos de entrar na fase adulta”.

Para além dos autores citados, que discursam sobre essa transição, Ponciano (2015) corrobora as afirmações acima, pontuando que as transformações atualmente ocorridas na entrada do jovem para a vida adulta tendem a ser não lineares e imprevisíveis, principalmente para os jovens que, com o apoio de seus pais, investem na formação escolar. E que as relações amorosas, baseadas em vínculos instáveis, a situação do mercado de trabalho e a exigência de uma prolongada formação para o exercício profissional não oferecem garantias de saída da casa dos pais e da futura independência. A autora ressalta ainda que as relações afetivas e de trabalho podem dissolver-se muito mais facilmente do que na época dos pais dos jovens atuais, o que vai ao encontro do que diz Han (2017).

Ponciano (2015) argumenta que, dessa forma, hoje há uma tendência de aceitação da diversidade e das flutuações presentes em todas as fases da vida e, especialmente, na transição para a vida adulta, que é marcada pela incerteza, indefinição e complexidade, variando de acordo com o grupo cultural. Assim, essa nova situação questiona a perspectiva tradicional do ciclo de vida familiar, cuja previsão é a de que os filhos deixem a casa dos pais, casem-se e tenham seus próprios filhos no início da juventude (Carter & McGoldrick, 2007). Nesse sentido, a adolescência chega ao fim, mas os pais continuam auxiliando os filhos no desenvolvimento de maior autonomia emocional e financeira na transição para a vida adulta.

Por esses motivos, Ponciano (2015) elucida que é importante ter uma compreensão sobre essa nova fase, nomeada de “adulthood emergente” (termo oriundo dos EUA), que se desenha na atualidade. Esclarece que se deve estabelecer uma diferenciação entre a transição para a vida adulta estudada pela Sociologia, que considera como marcos sociais: a saída da casa dos pais, o número de casamentos e a fertilidade, e o emergir para a vida adulta ou adulthood emergente que ressalta os aspectos psicológicos, mais intangíveis que os fenômenos demográficos e sociais, para caracterizar a transformação do adolescente em um adulto.

Por conseguinte, Arnett (2007) afirma não serem os aspectos sociológicos suficientes para se compreender o que ocorre nessa fase. E enfatiza a necessidade de especificar esse período por três características psicológicas intrínsecas: aceitar a responsabilidade por seus próprios atos, tomar decisões independentes e ser financeiramente independente. O mesmo autor pontua que a percepção subjetiva quanto a ser ou não um adulto é o argumento mais característico para definir essa fase como um período desenvolvimental distinto. Nesse sentido, ser adulto pode ser uma definição subjetiva não sendo mais necessários os tradicionais marcadores sociais que assinalavam a entrada na vida adulta.

Em outro texto, o autor supracitado (2008) propõe que o termo “emergente” revela melhor o caráter progressivo, dinâmico e mutável desse período da vida. Essa nova fase, característica das sociedades ocidentais industrializadas, não deve sobrepor as diferenças entre classes sociais e grupos culturais. Nesse sentido, é mais cauteloso pensar a transição atual como elástica, relacionada às respostas singulares e à criação de soluções que transformam os condicionamentos advindos dos contextos social, econômico, histórico, cultural e familiar (Ponciano, 2015).

Nascimento (2008) afirma que, nas famílias atuais, em diversos países do mundo, a transição da juventude para a vida adulta vem acontecendo, de modo geral, cada vez mais tarde, com restrições crescentes e exibindo uma alta heterogeneidade de comportamento, tanto que o processo de deixar a casa paterna e o ingresso numa residência separada tem sido considerado como importante rito de passagem para a vida adulta. Porém, o limite do “quando” o indivíduo adquire sua maioridade ainda é difícil de ser definido com precisão (Camarano et al., 2003). Para além das reflexões elencadas, acerca desse momento do curso de vida do adulto jovem, vale ressaltar algumas considerações propostas por Papalia e Feldman (2013) e por Kublikowski (2019).

Papalia e Feldman (2013) afirmam que a condição física atinge o auge, depois declina ligeiramente, e que as opções de estilo de vida influenciam a saúde e irão determinar o idoso que esse jovem será. Sobre o desenvolvimento cognitivo, o pensamento e os julgamentos morais tornam-se mais complexos. São feitas as escolhas educacionais e vocacionais, às vezes, após um período exploratório. E quanto ao desenvolvimento psicossocial, os traços e os estilos de personalidade tornam-se relativamente estáveis, mas as mudanças que ocorrem na personalidade podem ser influenciadas pelas fases e acontecimentos da vida. Assim sendo, são tomadas decisões sobre relacionamentos íntimos e estilos de vida pessoais, mas eles podem não ser duradouros. Nesse período, a maioria das pessoas casa e tem filhos.

Nesse sentido, Kublikowski (2019) afirma que as trajetórias de vida são abordadas em sua singularidade e, simultaneamente, inscritas em regularidades culturalmente marcadas. E que são essas regularidades que nos permitem pensar as fases da vida, apesar de reconhecermos a possibilidade de vivências singulares do curso de vida. A autora ressalta, que as transições estão alinhadas com estratégias de individuação e que a repetição ritualística das etapas de vida, observada tradicionalmente na sucessão de gerações, perde terreno para um novo tempo e espaço, no qual os jovens constroem ativamente as suas trajetórias.

Desse modo, a referida autora pontua que esse momento da vida do adulto jovem se encontra envolvido por novos contornos familiares, que se constituem face ao afrouxamento da força das tradições, em diferentes possibilidades de construção das trajetórias de vida, decerto não sem coações, mas que exigem uma ampliação do olhar sobre esse período. Ela reforça que tal complexidade do fenômeno gera contradições conceituais, pois, ao mesmo

tempo que normatizado e capturado em intervalos etários, é flexível pelo reconhecimento das diversas formas de ser jovem.

Agora, após refletirmos sobre o curso de vida do adulto jovem, passaremos a discorrer sobre o da pessoa idosa, tomando como autora principal Anita Liberalesso Neri (2006, 2008, 2013, 2016), que afirma serem os idosos populações ou pessoas que podem ser assim categorizadas em termos de duração do seu ciclo vital. No entanto, ainda segundo a autora, para além de critérios cronológicos, à medida que o curso de vida da humanidade se alonga, aumenta substancialmente a heterogeneidade entre os idosos. Gênero, classe social, saúde, educação, fatores de personalidade, história passada e contexto sócio-histórico são importantes elementos que se mesclam com a idade cronológica para determinar diferenças entre os idosos, dos 60 aos 100 anos ou mais.

Neri (2013) caracteriza a velhice como a última fase do ciclo vital, que é delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo perdas psicomotoras, afastamento social, restrição em papéis sociais e especialização cognitiva. Afirma que, à medida que o curso de vida humano se alonga, a velhice passa a comportar subdivisões que atendem a necessidades organizacionais da ciência e da vida social. Nesse sentido, conforme Schneider e Irigaray (2008), é comum falar em idosos jovens, idosos velhos e idosos mais velhos. O termo *idosos jovens* geralmente se refere a pessoas de 65 a 74 anos, que costumam estar ativas, cheias de vida e vigorosas. Os *idosos velhos*, são os de 75 a 84 anos. Nesse período, a saúde e as capacidades físicas e cognitivas podem oscilar, com o surgimento de doenças que não se evidenciaram na fase anterior, prejudicando a autonomia e a independência, embora a maioria das pessoas encontre formas de compensação. E os *idosos mais velhos*, de 85 anos ou mais, são aqueles que têm maior tendência para a fragilidade e para a enfermidade, e podem ter dificuldade para desempenhar algumas “Atividades da Vida Diária (AVD) tais como tomar banho, vestir-se, ir ao banheiro, transferência (sair da cama e sentar-se), continência (autocontrole de urinar ou defecar) e alimentação” (Ministério da Saúde, 2007, p. 151-152).

Embora essa categorização seja bastante usual, cada vez mais as pesquisas revelam que o processo de envelhecimento é uma experiência heterogênea, vivida como uma experiência individual, ou seja, podemos falar em velhices. Algumas pessoas, aos 60 anos, já apresentam alguma incapacidade; outras estão cheias de vida e energia aos 85 anos. Cervený (2010, p.15) e Papalia e Feldman (2013) ressaltam que essa fase “depende muito de como foram vividas as fases anteriores”, ou seja, de como entregamos esse corpo para a velhice.

Neri (2006) conceitua o envelhecimento como um processo de mudanças universais pautado geneticamente para a espécie e para cada pessoa, que se traduz na diminuição da plasticidade comportamental, em aumento da vulnerabilidade, em acumulação de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte. O ritmo, a duração e os efeitos desse processo comportam diferenças individuais e de grupos etários, dependentes de eventos de natureza genético-biológica, sócio-histórica e psicológica.

A mesma autora (2013) reforça que os mecanismos fisiológicos característicos do envelhecimento normal impõem a todos os seres humanos um padrão de declínio físico e cognitivo compatível com a diminuição das reservas de energia, desregulação neuroendócrina, declínio da função imune, redução da resistência aos estressores e perdas em velocidade psicomotora e cognitiva. Os padrões típicos da senescência, ou velhice normal, no curso de vida, interagem com aqueles que são característicos do envelhecimento dos indivíduos, dos grupos de idade e das populações, em diferentes contextos nacionais e temporais.

Papalia e Feldman (2013) pontuam que a rede social dos idosos é apenas metade da rede de adultos jovens. A de homens tende a ser um pouco menor do que a das mulheres. Nesse sentido, a pessoa idosa encontra-se em um cenário de desvantagens em relação às outras gerações mais jovens, devido às perdas que o passar dos anos impõe, acrescidas pelas demandas que a aposentadoria ocasiona, tais como mais tempo e menos companhia, o que pode redundar em solidão, isolamento, por vezes, depressão e até suicídio (Minayo, 2018).

No entanto, não podemos nos conformar com esse quadro. Por esses motivos, deve-se aprofundar estudos que apontem caminhos que possam contribuir para facilitar a relação entre idosos e adultos jovens, que promovam um melhor intercâmbio entre essas gerações, aproximando-as. Nesse sentido, a seguir, iremos refletir sobre estudos que discursam sobre a família, que envolvem essas gerações, e a importância da promoção do relacionamento intergeracional entre ambos.

A “Família”, conforme Falcão e Baptista (2010), pode-se compreender, em síntese, como um conceito polissêmico. As autoras ressaltam que a concepção de família tem sofrido variações múltiplas, especialmente quando se leva em consideração a pluralidade das formas atuais dessa instituição. Restritamente, refere-se ao núcleo familiar básico e, amplamente, ao grupo de pessoas vinculadas entre si por laços consanguíneos, consensuais, jurídicos ou afetivos, que constituem complexas redes de parentesco e de apoio por meio de intercâmbios influenciados por aspectos biopsicossociais, históricos, culturais e econômicos. Desse modo,

o sentimento de pertencer a uma família envolve afeto, liberdade, reciprocidade, histórias compartilhadas, enfim, fatores que abrangem questões conscientes e inconscientes (Falcão, 2006).

Segundo Falcão e Baptista (2010), é importante ressaltar que a família é um sistema interativo complexo, no intercâmbio com o meio, que demanda acomodações constantes e que depende especificamente de situações estressoras externas e modificações nos padrões internos do relacionamento. A principal função da família é favorecer a aprendizagem de códigos sociais, sistemas de regras específicas, valores, padrões de relacionamentos e vínculos. Para além disso, o suporte social familiar também pode ser avaliado pelo favorecimento de “características afetivas” (carinho, cuidado, empatia, confiança, entre outras); informacionais (noções indispensáveis para que o membro possa orientar suas ações na solução de problemas cotidianos) e instrumentais (auxílio prático, como, por exemplo, apoio financeiro para alimentação, educação, vestuário e outras áreas).

Diante dessa dimensão, a transmissão cultural entre as gerações, o contexto sociocultural, a memória social, o passado histórico e o futuro são elementos essenciais para a compreensão das relações sociais tecidas no contexto familiar. Nesse âmbito, as trocas intergeracionais se dão em um processo de alternância entre continuidade e descontinuidade, em que valores tradicionais e modernos ora se suplantam, ora coexistem. Desse modo, os novos padrões de convivência e socialização que se apresentam no mundo contemporâneo exigem que os papéis familiares, a autoridade e a hierarquia sejam redimensionados no âmbito das relações intergeracionais, principalmente entre idosos e adultos jovens (Marangoni & Oliveira, 2010).

Silva (2018, p. 4), discorrendo sobre as mudanças ocorridas na contemporaneidade, propõe que, além da família tradicional, as transformações sociais proporcionaram a existência de diferentes estruturas familiares: a) Família monoparental: composta por apenas um dos progenitores e seus filhos; b) Família comunitária: nessa estrutura, todos os membros adultos são responsáveis pela educação das crianças e dos membros menores, além de cuidar em proporcionar o necessário para a sobrevivência dos seus integrantes; c) Família contemporânea: caracterizada pela flexibilidade das funções/papéis do homem e da mulher a chefe de família, numa perspectiva de trocas em determinadas situações, ou seja, há um movimento nas funções parentais, não sendo mais possível pensar num papel fixo. Abrange a família monoparental, constituída por mãe solteira ou divorciada; d) Família tentacular: a estrutura de família contemporânea, em oposição à família nuclear, moderna (Kehl, 2013).

Para a autora, os tentáculos, que remetem aos polvos, abraçam diversos membros antes inexistentes como os frutos de novos casamentos, filhos desses novos pais, dentre outros.

Diante desse contexto, Ramos (2017) ressalta que a contemporaneidade tem sido marcada pela melhoria das tecnologias e dos cuidados com a saúde, fator que reflete no maior alcance da longevidade, e que, por conseguinte, coloca em relevo novas solicitações e reconfigurações das interações familiares e sociais entre as pessoas de diferentes gerações, principalmente entre idosos e jovens. No entanto, tem-se constituído um desafio promover uma convivência saudável e solidária entre essas gerações, pois só é possível esse tipo de relacionamento num contexto em que haja reconhecimento da alteridade, das diferenças de idades, de valores, de competências, de saberes e do valor dessas interações e partilha. Nesse contexto, as relações entre as gerações mais velhas e mais novas ganham destaque especial.

O suposto desprezo referido por muitas pessoas idosas, ocasionado, possivelmente, pelo distanciamento entre as gerações (Ferrigno, 2016; Miranda, 2013) torna-se algo preocupante por conta do número crescente de idosos e que tendem a aumentar a cada dia mais, como indicam as projeções (IBGE, 2018; ONU, 2018); resultando em muitas pessoas idosas adoecidas pela solidão, isolamento e, possível consequente, depressão e, ainda mais grave, o suicídio (Minayo, 2018). Desse modo, com esse aumento populacional, muitas demandas emergem mostrando a necessidade de soluções que venham garantir uma melhor qualidade de vida para a pessoa idosa (Côrte & Ferrigno, 2016).

Compreende-se que as relações harmônicas constituídas de trocas construtivas com outras gerações mais jovens são fatores preponderantes para esse avanço. Ramos (2017) afirma que a qualidade dos vínculos afetivos, relacionais e comunicacionais entre as diferentes gerações é fundamental para o desenvolvimento, bem-estar e qualidade de vida das crianças, dos jovens, adultos e dos idosos, e contribui para a promoção de novas relações e formas de solidariedade intergeracional na família e na sociedade. Desse modo, todos são beneficiados com essa interação (Estatuto da Juventude, 2013; UNESCO, 2002; Política Nacional do Idoso, 1994).

Frank e Rodrigues (2016) ressaltam que os indivíduos com um bom suporte social podem estar protegidos dos efeitos deletérios sociais da doença. Outros fatores de risco social citados são a baixa aculturação, morar só, perda de contatos e falta de um confidente. São, portanto, medidas para a redução do risco e da prevalência de depressão: melhor prevenção e

tratamento das doenças crônicas; suporte social adequado, com prevenção do isolamento social; e compensação do dano funcional.

McCall e Kintziger (2013), pontuam que esse cenário gera um elevado custo econômico para o sujeito, a família e a sociedade, composto por fatores como o custo dos serviços sociais e de saúde, a redução na produtividade ou perda do emprego e o impacto negativo na mortalidade prematura.

Nesse sentido, Minayo (2018) refere que 90% dos casos de suicídio estão associados à depressão, causada pelo isolamento e a solidão. Ela salienta que as duas grandes faixas etárias mais comprometidas são os idosos e os jovens. Frank e Rodrigues (2016, p.402) ressaltam que “a taxa de suicídio é maior entre idosos do que entre indivíduos mais jovens, especialmente para os homens” e ainda que “a principal causa de suicídio entre idosos é a presença de depressão”. Desse modo, advertem que “a melhor estratégia para redução de risco é o tratamento da depressão” (p.403).

Diante desse contexto, Minayo (2018) pontua que mais de 90% dos idosos estão nas famílias, e aí a autora questiona como está sendo a vida deles nessas famílias? E responde que o isolamento foi o que ela detectou. Essa afirmação nos remete a refletir sobre como estão se dando as relações entre essas pessoas idosas e os familiares com quem residem. Pode-se constatar que se trata de um distanciamento entre as gerações (Ferrigno, 2018). Mesmo rodeado de pessoas os idosos sentem-se sozinhos pela ausência de interação com os mais jovens, ora por dificuldades deles mesmos, ou pelo próprio desprezo estabelecido socialmente em relação à pessoa do velho. Há ainda as novas tecnologias que perpassam as relações, como exemplo os familiares no WhatsApp, levando o(a) idoso(a) a se sentir isolado porque, por vezes, não domina as novas tecnologias.

Daí, então, depreende-se a necessidade de envidar esforços para que haja um relacionamento intergeracional, com mais proximidade, entre os idosos e os mais jovens. Gil e Lopes (2014) salientam que essa carência foi observada desde o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento estabelecido na conferência de Madrid, em 2002.

No artigo 16 do Plano de Madrid, reconheceu-se a necessidade de fortalecer a solidariedade entre as gerações e as ações intergeracionais, tendo presentes as necessidades particulares dos mais velhos e dos mais jovens e de incentivar as relações solidárias entre gerações (ONU, 2002). Pois sabe-se que, principalmente, a família é uma influência poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas (Petrini, 2003).

No Brasil, o tema da intergeracionalidade está implicitamente contemplado no capítulo I da Política Nacional do Idoso - PNI (Lei nº 8.842/1994), sobre sua finalidade, ao defender o direito do idoso à integração na sociedade, que é composta por todas as gerações. Diz em seu artigo 1º: “a Política Nacional do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (Brasil/ PNI, 1994).

Mais especificamente, a referência da PNI à intergeracionalidade se apresenta quando aborda a importância da integração do idoso às demais gerações. O capítulo II, Seção II, art. 4º, inciso I, a PNI inclui entre suas diretrizes a “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações” (Brasil/ PNI, 1994).

A PNI também aborda o tema quando fala da necessária proteção dos idosos pela família, grupo humano naturalmente intergeracional. No inciso III do art. 4º, diz que “é priorização do atendimento ao idoso através de suas próprias famílias, em detrimento do atendimento asilar, à exceção dos idosos que não possuam condições que garantam sua própria sobrevivência” (Brasil/PNI, 1994).

Ainda sobre essa proteção por parte da família, a PNI, no inciso I do seu art. 3º, diz: “a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida” (Brasil/PNI, 1994).

No Capítulo IV, a alínea “d” do inciso VII do art. 10 diz que é competência do governo a iniciativa para “valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens, como meio de garantir a continuidade e a identidade cultural” (Brasil/PNI, 1994).

Ferrigno (2016) argumenta que o repasse de conhecimentos práticos, teóricos e éticos legitimados pelas experiências de vida, sem dúvida, caracteriza um indispensável processo educativo. O referido autor ressalta que o conteúdo da PNI foi bem elaborado e que sua abrangência permite contemplar as dimensões do cotidiano dos idosos brasileiros com suas necessidades, desejos e direitos. Todavia, afirma: “sua efetivação deixa a desejar em vários pontos, na visão de idosos e de especialistas (...) muito ainda falta para que a Lei nº 8.842/1994 seja plenamente cumprida. Mas, inegavelmente, houve avanços” (p. 221). O que significa dizer que, apesar dos avanços, percebe-se que pouco se tem feito no sentido de

desenvolver, implantar e implementar ações que contribuam para a solidariedade intergeracional.

Por outro lado, o governo brasileiro lançou, este ano (2018), a “Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa”, que propõe buscar alcançar o envelhecimento ativo, saudável, cidadão e sustentável para todos os brasileiros. A iniciativa contou com a colaboração da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (ONU, 2018). Espera-se que essa ação alcance também a intergeracionalidade promovendo o fortalecimento dos vínculos entre idosos e adultos jovens, dando seguimento aos avanços da PNI, em uma abrangente solidariedade intergeracional.

Ramos (2017) afirma que a solidariedade entre as gerações significa o apoio mútuo e a cooperação entre diferentes faixas etárias, com o objetivo de construir uma sociedade na qual as pessoas de todas as idades tenham um papel a desempenhar, de acordo com as suas necessidades e capacidades, podendo beneficiar, em igualdade de condições, o desenvolvimento educacional, econômico e social da comunidade. As atividades intergeracionais proporcionam espaços em que as diferentes gerações, respeitando as diferenças e os conhecimentos, criam um espaço comum de troca mútua de saberes, culturas e afetos, de solidariedades e de diálogo entre os mais velhos e os mais jovens, a partir dos conhecimentos e das experiências de cada um.

Nesse sentido, existe uma necessidade urgente de pesquisas que abordem as várias faces do envelhecimento e suas demandas, principalmente as relações intergeracionais. Para tanto, precisa-se de pesquisadores que invistam nessas temáticas, que aprofundem os conhecimentos nessa área, pois, segundo Côrte e Ferrigno (2016), a intergeracionalidade é um campo teórico em construção, uma área muito recente do conhecimento acadêmico. Desse modo, essa temática irá atravessar toda a tese, sendo trabalhada por metodologias diferentes nos três artigos que a compõem.

Diante da complexidade do tema, considerando o fenômeno da “Relação intergeracional entre idosos e jovens adultos” um campo amplo e que envolve diversos fatores e possibilidades interligados, optamos por utilizar as lentes da Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy, 2008) e do Pensamento Novo-paradigmático (Esteves de Vasconcellos, 2003), uma vez que se trata de gerações em constante interação e que se caracterizam pela complexidade, instabilidade e intersubjetividade, influenciando-se mutuamente, e também a

partir do intercâmbio com o meio. Assim, após delimitar a questão-tema e a perspectiva teórica que irá ser aplicada, passa-se a apresentar os objetivos que serão trabalhados nos três artigos que compõem a tese e, após, especificamente distinchados os objetivos de cada artigo.

A presente Tese tem como objetivo geral, ou seja, grande tema, compreender os modos como acontecem as relações entre idosos(as) e adultos jovens da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas. E, como objetivos específicos, para facilitar o entendimento da complexidade: 1) descrever as características da relação entre idosos(as) e adultos jovens; 2) analisar como percebem a influência entre eles; 3) descrever os fatores positivos e/ou negativos presentes na relação; 4) indicar, a partir da percepção dos participantes, o que pode ser realizado para facilitar a relação.

Esses objetivos perpassaram toda a tese como linha condutora para esclarecimento do problema. Desse modo, a Tese foi organizada em três artigos/estudos, que foram orientados com temas e instrumentos que intentaram possibilitar o entendimento mais profundo de como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, apresentados da seguinte forma: no primeiro artigo, através de uma Revisão Sistemática da literatura (2008-2018), objetivou-se compreender o estado da arte do tema, mais especificamente as interlocuções sobre o problema; no segundo, entender a partir do olhar de doze díades compostas por avós-netos(as), tios(as)-sobrinhos(as), mães-filhos(as), como eles percebem a relação entre essas duas gerações; e no terceiro, por meio do relato de um Grupo Focal, composto pelos mesmos participantes das díades em interação, a compreensão do olhar acerca do relacionamento entre idosos e adultos jovens da mesma família. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o trabalho realizado.

MÉTODO

Após a introdução geral, que apresentou um panorama acerca do objeto estudado e concluiu com os objetivos da tese, que perpassaram toda a pesquisa/estudos/artigos, segue-se o método utilizado para atender aos objetivos propostos.

Natureza e delineamento da pesquisa

Qualitativa, de corte transversal e com amostra por conveniência, constituindo-se uma pesquisa com a finalidade de analisar e descrever os resultados. O método qualitativo, segundo Richardson e Cols (1999, p.222), “estuda a presença de certas características na mensagem escrita” por ser eficaz, rigoroso e preciso. Conforme Deslandes, Gomes e Minayo (2008, p.21), a “Pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade.

Minayo (2014, p.57) reforça essa afirmação pontuando que “o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. As abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações, bem como análises de discursos e de documentos.

Participantes

Acerca dos participantes, tratou-se de uma amostra por conveniência. Essa modalidade de amostra é destituída de qualquer rigor estatístico. “O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam representar um universo (estudos exploratórios ou qualitativos)” (Marotti, Galhardo, Furuyama, *et al.*, 2008, p.188). Ela é adequada e frequentemente utilizada para geração de idéias em pesquisas exploratórias, principalmente. Também podem ser facilmente justificadas em um estágio exploratório da pesquisa, como uma base para geração de hipóteses e insights e para estudos conclusivos nos quais o pesquisador aceita os riscos da imprecisão dos resultados. São empregadas quando se deseja

obter informações de maneira rápida e barata. “Uma vez que esse procedimento consiste em simplesmente contatar unidades convenientes da amostragem, é possível recrutar respondentes tais como estudantes em sala de aula, mulheres no shopping, alguns amigos e vizinhos, entre outros” (Marotti, Galhardo, Furuyama, *et al.*, 2008, p.188-189).

Nesse sentido, os primeiros 12 participantes foram indicados por pessoas do conhecimento da pesquisadora, enquanto os outros 12, que formaram as díades, foram indicados pelos primeiros. Essa indicação levou em consideração o vínculo de mais proximidade afetiva, pois, tanto os sujeitos idosos, como os adultos jovens tinham outros familiares que podiam escolher, mas, o vínculo afetivo mais forte foi o que orientou a escolha. Vale salientar que a pessoa idosa indicou o adulto jovem, e o adulto jovem indicou a pessoa idosa, e, assim, foram formadas as díades.

Desse modo, fizeram parte da pesquisa 24 participantes que tinham relação de parentesco: avós-netos(as), tios(as)-sobrinhos(as), mães-filhos(as). Foram 12 idosos, com idades entre 60 e 74 anos, que costumam estar ativos e vigorosos e com mais condições físicas e cognitivas de participar da pesquisa (Schneider & Irigaray, 2008); e 12 adultos jovens, com idades entre 19 e 40 anos, que se encontram na fase de aquisição, de adquirir a base para o futuro (Cervený, 2010; Papalia & Feldman, 2013). A escolha por participantes nessas faixas etárias, se deu em consequência da carência de literatura acerca da compreensão de como se dão as relações entre essas duas gerações (Côrte & Ferrigno, 2016).

Quanto ao convite e à participação dos sujeitos na pesquisa, ela foi dividida em duas etapas: na 1ª etapa, após a indicação por pessoas do conhecimento da pesquisadora, eles foram convidados para participar e responder ao questionário sociodemográfico e à entrevista semiestruturada, compostos por perguntas que obedeciam aos objetivos da Tese. Na 2ª fase, foram todos novamente convidados para participar do Grupo focal, no qual se utilizou perguntas disparadoras, que, de igual modo, estavam de acordo com o objetivo da pesquisa. Esses dois momentos serão melhor descritos a seguir.

1ª etapa:

Como já referido, os primeiros seis idosos(as) e seis adultos jovens foram indicados por pessoas do conhecimento da pesquisadora. Após as indicações, a pesquisadora telefonou para os participantes e lançou o convite explicando sobre a importância da contribuição deles na pesquisa, e eles de imediato aceitaram participar.

Os outros seis idosos(as) e seis adultos jovens, para formar as díades, foram indicados pelos primeiros doze referidos acima. Ao receberem o convite e serem esclarecidos acerca dos objetivos da pesquisa, eles também aceitaram participar. Assim foram formadas as 12 díades: seis de avós-netos(as), três de tios(as)-sobrinhos(as), e três de mães-filhos(as).

Especificamente, no contato com os participantes, via telefone, foi esclarecido que: a qualquer momento, podiam desistir de participar e retirar o consentimento e a recusa não traria nenhum prejuízo em relação ao pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco; sobre o objetivo geral da pesquisa; que a participação consistiria em responder a uma entrevista; que os benefícios relacionados à participação deles dizia respeito ao fato de, a partir dos resultados, serem indicadas possibilidades para facilitar a interação entre idosos e adultos jovens; e que as informações obtidas através da pesquisa são confidenciais e assegura-se o sigilo sobre a participação.

Após os esclarecimentos, acima mencionados, eles aceitaram participar. Ainda pelo telefone, a pesquisadora marcou um horário e local propício para cada um deles e, posteriormente, foi ao seu encontro. Os locais que eles escolheram para a realização da entrevista variaram entre a casa deles, o local de trabalho, ou outro de conveniência para eles. Nesses encontros individuais, com os primeiros doze participantes (seis idosos e seis adultos jovens), esses indicaram o outro que formaria a díade com eles, aqueles com quem eles tinham mais proximidade afetiva, ou seja, se identificavam melhor. Dessa forma, as duplas das famílias foram formadas.

2ª etapa: O Grupo Focal que originou o 3º artigo da tese

Nesse segundo momento, para realização do Grupo Focal, os 24 participantes foram convidados. Porém, por motivos vários (tais como: adoecimento do idoso, tempo, trabalho dos jovens, surgimento de outros compromissos) somente 12 puderam participar, sendo sete pessoas idosas: três avós, três tios(as) e uma mãe; e cinco adultos jovens: três netos(as), dois sobrinhos(as). Vale salientar que, por três vezes, o encontro para realização dessa etapa foi marcado, mas pela insuficiência de participantes, foi remarcado, pois, para reunir o grupo, precisa-se de um número mínimo de seis participantes (Nogueira-Martins & Bogus, 2004). É importante frisar que esses doze participantes da sessão do grupo focal não foram escolhidos propositalmente, ou seja, vieram os que puderam no dia marcado. Dada essa dificuldade, só

foi possível reuni-los uma única vez. O encontro ocorreu em uma sala, com infra-estrutura para acolher os participantes, localizada no bairro da Caxangá, na cidade do Recife.

Foram utilizados nomes fictícios para preservação das identidades dos participantes, assim como foi solicitada autorização para gravar e transcrever as entrevistas e a sessão de grupo. Para participar, todos os sujeitos assinaram o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndices B para o idoso, e E para o adulto jovem).

Instrumentos para coleta de dados

Os instrumentos utilizados e apresentados a seguir foram selecionados no intento de atingir os objetivos a que se propõe a tese. Desse modo, é possível que a aplicação do *Questionário sociodemográfico*, da *Entrevista semiestruturada* e do *Grupo focal*, nos permita articular dados para sustentação da pesquisa proposta, sob uma perspectiva sistêmica, que circunscreve que o todo (os três instrumentos juntos) é maior que a soma de suas partes, e que o foco na interação entre esses instrumentos dará sentido ao objeto de estudo. Uma vez que, eles convergem para facilitar a compreensão de como se dão as relações entre idosos(as) e adultos jovens da mesma família.

Nesse sentido, o questionário sociodemográfico nos mostra a situação de vida de cada pessoa idosa e adulto jovem e nos proporciona dados que serão cruzados com o que a literatura propõe acerca da fase de vida deles, e que poderá justificar determinados comportamentos. O roteiro de entrevista semiestruturada, obedeceu aos objetivos da tese, permitindo compreender como se dão as relações entre essas duas gerações, ao expressar suas peculiaridades. Já o Grupo focal facilitou o aprofundando das questões elucidadas, na entrevista semiestruturada, e a interação entre os participantes seja para gerar consenso ou para explicar divergências. Desse modo, acreditamos que o uso desses três instrumentos, contribuíram para dar unidade à tese. A seguir, serão descritos os instrumentos:

Questionário sociodemográfico: Composto de informações sobre os participantes tais como idade, sexo, escolaridade, profissão, estado civil, renda familiar, padrão social/classe socioeconômica, religião, quantos idosos/adultos jovens havia na família e a relação de parentesco com a pessoa que escolheu, dentre outros. Para a pessoa idosa (Apêndice C) e o adulto jovem (Apêndice F).

Roteiro de entrevista semiestruturada: De acordo com Minayo (2014), a modalidade de *entrevista semiestruturada* obedece a um roteiro semi dirigido, que é apropriado fisicamente

e utilizado pelo pesquisador para atender aos objetivos propostos pelo estudo. A autora supracitada refere que, por ter um apoio claro na sequência das questões, esse modelo facilita a abordagem e assegura que as hipóteses ou pressupostos serão cobertos na conversa. Deslandes, Gomes e Minayo (2008) complementam que se trata de uma entrevista em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada. Desse modo, a utilização desse tipo de entrevista, na presente tese, justifica-se pelo fato de a pesquisadora poder elaborar e compor o roteiro de questões que obedeceram aos objetivos da tese, entretanto, possibilitando ao participante expressar-se mais do que se estivesse respondendo a uma entrevista estruturada. O que propicia, conseqüentemente, mais riqueza de detalhes à narrativa. Foi elaborado um roteiro para o(a) idoso(a) (Apêndice D) e um para o adulto jovem (Apêndice G).

Grupo Focal: Segundo Minayo (2014), o Grupo Focal se constitui num tipo de entrevista ou conversa, a partir de perguntas disparadoras, em grupos pequenos (seis a doze participantes) e homogêneos, e “o tempo de duração de uma reunião não deve ultrapassar uma hora e meia” (p. 270). Os *grupos focais* “visam a obter informações, aprofundando a interação entre os participantes, seja para gerar consenso, seja para explicar divergências” (p. 269). O valor principal dessa técnica fundamenta-se na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos (Krueger, 1988). Nesse sentido, o uso dos grupos focais contrasta com a aplicação de questionários fechados e de entrevistas em que cada um é chamado a emitir opiniões individualmente. Schrades (1987) comenta que, no âmbito de determinados grupos sociais atingidos coletivamente por fatos ou situações específicas, desenvolvem-se opiniões informais abrangentes, de modo que, sempre que, entre os membros de tais grupos, ocorra intercomunicação sobre tais fatos, esses se impõem, influenciando normativamente na consciência e no comportamento dos indivíduos. Retomando Minayo (2014), ela propõe que a natureza dessa técnica difere também da observação em campo, onde se focalizam comportamentos, relações e imponderáveis da vida social. Os *grupos focais* podem ter uma função complementar à observação participante e às entrevistas individuais ou, ao contrário, ser a modalidade específica de abordagem qualitativa. Por essa razão, são usados para focalizar a pesquisa e formular questões mais precisas; complementar informações sobre conhecimentos peculiares a um grupo em relação a crenças, atitudes e percepções; desenvolver hipóteses para estudos complementares; ou, cada vez mais como técnica exclusiva. A escolha desse instrumento pela pesquisadora se deu por ser o Grupo Focal largamente utilizado em pesquisas qualitativas, seja de forma combinada com

entrevistas, que é o caso desta tese, ou como estratégia exclusiva. Por outro lado, pela importância do papel complementar que esse instrumento apresenta, para aprofundar a questão de como os participantes percebem a relação entre idosos e adultos jovens da mesma família. Nesse sentido, por proporcionar junto com a entrevista semiestruturada, a pesquisadora construir possibilidades de informações que lhe permitem triangular olhares e obter mais informações sobre a realidade, de forma a contribuir para a visão do todo de forma sistêmica (Encontra-se no Apêndice H).

Procedimento de coleta dos dados

Inicialmente, o projeto seguiu para a aprovação pelo Comitê de Ética da UNICAP/Plataforma Brasil. Após a aprovação, sob o número de parecer 1.947.588, em 02 de março de 2017, a pesquisadora iniciou a pesquisa de campo, precisamente em 03 de março de 2017, encerrando-a em 30 de julho do mesmo ano.

Conforme mencionado na sessão dos participantes, os primeiros seis idosos (as) e seis adultos jovens foram indicados por pessoas do conhecimento da pesquisadora. E os outros seis idosos (as) e seis adultos jovens foram indicados pelos primeiros. Assim, foram formadas as 12 díades: 06 de avós-netos (as), 03 de tios (as) -sobrinhos (as), 03 de mães-filhos (as), ou seja, 24 participantes.

Após a indicação, a pesquisadora telefonou para os 12 primeiros participantes e lançou o convite explicando sobre a importância da sua contribuição na pesquisa. Após os esclarecimentos, eles aceitaram participar. Nesse momento, a pesquisadora marcou com cada um o horário e local propício e, posteriormente, foi ao encontro de cada um. Os locais da realização da entrevista variaram entre a casa deles ou o local de trabalho. Nesses encontros individuais, com os primeiros doze participantes (seis idosos e seis adultos jovens), esses indicaram o outro que formaria a díade com eles, ou seja, aqueles com quem eles tinham mais proximidade afetiva. Dessa forma, as duplas das famílias foram formadas.

1ª Etapa: Aplicação do Questionário Sociodemográfico e do Roteiro de Entrevista Semiestruturado que originou o 2º artigo da tese

Nessa primeira etapa da coleta de dados empíricos, que deu origem ao 2º artigo desta tese, foram entrevistados os 24 participantes individualmente, que formaram as 12 díades, no local de conveniência de cada um, por meio do questionário sociodemográfico e do roteiro de

entrevista semiestruturado: cada um um respondeu oralmente, sozinho, com a pesquisadora no local combinado.

Cada um foi convidado a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, quando idoso (a) (Apêndice B) e quando adulto jovem (Apêndice E), e de acordo, assinou, antes da aplicação dos instrumentos. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

2ª etapa: realização do Grupo Focal que originou o 3º artigo da tese

Essa segunda etapa da coleta de dados, que deu origem ao 3º artigo da tese, ocorreu após a pesquisadora entrevistar os 24 participantes e convidá-los para participar do grupo focal. Esse encontro ocorreu, posteriormente, com apenas 12 participantes juntos: trata-se dos que tiveram disponibilidade para participar. No grupo focal, foram elaboradas três perguntas disparadoras de acordo com os objetivos da pesquisa (Apêndice H). O grupo ocorreu em um único encontro que teve duração de uma hora e trinta minutos. A sessão foi filmada, gravada e transcrita. Este grupo aconteceu em uma sala, cedida por um amigo da pesquisadora, localizada na cidade do Recife.

Enfatizou-se a garantia do sigilo das informações. Todos os participantes foram informados da filmagem e gravação da entrevista e da anotação e transcrição dos conteúdos. Quanto a filmagem, o som ficou de boa qualidade possibilitando o trabalho de transcrição, mas as imagens ficaram turvas, o que impossibilitou realizar uma análise fílmica.

Procedimento de análise dos dados

O procedimento de análise selecionado para esta pesquisa foi a *Análise de Conteúdo Temática*, referenciado por Minayo (2014, p. 315 à 318). Ela nos remete à noção de *tema*, que está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, de uma frase, de um resumo.

Conforme Bardin (1979, p. 105), “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”. Para Unrug (1974, p.19), tema é “uma unidade de significação complexa de

comprimento variável, a sua validade não é de ordem linguística, mas antes de ordem psicológica. Pode constituir um tema tanto uma afirmação como uma alusão”.

Desse modo, conforme Minayo (2014, p. 315-318), fazer uma análise temática consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem uma comunicação, cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado. Tradicionalmente, a análise temática era feita pela contagem de frequência das unidades de significação, definindo o caráter do discurso. Para uma análise de significados, a presença de determinados temas denota estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamento presentes ou subjacentes no discurso.

Conforme a autora supracitada, operacionalmente, a análise temática desdobra-se em três etapas:

1ª etapa: *Pré-análise*

Esta fase consiste na escolha de documentos a serem analisados e na retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa. O investigador deve perguntar-se sobre as relações entre as etapas realizadas, elaborando alguns indicadores que o orientem na compreensão do material e na interpretação final. A pré-análise pode ser decomposta nas seguintes tarefas:

Leitura Flutuante: do conjunto das comunicações. Este momento requer que o pesquisador tome contato direto e intenso com o material de campo, deixando-se impregnar pelo seu conteúdo. A dinâmica entre as hipóteses iniciais, as hipóteses emergentes e as teorias relacionadas ao tema tornarão a leitura progressivamente mais sugestiva e capaz de ultrapassar à sensação de caos inicial.

Constituição do *Corpus*: termo que diz respeito ao universo estudado em sua totalidade, devendo responder a algumas normas de validade qualitativa: *exaustividade*; que o material contemple todos os aspectos levantados no roteiro; *representatividade*, que ele contenha as características essenciais do universo pretendido; *homogeneidade*, que obedeça a critérios precisos de escolha quanto aos temas tratados, às técnicas empregadas e aos atributos dos interlocutores; *pertinência*, que os documentos analisados sejam adequados para dar resposta aos objetivos do trabalho.

Formulação e reformulação de Hipóteses e Objetivos: este processo consiste na retomada da etapa exploratória, tendo como parâmetro da leitura exaustiva do material as indagações

iniciais. Nessa fase pré-analítica, determinam-se a *unidade de registro* (palavra-chave ou frase), a *unidade de contexto* (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), *os recortes*, a forma de *categorização*, a modalidade de *codificação* e os *conceitos teóricos* mais gerais (tratados no início ou levantados nesta etapa, por causa de ampliação do quadro de hipóteses ou pressupostos) que orientarão a análise.

2ª etapa: *Exploração do Material*

A exploração do material consiste, essencialmente, numa operação classificatória que visa a alcançar o núcleo de compreensão do texto. Para isso, o investigador busca encontrar *categorias* que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado. A categorização consiste num processo de redução do texto às palavras e expressões significativas. A análise temática tradicional trabalha essa fase primeiro, recortando o texto em unidades de registro que podem constituir-se de palavras, frases, temas, personagens e acontecimentos, indicados como relevantes na pré-análise. Por fim, ele realiza a classificação e a agregação dos dados, escolhendo as categorias teóricas ou empíricas responsáveis pela especificação dos temas.

3ª etapa: *Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação*

Os resultados brutos são submetidos (tradicionalmente) a operações estatísticas simples (porcentagens) ou complexas (análise fatorial), que permitem colocar em relevo as informações obtidas. A partir daí, o analista propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugeridas pela leitura do material. Face ao exposto, percebe-se que a análise temática é bastante formal e mantém sua crença na significação da regularidade.

A seguir, irá ser apresentado o referencial teórico que fundamentará o método acima apresentado e a tese.

Referencial teórico do método e da tese

O período denominado por Modernidade caracterizou-se como uma fase de grande progresso científico, busca de certezas e objetividade. De outro modo, o momento nomeado como Pós-modernidade (Lyotard, 1984) ou Modernidade Reativa (Giddens, 1992), caracterizou-se pelo questionamento dos saberes, busca de uma visão global, relacional e relativista quanto à análise de fenômenos (Neves, 2015). O pensamento sistêmico corrobora

com esse olhar, pois apresenta uma nova concepção de visão de mundo, rompendo com o pensamento positivista, linear, de causa-efeito, abre caminhos e possibilidades para pensar o sujeito em sua complexidade (Bertalanffy, 2008).

Dessa forma, segue para além, contempla o ser humano na teia de suas relações, em constante processo de afetação, desde a interação com o outro, à relação com os sistemas sociais, numa constante busca do equilíbrio que confere saúde ao sistema, seja ele, de qualquer natureza, constituindo-se uma característica normativa dos organismos vivos, tais como a família. Pelos motivos elencados acima, propostos pela Teoria Sistêmica, ela foi escolhida para compreender como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, ou seja, entender como ocorrem essas interações dentro do sistema familiar, visto que a citada teoria prestigia a *interação entre as partes*, como ponto nevrálgico para todos os campos científicos. *Interação* que ocorre dentro de um *sistema*, sendo o *sistema* o conceito central da teoria (Minayo, 2014).

Nesse sentido, identificam-se, na teoria sistêmica, subsídios teóricos capazes de fundamentar o objeto de estudo, ao passo que possibilita a ampliação do nível de análise do fenômeno, ampliando o foco do individual para o relacional, da simplicidade para a complexidade, da estabilidade para a instabilidade, da objetividade para intersubjetividade. Desse modo, admite-se uma verdade relativa, a partir da investigação do funcionamento dos sistemas familiares, especificamente a relação entre os subsistemas de idosos (as) e adultos jovens da mesma família. Nesse sentido, pretende-se utilizar o pensamento sistêmico para compreender como se dão as relações entre essas duas gerações.

O Pensamento Sistêmico é um conjunto de propostas filosóficas teóricas e metodológicas, citado como “a novidade do século XXI” (Minayo, 2014, p. 132), embora, ele já estivesse presente desde a metade do século XX. Trazido a partir dos anos 70, a partir da Biologia, Cibernética e da Física, mas abrangendo campos multidisciplinares e multiprofissionais, teve como principal precursor o cientista Ludwig Von Bertalanffy e, posteriormente, outros autores.

Posto de forma mais clara, a Teoria Geral dos Sistemas tem suas raízes na concepção organismica na Biologia. No continente europeu, foi desenvolvida por Ludwig Von Bertalanffy, na década de 1920. Segundo Bertalanffy, ela teve desenvolvimento paralelo nos países anglo-saxões (Whitehead, Woodger, Coghill & outros), e na teoria psicológica da Gestalt (W. Köhler).

Durante os anos de 1940, Bertalanffy tentou combinar conceitos do pensamento sistêmico e da biologia em uma teoria universal dos sistemas vivos, da mente humana à eco-esfera global. Partindo de investigações do sistema endócrino, ele começou a extrapolar para sistemas sociais mais complexos e desenvolveu um modelo que passou a ser conhecido como a Teoria Geral dos Sistemas. O referido autor postulou conceitos que regem os sistemas em geral, aplicando essas generalizações a vários fenômenos em diferentes disciplinas.

Paralelamente, outros teóricos da Matemática, Física, Biologia e Engenharia, na década de 1940, começaram a construir modelos da estrutura e funcionamento de unidades mecânicas e biológicas organizadas. O que esses teóricos descobriram foi que coisas tão diversas como máquinas simples, aviões a jato, amebas e o cérebro humano compartilham os atributos de um sistema, ou seja, uma montagem organizada de partes que formam um todo complexo, assim como a sociedade, a família, são sistemas complexos. E, pensando na sociedade e na família, considerou-se a Teoria dos Sistemas o embasamento propício para esclarecer as maneiras pelas quais a sociedade e as famílias funcionavam como unidades organizadas, reforçando as ideias de Bertalanffy. Dentre outros teóricos que reforçaram os pressupostos do referido cientista, encontram-se Atlan (1979, 1984, 1991), Maturana e Varela (1979), Maturana (1987), Morin (1982, 1983), Prigogine e Stengers (1984), Wiener (1948), entre outros.

Os defensores da Teoria Geral dos Sistemas (Whitehead, Woodger, Coghill entre outros) observaram similaridades numa vasta gama de fenômenos biológicos, físicos e sociais e procuraram formular generalizações acerca do modo como as partes e o todo se inter-relacionam, independentemente da disciplina em que são observados. Isso representa uma tentativa de integração dos conhecimentos adquiridos (Bertalanffy, 2008).

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Esteves de Vasconcellos (2003) pontua que a ciência acreditou que, para conhecer bem seu objeto de estudo, era preciso analisá-lo, separá-lo em partes, para então descobrir as relações causais lineares entre as partes, esta autora faz uma importante crítica a esta forma de fazer ciência. Diz:

Agora, nós, profissionais e leigos, estamos tendo de aprender a não mais olhar fragmentado o sistema, a colocar o foco nas relações, a observar as interações que se repetem. No caso de uma criança chorona, veremos a sequência: pai e mãe discutem, criança chora. Para ver as relações, não poderemos olhar o elemento isolado: precisamos olhar o sistema, o conjunto dos elementos em interação. Não é mais o

Fulano que é o problema, mas é o sistema (Fulano, Professora, Colegas, Escola, Família) que está vivendo uma dificuldade. Ampliando o foco, contextualizamos o problema, vemos e atuamos sistemicamente (...). Pensamos em termos da complexidade das situações e lidamos com ela, sem fragmentá-la (2003, p.4).

Nesse sentido, no relacionamento entre idosos e adultos jovens, precisa-se vislumbrar essa interação enquanto um sistema, em que idoso e jovem formam um conjunto de elementos ou subsistemas, em constante interação. Desse modo, o foco na relação é condição de suma importância para a compreensão do todo que envolve essa conexão.

O sistema (família), é uma estrutura composta por um conjunto de elementos ou subsistemas, que são os pais, filhos (as) sanguíneos ou adotivos, avós, netos (as), tios (as), sobrinhos (as), cunhados (as), padrinhos, primos (as), animais, ou parentes por consideração, que interatuam em busca de um resultado final que se caracterizaria como paz, sustento, felicidade, harmonia, coesão. Dentro da sociedade, que é um sistema que acopla os demais, cada elemento que compõe o sistema é um subsistema, professor-aluno, amigos, parentes, assim como as díades marido-mulher, pai-filho, mãe-filho, irmão-irmã, avó-neto (a), avô-neto (a), no sistema familiar.

O sistema pode ser fechado ou aberto. O sistema fechado é aquele em que não existe intercâmbio com o meio. Ele está orientado para o progressivo caos interno, desintegração e morte. Ele caracteriza as máquinas, que são ativadas ou desativadas obedecendo ao comando humano, não tendo a capacidade de decidir o que desejam fazer, o que é diferente dos seres humanos, que têm liberdade e autonomia para fazer suas escolhas. Todavia, compreende-se que o contexto sócio-histórico-econômico-cultural afeta a sociedade e seus subsistemas.

O sistema aberto é aquele que permuta matéria, energia ou informação com o meio. É orientado para a vida e o crescimento. Os sistemas biológicos, psicológicos e sociais se aplicam a essa formatação e à Teoria dos Sistemas se ocupa deles. A família é um sistema aberto, embora aconteça o fato de algumas se fecharem para o meio através do isolamento social, o que implica adoecimento.

Segundo a Teoria dos Sistemas, as propriedades essenciais de um organismo ou sistema vivo são propriedades do todo. Elas surgem das interações e relações entre as partes, no caso do estudo em pauta, entre idosos e adultos jovens. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é reduzido a elementos isolados. O todo é sempre maior que a soma de suas partes. Assim, não faria muito sentido tentar entender o comportamento do idoso, focando-o, sem

observar o comportamento do adulto jovem e o contexto onde se dá a relação, e como se dá essa relação.

Nesse sentido, importa pensar os fatos de forma global, com o foco na interação/relação. Ao procurar aplicar os pressupostos da Teoria Sistêmica (como ficou mais conhecida) ao fenômeno da Relação Intergeracional entre idosos e adultos jovens, devemos colocar nosso olhar nas relações que essas duas gerações constroem entre si, principalmente e, sobretudo, visualizar o comportamento do idoso e do adulto jovem dentro de uma relação, em um contexto, como se caracteriza a interação entre ambos, uma vez que estão circularmente afetando-se.

Atributos, propriedades ou qualidades dos sistemas abertos

As famílias, enquanto sistemas abertos, possuem atributos, propriedades ou qualidades. De acordo com Bertalanffy (2008), as propriedades, que serão descritas a seguir, não se excluem mutuamente, mas, pelo contrário, coincidem em parte e ajudam a definir-se mutuamente. São elas:

Globalidade ou totalidade – diz que o sistema constitui um todo único, ou seja, toda e qualquer parte de um sistema está relacionada de tal modo com as demais partes que uma mudança numa delas provocará alteração em todas as partes e no sistema geral. Como exemplo dessa propriedade, temos que, quando o idoso adoece, ou sofre um problema, toda a família é afetada. Por exemplo, a fase de aquisição do adulto jovem, impede, por vezes, que ele esteja mais presente na relação com o idoso, fazendo-o sentir-se solitário e até mesmo deprimido. Assim, o comportamento de todo indivíduo dentro do grupo familiar está relacionado e depende do comportamento de todos os outros.

Interdependência ou não somatividade – consiste no fato de que um sistema não pode ser considerado a soma de suas partes. A análise de uma família não é a soma das análises de seus membros individuais. Existem características do sistema, ou seja, padrões de interação que transcendem as qualidades dos membros individuais. Muitas dessas são, na verdade, características do sistema. Assim, por exemplo, pode-se descobrir que os sintomas de um membro do casal se assemelham ou protegem o outro membro, de forma que uma mudança no paciente identificado gera ansiedade no outro. Também é comum a situação de um paciente identificado, que, após o tratamento, volta para casa e apresenta recaída, ou a melhora dele é seguida por algum transtorno em outro membro da família.

Hierarquia– diz-se que os sistemas complexos consistem de um certo número de subsistemas. O sistema apresenta uma série de níveis de crescente complexidade. O indivíduo consiste de uma série de células, órgãos, sistemas de órgãos, que constituem seu corpo e, por sua vez, é parte de um grupo, cultura e sociedade. Na família, há uma hierarquia de papéis a serem desempenhados por seus membros. E, no caso dos idosos, eles reagem diante da possibilidade de perda de sua posição na hierarquia para as gerações mais jovens, como é o caso da situação em que os familiares moram com eles. Muitas vezes, por razões as mais variadas, os familiares não respeitam a autonomia do idoso, mesmo quando ele apresenta suas funções mentais adequadas e, ao sentir-se ameaçado, poderá responder, de forma negativa, despertando, por sua vez, também, uma resposta negativa por parte do familiar.

Autorregulação e controle ou retroalimentação – consiste no fato de que o sistema é orientado para determinadas metas e é governado por seus propósitos. O que acontece num sistema é controlado por suas finalidades e o sistema regula seu comportamento para realizá-las. As partes de um sistema devem comportar-se de acordo com suas regras e têm de adaptar-se ao ambiente na base de *feedback*. Tal propriedade postula que o *input* do sistema é determinado, pelo menos em parte, pelo *output*. Isso quer dizer que uma parte da saída é enviada de volta para a entrada como informação sobre o resultado preliminar da resposta. A relação é, portanto, circular. É pela retroalimentação que as partes do sistema se mantêm unidas. Idosos e familiares, em sua relação, estão constantemente comunicando-se através de *feedback* (negativo ou positivo), para manter a homeostase do sistema familiar (Osório, 2013).

Intercâmbio com o meio ambiente – o sistema aberto interage com o meio ambiente afetando-o e sendo afetado por ele. Um determinado elemento pode ser incluído no sistema ou no meio ambiente, dependendo do enfoque do observador. Por exemplo: o adulto jovem e o idoso(a) são subsistemas da família e também da sociedade. Sistema e subsistemas afetam-se mutuamente. Nesse processo de afetação mútua, vale ressaltar que vivemos numa sociedade que, por vezes, despreza o velho e supervaloriza o novo, fato que também poderá contribuir para a distância entre as gerações. O estigma social que, infelizmente, considera a pessoa idosa como inútil e descartável, como uma reprodução dos valores advindos do sistema capitalista, é campo fértil para o distanciamento entre as gerações, justificado pelo *intercâmbio com o meio ambiente*, a partir do modo de viver contemporâneo.

Souza (2004) comenta que, antigamente, em quase todas as sociedades, o idoso transmitia o conhecimento aos mais jovens. Mas, hoje, com o desenvolvimento tecnológico e a globalização das informações, os jovens têm acesso a informações que nem sempre são atingidas pelos idosos, tornando-se difícil identificar quem ensina e quem aprende. Nesse sentido, em muitos contextos, os idosos são excluídos ou desvalorizados no que se refere à transmissão de conhecimentos para a geração mais jovem, o que mostra um menosprezo à sua experiência de vida e maturidade.

Equilíbrio ou homeostase – conforme Bertalanffy (2008, p. 267) “Muitas regulações psicofísicas seguem os princípios da homeostase”. Ela diz respeito ao funcionamento do sistema para manter-se e não se desfazer. Uma das tarefas interatuantes é a manutenção do equilíbrio do sistema. O sistema deve ser capaz de captar desvios de normas fixas e corrigir essas tendências. O termo homeostase foi usado, primeiramente, na Biologia, tendo sido introduzido no estudo do comportamento humano por Cannon, na década de 30. Vinte anos depois, Jackson o utilizou nos seus estudos sobre família, designando-o como *homeostase familiar*.

A *homeostase* se refere à habilidade para funcionar como uma unidade e tem como função preservar o equilíbrio do sistema. Jackson, citado por Bertalanffy (2008), observou que, dentro da família, há uma interação contínua de forças dinâmicas que visam à manutenção de certas formas de equilíbrio. Constatou que as mudanças ocorridas na pessoa identificada, ou seja, aquele sobre quem recai a queixa, altera todo o sistema familiar. Os comportamentos novos apresentados pelos membros da família são mecanismos homeostáticos que tentam estabelecer o equilíbrio anterior, por exemplo, o isolamento e depressão da pessoa idosa, no caso do distanciamento entre ele e os jovens, talvez seja uma possibilidade que chame a atenção para restabelecer a homeostase do sistema familiar.

Mudança e adaptabilidade – porque existe um meio ambiente em constante mudança, o sistema deve ser adaptável. Essa adaptabilidade é frequentemente realizada pela qualidade homeostática, que definirá o equilíbrio. No entanto, os sistemas complexos, como os socioculturais, envolvem mais do que isso. Os sistemas avançados devem ser capazes de efetuar mudanças e reordenarem-se à base das pressões ambientais. Por exemplo, os idosos extrapolarem os muros da família e buscarem, nos grupos de convivência para idosos, o carinho, apoio, presença, acolhimento, que já não mais encontram em casa.

O aspecto da mudança de estrutura é designado morfogênese e pode ser de três espécies: *segregação progressiva*, que consiste no processo de movimento da totalidade para a somatividade, acarretando maior divisão entre os subsistemas. Esse tipo de mudança poderá envolver uma diferenciação maior na função subsistêmica. Como exemplo, temos as famílias que permitem grande invasão de estímulos ambientais. Na *sistematização progressiva*, ocorre o oposto, ou seja, é o movimento no sentido de maior interdependência entre as partes do sistema, que caracteriza as famílias que não permitem muita invasão de estímulos ambientais. É possível que esses dois tipos de mudança ocorram simultânea ou sequencialmente. Por fim, a *centralização ou descentralização progressiva*, pode ocorrer simultaneamente com a segregação ou sistematização. No caso de famílias chefiadas por idosos, muitas vezes, os familiares descentralizam o poder que pertencia ao idoso e o centralizam para si. Disso se depreende que, dependendo da condição que impulsionou a descentralização, poderá constituir uma forma de agressão contra o idoso.

Equifinalidade – Bertalanffy acreditava que, diferentemente das máquinas, os organismos vivos demonstram equifinalidade, a capacidade de atingir um objetivo final de maneiras diversas. Nesse sentido, ela significa que um certo estado final pode ser realizado de muitas maneiras e desde vários pontos de partida diferentes. O sistema adaptável, que tem por meta um estado final, pode alcançá-lo de acordo com várias condições ambientais diferentes. Os *inputs* nunca igualam os *outputs*. Sendo assim, o sistema é capaz de processar os dados recebidos (*inputs*) de diferentes maneiras a fim de produzir os resultados (*outputs*). Esse princípio postula que diferentes condições iniciais podem levar a um mesmo estado final e, conseqüentemente, um mesmo estado inicial pode levar a estados finais diferentes. Como exemplo, temos familiares, de ambientes socioculturais os mais diversos, em que uns podem respeitar o indivíduo idoso por sua experiência de vida, enquanto em outros, podem desprezá-lo.

Relacionando as propriedades de *retroalimentação e equifinalidade*, verifica-se que algumas famílias podem absorver grandes reveses e até convertê-los em motivos de reagrupamento e solidariedade, enquanto outras parecem incapazes de suportar a crise mais insignificante e, diante do estresse provocado pela crise, poderá se distanciar.

O Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático

Esteves de Vasconcellos (2003), com o intuito de clarificar e fornecer arcabouço para melhor compreensão do pensamento sistêmico, que ela considera o novo paradigma da

ciência, propôs a explicação pormenorizada do que significam as três dimensões epistemológicas da complexidade, instabilidade e intersubjetividade que são os pilares do pensamento novo paradigmático e que atravessam qualquer relação. Outrossim, trata-se de pressupostos que perpassam o fenômeno da relação intergeracional entre idosos e adultos jovens. Nesse sentido, ela avançou da forma seguinte:

Do pressuposto da simplicidade para o pressuposto da “complexidade”: é o reconhecimento de que a simplificação obscurece as inter-relações de fato existentes entre todos os fenômenos do universo e de que é imprescindível ver e lidar com a complexidade do mundo em todos os seus níveis. Daí decorrem, entre outras, uma atitude de contextualização dos fenômenos e o reconhecimento da causalidade recursiva.

Do pressuposto da estabilidade para o pressuposto da “instabilidade” do mundo: trata-se do reconhecimento de que “o mundo está em processo de tornar-se” (Esteves de Vasconcellos, 2003, p.101). Daí decorre, necessariamente, a consideração da indeterminação, com a conseqüente imprevisibilidade de alguns fenômenos, e da sua irreversibilidade, com a conseqüente incontrolabilidade desses fenômenos. Observa-se que o fenômeno da relação intergeracional entre idosos e adultos jovens remete-se à instabilidade relacional, pois não pode ser meramente controlado, pois depende das transformações contemporâneas ocorridas na atualidade, do modo contemporâneo de se viver.

Do pressuposto da objetividade para o pressuposto da “intersubjetividade” na constituição do reconhecimento do mundo: por fim, é o reconhecimento de que “não existe uma realidade independente de um observador” (Esteves de Vasconcellos, 2003, p. 102) e de que o conhecimento científico do mundo é construção social em espaços consensuais, por diferentes sujeitos/observadores.

Como consequência, o cientista coloca a “objetividade entre parênteses” e trabalha admitindo autenticamente o “multiversa”: múltiplas versões da realidade, em diferentes domínios linguísticos de explicações. No fenômeno do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens, é importante considerar a intersubjetividade, uma vez que o observador/pesquisador vai ter sua particular visão do que ocorreu, pois ele se implica naquilo que observa.

Concorda-se com Esteves de Vasconcelos quando diz que: “Pensar sistemicamente é pensar a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. (...) porque os pressupostos da

complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade constituem, em conjunto, uma visão de mundo sistêmica” (Esteves de Vasconcellos, 2003, p.147).

Nesse sentido, almejamos ver o fenômeno da “Relação intergeracional entre idosos e adultos jovens” no todo, uma vez que ele é perpassado pelas questões da complexidade, instabilidade e intersubjetividade, as três dimensões epistemológicas do novo paradigma da ciência: a Teoria Sistêmica. Para tanto, será feita uma leitura sistêmica do problema, que, conforme a autora supracitada (2003, p.151), “implica ampliar o foco de observação (complexidade), descrever com o verbo estar (instabilidade) e acatar outras descrições (intersubjetividade)”.

Assim, ao contextualizar o fenômeno, ampliando o foco, o observador poderá perceber em que circunstâncias o episódio acontece, verá relações intrassistêmicas e intersistêmicas, considerará não mais um evento, mas uma teia de fatos recursivamente interligados e, portanto, terá diante de si a “complexidade” do sistema (p.151).

Nesse contexto, Nascimento (2008) considera a transição para a vida adulta como dinâmica, em ebulição, com diversidade de comportamentos e que segue, ou não, uma sequência. Embora discusemos, a seguir, sobre o ciclo vital, entendemos que podemos substituir essa nomenclatura por curso de vida. Curso esse, que nos remete ao dinamismo de um estado que está em constante devir.

Embora o termo “curso de vida” caracterize melhor o nosso objeto de estudo, entendemos ser importante não descartar as contribuições de Cervený, Berthoud e colaboradores (2010), como circunscrição anterior e interessante para melhor compreensão do contexto na atualidade. As autoras referenciadas apresentam um estudo sobre o ciclo vital/curso de vida da família, no qual demonstram um panorama do desenvolvimento da vida familiar em suas diversas fases, apontando as tarefas evolutivas a serem desenvolvidas pelos membros do sistema familiar em cada uma de suas etapas e que perpassam os estudos apresentados na presente Tese.

Cervený (2010) caracteriza a família ao longo do ciclo vital/curso de vida, em quatro etapas, não rigidamente circunscritas, que são: 1ª fase – “fase de aquisição”; 2ª – “fase adolescente”; 3ª – “fase madura” e 4ª – “fase última”. Todavia, para a pesquisa em pauta, deter-nos-emos na “fase de aquisição” e na “fase última”, que constituem nosso objeto de estudo. Segundo as autoras mencionadas, a “fase de aquisição” é denominada a primeira

etapa do ciclo/curso de vida, do jovem casal que se forma, cuja, principal preocupação é a aquisição de modo geral. Nesse sentido, os objetivos dessa fase estão em encontrar o lugar para morar, o emprego que proporcione condições de sobrevivência, os acessórios domésticos que facilitam a vida, o carro, o seguro-saúde, muitas vezes até a complementação educacional.

A autora supracitada acrescenta que os filhos pequenos também fazem parte dessa primeira fase, assim como a busca da creche, escola, esporte, atividades complementares e outras. Essa fase dura, às vezes, muitos anos para alguns casais, que retardam a vinda dos filhos até terem garantido uma estabilidade econômica e/ou emocional que julguem adequada para o sucesso da parentalidade. A autora caracteriza essa fase como aquela em que as aquisições se tornam o eixo propulsor e vão modelar o núcleo que está formando-se.

Berthoud e Bergami (2010) ressaltam que a fase de aquisição inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho (que transforma o jovem casal em nova família) e a vida com os filhos pequenos. Segundo as autoras, é uma fase de adquirir, em todos os sentidos: material, emocional e psicológico. Acrescentam que é este o momento no qual os indivíduos estão bastante envolvidos no complexo movimento de dar e receber; conquistar e ceder; ser e vir a ser. Reforçam que as transições necessárias para a adaptação a essa nova fase da vida familiar exigem maturidade e demandam tempo. As referidas autoras afirmam que podem considerar na fase de aquisição, tanto aquele jovem casal que acaba de deixar a escola e a casa paterna para ingressar no mercado de trabalho e na vida conjugal, como aquele casal que se une pela segunda ou terceira vez.

Papalia e Feldman (2013) afirmam ser nessa fase que os seres humanos constroem a base para grande parte de seu posterior desenvolvimento. As autoras ressaltam que esse é o período em que as pessoas costumam sair da casa dos pais, iniciar sua vida profissional, casar-se ou formar outros relacionamentos íntimos, ter e criar filhos e começar a contribuir significativamente para suas comunidades. Reforçam que jovens adultos que estão construindo carreiras e talvez cuidando de bebês têm tempo limitado para passar com amigos e familiares.

Para além das reflexões dos autores acima citados, acerca do curso de vida do adulto jovem, faz-se importante destacar as contribuições de um autor clássico na identificação dessa fase, ou seja, Erik Erikson, que propôs a Teoria dos Modelos de Crises Normativas no

desenvolvimento da personalidade, a qual ele denominou para os adultos jovens “Intimidade *versus* Isolamento”, sendo a sexta alternativa crítica de desenvolvimento psicossocial (Papalia, Olds & Feldman, 2006; Papalia & Feldman, 2013). Partindo desse pressuposto, ou os adultos jovens se comprometem com os outros ou enfrentam um possível sentimento de isolamento, ficando voltados para si mesmos. Assim, se eles não conseguem assumir compromissos pessoais profundos com os outros, eles correm o risco de tornarem-se excessivamente isolados e absorvidos em si mesmos, o que poderá ocasionar a solidão e até mesmo depressão, por vezes, levando ao suicídio. Ressalta-se que eles estão incluídos como o segundo grupo que mais comete suicídio (Minayo, 2018).

É nesse contexto e na complexidade dessa fase do curso de vida, em meio a tantas demandas, que os adultos jovens também se sentem sós e carentes de atenção. Nesse sentido, Erich Fromm (1995), afirmou que todo adulto jovem tem necessidade de ajuda, de calor humano e de proteção. Sob muitos aspectos, essas necessidades diferem e, ainda assim, se assemelham às de uma criança (Papalia & Feldman, 2013). Por essas e outras razões já mencionadas e que continuarão a ser discutidas ao longo do texto, existe a necessidade de se traçarem estratégias que venham a contribuir para facilitar o relacionamento intergeracional entre os adultos jovens e os idosos na contemporaneidade (Estatuto do Idoso, 2003; Estatuto da Juventude, 2013; PNI, 1994; UNESCO, 2002).

Face ao exposto, pretende-se, ao longo dessa tese, tecer caminhos a partir da proposta apresentada neste método, no afã de responder aos objetivos propostos nesta pesquisa.

ESTUDO I

RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL ENTRE IDOSOS E ADULTOS JOVENS DA MESMA FAMÍLIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA (2008-2018)

Resumo: O relacionamento intergeracional harmonioso e de proximidade entre idosos e as gerações mais jovens é reconhecido mundialmente como fonte de saúde para ambas as gerações. Quando isso não ocorre, pode acarretar mal-estar, solidão, e até mesmo depressão, sobretudo para o indivíduo idoso. Este estudo se propôs a realizar uma revisão sistemática de literatura com o objetivo de compreender o estado da arte do tema, por meio da análise de artigos científicos de periódicos indexados em bases de dados, como também, teses e dissertações registradas no portal do CAPES/MEC, tendo como pergunta norteadora “Como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família?”. As oito bases de dados internacionais e nacionais pesquisadas foram: PubMed – NCBI, PSICODOC, SciELO, BVS/Psi, Lillacs, BVS, Google Scholar e Portal de Periódicos do CAPES/MEC. Obedecendo aos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 18 artigos, 02 teses e 03 dissertações, somando-se 23 estudos para análise, os quais foram catalogados em quatro eixos temáticos de acordo com a literatura encontrada: 1) Percepção das gerações jovens acerca da velhice; 2) A dinâmica do relacionamento intergeracional na percepção de idosos; 3) Características da relação entre idosos e as gerações jovens; 4) Intervenções facilitadoras da relação entre idosos e as gerações jovens. Constatou-se que os artigos, na sua maioria, referiram-se a estudos descritivos, seguidos de propostas de intervenção e estudos teóricos. Os principais resultados indicam uma percepção negativa dos jovens acerca da velhice; contudo, essa visão poderá sofrer oscilações de acordo com a sociedade em que estiverem inseridos. A dinâmica do relacionamento intergeracional, na percepção dos idosos, foi caracterizada de forma positiva, permeada pelo cuidado, apoio e até conflitos, sendo a distância geográfica e o processo desenvolvimental da vida dos jovens fatores negativos para o relacionamento, provocando a solidão e, por vezes, depressão nos idosos. As características da relação têm sido prejudicadas pelo modo de viver na contemporaneidade, especificamente pelo mundo do trabalho e a era tecnológica, produzindo descontinuidades de afetos e solidariedades. Propõe-se para facilitar o relacionamento, as ações intergeracionais, que se têm mostrado como fator de impacto positivo, ao propiciar interações significativas, desmistificando preconceitos e promovendo benefícios para ambos.

Palavras-chave: Relação entre gerações; Idoso; Adulto jovem; Família.

Introdução

O relacionamento intergeracional é compreendido como a interação existente entre gerações diferentes. Essa relação inclui a comunicação, o cuidado, a responsabilidade, a fidelidade e até os conflitos entre sujeitos, com ou sem parentesco (BVS/DeCS – Biblioteca Virtual de Saúde: Descritores em Ciências da Saúde, 2018; Côrte & Ferrigno, 2016; Dias, 2015).

No Brasil e em outros países em desenvolvimento, é considerada idosa a pessoa com idade a partir dos 60 anos; nos países desenvolvidos, com 65 anos ou mais (BVS/DeCS, 2018; Estatuto do Idoso, 2003; Nery, 2008; Política Nacional do Idoso – PNI, 1994). Adultos jovens são pessoas na faixa etária entre 19 e 40 anos (BVS/DeCS, 2018; Papalia & Feldman, 2013; Piletti, Rossato & Rossato, 2017). Após discorrer sobre os conceitos de “Relacionamento intergeracional”, “Pessoa idosa” e “Adulto jovem”, para completar a introdução do tema, irá ser apresentado o significado do termo “Família”.

Nesse sentido, a família é concebida como um sistema humano, composto por subsistemas (seus componentes) que interatuam entre si e nos quais se desenvolvem três tipos de relações pessoais: aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consanguinidade (irmãos). Ela tem, entre outras, as funções de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência ou os membros adotados e fornecer-lhes condições para a aquisição de suas identidades pessoais. Pode-se apresentar, a grosso modo, sob três formatos básicos: a *nuclear* (conjugal: tripé pai-mãe-filhos), a *extensa* (consanguínea: a que se compõe também por outros membros que tenham quaisquer laços de parentesco) e a *abrangente* (a que inclui, mesmo os não parentes que coabitam) (BVS/DeCS, 2018; Osório, 2013). Além desses, existem as configurações de famílias recasadas, homoafetivas, monoparentais, adotivas, dirigidas por avós que criam netos, entre outras.

Agora, demonstrados os significados dos descritores que remetem à pesquisa, irá discorrer-se sobre os pressupostos teóricos que embasaram o estudo. Em seguida, serão apresentadas reflexões introdutórias acerca do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens, antes de entrar no método, resultados e discussão da revisão sistemática, propriamente dita, e considerações finais.

Desse modo, partindo dos pressupostos do Pensamento Sistêmico, teorizado por Ludwig Von Bertalanffy (2008), cujo foco está na interação entre as partes como ponto nevrálgico para o entendimento do funcionamento do sistema como um todo, pode-se inferir que o relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens vem sendo afetado pela realidade contemporânea, tais como: mudanças sociais, culturais, econômicas, tecnológicas, entre outros determinantes, dentre eles, o envolvimento nas tarefas desenvolvimentais dos jovens, próprias do seu ciclo vital (Berthoud & Bergami, 2010; Han, 2017; Oliveira, 2017; Souza, Pelegrini, Ribeiro *et al*, 2015; Zeng, North & Kent, 2013). Esses fatores vêm provocando distanciamento entre as gerações, o que constitui um problema preocupante em

um mundo que envelhece a passos largos e que privilegia enfaticamente a juventude, o que traz prejuízos aos idosos e às demais gerações (Côrte & Ferrigno, 2016; Ferrigno, 2006, 2008; Oliveira, Villas-Boas & Ramos, 2017).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015), de forma geral, a população mundial tem apresentado níveis de envelhecimento nunca antes vistos na história da humanidade. A Organização das Nações Unidas (ONU, 2017) pontuou que, em 2015, Brasil, China, Rússia, Índia e África do Sul eram o lar de mais de 380 milhões de idosos com 60 anos ou mais, o que representa cerca de 42% da população idosa mundial. E esse fenômeno, de envelhecimento da população, deve seguir crescendo em ritmo acelerado. Combinados, os idosos dos quatro emergentes, Brasil, China, Rússia e Índia, poderão somar 630 milhões, em 2030, e 940 milhões, em 2050, ou seja, 45% do total de idosos no mundo. Evidentemente, muitas demandas têm emergido a partir dessa realidade quanto às questões de saúde, moradia, educação dos jovens sobre o envelhecimento, preparação de profissionais e cuidadores, entre outras.

Entre essas demandas, merece destaque especial o relacionamento intergeracional, pelos benefícios que as relações saudáveis podem proporcionar. Esses benefícios não se restringem à oportunidade de o idoso ser doador ou receptor de serviços, mas reside também no resgate da autoestima, na atualização e reciclagem e na valorização e reconhecimento de si mesmo como ser integrado, integrador e participativo na sociedade (Gil & Lopes, 2014; Lima, 2008; Lopes, 2005).

A ONU (2002), por meio do Plano de Madrid, no artigo 16, reconheceu a necessidade de fortalecer e incentivar as relações solidárias e as ações intergeracionais, tendo presentes as necessidades particulares dos mais velhos e dos mais jovens. O Estatuto da Juventude (2013) também reconhece a importância dessa relação para benefício dos jovens e de todas as gerações envolvidas. Esse reconhecimento deriva da certeza de que o positivo relacionamento entre jovens e idosos proporciona, sobretudo a esses últimos, “melhores condições de saúde física e mental e menor risco de sintomas depressivos, estresse e solidão” (Batistoni *et al.*, 2013, p.270; Thanakwang, 2015; Tiedt, Saito & Crimmins, 2016).

A esse respeito, Ferreira e Barham (2016, p. 1490) pontuam que “os seres humanos crescem e se desenvolvem no contexto de interações interpessoais que os acompanham desde o nascimento até o final da vida”. Portanto a minimização das interações pode prejudicar as relações, promovendo a solidão, levando os idosos a se sentirem indefesos e vulneráveis

(Zapata Lopes, 2015). Ferreira e Barham reforçam que engajar-se em relacionamentos e atividades significativas é um dos fatores determinantes para o envelhecimento bem-sucedido. As relações sociais são importantes contribuições para o bem-estar subjetivo e para a saúde na velhice. Os adultos jovens também são beneficiados pela relação com os idosos, como já referido (Ferreira, Massi, Guarinello *et al*, 2015; Souza, 2011).

No tocante a essa questão, o Ministério da Saúde (2007, p.101) ressalta que “a quantidade do apoio que a pessoa recebe de suas relações pessoais pode dar um maior suporte emocional. Em contrapartida, a ausência de uma relação estreita e de confiança, combinada com outros fatores, aumentam o risco de depressão”. Especificamente no que se refere à depressão, no ano de 2020, admite-se que ela será a primeira causa de incapacitação de idosos nos países em desenvolvimento, e a segunda em países desenvolvidos. Essa situação trará sério impacto econômico ao Estado e à sociedade, com despesas decorrentes de hospitalizações e medicamentos, onerando os cofres públicos e provocando sofrimento à família. O fortalecimento das relações intergeracionais entre os idosos e as gerações mais jovens tem-se revelado como possibilidade de minimizar esse problema (Tiedt, Saito & Crimmins, 2016).

Batistoni *et al.* (2013, p.270) pontuam que a disponibilidade de uma rede social na qual o idoso possa encontrar suporte de qualidade é um indicador robusto de bem-estar na velhice. Em 2002, Ramos apontou que a deterioração da saúde dos idosos pode ser causada não só por um processo natural, mas pela falta de qualidade nas relações sociais (Zeng, North & Kent, 2013). Dias (2015, p. 93) afirma que “As trocas intergeracionais são benéficas para os idosos, sendo necessário que eles também possam contribuir na relação, atingindo o sentido da reciprocidade”. Esta autora ressalta que “para os jovens, o apoio dos mais velhos também é importante para o seu bem-estar, numa fase em que a estabilidade na carreira e na vida afetiva sofre oscilações” (p. 93).

Lopes (2005) já destacara que as trocas intergeracionais trazem efeitos positivos para ambos, resultado de os idosos poderem oferecer contribuições produtivas que vão ao encontro das necessidades dos jovens, tais como cuidado, treinamento, supervisão e transferência de recursos materiais. Por outro lado, os jovens podem canalizar seu potencial e sua energia para atender às necessidades dos idosos quanto à informação e à tecnologia, oferecendo a esses a oportunidade de aprenderem, de se sentirem úteis e de desenvolverem o

senso de cidadania. O autor ressalta que preconceitos e estereótipos existentes em ambos os grupos, por influência de ambientes sectários, podem ser dissipados.

Dias (2015, p. 93) reforça essa afirmação ao pontuar que “preconceitos que existem no imaginário social, tais como os que consideram as pessoas idosas aborrecidas, feias, cansadas e improdutivas” podem ser dirimidos através do contato e da oportunidade de compartilhar experiências. E, assim, as diferentes gerações têm esse tempo para diminuir o temor e os conflitos que podem ocorrer entre elas.

Quanto mais fortes e eficazes forem os laços sociais, maiores são as chances de as pessoas desfrutarem melhor saúde física e mental. Batistoni *et al.* (2013) chegam a afirmar que esses laços influenciam não apenas a qualidade de vida, mas a duração: “o suporte social contribui para a promoção de uma vida mais longa”. Para além do exposto, os idosos são importantes para as demais gerações como portadores de saber e conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida; representam ainda, laços com o passado e continuidade da comunidade a que pertencem (Lopes, 2005).

Papalia e Feldman (2013) ressaltam que, na troca intergeracional, os idosos estão envolvidos com a última função gerativa, que, conforme a teoria proposta por Erikson, reflete um anseio de transcender a mortalidade, quando os idosos oferecem um pouco de si mesmos como investimento na vida de gerações futuras. Nesse sentido, Lima (2012) defende as práticas intergeracionais como vivências que impedem o isolamento e compreende-as como possibilidade de minimizar a instalação da depressão. Por outro lado, em relação aos adultos jovens, Erik Erikson afirma que essa geração ou se compromete com os outros ou enfrenta um possível sentimento de isolamento, ficando voltada para si mesma (“Intimidade *versus* isolamento”).

É nesse sentido que as práticas intergeracionais são consideradas pela UNESCO (2002), como modelos eficazes de planejamento social, no qual a inclusão é um dos fundamentos mais importantes, pois priorizam o valor social da igualdade, sendo uma oportunidade para manter a solidariedade entre as gerações.

Ferrigno (2008, p.13) acredita também que as práticas intergeracionais “contribuem de modo significativo para construção de estratégias que facilitam a comunicação intergeracional e, conseqüentemente, promovem a solidariedade entre velhos e moços em nossa sociedade tão carente de valores humanistas”.

Nesse sentido, este estudo se propôs a realizar uma revisão sistemática de literatura, com o objetivo de compreender o estado da arte do tema, por meio da análise de artigos científicos de periódicos indexados em oito bases de dados, como também, teses e dissertações do Portal CAPES/MEC), tendo como pergunta norteadora “Como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família?”. Considera-se que a relevância do presente trabalho se assenta na possibilidade de subsidiar reflexões acerca de como contribuir para aproximar as gerações de idosos e adultos jovens, a partir de ações intergeracionais.

Método

Delineamento e procedimentos de pesquisa

Este artigo trata de uma revisão sistemática de literatura, que permite identificar e buscar informações disponíveis sobre um tema específico. Assim, contribui para que se consiga extrair os principais aportes e limitações dos estudos para o campo do conhecimento, essencial para a pesquisa e a prática profissional (Ossó, 2014).

Essa pesquisa foi realizada mediante uma busca eletrônica de estudos publicados, no período de janeiro de 2008 a janeiro de 2018, nos periódicos indexados em oito bases eletrônicas de dados nacionais e internacionais, a saber: PubMed - NCBI, PSICODOC, Scielo, BVS/Psi (Biblioteca Virtual em Saúde de Psicologia), Lillacs, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Google Scholar e Portal de Periódicos CAPES/MEC.

As palavras-chave utilizadas para a busca foram controladas pelos descritores do DeCS – Descritores em Ciências da Saúde da BVS – Biblioteca Virtual em Saúde, e são as seguintes: em português: *família, relação entre gerações, idoso, adulto jovem*. Em espanhol: *familia, relaciones intergeneracionales, anciano, adulto*. E em inglês: *family, intergenerational relations, aged, young adult*. Todos os descritores, na pesquisa, foram unidos pelos operadores booleanos “AND” e/ou “OR”.

Critérios de inclusão do material na revisão, procedimentos de coleta dos dados documentais e procedimentos de análise

Adotamos o seguinte critério de inclusão: os artigos a serem analisados deveriam ter sido publicados nos últimos dez anos, ou seja, no período de janeiro de 2008 a janeiro de 2018, o acesso ao artigo completo deveria ser gratuito, e nos idiomas Português, Espanhol ou Inglês. Foram definidos como critérios de exclusão: TCCs de graduação ou especialização, livros,

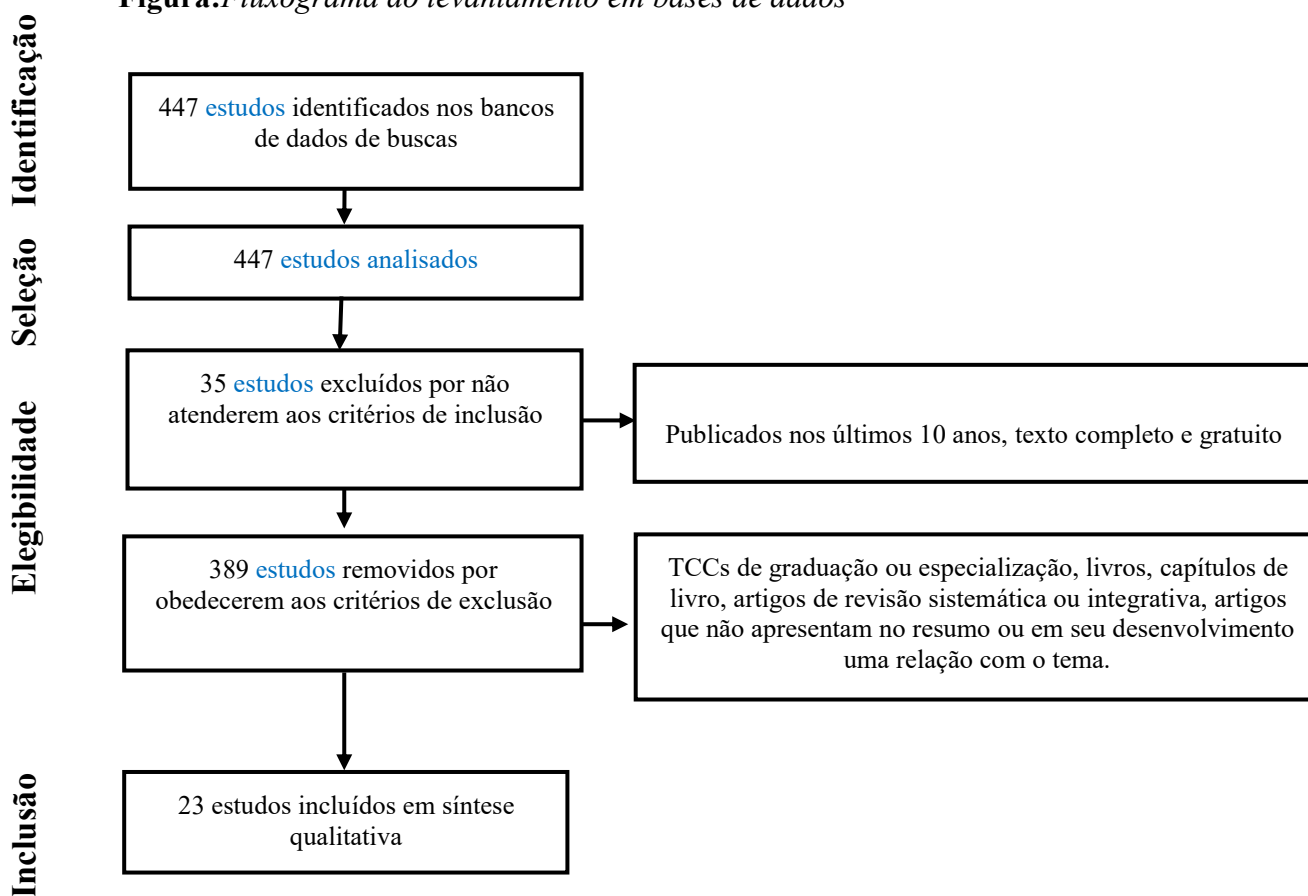
capítulos de livro, artigos de revisão sistemática ou integrativa, artigos que não apresentassem no resumo ou em seu desenvolvimento uma relação com a temática.

Para nosso trabalho, adotamos como referência a Análise de Conteúdo Temática que se baseia em realizar uma leitura crítica e aprofundada dos resultados encontrados, com o objetivo de melhor descrever e interpretar os dados da pesquisa (Minayo, 2014).

A análise dos artigos seguiu duas etapas: 1) Leitura do título e/ou resumo de todos os documentos encontrados: quando o resumo não era claro para decidir a inclusão do estudo, o documento era lido parcialmente (método e resultados) ou na íntegra; 2) Realização da seleção dos artigos, de acordo com os critérios de inclusão/exclusão, sendo todos lidos na íntegra.

A estratégia de busca dos artigos, está descrita no Fluxograma, e apresentada em detalhes na tabela 1, foram realizadas por dois juízes independentes. Na comparação dos resultados, em caso de divergência, buscou-se o consenso.

Figura: Fluxograma do levantamento em bases de dados



De acordo com o fluxograma acima, a partir das buscas nas bases de dados, utilizando-se as palavras-chave controladas pelos descritores *família, relação entre gerações, idoso, adulto jovem*, nos três idiomas (português, espanhol e inglês), unidos pelo operador booleano “AND” e/ou “OR”, foram encontrados 447 estudos, dos quais 424 não atendiam aos critérios de seleção, restando 23 para o presente artigo.

Tabela 1 – Resultado detalhado da busca de artigos em periódicos indexados nas bases de dados

Base de Dados/ Idioma dos descritores utilizados	Quantidade de publicações encontradas	Removidas por não atenderem aos critérios de inclusão	Removidas por obedecerem aos critérios de exclusão	Artigos selecionados
PUBMED-NCBI Inglês	91	0	84	7
PSICODOC Inglês, espanhol e português	0	0	0	0
SciELO Inglês, espanhol e português	1	0	0	1
BVS/Psi Inglês, espanhol e português	0	0	0	0
LILLACS Inglês, espanhol e português	74	16	56	2
BVS Inglês, espanhol e português	72	19	51	2
Google Scholar Português	151	0	149	2
Portal de Periódicos e banco de Teses e dissertações do CAPES/MEC Espanhol e português	58	0	49	9
Total de artigos	447	35	389	23

As Bases de Dados que mais apresentaram estudos, referentes à pergunta norteadora do presente artigo, foram a PubMed-NCBI, seguida do Portal de Periódicos e o banco de Teses e Dissertações do CAPES/MEC. A escolha por artigos publicados em periódicos indexados em bases de dados, e, teses e dissertações do Portal CAPES/MEC, justifica-se pelo fato de serem avaliadas com um maior rigor científico para, daí então, serem aprovadas para publicação.

Resultados

Ao todo, 23 publicações foram selecionadas e revisadas levando-se em conta: país onde os estudos foram desenvolvidos, objetivo, autoria, ano de publicação, periódico, base de dados, participantes, público-alvo, instrumentos/procedimentos, foco de análise, principais resultados e discussão. Assim, têm-se três estudos teóricos, dezesseis descritivos e quatro sobre estratégias de intervenção. Os dados serão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Características e resultados dos 23 estudos incluídos na revisão sistemática

País/ Modalidade do estudo/ Autor/Ano	Objetivos	Participantes	Procedimentos	Foco	Resultados/Discussão
Brasil/Tese/ Henriques, 2009	Investigar a relação entre pais e filhos coabitantes na esfera doméstica familiar	Idosos e adultos jovens	Entrevistas	ED	Na dinâmica interativa em família é estabelecido um jogo relacional, num contexto propício que transforma o espaço familiar em um espaço que faz sentido e gera reconstruções de significados.
Venezuela/ Artigo/ Camilli, Millan e Tirro, 2010	Descrever o significado que os estudantes universitários atribuem à velhice na Venezuela	Adultos jovens	Entrevistas	ED	Os adultos jovens tendem a ter uma percepção negativa dos idosos.
Brasil/Artigo/ Souza, 2011	Avaliar atividades intergeracionais desenvolvidas em uma escola de ensino fundamental e as mudanças ocorridas.	Adultos Jovens e idosos	Grupo focal	EI	A intervenção teve um impacto positivo na percepção dos participantes referentes à relação familiar, à auto-percepção, ao estado de saúde e à solidariedade.
Brasil/Artigo D’Alencar, 2012	Descrever como os idosos reelaboram os laços de solidariedade para além da família	-	Análise crítica da literatura	ET	Os idosos buscam os grupos de convivência, que exercem funções fundamentais não apenas por substituírem, em muitos casos, a já instalada ausência de familiares mas também a da sociedade.
Portugal/ Artigo/ Vicente e Souza, 2012	Analisar as redes sociais de idosos em famílias com quatro gerações em Portugal	Idosos	Questionário	ED	Os resultados sugerem redes de tamanho médio, densas, homogêneas e centradas na família.
Brasil/Tese/ Braz, 2013	Avaliar uma possível interface entre Habilidades Sociais e Solidariedade Intergeracional, bem como a qualidade do relacionamento entre idosos e adultos	Idosos e adultos jovens	Questionários	ED	As habilidades de Expressividade emocional parecem influenciar a Solidariedade Intergeracional afetiva, enquanto as Habilidades Sociais de Enfrentamento parecem influenciar o Conflito, e as Habilidades Sociais de Conversação e Desenvoltura Social parecem influenciar as dimensões de Solidariedade Intergeracional Normativa.
Brasil/ Dissertação/ Oliveira, 2013	Analisar comparativamente a percepção dos aposentados e de seus filhos adultos quanto ao papel do idoso na economia familiar, no âmbito das transferências financeiras, bem como investigar se existe diferença de comportamento dos filhos em relação à ajuda.	Idosos e adultos jovens	Entrevistas	ED	Os aposentados ajudavam os filhos sem cobrar reembolso pautando-se no fator seguro-velhice, acreditando que o retorno das ajudas seria oferecido futuramente quando eles precisassem. Mas ao consultar os filhos sobre a intenção de ajudar os pais no futuro ficou claro que os filhos não estão tão dispostos assim como os aposentados imaginavam.
África/Artigo McKinnon, Harper e Moore, 2013	Examinar a relação entre a falta de apoio familiar e a depressão em idosos na África	Idosos	Inquéritos mundiais de saúde	ED	Os idosos que viviam sozinhos apresentaram mais depressão em relação aos que viviam com pelo menos um adulto.
Brasil/Artigo Pires, 2013	Analisar o acesso dos idosos às tecnologias através de seus familiares	Idosos e adultos jovens	Entrevistas	ED	Os alunos de informática socializam com as pessoas idosas de sua família a relação com a tecnologia.
Brasil/ Dissertação/ Silva, 2013	Compreender a percepção de família para idosos que convivem em contexto familiar intergeracional	Idosos	Entrevista	ED	Os resultados desvelam que a percepção dos idosos é que no espaço familiar constroem-se laços de solidariedade, tercem-se vínculos e relações intergeracionais pautadas no cuidado, apoio, cooperação e, por vezes, conflitos
China/Artigo/ Zeng, North e Kent, 2013	Explorar os fatores familiares e sociais associados à depressão em idosos na China	Pais idosos	Entrevistas e testes	ED	O apoio filial é seriamente prejudicado pelas realidades da sociedade contemporânea
Tailândia/ Artigo/ Rittirong, Prasartkul e Rindfuss, 2014	Explorar as preferências dos idosos rurais, em relação a de quem mais queriam receber apoio.	Idosos	Grupo focal	EI	Os vizinhos eram preferidos quando os parentes não estavam disponíveis.

China /Artigo Cheng, Birditt e Zarit 2015	Examinar o apoio que os adultos jovens fornecem aos pais idosos na perspectiva de ambos, na China	Pais idosos e filhos adultos jovens	Entrevistas	ED	Ambos relataram o apoio mais frequente fornecido aos pais quando tiveram relacionamento de maior qualidade e quando os pais dão suporte de maior qualidade à prole.
Brasil / Dissertação/ Oliveira, 2015	Investigar a percepção dos vínculos e relacionamento entre netos adultos e seus avós, e analisar como se deu este relacionamento ao longo do tempo, influências, frequência de contato e dificuldades encontradas	Adultos jovens	Entrevistas	ED	Os netos consideram os avós como pessoas muito significativas em sua vida; eles os influenciaram em vários aspectos (profissional, religioso, moral, emocional e psicossocial); o relacionamento, em geral, foi percebido como muito bom, a depender da participação e do incentivo da geração dos pais; os participantes realizam várias atividades com os avós, sendo o contato frequente; as dificuldades estão relacionadas a conflitos existentes entre avós e pais, distância geográfica e envolvimento dos netos no seu próprio processo desenvolvimental; as características mais marcantes transmitidas pelos avós ligam-se a traços de personalidade, momentos de lazer e cuidado, troca de experiência.
Brasil /Artigo/ Ferreira, Massi, Guarinello et al., 2015	Analisar a visão que o velho tem sobre o jovem e vice versa, bem como o trabalho de velhos e jovens com a linguagem.	Adultos Jovens e idosos	Grupos de oficinas de linguagem e questionário	EI	As relações estabelecidas nestes encontros podem propiciar interações significativas entre jovens e velhos, desmistificando preconceitos e promovendo benefícios às diferentes gerações.
Brasil /Artigo/ Silva, Vilela, Nery et al., 2015	Descrever a dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos	Idosos	Entrevistas	ED	Na percepção dos idosos, há um conviver em família pautado no cuidado, no apoio, na união familiar e até mesmo nos conflitos.
Brasil /Artigo/ Silva, Vilela, Oliveira et al. 2015	Analisar a percepção de idosos, em lares intergeracionais, sobre família	Idosos	Evocações livres ao termo indutor “Família”	ED	A estrutura representacional revela uma forte carga afetiva dos idosos no tocante à família.
Brasil /Artigo/ Souza, Pelegrini, Ribeiro et al., 2015	Identificar na literatura os atributos do conceito de “Insuficiência familiar” na pessoa idosa	-	Análise crítica da literatura	ET	Insuficiência familiar se caracteriza como um processo de interação psicossocial de estrutura complexa, fundado especialmente no baixo apoio social da pessoa idosa e no vínculo familiar prejudicado.
Tailândia / Artigo/ Thanakwang, 2015	Investigar as relações entre o apoio familiar, a interação negativa e o bem-estar psicológico em pais idosos na Tailândia	Pais idosos	Modelos de regressão múltipla	ED	Um maior apoio emocional e instrumental recebido dos familiares está associado a um maior senso de bem-estar psicológico dos pais idosos.
Colômbia / Artigo/ Zapata Lopes, 2015	Descrever as redes de apoio social e familiar disponíveis para os idosos na Antioquia/Colômbia	Idosos	Entrevistas	ED	O estudo mostrou que a solidão é um aspecto que leva os idosos a se sentirem indefesos e vulneráveis, apesar de estarem satisfeitos com o apoio de familiares e amigos.
Estados Unidos / Artigo/ Augustin e Freshman, 2016	Analisar os serviços de ensino/aprendizagem sobre as atitudes de estudantes universitários em relação aos idosos	Adultos jovens e idosos	Intervenção educativa e entrevistas com os jovens	EI	Os estudantes relataram aumento nas percepções positivas em relação aos idosos, descobriram seus próprios estereótipos ageistas e muitos desenvolveram interesse em seguir uma carreira na profissão de cuidar dos idosos.
Japão /Artigo/ Tiedt, Saito e Crimmins, 2016	Examinar as relações entre idosos e adultos, da mesma família, no Japão	Pais idosos	Entrevistas	ED	A proximidade de familiares protege os idosos contra a depressão.
Espanha / Artigo/ Moral Jiménez, 2017	Analisar os Programas Intergeracionais enquanto integrador dos idosos espanhóis e latinoamericanos na comunidade	-	Análise crítica da literatura	ET	Os Programas Intergeracionais promovem o envelhecimento ativo e a superação de problemas, desconstruindo o paradigma da decadência e da perda.

Nota: ED = Estudo Descritivo; EI = Estratégias de Intervenção; ET = Estudo Teórico

Em relação aos objetivos, das 23 publicações elencadas acima, convergiu-se para o seguinte: uma se referia à percepção por parte das gerações jovens acerca da velhice; cinco, à dinâmica familiar na percepção dos idosos; cinco, a intervenções facilitadoras da relação entre os idosos e as gerações jovens e doze, às características desse tipo de relação.

Tabela 3 – *Características das publicações quanto ao Continente e País*

Continente/Quantidade de publicações	País	*Quantidade de artigos por País
Sul-americano Países latino-americanos (14)	Brasil	12
	Colômbia	01
	Venezuela	01
Asiático (05)	China	02
	Tailândia	02
	Japão	01
Europeu (02)	Espanha	01
	Portugal	01
Africano (01)	África	01
Norte-americano (01)	Estados Unidos	01
Total de artigos		23

**Nota: Estudos publicados em periódicos indexados e na base de Teses e Dissertações do CAPES/MEC*

Conforme demonstra a tabela acima, acerca das características das publicações quanto ao Continente e País, percebe-se que houve uma predominância de estudos realizados nos países latino-americanos (14), seguidos por asiáticos (5), europeus (2), africano (1) e norte-americano (1).

Contribuições e/ou avanços produzidos pela pesquisa no campo da psicologia

Revisitando a tabela 1, referente aos resultados da busca de estudos publicados em periódicos indexados nas bases de dados, percebeu-se que as plataformas PSICODOC e BVS/Psi, que são ferramentas de busca essencialmente dedicadas à Área de Psicologia, não retornaram resultados na ocasião da pesquisa, utilizando-se os descritores: *família, Relação entre gerações, Idoso, Adulto Jovem*, nos idiomas Português, Espanhol e Inglês, no período de 2008-2018. As demais bases retornaram 23 estudos: 15 advindos dos periódicos na área de saúde, seis de Psicologia, um de Psicogeriatrics e um de economia doméstica.

Tal fato chama a atenção para a necessidade dos Periódicos em Psicologia publicarem mais sobre o relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens que tenham laço de parentesco, especialmente entre as díades avós-netos (as), tios (as)-sobrinhos(as). É evidente a carência de pesquisas sobre esse tema de tão grande relevância em um planeta onde a população mundial envelhece de forma nunca antes vista na história da humanidade (Camarano, 2004; IBGE, 2018; OMS, 2015; ONU, 2016, 2017). O Brasil, em 2025, será o

sexto país do mundo em quantidade de idosos. Esse dado aponta para a urgência de estudos que venham desembocar em ações que minimizem a distância entre os idosos e as gerações mais novas. A necessidade de estudos na área de Psicologia, referentes ao tema estudado, justifica-se pelo fato dele dizer respeito a um aspecto importante do comportamento humano. Trata-se, pois, das relações e suas consequências sobre o psiquismo, tal como o isolamento social, tristeza, depressão e até mesmo o suicídio.

Na Tabela 3, referente às características das publicações, quanto aos continentes e países, consideramos importante verificar que regiões do planeta estão estudando mais sobre o tema do relacionamento intergeracional na velhice, e se essa ocorrência se dá por conta dos níveis de envelhecimento populacional de cada lugar.

Nesse contexto, percebe-se que pesquisadores da América Latina – Brasil, Colômbia e Venezuela – principalmente o Brasil, têm publicado mais sobre o tema proposto. Talvez isso ocorra pelo fato de as populações desses países estarem envelhecendo de forma rápida e heterogênea. De maneira distinta, no sentido de distinta dos países desenvolvidos (Camilli, Millan & Tirro, 2010). Em segundo lugar, vêm os países asiáticos, principalmente China, Tailândia e Japão, seguidos dos europeus, Portugal e Espanha, e em últimos lugares a África e os Estados Unidos. Não obstante, os EUA se encontram entre os países que mais se debruçam sobre o tema, percebe-se uma carência de produção acerca do relacionamento intergeracional, mais especificamente entre idosos e adultos jovens que tenham, ou não, laço de parentesco. É importante salientar, que esse resultado foi encontrado a partir dos critérios de seleção utilizados para realização desta revisão sistemática.

Nesse sentido, nota-se que os países latino-americanos emergentes têm buscado apropriar-se mais das questões voltadas para a velhice, talvez por conta das suas necessidades de compreender melhor as demandas que ocorrem nessa fase da vida, visto que estão com uma população em pleno processo de envelhecimento e sem a infraestrutura necessária e digna para acolhê-la (ONU, 2017), sobretudo em relação à saúde, cuidados, direitos respeitados, dentre outras.

Quanto à tabela 2, em relação à quantidade de publicações que correspondem aos objetivos deste artigo, a Base de Dados PUbMED-NCBI se sobressaiu, apresentando sete resultados; seguida pelo Portal de Periódicos CAPES/MEC com quatro artigos, duas teses e três dissertações; pela Lillacs com dois; pela BVS com dois; pelo Google Scholar com dois e pela SciEllo com um.

Acerca do ano das publicações, predominou 2015 com oito publicações; seguido por 2013 com seis; por 2012 e 2016 com duas a cada ano; e por 2009, 2010, 2011, 2014 e 2017 com uma a cada ano. No ano de 2015, deu-se o apogeu de estudos sobre o objeto de pesquisa analisado, sobressaindo-se o Brasil com cinco publicações. Como hipótese, para tal fato, talvez, no Brasil, tenha ocorrido esse maior número de publicações, por nesse período ter-se implantado o Plano Nacional de Saúde (2012-2015), que “visou estabelecer como uma das suas diretrizes a garantia da atenção integral à saúde da pessoa idosa, de modo a ampliar o seu grau de autonomia e independência, envolvendo familiares e comunidade” (Camarano, 2016, p. 28); Do mesmo modo, em 2015, aconteceu outro marco importante, que foi a “Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos”, que objetivou promover, proteger e assegurar o reconhecimento e o pleno gozo e exercício, em condições de igualdade, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais do idoso, a fim de contribuir para sua plena inclusão, integração e participação na sociedade (Alcântara, Camarano & Giacomini, 2016). Por outro lado, em seguida, houve um decréscimo, o que se traduz em prejuízo, uma vez que, como não nos cansamos de repetir, são prementes pesquisas que resultem em estratégias de intervenção para aproximar as gerações.

Sobre os participantes, dez pesquisas foram realizadas só com idosos, duas só com jovens, e oito com idosos e jovens. Contudo, todas as publicações fizeram parte da revisão sistemática, porque, em linhas gerais ou nas entrelinhas, perpassavam o objeto de estudo analisado. Nota-se, portanto, a necessidade de estudos interventivos que reúnam idosos e jovens, como também de pesquisas que escutem também os jovens.

Acerca dos instrumentos utilizados nos estudos que compuseram essa revisão sistemática, preponderaram as entrevistas, em número de doze; seguidas por questionários (duas); e entrevista concomitante à aplicação de teste (uma); grupo focal (duas); psicoeducação (uma); e oficina (uma). Apesar dos instrumentos mencionados responderem aos objetivos propostos pelos estudos revisados, poderiam sugerir-se outros tais como: o APGAR DA FAMÍLIA; Grupo *Brainstorming* (Chuva de idéias), técnica voltada para gerar novas informações sobre temas específicos e promover o pensamento criativo; dentre outros (Minayo, 2014).

Análise e Discussão dos Resultados

Dos estudos apresentados, que constituíram a base para a revisão sistemática proposta no presente trabalho, visando a responder à pergunta norteadora “Como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família”, emergiram os seguintes eixos temáticos:

Percepção das gerações jovens acerca da velhice; A dinâmica do relacionamento intergeracional na percepção de idosos; Características da relação entre os idosos e as gerações jovens; Intervenções facilitadoras da relação entre os idosos e as gerações jovens. A partir do exposto, levar-se-ão em conta algumas considerações importantes, acerca de cada categoria em consonância com as demais.

Sobre a *percepção das gerações jovens acerca da velhice*, Camilli, Millan e Tirro (2010), na Venezuela, afirmam que a imagem prevalecente da velhice para os jovens é ambígua e diversificada, mostrando-se uma realidade complexa. Os autores atribuem isso ao fato de os jovens terem uma percepção negativa das mulheres e homens idosos, que está ligada às demandas sociais às quais os sujeitos estão sujeitos na juventude, definidas pelo seu nível de produtividade e função sexual, de forma que o processo decrescente de qualquer desses aspectos, muitas vezes, é percebido como decadência. Daí resulta essa visão pessimista da velhice. Em busca de uma solução para esse problema, os autores ressaltam a importância de sensibilizar as gerações jovens para o envelhecimento, no afã de desconstruir essa imagem negativa acerca do velho.

Nesse sentido, faz-se importante destacar que este olhar é mais comum nas sociedades ocidentais. Sobretudo, nas capitalistas, que prestigiam o ter sobre o ser, nas quais está inscrito na cultura, que a pessoa idosa, por não mais produzir como outrora, é considerada como “peso social e descartável”, aquela antiga história “está velho, não presta mais, joga fora”. Entretanto, esquecem que as pessoas que são idosas, hoje, foram construtores da história, e que esses jovens pisam sobre as pegaduras daqueles, da qual eles se beneficiam nos dias hodiernos. Além de que, os idosos são importantes pontes para o futuro, em todo tempo o foram, e nunca perderão esse lugar de raízes, que podem contribuir para os jovens, sobretudo, com sua experiência de vida, pois são fontes de riqueza de conhecimento e sabedoria. Entrementes, a sociedade do início do século XXI é marcada pela Era do Vazio (Lipovestky, 2008), pessoas vazias e solitárias, pois desprezam suas raízes, origens, sua história, que só podem saber através dos que hoje são velhos.

Ramos (2002) destaca que as conseqüências negativas, tais como os sentimentos de ser uma carga, são mais prevalentes em sociedades ocidentais, nas quais a produtividade e a capacidade para retribuir são extremamente valorizadas. A autora pontua, também, que o aspecto da desvalorização das pessoas idosas está relacionado com o problema de como os jovens percebem seus parentes idosos nos países do Ocidente. Ela, salienta, ainda, que esta

questão está relacionado aos valores que predominam nas culturas ocidentais, valores que normalmente não enfatizam os cuidados ao idoso como uma tarefa importante, além de não considerar os desejos e preferências da pessoa idosa.

Porém, as sociedades orientais têm outra visão sobre a pessoa idosa da família, pois têm como base que todos devem obediência ao ser humano masculino mais velho. A autoridade do patriarca mantém-se elevada com a idade e até mesmo a mulher, tão subordinada, na velhice, passa a ter poderes mais elevados do que os jovens do sexo masculino, exercendo influência preponderante na educação dos netos. Para eles, a autoridade da velhice é justificada pela aquisição da sabedoria, pregando que, aos 60 anos, o ser humano compreende, sem necessidade de refletir, tudo o que ouve; ao completar 70 anos, pode seguir os desejos do seu coração sem transgredir regra nenhuma. Desse modo, para eles, não há nada no mundo tão grande como o ser humano; e, no ser humano, nada é maior que a piedade filial (Santos, 2001).

Segundo essa visão, os deveres dos filhos para com os pais compreendem: procurar torná-los seres humanos felizes, de todas as maneiras e em todos os momentos; sempre cuidar deles com carinho e atenção; demonstrar saudade e dó deles, por ocasião de sua morte; e, após a sua morte, oferecer-lhes sacrifícios com muita formalidade. O amor dos filhos aos pais envelhecidos, a assegurar-lhes maior proteção e segurança na última idade do seu processo de viver, compreende uma das mais sublimes ações do ser humano para consigo mesmo e para com a sua espécie, ou seja, para com a sua geração e para as gerações futuras, sustentando a perpetuação do amor intenso e especial entre pais e filhos (Santos, 2001).

Nesse sentido, a referida autora propõe que na civilização oriental, merece destaque a condição privilegiada do idoso verificada na China, desde a Antiguidade até os dias atuais. Ela destaca que dois filósofos foram fundamentais para que essa percepção surgisse e perdurasse até os nossos dias: Lao-Tsé e Confúcio. Lao-Tsé, percebeu a velhice como um momento supremo, de alcance espiritual máximo, comentando que aos 60 anos de idade o ser humano atinge o momento de libertar-se de seu corpo através do êxtase de se tornar um santo. E Confúcio, profundo conhecedor da alma humana, que externou conceitos de moral e de sabedoria. A filosofia de Confúcio, que não deve ser considerada religião, visa a uma organização nacionalista da sociedade, baseando-se no princípio da simpatia universal, que deve ser alcançada por meio da educação, e estender-se do ser humano à família e da família ao Estado, considerando esse último a grande família.

Desse modo, Santos (2001) e Ramos (2002), ao refletirem sobre o papel que o idoso ocupa nas famílias e nas sociedades, especificamente, a despeito da maneira como as pessoas idosas são tratadas e vistas nas sociedades, concluí que as Ocidentais difere das Orientais, como descrito acima.

Todavia, *a dinâmica do relacionamento intergeracional, na percepção de idosos*, ou seja da relação entre idosos e jovens da mesma família, foi caracterizada de forma positiva, apesar dos conflitos. Desse modo, Silva, Vilela, Nery *et al.* (2015), em sua pesquisa no Brasil, encontraram que as relações familiares intergeracionais são harmônicas, permeada pelo cuidado intergeracional com o idoso e dele com os seus netos, revelando um conviver em família pautado em cuidado, apoio, união familiar e, até mesmo, conflitos entre as gerações. Do mesmo modo, Silva, Vilela e Oliveira *et al.* (2015), no mesmo país, encontraram resultados semelhantes, em relação ao significado de família para os idosos, que foram referidos como base, união, tudo, companheirismo, cuidado, amor e respeito, revelando uma forte carga afetiva dos idosos em relação à família. Tais achados corroboram com Silva (2013), que também verificou a visão da família intergeracional na ótica de idosos, e concluiu que no espaço familiar constroem-se laços de solidariedade, tecem-se vínculos e relações intergeracionais pautadas no cuidado, apoio, cooperação e, por vezes, conflitos.

Do mesmo modo, Oliveira (2015), ao analisar a percepção dos vínculos e relacionamento entre netos e seus avós, entendeu que os netos consideram os avós como pessoas muito significativas em sua vida; influenciam-nos em vários aspectos (profissional, religioso, moral, emocional e psicossocial); o relacionamento foi percebido como muito bom, a depender da participação e do incentivo dos pais; eles ainda realizam várias atividades com os avós, com contato frequente; as dificuldades no relacionamento estão relacionadas a conflitos existentes entre avós e pais, distância geográfica e envolvimento dos netos no seu próprio processo desenvolvimental; as características mais marcantes transmitidas pelos avós ligam-se a traços de personalidade, momentos de lazer e cuidado, e troca de experiência.

Da mesma forma, Vicente e Souza (2012), em Portugal, ao analisarem as redes sociais de idosos em famílias com quatro gerações vivas, em Portugal, encontraram que os idosos percebem ter redes sociais centradas na família, seguidas de amigos e vizinhos. Por outro lado, os idosos referem que a distância geográfica afeta a relação, porque dificulta a providência de apoio quando eles precisam. Nesse sentido, Rittirong, Prasartkul e Rindfuss (2014), na Tailândia, ao pesquisarem sobre as preferências de quem os idosos tailandeses

desejam receber apoio para preparar refeições, cuidados pessoais, transporte, apoio financeiro e emocional, na ausência dos familiares, quem indicar para compensar essa falta, os vizinhos idosos foram os preferidos, quando os parentes não estavam disponíveis.

Entretanto, a partir dos resultados de outras pesquisas que serão descritos a seguir, nota-se que as interações familiares estão, de certo modo, sendo prejudicadas pelo momento sócio-histórico cultural que a humanidade atravessa. Pautado, por vezes, pelo distanciamento entre idosos e jovens, ocasionado sobretudo pela era tecnológica, pelo mundo do trabalho, entre outras questões.

Nesse sentido, quanto as *características da relação entre idosos e as gerações jovens*, D'Alencar (2012), no Brasil, destaca, que as aceleradas mudanças sociais impactam diretamente as configurações das famílias e produzem descontinuidades de afetos e solidariedades. A autora ressalta, que no Brasil, o maior alcance da longevidade, ou seja, o envelhecimento da população brasileira associado à essas mudanças, vem promovendo alterações nas relações familiares e extrafamiliares. Ela salienta que em busca de ajustarem-se às novas realidades, os idosos avançam na construção e na diversificação de novos laços de solidariedades, projetando para outros espaços aquilo que entendem perdido, tais como, carinho, afeto, atenção e respeito. Assim, extrapolando as famílias, buscam os grupos de convivência, para substituírem a ausência de familiares.

Desse modo, quanto às características da relação entre os idosos e as gerações de jovens, na atualidade, infere-se que a realidade da sociedade contemporânea tem prejudicado seriamente o apoio filial (Zeng, North e Kent, 2013). Os autores inferem que, até mesmo a China, no contexto de uma sociedade e de uma cultura que valorizam o apoio filial e nele se baseiam, tem sofrido impacto no vínculo familiar. Esse, revelado por um pobre apoio familiar, associado a redes sociais fracas, o que parece, segundo os autores, agravar e exacerbar a depressão nos idosos.

A esse respeito, Tiedt, Saito e Crimmins (2016) referem que, no Japão, a falta de apoio dos filhos e filhas aos idosos, está correlacionada com sintomas depressivos. Os autores salientam, a importância da disponibilidade e proximidade de familiares e envolvimento social, como proteção contra sintomas depressivos nos idosos. Nesse sentido, McKinnon, Harper e Moore (2013) referem que na África, o apoio reduzido dos filhos, como também, a falta de apoio adequado, quando os idosos vivem sozinhos, incidem em maior risco de sintomas depressivos para os idosos, afetando a saúde mental deles. Da mesma forma, Zapata

Lopes (2015) afirma que a solidão, na Colômbia, é um aspecto que leva os idosos a se sentirem indefesos e vulneráveis, principalmente pela menor presença de familiares e amigos.

Do mesmo modo, Souza, Pelegrini, Ribeiro *et al.* (2015) concluem que, no Brasil, as transformações contemporâneas no sistema familiar, consequentes do modo de viver contemporâneo, contribuem para *insuficiência familiar* na pessoa idosa, caracterizada, como um processo fundado especialmente no baixo apoio social à pessoa idosa e no vínculo familiar prejudicado, tendo como antecedente as transformações contemporâneas no sistema familiar, os conflitos intergeracionais, o comprometimento das relações familiares e a vulnerabilidade social da família. Como consequência, a pessoa idosa fica vulnerável, podendo ocorrer um declínio da saúde psicológica e funcional, a menor qualidade de vida e o envelhecimento mal sucedido.

De outro modo, a exemplo da realidade na Tailândia, se a pessoa idosa recebe da família um maior apoio social e instrumental, ela poderá apresentar um maior senso de bem-estar psicológico (Thanakwang, 2015). Porém, aqueles idosos com interações familiares mais negativas, ou seja, conflituosas, podem apresentar o senso de bem-estar psicológico diminuído.

Entretanto, Braz (2013) infere que, no Brasil, existe uma interface entre as Habilidades Sociais e a Solidariedade Intergeracional, bem como a Qualidade do relacionamento entre pais idosos e seus filhos. A autora afirma que, as Habilidades de Expressividade emocional parecem influenciar a Solidariedade Intergeracional Afetiva, enquanto as Habilidades Sociais de Enfrentamento parecem influenciar o Conflito, e as habilidades Sociais de Conversação e Desenvoltura Social, parecem influenciar as dimensões da Solidariedade Intergeracional.

Nesse sentido, Henriques (2009), no mesmo país, propõe que a interação de pais idosos e filhos coabitantes na esfera doméstica familiar precisam de alguns ajustes cotidianos na convivência. A autora constatou, que, nessa dinâmica interativa, acaba-se por se estabelecer limites entre os espaços pessoais e coletivos na relação. Desse modo, estabelece-se um contexto propício para um interjogo que transforma o espaço familiar em um lugar que faz sentido e gera reconstruções de significados. Dessa forma, entende-se o quanto as Habilidades referidas por Braz (2013) são importantes fontes de Solidariedade Intergeracional.

Todavia, Oliveira (2013), ao estudar a relação entre pais e filhos no que se refere às ajudas financeiras dos pais aos filhos no Brasil, concluiu que os aposentados ajudavam os

filhos sem cobrar reembolso pautando-se no fator seguro-velhice, acreditando que o retorno das ajudas seria oferecido futuramente, quando eles precisassem. Porém, a autora, ao consultar os filhos sobre a intenção de ajudar os pais no futuro, concluiu que esses não estão tão dispostos assim como os aposentados imaginavam. De outra forma, Cheng, Birditt e Zarit *et al.* (2015), ao examinar o apoio que os filhos fornecem aos pais idosos e que explicações são dadas para esse apoio na China, entenderam que o apoio é mais frequente na velhice, quando os pais deram suporte positivo à prole, e também quando os idosos eram incapacitados. Desse modo, os autores ressaltam que o apoio positivo recebido pelos filhos outrora, podem explicar o apoio dado aos pais na velhice.

Diante do exposto, conhecer o convívio familiar e social dessas gerações é imprescindível para se articularem estratégias de enfrentamento contra o distanciamento. Assim, percebe-se como é importante buscar ações que amenizem o problema das interações familiares prejudicadas. Nesse sentido, Moral Jiménez (2017) afirma que, na Espanha, os Programas Intergeracionais são integradores, além de promover o envelhecimento ativo e a superação, desconstruindo o paradigma da decadência e da perda.

Do mesmo modo, Ferreira, Massi e Guarinello *et al.* (2015) corroboram com esse olhar, ao afirmar que, no Brasil, em função dos encontros intergeracionais, os jovens passam a perceber a velhice de forma mais positiva e os idosos reconhecem que podem ampliar seus conhecimentos e perspectivas acerca da sociedade em que estão inseridos, propiciando interações significativas entre jovens e velhos, desmistificando preconceitos e promovendo benefícios para ambos.

Da mesma forma, Souza (2011) entende que as atividades intergeracionais, no Brasil, tem impacto positivo na percepção dos participantes, referente à relação familiar, ao estado de saúde e à solidariedade, como também o cultivo do respeito mútuo, além do sentimento de serem valorizados, mostrando-se os possíveis mecanismos de mudanças psicossociais que ocorrem nesse tipo de intervenção. De igual modo, Augustin e Freshman (2016) afirmam, que nos Estados Unidos, os jovens em contato com os idosos, aumentam sua percepção positiva acerca dos velhos e descobrem seus próprios estereótipos ageístas, podendo ainda direcionar alguns a interessarem-se por uma carreira que cuide de pessoas idosas. Para além desses benefícios, Pires (2013), no Brasil, pontua, que os jovens inseridos em um curso de informática, podem ensinar aos idosos de sua família os conhecimentos tecnológicos,

facilitando a relação entre a pessoa idosa e a tecnologia. Desse modo, pode-se inferir que as ações intergeracionais contribuem para que haja uma coeducação entre as gerações.

Considerações finais

Este estudo se propôs realizar uma revisão sistemática de literatura, que objetivou apontar o estado atual do conhecimento, a respeito do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens, bem como de aspectos que o perpassem, como um todo. Na busca pelo material, percebeu-se uma produção escassa sobre o tema da relação entre essas duas gerações, especialmente no tocante ao relacionamento entre as díades avó-netos (as) e tios (as)-sobrinhos (as), de idosos e adultos jovens, o que justifica a relevância do presente estudo. Para além de outros dados percebidos, e já comentados na análise e discussão, vale ressaltar a necessidade de estudos interventivos, que reúnam idosos e adultos jovens da mesma família, a fim de promover a solidariedade intergeracional, num contexto tão carente de afeto e aproximação entre as gerações.

Em busca de respostas à pergunta norteadora “Como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família”, emergiram os seguintes eixos temáticos: Percepção das gerações jovens acerca da velhice; A dinâmica do relacionamento intergeracional na percepção de idosos; Características da relação entre os idosos e as gerações jovens; Intervenções facilitadoras da relação entre os idosos e as gerações jovens.

Sobre a percepção das gerações jovens acerca da velhice, essa visão irá variar de acordo com o tipo de sociedade, se ocidental ou oriental. As orientais têm uma visão positiva sobre a velhice, enquanto, nas ocidentais, há uma tendência de uma percepção negativa. A dinâmica do relacionamento intergeracional na percepção de idosos tem uma conotação positiva, embora reconheçam que o mundo do trabalho e a era tecnológica, de certo modo, têm contribuído para um certo distanciamento entre eles. Quanto às características da relação entre os idosos e as gerações jovens, reconhece-se que as transformações contemporâneas no sistema familiar, consequentes do modo de viver contemporâneo, contribuem para a *insuficiência familiar* em relação à pessoa idosa, muitas vezes provocando a solidão nessas pessoas e até mesmo a depressão. Todavia, ressalta-se a importância de se promover encontros entre essas gerações, o que contribui para a desconstrução da visão negativa sobre o velho, o fortalecimento dos vínculos, a troca de saberes, e sobretudo o bem-estar para ambos.

Reconhece-se que o presente estudo tem suas limitações, dentre elas, a possibilidade de se encontrarem outros resultados em outras bases de dados não consultadas, como também se houvesse a utilização de livros e capítulos, entre outros. Nesse sentido, sugerem-se futuras pesquisas, que aprofundem os estudos sobre o relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens da mesma família, com o objetivo de fortalecer os laços entre essas gerações, o que representará mais ganhos para ambas (Estatuto do Idoso, 2003; Estatuto da Juventude, 2013; Côrte & Ferrigno, 2016; Ferrigno, 2018). Todavia, espera-se ter contribuído, ainda que minimamente, para compreender como se dão as relações entre idosos e adultos jovens e para instigar a realização de novas pesquisas que se debrucem sobre a temática.

Referências

- Alcântara, A. O., Camarano, A. A., & Giacomini, K. C. (2016). *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro, Brasil: IPEA.
- *Augustin, F., & Freshman, B. (2016). The effects of service-learning on college students' attitudes toward older adults. *Gerontology & Geriatrics Education*, 37 (2), 123-144.
- Batistoni, S. S. T. B., Neri, A. L., Tomomitsu, M. R. S. V., Vieira, L. A. M., Oliveira, D., Cabral, B. E., & Araújo, L. F. (2013). Arranjos domiciliares, suporte social, expectativa de cuidado e fragilidade. In A. L. Neri (Org.), *Fragilidade e qualidade de vida na velhice* (pp. 267-281). Campinas, SP/Brasil: Editora Alínea.
- Bertalanffy, L. V. (2008). *Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Berthoud, C. M. E., & Bergami, N. B. B. (2010). Família em fase de aquisição. In C. M. O. Cerveny, C. M. E. Berthoud, & Colaboradores (Eds), *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (pp.46-71). São Paulo, SP/Brasil: Casa do Psicólogo.
- Brasil. Presidência da República. (2003). *Estatuto do Idoso Lei n. 10.741 de 1º de outubro de 2003*. Diário Oficial da União, 3 de outubro de 2003, edição 192. D. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70326/672768.pdf>
- Brasil. Presidência da República. (2013). *Estatuto da Juventude – Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htmBrasil.~
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). *Sinopse do Censo Demográfico 2010*. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&i_pagina=1.

- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2016). *População – projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação – Índice de Envelhecimento*. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2018). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção básica. (2007). *Cadernos de atenção básica: envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. N. 19. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad19.pdf
- Brasil. Presidência da República. Casa civil. Subchefia para assuntos jurídicos. (1994). *Política Nacional do Idoso – PNI. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm
- *Braz, A. C. (2013). *Habilidades sociais e solidariedade intergeracional no relacionamento entre pais idosos e filhos adultos* (Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos). Recuperado de <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>
- Biblioteca Virtual em Saúde - BVS. (2018). *DeCS - Descritores em Ciências da Saúde*. Recuperado de <http://decs.bvs.br/>.
- Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA.
- Camarano, A. A. (2016). Introdução. In A. O. Alcântara, A. A. Camarano, & K. C. Giacomini (Orgs.), *Política Nacional do Idoso* (pp.15-47). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: IPEA.
- *Camilli, C., Millan, A., & Tirro, V. (2010). Una mirada al significado que le atribuyen a la vejez los jóvenes estudiantes de la Universidad Metropolitana de Caracas, Venezuela. *Anales de la Universidad Metropolitana*, 10 (2), pp. 227-251. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3408860.pdf>
- Cervený, C. M. O., Berthoud, C. M. E., & Colaboradores. (2010). *Família e Ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- *Cheng, Y. P., Birditt, K. S., Zarit, S. H., & Fingerman, K. L. (2015). Young adults' provision of support to middle-aged parents. *The Journals of Gerontology, Series B, Psychological Sciences and Social Sciences*, 70 (3), 407- 416.
- Côrte, B., & Ferrigno, J. C. (2016). Programas Intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1526-1534). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.

- *D'Alencar, R. S. (2012). (Re) meaning the solidarity in the old age: beyond consanguineous ties. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences (UEM)*, 34(1), 9-17.
- Dias, C. M. S. B. (2015). As relações intergeracionais na família: desafios e possibilidades. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp.93-102). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ed. PUC-Rio – Prospectiva.
- Ferreira, H. G., & Barham, E. J. (2016). Relações sociais, saúde e bem-estar na velhice. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1490-1497). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- *Ferreira, C. K, Massi, G. A. A., Guarinello, A. C., & Mendes, J. (2015). Encontros Intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e idosos. *Revista Puc SP: Distúrbios de Comunicação*, 27 (2), 253-263. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/20409/16982>
- Ferrigno, J. C. (2006). A co-educação entre gerações. *Revista Brasileira de Educação Física Especial*, 20 (5), 67-69. Recuperado de <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/>
- Ferrigno, J. C. (2008). Apresentação. In C. R. Lima (Org.), *Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*, (pp.11-13). Campinas, SP/Brasil: Ed. Alínea.
- Ferrigno, J. C. (2018). Netas Cuidadoras de Avós Fragilizados: Uma Especial Relação de Gerações, *Revista Portal de divulgação*, 57(9), p.16-21. Recuperado de <http://portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/723/786>.
- Gil, G., & Lopes, R. G. C. (2014). Programas Intergeracionais no Brasil: Revisão bibliográfica. *Revista portal de Divulgação*, 4(40), 120-127. Recuperado de www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista
- *Henriques, C. R. (2009). *Entre o aconchego e os detalhes do cotidiano: a relação pais e filhos adultos* (Tese de doutorado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro). Recuperado de <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>
- Lima, C. R. (2008). *Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Lima, G. S. (2012). Executivos jovens e seniores no topo da carreira: conflitos e complementaridades. *REAd. Revista Eletrônica de Administração*, 71 (1), pp. 63-96. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/read/v18n1/v18n1a03>
- Lipovetsky, G. (2005). *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo Contemporâneo*. Barueri, SP: Manole.
- Lopes, E. S. L. (2005). *Representação social de velhos e velhice para crianças: contatos intergeracionais no projeto Jarinu tem memória* (Dissertação de mestrado em

- Gerontologia, UNICAMP, Campinas, SP). Recuperado de <http://www.bv.fapesp.br/en/dissertacoes-teses/75532/>
- *McKinnon, B., Harper, S., & Moore, S. (2013). The relationship of living arrangements and depressive symptoms among older adults in sub-Saharan Africa. *BMC Public Health*, pp.2-9. Recuperado de <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/1471-2458-13-682?site=bmcpublichealth.biomedcentral.com>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, SP: Ed. Hucitec.
- Miranda, D. S. (2013). Um programa para todas as idades. *Caderno Sesc de Cidadania e intergeracionalidade*, 4(8), 4-13. Recuperado de www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista
- *Moral Jiménez, M. V. (2017). Programas intergeneracionales y participación social: la integración de los adultos mayores españoles y latinoamericanos en la comunidad. *Universitas Psychologica*, 16(1), 1-19.
- Neri, A. L. (2008). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- *Oliveira, M. B. (2013). *Um pai cuida de dez filhos, mas dez filhos não cuidam de um pai: transferências familiares entre gerações* (Dissertação de mestrado em economia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa). Recuperado de <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>
- *Oliveira, G. A. S. (2015). *Percepção dos vínculos e Relacionamento entre Netos Adultos e seus Avós*. (Dissertação de mestrado em psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife). Recuperado de <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>
- Oliveira, A. L. (2017, julho). Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais. In *V Congresso A voz dos Avós: Família e Sociedade*, Anais do V Congresso “A voz dos Avós: Família e Sociedade”. Salvador, Bahia.
- Oliveira, A. L., Villas-Boas, S., & Ramos, N. (2017). Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais: um estudo sobre atividades de voluntariado. In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.259-269). Curitiba, PR/Brasil: Ed.CRV.
- Organização Mundial de Saúde - OMS. Portal Brasil. (2015). *Relatório mundial de saúde e envelhecimento*. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/idosos-serao-um-quinto-do-planeta-em-2050-diz-oms-17649843>
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2002). *Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento*. Madri, Espanha: PNUD.

- Organização das Nações Unidas - ONU. (2016). *População idosa mais do que dobrará até 2050: especialista da ONU pede foco em direitos*. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/populacao-idosa-mais-do-que-dobrara-ate-2050-especialista-da-onu-pede-foco-em-direitos/>
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2017). *Países dos BRICS terão 940 milhões de idosos até 2050*. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/paises-dos-brics-terao-940-milhoes-de-idosos-ate-2050/>
- Osório, L. C. (2013). *Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais e famílias, empresas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Ossó, A. B. (2014). *Escuchar, observar y comprender: recuperando la narrativa en las ciencias de la salud*. Barcelona, Catalúnia: Taller Gráfico.
- Papalia, D. E., & Feldman, R.D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre, RS: AMGH.
- Piletti, N., Rossato, S.M., & Rossato, G. (2017). *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo, SP: Contexto.
- *Pires, L. L. A. (2013). Envelhecimento, tecnologias e juventude: caminhos percorridos por alunos de cursos de informática e seus avós. *Estudos Interdisciplinares e Envelhecimento*, 18 (2), 293-309. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/34181>
- Rabelo, D. F. (2016). Os idosos e as relações familiares. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1490-1497). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Ramos, M. (2002). Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, 4 (7), 156-175. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/868/86819567007.pdf>
- *Rittirong, J., Prasartkul, P., & Rindfuss, R. R. (2014). From whom do older persons prefer support? The case of rural Thailand. *Journal of Aging Studies*, 31, 171-181.
- Santos, A. S. S. C. (2001). Envelhecimento: Visão de filósofos da antiguidade Oriental e Ocidental. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 2 (1), p. 88-94. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/5837/4146>.
- *Silva, D. M. (2013). *A família intergeracional na ótica de idosos* (Dissertação de mestrado em enfermagem e saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié). Recuperado de <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>
- *Silva, D. M., Vilela, A. B. A., Oliveira, D. C., & Alves, M. R. (2015). A estrutura da representação social de família para idosos residentes em lares intergeracionais. *Revista de Enfermagem*, 23 (1), 21-26.
- *Silva, D. M., Vilela, A. B. A., Nery, A. A., Duarte, A. C. S., Alves, M. R., & Meira, S. S. (2015). Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20 (7), 2183-2191.

- *Souza, E. M. (2011). Intergenerational integration, social capital and health: a theoretical framework and results from a qualitative study. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16 (3), 1733-1744.
- *Souza, A., Pelegrini, T. S., Ribeiro, J. H. M., Pereira, D. S., & Mendes, M. A. (2015). Conceito de insuficiência familiar na pessoa idosa: análise crítica da literatura. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68 (6), 1176-1185.
- *Thanakwang, K. (2015). Family support, anticipated support, negative interaction, and psychological well-being of older parents in Thailand. *Psychogeriatrics the official Journal of the Japanese Psychogeriatric Society*, 15 (3), 171-178.
- *Tiedt, A. D, Saito, Y., & Crimmins, E. M. (2016). Cross-national research: Depressive Symptoms, Transitions to Widowhood, and Informal Support From Adult Children Among Older Women and Men in Japan. *Research on Aging*, 38 (6), 619-642.
- Tsai, F. J., Motamed, S., & Rougemont, A. (2013). The protective effect of taking care of grandchildren on elders' mental health? Associations between changing patterns of intergenerational exchanges and the reduction of elders' loneliness and depression between 1993 and 2007 in Taiwan. *BMC Public Health*, 10, 3-9.
- UNESCO. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Distrito Federal, Brasília: UNESCO BID. Recuperado de <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>
- *Vicente, H. T., & Sousa, L. (2012). Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas. *Revista Kairós*, 15 (11), 75-98. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/12778>
- *Zeng, W., North, N., & Kent, B. (2013). Family and social aspects associated with depression among older persons in a Chinese context. *International Journal of Older People Nursing*, 8 (4), 299-308.
- *Zapata Lopez, B. (2015). Apoyo social y familiar del adulto mayor del área urbana. Angelópolis, Antioquia 2011. *Revista de Salud Pública = Journal of Public Health*, 17 (6), 848. Recuperado de <http://search.proquest.com/openview/1ff71a82e9922a7419e192f333d6c269/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2035756>.

***Observação:** os artigos com o sinal asterisco, são os que compuseram a Revisão Sistemática. Os outros estão registrados aqui, porque todos os autores citados no corpo do texto precisam está nas referências.

ESTUDO II

PERCEPÇÃO DO RELACIONAMENTO ENTRE IDOSOS E ADULTOS JOVENS DA MESMA FAMÍLIA: UM OLHAR A PARTIR DOS GRUPOS FORMADOS PELAS DÍADES AVÓS-NETOS(AS), TIOS(AS)-SOBRINHOS(AS) E MÃES-FILHOS(AS)

Resumo: Esta pesquisa se propôs compreender como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, considerando-se também a *família extensa e abrangente*, a partir da percepção dos grupos formados por seis díades de avós-netos(as), três de tios(as)-sobrinhos(as), e três de mães-filhos(as). Mais especificamente, visou a analisar e descrever na percepção deles: 1) as características da relação; 2) a influência mútua; 3) os fatores positivos e/ou negativos presentes na relação; 4) propostas de intervenções que facilitem essa relação. Utilizou-se o método qualitativo, de corte transversal e com uma amostra por conveniência. Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: questionário sociodemográfico e roteiro de entrevista semiestruturado. Participaram da pesquisa 12 idosos(as), com idades entre 62 e 74 anos, e 12 adultos jovens na faixa etária de 19 a 40 anos. Os dados foram avaliados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temática e demonstraram que a maioria das díades/grupos percebem uma relação distante entre as duas gerações, de maneira geral. Entretanto, com a pessoa que escolheram para compor a díade, juntamente com ele(ela), existe uma interação caracterizada por proximidade e alicerçada no acolhimento, atenção, cuidado, carinho, comunicação e respeito. Admitiram que há uma influência mútua, mas que existem fatores negativos e positivos na relação. Para facilitar o relacionamento entre as duas gerações, eles elencaram algumas estratégias, tais como: os jovens procurarem ter tempo para os idosos da família, conversar e cada um procurar entender as características de cada geração.

Palavras-chave: Relação entre gerações; Família; Idoso(a); Adulto jovem; Intergeneracionalidade.

Introdução

O “relacionamento entre as gerações” ou “Intergeneracionalidade” significa a relação entre pessoas de faixas etárias diferenciadas e têm como características a comunicação, o cuidado, a responsabilidade, a fidelidade e até os conflitos entre indivíduos com ou sem parentesco (BVS /DeCS – Biblioteca Virtual de Saúde: Descritores em Ciências da Saúde, 2018; Dias 2015; Lopes, 2008). “Idoso”, cronologicamente falando, é a pessoa com idade a partir dos 60 anos nos países em desenvolvimento, e 65 anos, nos países desenvolvidos (BVS/DeCS, 2018; Estatuto do Idoso, 2003; Neri, 2008). “Adulto jovem” são os sujeitos entre 19 e 40 anos de idade (BVS/DeCS, 2018; Papalia & Feldman, 2013; Piletti, Rossato & Rossato, 2017).

Nesta pesquisa, entende-se como adulto jovem as pessoas na faixa etária entre 19 e 40 anos de idade, e idosas a partir dos 60 anos. Porém, dentre as tipologias de idosos, participaram os considerados *idosos jovens*, pessoas que estão entrando para velhice (60 até os 74 anos), que costumam estar ativas, cheias de vida e vigorosas (Schneider & Irigaray, 2008) por conseguinte, com mais condições de atender aos critérios de inclusão do estudo.

“Família” é um *sistema aberto* composto por *subsistemas* (pais, filhos, avós, netos, tios, sobrinhos e demais parentes) que interatuam entre si e com o meio ambiente em todos os seus aspectos (biossócio-histórico cultural), na busca da *homeostase familiar* (Bertalanffy, 2008; BVS/DeCS, 2018). A família pode apresentar-se como *nuclear* (conjugal: pai-mãe-filhos), *extensa* (consanguínea: membros que tenham qualquer laço de parentesco entre si) e *abrangente* (inclui os não parentes) (Osório, 2013).

De acordo com a teoria proposta por Bertalanffy (2008), a compreensão da família enquanto um *sistema*, com foco na relação e interação entre as partes do todo que a compõem, é de suma importância para o entendimento de como se dão as relações entre as gerações de idosos e adultos jovens da mesma família, num contexto em que é constantemente afetada pelo contexto de cada época e lugar, ou seja, pelo macrossistema social, o que caracteriza a propriedade *intercâmbio constante com o meio* (Souza, et al. 2015).

Moreira, Rabinovich e Ramos (2017, p. 17) afirmam que “a família tanto pode ser vista como um todo, como composta por partes e como parte de um todo composto pelas demais partes da sociedade, como exemplo das demais famílias”. Dessa forma, as autoras mencionadas legitimam que “um tema que une todo este complexo é o da intergeracionalidade, que emerge como transversal a estas várias vertentes de se conceber e enfocar o estudo da família”.

Donati (2008) conceitua a família como um organismo capaz de oferecer bens relacionais, proporcionando aos seus membros proveitos procedentes da própria vinculação que se estabelece a partir do desenvolvimento das relações familiares. Como elementos subjetivos, esses bens são assegurados a partir da afetividade, da convivência e da proteção mútua que se estabelece por vinculações afetivas e solidárias. O mesmo autor, em outro texto (2012), ressalta que a família é recurso, enquanto relação, que pode produzir riqueza para os distintos membros, para o grupo familiar no seu conjunto e para a sociedade, em termos materiais, psicológicos, sociais e culturais, de forma sistêmica em sua interação no constante *intercâmbio com o meio*.

Por outro lado, Petrini e Fornasier (2017) afirmam que existe na sociedade atual uma redução da cooperação entre gerações e que diversos fatores convergem para enfraquecê-la;

fato que constitui grande prejuízo, principalmente para o relacionamento entre idosos(as) e adultos jovens. Conforme os autores, essa cooperação é característica essencial das mais distintas formas de família e que um grupo de pessoas é reconhecido como família quando se configura com uma relação de plena reciprocidade entre os sexos e entre as gerações. Nesse sentido, ressaltam que “uma sociedade será tanto mais civilizada, solidária e capaz de viver em paz quanto maior for essa cooperação” (Petrini & Fornasier, 2017, p. 29).

Entretanto, os autores supracitados advertem que, na sociedade contemporânea, é justamente essa cooperação que entra em crise, dando lugar a conflitos e disputas. Assim, a família passa a ser percebida com menor interesse, o que amplia a probabilidade para a quebra dos vínculos. Nessa linha, os autores salientam que “difunde-se uma imagem de vida adulta ‘livre’ da convivência familiar, reforçando a tendência que considera dispensável o vínculo” (Petrini & Fornasier, 2017, p. 29). Nesse sentido, a dispensa do vínculo reverbera em prejuízo para a família, sobretudo para as gerações entre idosos e adultos jovens, devido às perdas oriundas da menor interação.

Os autores mencionados afirmam ainda que, num contexto de degradação do tecido social presente atualmente, o futuro de uma sociedade globalizada, cada vez mais marcada pelos fenômenos da urbanização, mobilidade humana e alta velocidade de comunicação, dependerá de sua capacidade em promover uma verdadeira e profunda cultura da família que assuma a questão da ligação entre a felicidade privada e a pública.

Donati (2013) ressalta que, para isso acontecer, faz-se necessária a transformação dos sistemas econômicos que dificultam as relações familiares com suas exigências de máximo lucro e produção, que impedem uma maior proximidade entre as gerações, sobretudo entre idosos e adultos jovens. Os jovens, nessa fase de sua vida, estão em pleno processo de aquisição de sua estabilidade profissional e pessoal e o tempo para se dedicar aos idosos se torna insuficiente, principalmente por ter que trabalhar muito para obter uma vida mais confortável (Berthoud & Bergami, 2010). Por outro lado, sobra tempo para a maioria dos idosos, que já estão aposentados e sem outra atividade laboral, ocorrendo assim um descompasso temporal entre essas gerações.

Nesse sentido, Ferrigno (2005, 2006, 2008, 2010, 2016, 2018) confirma que a menor proximidade entre as gerações de idosos e adultos jovens tem originado um distanciamento, o que se constitui um problema preocupante, em um contexto em que a população mundial está envelhecendo (Organização das Nações Unidas - ONU, 2002, 2016, 2017; Organização Mundial de Saúde - OMS, 2015; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2018). Existe uma preocupação com o aumento crescente do número de idosos(as), principalmente

nos países emergentes como o Brasil, que no ano de 2025 será o sexto país do mundo em número de pessoas idosas (Camarano, 2004). Como consequência desse distanciamento, origina-se um grande prejuízo para essas gerações, sobretudo para os idosos, pois muitos, devido à solidão, entram num estado de melancolia e, por vezes, em depressão. Admite-se que essa patologia será a primeira causa de incapacitação nas pessoas idosas no ano de 2020 (Ministério da Saúde, 2007).

Desse modo, com o maior alcance da longevidade, cada vez mais, as gerações estão convivendo por mais tempo, podendo chegar até quatro, cinco ou mais gerações numa mesma família (Ramos, 2017; Schmidt, 2010). Por outro lado, a forma como se processa esse relacionamento é um importante preditor do bem-estar dos idosos e também dos adultos jovens (Ferrigno, 2016, 2018).

Nesse sentido, Ramos (2002) adverte que a deterioração da saúde dos idosos pode ser causada não só pelo processo natural do envelhecimento, mas também pela falta de qualidade nas relações sociais. De igual modo, as amizades são importantes na vida dos jovens, em um momento do curso de vida que precisam de apoio dos mais velhos para o seu bem-estar, para fazer face aos desafios da fase de aquisição, quando a estabilidade na carreira e na vida afetiva sofre oscilações (Dias, 2015).

Do mesmo modo, Oliveira (2015) e Dias (2015) afirmam que o encontro entre essas duas gerações é um terreno fértil para mudanças nas concepções preconceituosas sobre o que é ser velho e o que é ser jovem. Também contribui para as melhores condições de saúde, qualidade de vida e desenvolvimento, permitindo aos idosos e adultos jovens compartilharem formas de existir no mundo, através da singularidade das experiências de épocas diferentes, gírias, modismos e pensamentos que eles carregam ao longo da existência.

Ferrigno (2016, p. 211), escrevendo sobre “o idoso como mestre e aluno das novas gerações”, propõe que o binômio educação e geração se caracteriza por um vínculo indissociável. Ele pontua que a educação está necessariamente articulada à sucessão e à renovação das gerações por meio do repasse da experiência, sem o qual a edificação da cultura humana não se concretiza e perpetua.

Nesse sentido, o autor supracitado afirma que a relação entre essas gerações pressupõe e suscita processos específicos de transmissão, socialização, formação, ensino e aprendizagem. Ele refere que o professor também aprende com seus alunos, assim como o pai/mãe com seus filhos. Isso posto, ressalta que a coeducação de gerações não só expressa a ideia dos mais

velhos como educadores, mas também como educandos. Desse modo, nessa troca, promove o desenvolvimento ético e cultural, além da humanização das relações interpessoais.

Dias (2015, p. 93) ressalta a preocupação de pesquisadores da área do envelhecimento em estimular essas relações, uma vez que “cada geração tem recursos, experiências e aprendizagens a partilhar uma com a outra”. A autora salienta que essa interação “favorece a percepção positiva mútua, atenua os medos, as tensões e os preconceitos que possam ter, especialmente no que se refere à velhice”. A visão de muitas crianças e jovens sobre a pessoa idosa ainda é perpassada por preconceitos que existem no imaginário social, tais como “pessoas idosas aborrecidas, feias, cansadas e improdutivas”. Assim, reforça a autora, “o contato e a oportunidade de compartilhar experiências favorecem que as diferentes gerações possam diminuir o temor e os conflitos que podem ocorrer entre elas” (p.93).

Nesse contexto, surge a necessidade de promover relações estáveis entre as gerações e, para isso, é importante a realização de pesquisas que estudem o relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens da mesma família, assunto ainda pouco explorado no Brasil. A esse respeito, Dias e Oliveira (2017, p.125) referem que, apesar do avanço nas produções científicas sobre a temática do relacionamento entre avós e netos, “ainda são escassos os trabalhos científicos que enfocam especialmente a relação entre netos adultos e seus avós”. E há uma carência ainda maior sobre pesquisas acerca do relacionamento entre tios(as) idosos e sobrinhos(as) adultos jovens.

Face ao exposto, o presente estudo se propôs a compreender como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, considerando-se também a *família extensa e abrangente*, a partir da percepção dos grupos formados pelas díades avós-netos(as), tios(as)-sobrinhos(as), mães-filhos(as). Mais especificamente, almejou analisar e descrever na percepção deles: 1) as características da relação; 2) a influência entre eles; 3) os fatores positivos e/ou negativos presentes na relação; 4) propostas de intervenções que facilitem essa relação. Uma vez que se estará estudando a relação, julgou-se ser a Teoria Geral de Sistemas de Bertalanffy (2008), o embasamento teórico propício para a compreensão do fenômeno.

Método

O método utilizado para a realização desta pesquisa foi o qualitativo, que, segundo Minayo (2014, p. 54), é o “mais utilizado pelas ciências sociais”. A autora supracitada reforça que esse é o método que “se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das

crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. Salienta ainda, que “as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e documentos” (p. 57).

Participantes

Os participantes foram idosos e adultos jovens, que tinham relação de parentesco, formando díades compostas por: mãe-filho(a), avó-neto(a), avô-neto(a), tio-sobrinho(a), tia-sobrinho(a). Especificamente, fizeram parte da pesquisa 12 adultos jovens, com idades entre 22 e 40 anos, independente de classe social, sexo, religião, estado civil e profissão. Também participaram 12 idosos, com idades entre 62 e 74 anos, que tinham condições cognitivas de responder aos instrumentos da pesquisa, também independente de classe social, sexo, religião, estado civil e profissão. Foram utilizados nomes fictícios para preservação de sua identidade, assim como foi solicitada autorização para gravar e transcrever as entrevistas. Cada grupo, de mãe-filhos(as), avós-netos(as), tios(as)-sobrinhos(as), foi constituído por díades identificadas por letras do alfabeto, e seus participantes receberam nomes iniciados pela mesma letra.

Esclarece-se que os primeiros 12 participantes foram indicados por pessoas do conhecimento da pesquisadora. E os outros 12, que formaram as díades, foram indicados pelos primeiros doze entrevistados, sendo que essa indicação levou em consideração a pessoa com quem tinham mais proximidade afetiva. Tanto, os sujeitos idosos, como os adultos jovens, tinham outros familiares na idade proposta para o estudo, mas foi o vínculo afetivo mais forte que orientou a escolha. Vale salientar que a pessoa idosa indicou um adulto jovem, e o adulto jovem indicou uma pessoa idosa para formar a díade. Também que ambos foram entrevistados individualmente, em dias diferentes, e responderam de forma oral.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico: para o idoso e o adulto jovem: composto de informações sobre os participantes tais como idade, sexo, escolaridade, relação de parentesco, entre outros (Vide apêndice F, para o adulto jovem e apêndice C, para o idoso).

Roteiro de entrevista semiestruturado: composto por questões elaboradas pela pesquisadora, que obedeceram aos objetivos da pesquisa e que foram conduzidas de forma semidirigida (Vide apêndice D para o idoso, e apêndice G para o adulto jovem). Tratou-se de uma entrevista em que o entrevistado teve a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (Deslandes, Gomes & Minayo, 2008), havendo um roteiro para pessoas idosas (Apêndice D) e adultos jovens (Apêndice G).

Procedimento de coleta dos dados

Inicialmente, o projeto seguiu para a aprovação pelo Comitê de Ética da UNICAP/Plataforma Brasil. Após a aprovação pelo Comitê de Ética, sob o número de parecer 1.947.588, em 02 de março de 2017, a pesquisadora iniciou a pesquisa de campo, precisamente em 03 de março de 2017, encerrando-a em 30 de julho do mesmo ano.

Conforme mencionado na sessão dos participantes, os primeiros seis idosos (as) e seis adultos jovens foram indicados por pessoas do conhecimento da pesquisadora. E os outros seis idosos (as) e seis adultos jovens, para formar as díades, foram indicados pelos primeiros doze participantes (o adulto jovem indicou o idoso, e vice-versa). Assim foram formadas as 12 díades: seis de avós-netos (as), três de tios (as)-sobrinhos (as), três de mães-filhos (as), ou seja, 24 participantes, considerando a família nuclear, extensa e abrangente.

Após a indicação, a pesquisadora telefonou para os 12 primeiros participantes e lançou o convite explicando sobre a importância da contribuição deles na pesquisa. Após os esclarecimentos, eles aceitaram participar. Nesse momento, a pesquisadora marcou um horário propício para eles e, posteriormente, foi ao encontro de cada um. Eles foram entrevistados separadamente em local de sua preferência.

No dia e local agendados pelo participante, ele foi convidado a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, quando idoso (a) (Apêndice B) e quando adulto jovem (Apêndice E), e de acordo, assinou. Em seguida, respondeu individualmente, de forma oral, ao Questionário sociodemográfico e ao Roteiro de entrevista semiestruturado. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Foi enfatizada a garantia do sigilo das informações.

Todos os participantes foram informados da gravação da entrevista bem como da anotação e transcrição dos conteúdos. Todos receberam um nome fictício.

Procedimento de análise dos dados

O procedimento de análise selecionado para esta pesquisa, foi a *Análise de conteúdo Temática*, referenciado por Minayo (2014, p. 315 à 318). Ele nos remete à noção de *tema*, que está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, de uma frase, de um resumo. Consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem uma comunicação, cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado.

Operacionalmente, a análise temática desdobra-se em três fases, 1ª etapa: *pré-análise* (composta de leitura flutuante, constituição do *corpus* e formulação de hipóteses); 2ª etapa: *exploração do material* (consiste em elaborar as categorias de análise) e 3ª etapa: *análise e interpretação do material*.

Análise e Discussão dos resultados

Para compreender como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, como um todo, como propõem a Teoria Sistêmica e o pensamento sistêmico novo paradigmático, que parte do pressuposto da simplicidade para a complexidade, buscou-se entrevistar as duas gerações de acordo com o grupo ao qual pertenciam, se avós-netos(as), tios(as)-sobrinhos(as), mães-filhos(as), e posteriormente, descreveu-se, analisou-se e discutiram-se os resultados como um todo. Ao considerar que o todo é maior que a soma de suas partes, conforme o pensamento sistêmico, faz-se necessário, para se obter a visão desse todo, analisar a complexidade do fenômeno na relação entre essas duas gerações. Desse modo, as características sociodemográficas colaboram para essa discussão.

Quadro 1 - Dados sociodemográficos dos participantes

DÍADE	NOME	SEXO	IDADE	GRAU DE PARENTESCO	PADRÃO SOCIAL*	GRAU ESCOLAR	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL
				GRUPO I: AVÓS-NETOS(AS)				
A	ANA	F	67	Avó por afinidade (sem laço sanguíneo)	B1	4º ano do ensino fundamental	Empresária	Viúva
A	*ADALF	M	25	Neto por afinidade (sem laço sanguíneo)	B2	3º grau completo e mestrando - Engenheiro	Empresário e estudante	Casado
B	BENTA	F	65	Avó materna	C1	Ensino médio completo	Aposentada	Viúva
B	*BELLA	F	22	Neta materna	C1	3º grau incompleto	Estudante	Solteira
C	CASSIO	M	74	Avô paterno	C2	4ª série do ensino fundamental	Aposentado	Casado
C	*CAUAN	M	22	Neto paterno	B1	3º grau incompleto	Estudante	Solteiro
D	DARA	F	62	Avó materna	C1	Ensino médio completo	Do lar - Pensionista	Viúva
D	*DÁLIA	F	23	Neta materna	B2	3º grau incompleto	Estudante	Solteira
E	ELOÁ	F	74	Avó paterna	B2	Ensino médio completo	Aposentada	Viúva
E	*ELLEN	F	28	Neta paterna	B2	3º grau completo - Psicóloga	Analista de Recursos Humanos	Solteira
F	*FLORA	F	68	Avó paterna	C1	4º ano do Ensino Fundamental	Do lar - Pensionista	Solteira
F	FANY	F	27	Neta Paterna	B2	3º grau completo e especialização Enfermeira	Nutricionista	Solteira
				GRUPO II: TIOS(AS)-SOBRINHOS (AS)				
G	GILCA	F	69	Tia Paterna	B2	3º grau completo Licenciatura em matemática	Aposentada	Solteira
G	*GABY	F	24	Sobrinha paterna	B2	3º grau incompleto	Estudante	Solteira
H	*HERON	M	67	Tio paterno	B2	5º ano do Ensino Fundamental	Motorista - Aposentado	Casado
H	HIAN	M	23	Sobrinho paterno	B1	3º grau incompleto	Estudante	Solteiro
I	*IRIS	F	67	Tia materna	B2	Ensino médio completo	Do lar - Pensionista	Casada
I	ISIS	F	27	Sobrinha materna	B2	3º grau completo e faz especialização Biomédica	Biomédica e Estudante	Solteira
				GRUPO III: MÃES-FILHOS(AS)				
J	*JANE	F	66	Mãe	B2	Ensino médio completo	Do lar - Aposentada	Casada
J	JULIE	F	38	Filha	B2	Ensino médio completo	Empresária	Casada
L	LAURA	F	65	Mãe por afinidade (sem laço sanguíneo)	B2	Ensino médio completo	Chefe de enfermagem	Solteira
L	*LUAN	M	40	Filho por afinidade (sem laço sanguíneo)	C2	Técnico em enfermagem	Técnico em enfermagem	União estável
M	*MARIA	F	67	Mãe	B2	4º ano do ensino fundamental	Do lar Pensionista	Viúva
M	MALU	F	33	Filha	B2	Ensino médio completo	Assistente administrativa	Solteira

*O sinal asterisco identifica o participante que indicou o outro componente da díade.

Fonte: Elaboração própria

*Classificação Socioeconômica / Estrato Socioeconômico / Padrão Social: Renda média domiciliar A R\$ 23.345,11 - B1 R\$ 10.386,52 - B2 R\$ 5.363,19 - C1 R\$ 2.965,69 - C2 R\$ 1.691,44 - D-E R\$ 708,19, segundo dados do Critério de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2018).

Nesta seção, serão apresentados os resultados e a análise e discussão dos dados obtidos na pesquisa: 1) Perfil sociodemográfico dos participantes; 2) Um pouco da história das díades; 3) Os eixos temáticos selecionados a partir dos objetivos específicos.

1. Perfil sociodemográfico dos participantes

Conforme o quadro 1, os idosos e os adultos jovens estão caracterizados de acordo com o grupo e a díade de que fazem parte, e distribuídos em ordem alfabética, da seguinte forma: Grupo I: avós e netos(as); Grupo II: tios(as) e sobrinhos(as); Grupo III: mães e filhos(as). Os participantes que indicaram o componente da díade estão identificados pelo sinal asterisco (*):

Conforme o quadro de dados sociodemográficos, apresentado acima, participaram 12 díades compostas por 12 idosos e 12 adultos jovens, somando 24 participantes. Predominaram as díades avós-netos(as) (6), (sendo uma díade por afinidade: Ana e Adalf); seguidos por tios(as)-sobrinhos(as) (3); e, mães-filhos(as) (3), (sendo uma díade por afinidade: Laura e Luan). As duas gerações tinham em suas famílias idosos e adultos jovens e escolheram aquele(a) por quem tinham uma relação de mais proximidade, sobressaindo-se os parentes com vinculação paterna, tanto nas díades avós-netos(as), quanto nas tios(as)-sobrinhos(as). Vinte participantes foram de parentesco natural/consanguíneo, e, quatro de parentesco por afinidade, ou seja, na relação por afinidade, na maioria das vezes, não há parentesco consanguíneo (Neves, 2015); essas pessoas compõem a família abrangente (Osório, 2013).

Os (as) idosos (as) tinham idades entre 62 e 74 anos. Foram de ambos os sexos, sendo dez do sexo feminino e dois do sexo masculino. Em relação ao estado civil: sobressaíram os(as) viúvos(as) (5), todas mulheres; seguidos dos casados(as) (4); e solteiros (as) (3), mulheres. A maioria de padrão social B2 (7), seguidos por padrão social C1 (3), B1 (1) e C2 (1). A maior parte possui o ensino médio completo (6); seguido pelo ensino fundamental (5); e o ensino superior completo (1). Quanto à profissão, predominaram os aposentados (as) e pensionistas, que não trabalham fora de casa, (10); empresária (1) e chefe de enfermagem (1). Sobre a religião, a maioria é cristã (7) e o aparecimento desse dado não foi intencional.

Os adultos jovens estavam na faixa etária entre 22 e 40 anos, de ambos os sexos, predominando o feminino (8), e masculino (4). A maioria de padrão social B2 (9), seguidos de B1 (1), C2 (1) e C1 (1). A maior parte é formada por universitários graduados (5), dentre esses, um fazendo o mestrado e duas cursando especialização; seguidos por graduandos (4) e

ensino médio completo (3). Quanto à atuação profissional, a maioria só estudava (5), seguida por três que trabalhavam e estudavam, e os demais só trabalhavam (4). Em relação ao estado civil predominaram os (as) solteiros (as) (10), casado (1) e união estável (1). Acerca da religião, a maior parte são cristãos (10), e dois sem religião, porém ressalta-se, que o aparecimento desse dado não foi intencional.

2. *Um pouco da história das díades*

Inicialmente, é importante pontuar o bom acolhimento que a pesquisadora recebeu ao convidar os participantes. Eles se mostraram felizes em poder participar do estudo e dar suas contribuições, ressaltando, em suas falas, a importância deste estudo para aproximar as gerações. A seguir serão feitas algumas considerações, acerca das díades, coletadas a partir do Roteiro de entrevista semi-estruturada e dos dados sociodemográficos, a fim de nos aproximar um pouco do contexto onde se tecem as histórias dos participantes e suas relações:

Grupo I: Avós - netos (as)

Díades: **A** (Ana e Adalf), **B** (Benta e Bella), **C** (Cassio e Cauã), **D** (Dara e Dália), **E** (Eloá e Ellen), **F** (Flora e Fany)

Díade A: **Ana** (67 anos de idade), avó por afetividade de Adalf. Ela é viúva, pertencente ao padrão social B1, cursou até o 4º ano do ensino fundamental, sendo empresária do ramo de alimentos. Mora sozinha, é religiosa, de modo a dedicar o tempo que lhe sobra às atividades da igreja, o que parece lhe fazer muito bem, principalmente na fase de luto que está atravessando. Ana, atualmente, goza de boa saúde após ter-se curado de um câncer mamário há oito anos. É mãe de cinco filhos (quatro homens e uma mulher) todos adultos e casados, e avó de mais de dez netos e bisavó de cinco. Ela está vivenciando um árduo processo de luto, porque perdeu a mãe há dois anos; e recentemente, há um ano, perdeu um filho de 42 anos (o caçula, solteiro), de forma inesperada (por um Acidente Vascular Cerebral - AVC, fulminante), o que lhe causou grande sofrimento; ambos moravam com ela. Além, da crise econômica brasileira, que trouxe impacto negativo para sua empresa. Contudo, mesmo diante dos infortúnios da vida, ela mostra-se uma pessoa resiliente. Percebe-se na fala de Ana, que Adalf tem lhe ajudado através da presença e diálogo, nesses momentos difíceis, mesmo com o pouco tempo que ele tem. Ela refere que de todos os adultos jovens da família, ele é o que mais lhe dá atenção. **Adalf** (25 anos), neto por afinidade de Ana (avó da esposa dele), a indicou como a pessoa idosa da família com quem tem mais proximidade, mesmo tendo

outros parentes consanguíneos idosos (as). Ele é uma pessoa aparentemente saudável e feliz. Casado há seis anos, tem uma filha de um ano; de padrão social B2 e concluiu o 3º grau em engenharia. Atualmente, cursa o mestrado e trabalha. É cristão, envolvido nas atividades da igreja onde lidera um grupo de jovens.

Díade B: Benta (65 anos), avó materna de Bella. Ela ficou viúva ao 32 anos e não se interessou mais em se casar. De padrão social C1, concluiu o ensino médio aos 62 anos, é cozinheira aposentada. É cristã e lidera um grupo de crianças na igreja, além de participar do coral. Tem três filhas adultas e nove netos (seis adultos jovens e três crianças). Convive em uma família conturbada; uma filha (que mora com ela) a aperreia muito por não ter responsabilidade com os filhos, deixando-os aos seus cuidados. Ela referiu não ter paz em casa. Apresenta não gozar de boa saúde, é diabética e sofre de depressão, fazendo uso de medicação controlada, mas, vez por outra, tem uma recaída. Mesmo assim, é uma pessoa que parece ser ativa. **Bella** (22 anos) é solteira, de padrão social C1, é estudante universitária do curso de direito e não trabalha, é cristã, envolvida na igreja em atividades com as crianças. Apresenta-se como uma jovem não muito feliz, fazendo uso de medicação para ansiedade. Ela tem poucos idosos (as) na família e escolheu a avó materna. Sempre morou distante de ambas as avós, mas tem mais proximidade com a avó Benta. Refere que talvez o fato da avó paterna ser de religião afro, isso a faz ser distante dela.

Díade C: Cassio (74 anos) avô paterno de Cauã. Ele é casado pela segunda vez, de padrão social C2, cursou até o 5º ano do ensino fundamental. É assistente administrativo, aposentado, de religião cristã. Tem muitos problemas de saúde (diabetes, hipertensão, entre outros). Ficou viúvo aos 65 anos e casou novamente com uma mulher de 30 anos, com quem tem um filho de oito anos. A esposa atual sofre de obesidade mórbida, pesando quase 200 quilos. Ele reclama que precisa fazer todos os serviços domésticos porque ela é muito doente. Contudo, ele apresenta-se como uma pessoa alegre e disposta. Do primeiro casamento, tem seis filhos casados e doze netos (todos adultos jovens), mas refere que Cauã é o mais próximo a ele, com quem mais conversa. **Cauã** (22 anos) é solteiro, de padrão social B1, estudante universitário do curso de contabilidade e estagiário de uma empresa do ramo contábil. É cristão e músico na igreja. É o filho mais novo, atualmente faz psicoterapia. Seus avós maternos e a avó paterna já são falecidos. Ele tem tios (as) idosos (as) e o avô paterno, a quem escolheu como o mais próximo a ele, com quem refere grande identificação.

Díade D: Dara (62 anos) avó materna de Dália. Ela é viúva há dois anos, referindo grande pesar pela morte do marido, de quem sente muita saudade. De padrão social C1, cursou o ensino médio completo. Sempre foi do lar, pensionista do marido, é de religião cristã e participa do coral da igreja. Tem três filhos, todos casados, mas mora só e se sente muito sozinha. Tem também sete netos (as) e muitos sobrinhos (as) adultos jovens, porém escolheu Dália, sua neta mais velha, a quem refere ter mais proximidade, desde a conversar até a forma de se vestir. **Dália** (23 anos), solteira, de padrão social B2, é estudante universitária do curso de jornalismo e faz estágio em uma emissora de rádio e televisão. É cristã e muito envolvida nas atividades da igreja, apresenta-se como uma jovem feliz. Tem os avós paternos idosos e alguns tios (as), mas referiu veneração por Dara, a quem é mais apegada.

Díade E: Eloá (74 anos), avó paterna de Ellen. Ela é viúva, viveu um casamento muito infeliz, mas amava cegamente o marido. De padrão social B2, cursou o ensino médio completo, mas trabalhou como técnica em farmácia durante sua fase laboral, função na qual aposentou-se, e é cristã. Eloá tem muitos problemas de saúde (coração, diabetes, hipertensão, labirintite, entre outros) e faz uso de muitos remédios. Tem dois filhos: o mais velho mora em outro estado e o mais novo no Recife, com quem ela mora. Também, tem quatro netas (duas moram aqui e duas não) e mais de 30 sobrinhos (as) adultos jovens. Ela é a irmã mais velha de treze irmãos, começou a trabalhar muito cedo para ajudar a criá-los. Sente-se muito sozinha, e não tem condições físicas de sair só de casa, pois já levou várias quedas. Sua vida resume-se ao quarto e quintal da casa, e, às vezes, vem passar dias com as irmãs. Ela apresentou-se como uma pessoa triste e depressiva. **Ellen** (28 anos), escolheu Eloá como a pessoa idosa da família com quem tem uma relação melhor, de mais proximidade, apesar de ter muitos tios (as) idosos (as) da parte materna. Ela é solteira, de padrão social B2, psicóloga e trabalha como analista de recursos humanos. Referiu não ter religião. Seus pais moram em outro estado e ela afirma ter resolvido vir morar no Recife por causa de sua avó Eloá. Embora não morem na mesma casa, residindo em bairros distantes, Ellen a visita, em média, três vezes por semana. Apesar de a avó não aceitar a orientação sexual de Ellen, elas se entendem bem.

Díade F: Flora (68 anos), avó paterna de Fany. Casou-se com 15 anos de idade mas separou-se aos 45, resolvendo ficar solteira. Pertencente ao padrão social C1, cursou até o 4º ano do ensino fundamental, sempre foi do lar, é pensionista. É de religião cristã, participando do coral da igreja além de outras atividades. Ela é portadora de muitos problemas de saúde (diabetes, hipertensão, circulatório, entre outros). Tem cinco filhos(as): quatro casados(as) e

uma divorciada (com quem ela mora) e seis netas adultas jovens. Ela teve uma vida muito sofrida no casamento; para além dessa situação, nota-se uma tristeza, devido à relação difícil que tem com a filha com quem reside. Ela tem uma outra neta que criou e diz amar muito, mas escolheu Fany, a segunda filha do seu filho mais velho, como a neta que é mais próxima dela, lhe dá mais atenção, carinho e que cuida mais. **Fany** (27 anos) é solteira, de padrão social B2, é nutricionista e trabalha em dois hospitais, além de coordenar um curso. É cristã. Sua vida é muito corrida devido às atividades da fase desenvolvimental, mas mesmo assim, ela sempre procura visitar Flora. As duas têm uma relação de amizade forte perpassada pelo cuidado, amor e respeito. Ela apresentou-se surpresa por ter sido considerada pela avó, como a neta mais próxima, disse que não esperava e chorou emocionada. Flora, apesar dos percalços da vida e a vivência difícil com a filha, demonstrou ser uma pessoa alegre.

Grupo II: Tios (as)-sobrinhos (as)

Díades: **G** (Gilca e Gaby), **H** (Heron e Hian), e **I** (Íris e Ísis)

Díade G: Gilca (69 anos), tia paterna de Gaby, sempre muito dedicada aos estudos e trabalho e acabou optando por ficar solteira. Ela não teve filhos biológicos, mas tem duas adotivas, que são adolescentes. Possui ensino superior completo sendo licenciada em matemática. Trabalhou como assistente técnica do INSS e atualmente é aposentada. De padrão social B2, é de religião cristã, goza de boa saúde. Mostrou-se uma pessoa saudável, feliz e de bem com a vida. Ela tem muitos sobrinhos(as) adultos jovens, mas percebe-se que tem uma melhor relação com a sobrinha que a escolheu. Trata-se de uma interação de proximidade recíproca, quando refere ter Gaby como uma filha. **Gaby** (24 anos), que é solteira, estudante universitária do curso de engenharia de pesca, de mesmo padrão social, cristã e envolvida nas atividades da igreja (canta no coral de jovens). Ambas vieram do interior de Pernambuco, para estudar e trabalhar no Recife. Gaby hospedou-se na casa dela para cursar a universidade. Ela mostra-se uma sobrinha atenciosa, carinhosa e que considera Gilca como uma segunda avó, amiga e confidente. Não há dependência física e nem financeira de uma em relação a outra. A sobrinha tem pais e tios (as) idosos (as), mas escolheu Gilca.

Díade H: Heron (67 anos) tio paterno de Hian, é casado há mais de 40 anos e não possui filhos, mas tem mais que 20 sobrinhos adultos jovens. Ele estudou até o 5º ano do ensino fundamental, é motorista aposentado, de padrão social B2, e de religião cristã. A única enfermidade que o incomoda é a doença de Parkinson, mas está sob controle. É uma pessoa muito ativa, participante, sempre presente e aquele que ajuda todos na família. Por outro lado,

sente-se um pouco angustiado por não ter tido filhos e os muitos sobrinhos não lhe darem a atenção que ele gostaria de receber, com exceção do sobrinho a quem escolheu como o que tem uma melhor interação, a quem refere ser como um filho. Percebe-se que a atenção recebida do sobrinho o encanta. **Hian** (23 anos) é solteiro, estudante universitário do curso de direito e também trabalha. De padrão social B1. Ele é um adulto jovem feliz e que demonstra gostar de interagir com pessoas idosas, dizendo que se esforça para estar presente na vida da maioria dos tios(as) que já passam dos 60 anos de idade. Mas mostrou-se surpreso de ter sido escolhido por Heron como o melhor sobrinho. Ele não esperava isso por saber que tem muitos primos. Percebeu-se entre eles uma interação muito saudável, pautada no carinho, atenção e respeito.

Díade I: Íris (67 anos) tia materna de Ísis. É casada há mais de trinta anos, mas não teve filhos e nem quis adotar, pois era muito dedicada aos sobrinhos(as). Concluiu o ensino médio, mas sempre foi do lar. É pensionista, de padrão social B2, de religião cristã. Ela tem uma saúde debilitada por uma depressão crônica, faz uso de antidepressivos desde jovem. É uma das irmãs mais velhas de uma família de 14 irmãos. Sempre ajudou a cuidar dos (das) sobrinhos (as) para ajudar as irmãs que trabalhavam e também de dois irmãos doentes (um com esquizofrenia e outro paraplégico) bem como do pai que ficou acamado durante 30 anos. Para dar conta de toda essa demanda, viveu a maior parte de sua vida na casa de seus pais e ausente da sua. Apesar de ter mais de 30 sobrinhos (as), e cuidado da maior parte deles, escolheu Ísis, a quem considera a sobrinha mais próxima, que tem como uma filha e com quem mais se identifica. **Ísis** (27 anos), solteira, é biomédica, tem dois empregos e faz residência. De padrão social B2, é cristã. Ela refere ser mais próxima de Íris do que dos próprios avós e dos outros tios (as). Ela afirmou que considera a tia como uma segunda mãe, que se falam pelo olhar. Percebe-se haver entre elas uma relação de muita cumplicidade, confiança e carinho.

Grupo III: Mães – filhos (as)

Díades: **J** (Jane e Julie), **L** (Laura e Luan) e **M** (Maria e Malu)

DíadeJ: Jane (66 anos), mãe de Julie (primeira filha). É casada há 40 anos, tem dois filhos(as) e mais de 30 sobrinhos (as) adultos jovens, além de dois netos ainda crianças (cuida de um, para a filha Julie, trabalhar). Concluiu o ensino médio, trabalhou na função de promotora de vendas, até os filhos ficarem adolescentes, quando passou a ser do lar. Atualmente é aposentada, de padrão social B2, e cristã muito envolvida nas atividades da igreja. Goza de

boa saúde, apresentando apenas hipertensão arterial controlada. Relaciona-se bem com o marido, entretanto o fato dele seguir outra religião, tem causado conflitos entre os dois, pois, há pouco tempo, ela decidiu ser evangélica e ele não aceita bem. Ela escolheu Julie (a filha mais velha) como a pessoa adulta jovem com quem tem mais proximidade e melhor interação. **Julie** (38 anos), é casada há 14 anos, em uma relação com muitos conflitos, como consequência de o marido fazer uso de bebida alcoólica em excesso. Tem um filho de 10 anos. De padrão social B2, concluiu o ensino médio, é empresária e cristã. Ela trabalha muito e quase não tem tempo para dedicar atenção ao filho, como também aos pais, principalmente à mãe. Mas em linhas gerais, elas têm um bom relacionamento, embora também haja conflitos, decorrentes da forma como a sua mãe cria o seu filho.

Díade L: Laura (65 anos), mãe por afetividade de Luan. É freira, solteira, de padrão social B2, exerce a função de chefe de enfermagem de um hospital público no Recife. Não tem boa saúde (sofre de problemas renais), mas é uma pessoa muito alegre. Sua família mora em uma cidade do interior de Pernambuco. Ela possui muitos sobrinhos, mas afirma ver em Luan um filho e sentir por ele um amor de mãe. Ela o aceita e compreende da forma que ele é, pois o percebe muito excluído. **Luan** (40 anos), é homossexual, vive em união estável com outro rapaz, de padrão social C2, trabalha como técnico em enfermagem há muitos anos no mesmo hospital que Laura, e não professa religião. Embora, tenha seus pais biológicos e tios(as) idosos(as), escolheu Laura, que tem como uma segunda mãe. Existe certa resistência, por parte dos pais, em aceitar sua orientação sexual, o que o faz sentir-se rejeitado e um pouco depressivo, além da situação econômica que vive, pois seu companheiro está desempregado há algum tempo. Por outro lado, percebe-se o quanto ele e Laura se compreendem. O carinho e o respeito permeiam a relação entre eles.

Díade M: Maria (67 anos), mãe de Malu (segunda filha). Viúva há 30 anos, não quis casar novamente por causa dos três filhos(as). De padrão social B2, estudou até o 4º ano do ensino fundamental. Sempre foi do lar, é pensionista, de religião cristã, envolvida com as atividades da igreja, embora não tenha boa saúde (sofre de diabetes, hipertensão, entre outras enfermidades). Reclamou muito de dores, além do desejo de concluir seus dias de vida e mostrou-se um pouco depressiva. Ela tem três filhos(as) adultos jovens solteiros que moram com ela, duas moças e um rapaz. Esse rapaz, o mais novo, envolveu-se em situações com a justiça e passou muitos anos preso, o que lhe causou muito sofrimento. Além dos filhos, ela tem muitos sobrinhas (os), pois pertence a uma família numerosa. Todavia, escolheu a filha (Malu) que ocupa a posição do meio entre os filhos, como a que tem mais proximidade, mais

se identifica, que é mais presente em sua vida, mais companheira. **Malu** (33 anos) é solteira, de padrão social B2, cursou o ensino médio completo. É assistente administrativa (atualmente desempregada), é cristã e ajuda a coordenar um grupo de jovens na igreja. Ela tem alguns problemas de saúde devido à obesidade. Apresenta-se como uma pessoa muito ansiosa. Disse ter muito desejo de se casar, mas nunca namorou. É muito cuidadosa e atenciosa com a mãe; chamou a atenção o fato de ambas dormirem juntas.

Descrição e discussão dos Resultados que se sobressaíram acerca dos dados sociodemográficos e da história das díades:

1) A participação de somente duas pessoas idosas do sexo masculino, sendo a maioria mulheres (10), talvez pelo fenômeno da *feminilização da velhice*, que consiste na maior presença relativa de mulheres na população idosa e maior longevidade das mulheres em comparação com os homens (IBGE, 2018; Neri, 2008; Papalia & Feldman, 2013). Além disso, os homens se integram menos na vida social (Camarano, Kanso & Fernandes, 2016). É possível que essa realidade possa vir a mudar, devido às constantes campanhas de incentivo ao envelhecimento ativo e saudável para ambos os sexos (Ministério de Direitos Humanos, 2018).

2) Parentesco para além dos laços consanguíneos, emergindo por afinidade. Antes de apresentar o resultado, faz-se importante esclarecer que o parentesco por consanguinidade é a relação que vincula pessoas que descendem de um mesmo tronco ancestral; por outro lado, na relação por afinidade, na maioria das vezes, não há parentesco consanguíneo (Neves, 2015). Essas pessoas compõem a família abrangente (Osório, 2013). Na pesquisa em pauta, um adulto jovem (Adalf) escolheu uma avó por afinidade (Ana, avó da esposa dele), mesmo tendo vários(as) tios(as) idosos(as) na família. Do mesmo modo, outro adulto jovem (Luan, de orientação homoafetiva, sem religião) escolheu uma idosa que era freira (Laura) como mãe por afinidade, embora também tenha outros idosos na família (a mãe natural, o pai, tios(as) e irmãos). Vale ressaltar, que Laura mantém um grande apreço, consideração e carinho por Luan, verbalizando que também o considerava como um filho. Essa situação nos chama a atenção porque as barreiras da religião e do preconceito, que ainda existem com relação aos homossexuais, não conseguiram separá-los, o que não ocorreu com a mãe

biológica. Portanto, é importante pensar acerca do parentesco por afinidade, em relação ao natural/consanguíneo, que merece mais investigações.

3) O predomínio do grupo formado por díades avós-netos(as), constituído pela metade dos participantes da pesquisa, embora eles possuíssem tio(as)-sobrinhos(as), pais-filhos(as) na família. Esse achado reforça o que a literatura apresenta sobre o vínculo de proximidade entre avós e netos(as). A esse respeito Oliveira (2015), em sua pesquisa (com 14 netos adultos) afirmou que os netos, à unanimidade, disseram que os avós foram e continuam sendo pessoas muito significativas em sua vida e, talvez, por esse motivo, justifique-se a preferência pelos avós.

Seguiu-se o grupo formado por díades tio(as)-sobrinhos(as), na segunda posição, empatando com os de mães-filhos(as). A esse respeito, Rabinovich, Moreira e Franco (2012) e Rabinovich, Franco e Moreira (2012) fazem referência aos tios e tias como membros que contribuem para o funcionamento familiar. As autoras, ao estudarem papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana, encontraram que a tia foi citada por dois participantes como sendo sua família. As autoras ressaltam que os participantes (70%) concordaram que o tio/tia davam apoio aos sobrinhos e ensinavam bons modos, enquanto 60% disseram que os tios mantinham um ambiente agradável e preservavam as relações familiares.

Silva (2018, p.5) ressalta a importância dos tios(as) na vida dos sobrinhos e vice-versa. A autora supõe que as mulheres, na posição de tias, venham a assumir o lugar dos pais, tanto quanto a ajuda para a subsistência de sobrinhos, como também incentivando-os “a ver, na educação, o caminho para superar as mazelas de uma sociedade capitalista, além da aquisição de conhecimentos”. Desse modo, esses tios, preocupados com o sucesso dos sobrinhos, assumem cada vez, em maior proporção, uma responsabilidade para com eles. A autora salienta que essa responsabilidade é mais evidente quando os tios(as) não têm filhos e renunciam, transferem seus projetos de vida para proporcionar uma vida mais digna aos seus sobrinhos. Essa contribuição pode ser na forma de auxílio financeiro, afetivo e na vida escolar.

Nesse sentido, a autora supracitada propõe que, com as famílias cada vez menores, os tios vêm ocupando o papel de pais-reserva nas horas necessárias, pois muitos tios integram a parcela da população com dupla renda e sem filhos (quando casados) e, em alguns casos, possuem recursos para ajudar a pagar as despesas dos sobrinhos. Mas ressalta que a ajuda dos tios vai muito além do aspecto financeiro, sendo a proximidade afetiva o mais importante.

4) A maior parte dos participantes escolheu idosos ou adultos jovens com quem tinham vinculação paterna, o que corrobora os resultados encontrados por Oliveira (2015) que, em sua pesquisa, com 14 netos adultos, também observou esse dado. Talvez isso possa significar, que, com a maior presença do pai na vida dos filhos(as), possa ocorrer que esse pai leve-os mais para o encontro com seus avós e tios(as), fortalecendo os laços de vinculação paterna. O que corrobora com Gomes e Resende (2004), que propõem o pai presente como o desvelar da paternidade na Família Contemporânea. Os autores afirmam que essa revelação traz a figura concreta de um pai presente em sua corporalidade e afetividade, que se depara com a demanda subjetiva, advinda da exigência de revisão de seu papel no mundo contemporâneo, na qual encontra-se a paternidade que acolhe e convive.

5) Todos os adultos jovens estavam muito envolvidos com as tarefas desenvolvimentais do curso de vida. A maioria ainda residia com os pais (10), o que demonstra o fenômeno atual dos jovens deixarem a casa dos pais cada vez mais tarde, para se preparar melhor para o mercado de trabalho (Papalia & Feldman, 2013; Ponciano, 2015).

6) Por outro lado, a maioria dos idosos (10) estava sem atividade laboral, sendo aposentados ou pensionistas. Camarano, Kanso e Fernandes (2016) afirmam que se observa uma desaceleração crescente no que se refere aos idosos inseridos no mercado de trabalho. Isso lhes confere mais tempo ocioso, o que, por vezes, acarreta a solidão e possível depressão (Minayo, 2018).

As autoras supracitadas mencionam alguns fatores que podem estar associados a esse fenômeno, além das incapacidades decorrentes do envelhecimento: a expansão da cobertura da seguridade social; menor proporção de população ocupada em atividades agrícolas; maior urbanização; preconceitos em relação à mão de obra idosa, pelas suas maiores taxas de absenteísmo devido à morbidade e dificuldade para acompanhar as mudanças tecnológicas. Nesse sentido, o prolongamento da permanência do idoso no mercado de trabalho pode ser importante, não apenas pela renda gerada, mas pelo fato de que “o trabalho é um fator de integração social, principalmente para os homens” (Camarano, Kanso & Fernandes, 2016, p.86).

7) Em relação ao estado civil dos idosos(as), sobressaíram as viúvas. Mais uma vez pode-se pensar na *feminilização da velhice* (Neri, 2008). A maioria provinha de classe social média intermediária e estudou o ensino médio completo, não havendo idosos(as) analfabetos na pesquisa. A esse respeito, Camarano, Kanso e Fernandes (2016) afirmam que, nos últimos anos, aumentou a proporção de idosos alfabetizados, e que antes as mulheres eram menos alfabetizadas que os homens, mas as diferenças têm se reduzido ao longo do tempo. Inclusive, uma avó (Benta), concluiu o segundo grau aos 60 anos de idade. Nesse sentido, os Programas Sociais de Alfabetização, a exemplo do EJA (Ensino para Jovens e Adultos), têm contribuído, de alguma forma, para combater o analfabetismo.

8) Uma participante (Elen, sem religião) que escolheu a avó paterna (Eloá), muito religiosa, que se mostra insatisfeita em relação à homossexualidade da neta. Elen foi considerada a adulta jovem mais presente em sua vida, para não dizer a única, em meio a tantos sobrinhos(as) e netas. E Luan, que escolheu a Laura (freira) como sua mãe por afinidade.

Em ambos os casos de homossexualidade mencionados, percebe-se, como referido por Nichols e Schwartz (2007, p. 292), que “apesar de a tolerância estar maior em alguns segmentos da nossa sociedade, os *gays* e as lésbicas continuam sofrendo humilhações, discriminação e, inclusive, violência por causa de sua sexualidade”. Os autores ressaltam que, após uma infância de vergonha e confusão, muitos *gays* e lésbicas são rejeitados por suas famílias depois que assumem sua orientação sexual. Desse modo, devido à falta de apoio social, os laços em seus relacionamentos podem sofrer as pressões do isolamento. Por essa razão, salientam os autores, “*gays* e lésbicas com frequência criam ‘famílias de escolha’ em sua rede de amigos” (p.292).

9) A maioria dos participantes professava uma religião, predominando a cristã. A esse respeito, Nichols e Schwartz (2007, p. 292) afirmam que “na virada do século XXI, quando cada vez mais pessoas acham a vida moderna solitária e vazia, então a espiritualidade e a religião surgem como antídotos”. Ressaltam ainda, que “algumas das mais poderosas crenças organizadoras de uma família têm a ver com como eles encontram significado em suas vidas e com suas ideias sobre um poder superior” (p.292). Os autores supracitados, referem que “essas questões maiores estão intimamente relacionadas à sua saúde emocional e física” (p.292). Frank e Rodrigues (2016, p. 402) corroboram com eles ao pontuar que “o exercício religioso da fé e a satisfação com a vida são fatores protetores contra a depressão”.

Quanto ao fato de a maioria dos participantes do presente estudo serem religiosos, a amostra não foi intencional. Todavia, observa-se no Brasil, um número crescente de pessoas que buscam uma religião. Conforme o IBGE (2018), 86,8% da população brasileira é cristã (64,6% são católicos e 22,2% são evangélicos). Desse modo, em 1970, havia 91,8% de brasileiros católicos e em 2010 essa fatia passou para 64,6%. Quem mais cresce são os evangélicos, que, nesses quarenta anos, saltaram de 5,2% da população para 22,2%. O aumento desse segmento foi puxado pelos pentecostais, que se disseminaram pelo país na esteira das migrações internas. A população que se deslocou era, sobretudo, de pobres que se instalaram nas periferias das regiões metropolitanas. Nesses locais, os evangélicos construíram igrejas no vácuo da estrutura católica.

3. *Eixos temáticos*

Por meio das respostas dos participantes ao roteiro de entrevista semiestruturado, elaborado de acordo com os objetivos específicos do estudo, foi possível elencar quatro eixos temáticos, que emergiram das falas das díades/grupos: 1) Características da relação; 2) Percepção da influência entre eles; 3) Fatores positivos e negativos presentes na relação; 4) Propostas de intervenções que facilitem a relação. Para o proposto, foi realizada, conjuntamente, uma análise da percepção das díades avós-netos(as), tios(as)-sobrinhos(as), mães-filhos(as), acerca de cada eixo temático e apresentadas, respectivamente, as falas que melhor expressam seus pensamentos.

1 *Características da relação entre idosos(as) e adultos jovens*

Subcategorias
1.1 Percepção das díades acerca da relação idosos(as)/adultos jovens em geral
1.2 Percepção das díades acerca da relação que mantêm com a família (idosos/adultos jovens)
1.3 Percepção das díades sobre a pessoa escolhida
1.4 Atividades/elementos em comum
1.5 Significado que um tem para o outro

1.1 *Percepção das díades acerca da relação entre idosos(as) e adultos jovens em geral*

Nesse tema, a maioria percebe uma relação distante entre as duas gerações ocasionada, sobretudo, pelo idadismo/ageísmo, caracterizado pelo desrespeito, discriminação, exclusão,

maltrato, incompreensão, impaciência e intolerância. Também se reconhece que a revolução tecnológica (que aproxima quem está longe e pode causar uma certa distância com quem está perto) e a falta de tempo do adulto jovem contribuem para o distanciamento. Por outro lado, ele pode ocorrer, talvez, devido ao idoso ou o adulto jovem não desejarem aproximação, ou por terem personalidades difíceis. Exemplificaremos com algumas díades:

Grupo avós-netos(as): Díade A

O jovem, ele, tem uns que se aproximam da pessoa de idade, mas tem muitos que não se aproximam [...] Eu sinto isso e tenho visto pessoas que são jovens e não se aproximam de idoso, não sei se é por causa da idade. Apesar que, às vezes não é só o jovem não, também o idoso não quer se aproximar do jovem (Ana, 67 anos, avó por afinidade).

[...]Em famílias, as mais desestruturadas, o papel do idoso é tido como um fardo. Então, a pessoa normalmente manda eles para uma reclusão, porque não querem estar próximos, acontece esse preconceito com o idoso [...]Muitas pessoas não dão muita atenção, tratam como se ele fosse uma peça que passou o tempo dele e tá ali só aguardando a morte (Adalf, 25 anos, neto por afinidade).

Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade I

Hum.. Eu acho que muitos jovens não compreendem o idoso. Alguns, né? E agora tá tendo campanha de televisão, é tanta gente falando sobre isso, né? E também tem idoso que não tem paciência com o jovem, ou a pessoa mais nova. Tem idoso que é chatinho. (Ela afirmou) Eu sou, ninguém mexa, bata no meu calinho, que já viu (Íris, 67 anos, tia paterna).

Eu vejo que muitos jovens deixam os idosos muito escanteados, não vejo uma relação muito boa. Muitos vê em como um peso para eles que, digamos assim, estão começando na vida para conseguir suas coisas, e tal, e acabam deixando os idosos de escanteio. Não criam aquele vínculo que deveria continuar, geralmente eles não têm muita ligação com os idosos (Ísis, 27 anos, sobrinha paterna).

Grupo mães-filhos(as): Díade L

Eu acho que, ao meu ver, assim, que se relacionam muito bem. Agora, sabe que, tanto no idoso como no adulto, tem algumas pessoas que são difíceis. As vezes tem numa história do idoso, uma história do jovem, mas porque de si mesmo são difíceis (Laura, 65 anos, mãe por afinidade).

Antigamente tinha uma relação mais próxima, talvez por conta de revoluções tecnológicas, hoje os idosos estão mais esquecidos por conta do dia a dia, por conta do tempo, a correria dos jovens [...] Os jovens não querem mais uma proximidade com os idosos, até mesmo os pais, eles estão deixando mais cedo e tentando viver longe deles. Às vezes até esquece (Luan, 40 anos, filho por afinidade).

Face as falas elencadas, ficou evidenciado na percepção das díades/grupos, que existe, em certa medida, um distanciamento entre idosos(as) e adultos jovens, dado que é compartilhado por vários autores (Augustin & Freshman, 2016; Côte & Ferrigno, 2016; D'Alencar, 2012; Ferrigno, 2016; Ferrigno, 2018; McKinnon, Harper & Moore, 2013; Miranda, 2013; Souza, Pelegrini, Ribeiro *et al.*, 2015; Zeng, North & Kent, 2013). Esse afastamento é ocasionado por fatores internos e externos, na interação entre os subsistemas e

os sistemas família-sociedade-cultura. Assim se configura a propriedade *intercâmbio com o meio ambiente*, na qual a família, enquanto sistema aberto, interage com o meio afetando-o e sendo por ele afetada (Bertalanffy, 2008).

Corroborando com esse olhar, Ferrigno (2018) afirma que, para melhor compreender a qualidade das relações entre essas duas gerações nos dias hodiernos, é necessário considerar o contexto em que vivemos, em que, por diversas questões, especialmente as socioeconômicas, levam as gerações a ficar mais distantes uma das outras. Deve-se levar em conta também as várias configurações que a família está assumindo. O referido autor cita Beauvoir e Ecléa Bossi, que consideraram a sociedade industrial “maléfica à velhice”, pois transformou a família de extensa em nuclear, devido às novas demandas da urbanização e das relações de trabalho, ao propiciar maior mobilidade ao trabalhador e acomodação nos exíguos espaços das grandes cidades e, assim, os idosos foram distanciados de suas famílias.

Diante do exposto, Camilli, Millan e Tirro (2010) ressaltam que os adultos jovens tendem a ter uma percepção negativa dos idosos. Esse processo de estranhamento ocasiona a *insuficiência familiar*, que se caracteriza como um processo de interação psicossocial de estrutura complexa, fundado especialmente no baixo apoio social à pessoa idosa e no vínculo familiar prejudicado (Souza, Pelegrini, Ribeiro et al., 2015).

Por outro lado, reconhece-se que a revolução tecnológica, em certa medida, também pode atrapalhar a relação entre essas duas gerações, pois nem todos os idosos, por não querer, ou por não ter condições cognitivas ou financeiras, têm acesso a esse meio de comunicação para interagir com os adultos jovens e acompanhar essa evolução (Doll, Machado & Cachioni, 2016). De outro modo, quando idosos e adultos jovens têm a possibilidade de utilizar esses recursos tecnológicos, poderá acontecer a aproximação entre essas gerações, principalmente ao diminuir o afastamento causado pela distância geográfica (Torres & Dias, 2017).

Todavia, Pinto, Rabinovich e Machado (2017, p. 290), referem que “apesar de a tecnologia apresentar-se como uma importante conquista, as relações humanas necessitam de contatos pessoais”, e reforçam ainda que “quem mais sofre com a falta de uma relação mais próxima são os avós, ou aqueles que, mesmo não tendo netos, são os velhos em uma sociedade das máquinas”. Portanto, é pertinente refletir que as relações virtuais não podem substituir as relações presenciais.

Outro motivo importante citado foi a falta de tempo do adulto jovem, por estar envolvido com as tarefas da fase de aquisição, não dispor de mais tempo para se dedicar aos idosos e

deles também receber apoio (Berthoud & Bergami, 2010; Carter & McGoldrick, 2007; Oliveira, 2015; Papalia & Feldman, 2013). Desse modo, na busca de alcançar esses objetivos, a distância aumenta, limitando as oportunidades de contato. Castañeda et al (2004) e Dias e Oliveira (2017) complementam dizendo que, em relação aos netos, a realização das atividades com os avós diminui após a entrada na universidade, contudo os netos continuam a valorizar seus avós.

Outra situação citada foi a ocorrência do distanciamento devido ao idoso ou o adulto jovem ter uma personalidade difícil, ou mesmo, por não desejar aproximação. Ferrigno (2016) afirma que, se, por um lado, determinados valores operam no sentido de afastar os jovens dos idosos, por outro, em algumas ocasiões são os idosos que se afastam dos jovens.

Acerca do fato de o idoso não desejar aproximação, Carstensen (1991, 1992) afirma, fundamentada na *Teoria da Seletividade Socioemocional*, que a seletividade na velhice aumenta no que diz respeito ao número de pessoas com as quais os idosos mantêm interações sociais. A redução das relações é o resultado de um processo de seleção ao longo da vida pelo qual, de maneira estratégica e adaptativa, se escolhe com quem interagir a fim de maximizar os ganhos e minimizar possíveis riscos sociais e emocionais. Talvez isso seja uma forma de se proteger.

Desse modo, ampliar o foco de observação ao fenômeno, partindo do *pressuposto da simplicidade para a complexidade* (Esteves de Vasconcellos, 2003, p.101), considerando a interação mútua entre os vários fatores, é condição fundamental para entender essa relação que pode provocar a distância entre essas gerações.

1.2 Percepção das díades/grupos acerca da relação que eles mantêm na família

Nesse tema, as díades/grupos afirmaram manter uma relação de amizade com os demais idosos/adultos jovens da família. Contudo, reconheceram o menor tempo dos jovens, por estarem envolvidos com as tarefas da fase de aquisição, como também a distância geográfica, que contribui para o menor convívio e aproximação:

Grupo avós-netos(as): Díade B

Os adultos jovens da minha família são muito legais comigo [...] E eu não tenho muito diálogo com eles porque eles não têm muito tempo, mas nos damos bem [...] Eu acho que ficou na cabeça deles que eu brincava de me esconder com eles, eles garotinhos, isso é bom, guardaram (Benta, 65 anos, avó materna) .

Eu tenho poucos idosos em minha família [...] Com a minha avó paterna surge um bloqueio porque a gente nunca teve proximidade [...] Nós moramos distante, a gente nunca teve muito carinho e

conversa, tanto que até hoje é muito travada a comunicação, existe um bloqueio. [...]Mas com a minha avó materna, é completamente diferente, duas pessoas diferentes, também não sei se pelo fato, da religião da gente, da gente ter interesses em comum, mas é completamente diferente (Bella, 22 anos, neta materna).

Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Diade I

Olhe, minha relação com os jovens adultos, é a mais linda do mundo, detesto quem despreza. Eu me dou bem com qualquer pessoa. Oxe eu acho linda a juventude.[...]. Mas a que eu sou mais apegada é Ísis, minha sobrinha, é uma menina maravilhosa. Não menosprezando os outros... É, mas é ela. Só Ísis. Apesar de que eu amo todos, né? O meu amor por eles é igual. Mas ela é mais comunicativa comigo [...] (Íris, 67 anos, tia materna).

É boa a relação. Pelo menos eu acho que eles gostam de mim (risos). [...]Eu mesmo, eu acho que a minha relação poderia ser um pouco melhor, talvez pela falta de tempo que a gente tem hoje em dia, correria, muita coisa para fazer, muita coisa para estudar. Mas eu reconheço que eu poderia ter uma relação melhor [...] Um pouco de tempo que eu tenho, eu acabo fazendo outras coisas, não acabo criando vínculos com eles, e que eu gostaria de ter. É o tempo. As vezes a gente sabe que tem que fazer alguma coisa, mas não faz. Porque não tem tempo, tá cansado, às vezes prefere dormir, e acaba não fazendo (Ísis, 27 anos, sobrinha materna).

Grupo mães-filhos: Diade J

É boa né, graças a Deus, não tenho nada contra (Jane, 66 anos, mãe).

Eu não tenho muito convívio né. Eu trato bem, e os que eu mais convivo, é minha mãe e meu pai. Mas continuo com o mesmo respeito e atenção (com outros familiares idosos) [...]A gente não vive muito em convívio. Infelizmente, acho que isso acontece por falta de tempo, né? Hoje em dia é falta de tempo (Julie, 38 anos, filha).

Pode-se observar que, ao contrário do que foi percebido na temática anterior, em geral houve uma boa percepção do relacionamento entre as gerações da família. Contudo, voltou à tona a falta de tempo dos jovens para se relacionar com os idosos. A esse respeito, Lerner (1995) afirma que esse período da vida adulta é o momento em que os jovens estabelecem novas metas e querem incrementar a independência e a responsabilidade. Nesse momento, o tempo da maioria dos jovens é mitigado pelas atividades da fase de aquisição. O referido autor reforça que muitos jovens estão interessados em estabelecer relações mais significativas fora das redes familiares.

Nesse sentido, Dias e Oliveira (2017) pontuam que a relação entre essas duas gerações tende a se fragilizar com o avançar da idade. Por outro lado, Connids (1989) ressalta que a adultez pode estreitar os laços entre avós e netos, pois estes agora têm mais condições de avaliar o impacto deles na sua vida.

Vicente e Souza (2012), ao analisarem as redes sociais de idosos em famílias com quatro gerações em Portugal, constataram que os participantes tinham uma rede centrada na família,

de tamanho médio, densa e homogênea. Do mesmo modo, Zapata Lopes (2015) buscou descrever as redes de apoio social e familiar disponíveis para os idosos na Antioquia/Colômbia. Este estudo resultou que os idosos estavam satisfeitos com o apoio recebido, embora reconhecendo que as demandas de vida dos jovens impedem um maior convívio.

No Brasil, Silva, Vilela, Nery, et al. (2015) realizaram uma pesquisa em Jequié (Bahia), objetivando descrever a dinâmica das relações familiares intergeracionais na perspectiva de idosos, em que os resultados mostraram existir uma relação de amizade. Da mesma forma, Silva, Vilela, Oliveira, et al. (2015), ao investigarem a percepção de idosos em lares intergeracionais, no mesmo estado citado, verificaram que a estrutura representacional revela uma forte carga afetiva dos idosos no tocante à família.

Outro fator importante mencionado foi a distância geográfica como impeditiva de maior proximidade. Vicente e Souza (2012) e Dias e Oliveira (2017) afirmam que a distância geográfica afeta a sensibilidade dos membros da rede familiar e a sua capacidade para providenciar apoio afetivo ao idoso em situação de crise.

1.3 Percepção das díades sobre a pessoa escolhida

Nesta questão, todos afirmaram manter uma relação de mais proximidade com quem escolheram do que com os outros familiares idosos/adultos jovens da mesma família, independente de vínculo consanguíneo; essas identificações com o idoso/adulto jovem indicado, são possíveis devido ao acolhimento recíproco, atenção, carinho, cuidado. Destacaram-se como características do relacionamento: o acolhimento, atenção, cuidado, carinho, comunicação, presença e respeito. Entretanto, mais uma vez, ressaltou-se a falta de tempo/quantidade de tempo disponível para o estar presente, do adulto jovem como um motivo para uma menor convivência; todavia, pode ser muito mais importante a qualidade do encontro, no sentido da troca afetiva entre eles. Foi mencionado também que, apesar da boa interação, às vezes, existem conflitos, como ocorre em qualquer relação.

Grupo avós-netos(as): Díade F

Bem, né? Apesar do problema com o pai (filho mais velho dela). Aí, né? Mas eu não me envolvo, não tenho nenhum problema. [...] Aí, quando eu vejo, ela liga, diz: “Vó, eu não liguei porque estava trabalhando muito, não sei o quê” (Flora, 68 anos, avó paterna).

Muito boa, assim. Ela acha que o fato da minha relação com o meu pai interfere na minha relação

com ela. Mas não tem nada a ver, realmente, é a correria do dia a dia [...] Ela é uma pessoa muito amorosa, querida [...] Ela é muito presente na minha vida, quando a gente chega lá, ela quer fazer bolo, quer colocar tudo na mesa, quer que a gente coma, tem a galinha, tem o macarrão...(Fany, 27 anos, neta paterna).

Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade G

Boa. Gaby é uma menina boa, sempre foi. [...] Sempre se comportou muito bem. [...] É uma menina nota dez. [...]. Ela é carinhosa comigo, e é assim com todo mundo, respeita as pessoas. Ela é, assim, muito desse povo que gosta muito de ajudar. [...] Ela conversa muito comigo (Gilca, 69 anos, tia paterna).

[...] Sempre foi bem tranquila, nunca teve atrito nem nada muito assim... tranquilo. Ela se preocupa comigo, é atenciosa comigo. Pronto, ontem mesmo eu tava doente, aí ela já veio, já trouxe um bocado de remédio, já me deu água, já mandou eu tomar remédio, já disse que era pra eu melhorar pra não ter que ir pra o hospital tarde da noite, já teve esse cuidado assim [...] (Gaby, 24 anos, sobrinha paterna).

Grupo mães-filhos: Díade M

É boa. Mas também tem hora que o bicho solta. A gente é comunicativa [...] Ela não gosta de sentar pra conversar, assim, os assuntos dela [...] Dentro de casa o que ela pode fazer ela faz, de ajudar [...] Agora tá se conversando mais (Maria, 67 anos, mãe).

É boa, pra vista de que tem muitos filhos que não têm paciência, eu com ela me relaciono muito bem [...] Vai fazer compras juntas, vai pra o banco juntas e dorme juntas (risos) [...] agora, eu tô conversando mais com ela, porque tô mais em casa, sem trabalhar, com mais tempo (Malu, 33 anos, filha).

Esse resultado corrobora com achados de Dias e Oliveira (2017), que, em sua pesquisa sobre vínculos entre netos adultos e seus avós, os participantes referiram perceber a relação como muito boa. Elas afirmam que os netos entrevistados responderam, em unanimidade, que seus avós, independente de vinculação materna ou paterna, foram e continuam sendo pessoas especiais e de grande significado. As autoras pontuam que esse resultado corrobora com a literatura quando afirma que o significado dos avós está associado ao tipo de relação estabelecida entre as gerações. Silva (2014) também afirmou que, de forma geral, o tipo de interação entre os familiares dependerá de como essa relação foi construída ao longo dos anos.

No tocante à relação entre avós e netos, segundo Robertson (1975), o significado atribuído aos avós pelos netos está associado ao tipo de relação estabelecida entre pais e filhos, e essa refletirá na relação dos netos com seus avós. Os autores salientam que os pais funcionam como mediadores entre avós e netos, facilitando ou dificultando esta relação.

Nesse sentido, percebe-se que o comportamento de toda pessoa dentro do grupo familiar está relacionado e depende do comportamento do outro, mas se houver qualquer mudança em uma das partes, provocará alteração em todas as partes e no sistema geral (Bertalanffy, 2008). Nesse contexto, conforme as falas elencadas, presume-se poder estender esse parâmetro também para a relação entre tios(as) e sobrinhos(as), e mães e filhos(as).

Por outro lado, foi mencionado também que, apesar da boa interação, às vezes, existem conflitos, o que corrobora com os achados de Silva, Vilela, Nery, et al. (2015) ao pesquisarem a dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica dos idosos. As autoras pontuam que, apesar de se desvelar um conviver em família pautado em cuidado, apoio e união familiar, os conflitos também integram as relações familiares. Segundo Bertalanffy (2008), os conflitos geralmente caracterizam a *retroalimentação negativa* do sistema para restabelecer a *homeostase familiar*.

Mais uma vez, ressaltou-se a falta de tempo/quantidade de tempo disponível para o estar presente do adulto jovem, como um motivo para uma menor convivência. Todavia, pode ser muito mais importante a qualidade do encontro, no sentido da troca afetiva entre eles naquele momento, do que a quantidade de tempo, sem um sentido.

Entretanto, a pesquisadora, a partir de sua experiência no campo da Gerontologia, pode inferir que o fato de um adulto jovem/idoso escolher um dentre outros (adulto jovem/idoso) na mesma família, remete não somente à quantidade e à qualidade de momentos que passam juntos, a troca afetiva, mas sobretudo, o acolhimento, a atenção, o carinho, o respeito e a consideração. Trata-se de elementos que retroalimentam a interação entre ambos e estabelecem a homeostase familiar.

1.4 Atividades/elementos em comum

Quanto às atividades/elementos em comum, predominou a “alimentação” como elemento agregador (a “comida”, “comer”). Destacaram-se ainda, a forma de se vestir e a ida à igreja (religião):

Grupo avós-netos(as): Díade A
<i>Comida, eu gosto da minha comida e ele também (Ana, 67 anos, avó por afinidade).</i>
<i>Igreja [...] De estar com a família, de comer, ela gosta e eu gosto, quando eu vou na casa dela, ela sempre faz alguma coisa (comida), trata com atenção, é isso (Adalf, 25 anos, neto por afinidade).</i>
Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade I

A minha comida. O que eu faço, tudo que eu faço ela diz que é gostoso. O bolo... tudo o que eu faço é gostoso.[...]Roupa também. Ai eu visto uma roupa e ela diz: - Eita titia, como a senhora tá bonita. Ela tá é bonita. Ai eu digo: - gostasse? Ela diz: - e então. Aonde foi que a senhora comprou essa roupa? [...].Viajar também. Ah, ela fala muito[...] (Íris, 67 anos, tia materna).

Sim, na parte de... Não vem assim na mente. Interesses assim, eu penso mais na alimentação porque ela cozinha muito. Ai, eu acabo gostando de muita coisa que ela faz. Muita coisa que ela gosta de comer eu gosto de comer também. Assim o que vem mais na cabeça é isso, relacionado com a comida, como ela cozinha muito. Ai... Eu penso mais nisso. É, você lembra da pessoa que cozinha pra você e aquilo dali tem um vínculo, né? (Ísis, 27 anos, sobrinha materna).

Grupo mães-filhos: Díade M

Comida, sempre o que ela faz eu gosto, o que eu faço ela gosta [...] Fazer compra (Maria, 67 anos, mãe).

Comer, eu gosto, ela gosta [...] Andar toda socialite, de saltinho, de bolsa (Malu, 33 anos, filha).

Observa-se que a “comida” emergiu como importante elemento de ligação entre idosos(as) e adultos jovens. Costa (2014, p. 13) afirma que “a comida aproxima gerações, reforça laços, atualiza a convivência mediante rituais de preparação e partilhamento”. A autora percebe “a culinária como espaço e experiência de pertencimento familiar”, uma forma de “rememorar um passado familiar, normalmente com lembranças localizadas na infância e que se estendem para a vida adulta”, ou seja, o alimento como portador de memórias.

Leal (2014, p. 69) reforça a percepção da autora mencionada, ao afirmar que rememorar o gosto de encontros com a família, no qual “a culinária dá o sabor de estar juntos é poder revisitar um passado presente, no qual o ingrediente principal ninguém substitui em uma receita de família, a proximidade”, visão compartilhada por Barbosa (2014), ao mencionar que a comida tem o dom de agregar.

Brito (2014, p. 102) pontua que “a cozinha é considerada pela maioria das pessoas o lugar mais importante da casa (...) espaço de convivência entre as gerações, onde as trocas e o fortalecimento de vínculos familiares eram assim favorecidos”. Do mesmo modo, Rosas (2014, p.19) ressalta que “através da comida e da mesa, dos sabores, aromas, gostos e saberes, cozinha passou a ser um microcosmo da sociedade e um espaço relacional para a família”. Schmidt (2010) salienta que o ato de comer denota um evento que oportuniza a confraternização, a reunião e a interação entre as pessoas.

Através das reflexões acima mencionadas, percebe-se que a comida representa carinho, zelo, um dos modos de expressão de amor, de vínculo, de interação, de cuidar. Quanto a atividades que fazem juntos(as), prevaleceu “conversar”. Destacaram-se ainda partilhar comemorações em família e passear.

<p>Grupo avós-netos(as): Díade E</p> <p><i>Ficamos falando, conversando, eu falo mais...Também, quando ela vem, almoço comigo (Eloá, 74 anos, avó paterna).</i></p> <p><i>Almoçar e coisas que a gente pode fazer resumidamente sentada e dentro de casa. Assim, conversamos, sobre o tempo que ela trabalhou no hospital (Ellen, 28 anos, neta paterna).</i></p>
<p>Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade H</p> <p><i>Conversar, brincar, sorrir...aprender...(Heron, 67 anos, tio paterno).</i></p> <p><i>Ele chega lá na loja e a gente fica conversando, onde eu trabalho. E a gente... É...Acaba passando bastante tempo conversando, aprendendo, eu fico ouvindo muito, gosto muito das histórias que ele tem pra contar, é isso. [...] (Hian, 23 anos, sobrinho paterno).</i></p>
<p>Grupo mães-filhos: Díade J</p> <p><i>Além de conversar... vai pra igreja e de vez em quando a gente dá uns passeios por aí, vai num restaurante, comemorar, assim, às vezes, alguma coisa, um aniversário (Jane, 66 anos, mãe).</i></p> <p><i>Conversar, mas pouco, devido ao tempo [...] Serviço em casa (Risos). A gente não sai muito não, só se for comemorar aniversário (Julie, 38 anos, filha).</i></p>

Kennedy (1992b) afirma que as atividades são uma forma de “fazer” e de “ser” no relacionamento entre as gerações de idosos e adultos jovens. As díades/grupo, em unanimidade, afirmaram como principal atividade que fazem juntos “conversar”. Dias e Silva (2003), em pesquisa com 100 universitários adultos jovens, obtiveram que dentre as principais atividades realizadas com os avós estavam visitar, conversar, telefonar e almoçar com eles.

Oliveira (1998) afirma que as conversas são de grande importância, pois é por meio delas que se preserva e se renova a oralidade, estreitando laços entre narrador e ouvinte. O autor mencionado refere-se aos mais velhos como portadores do passado no presente e, graças ao burilar da memória, oferecem oralmente aos mais novos uma cultura banhada na história vivida. Não se trata de uma volta ao passado, mas ele é visitado com olhares que se lançam ao presente e ao futuro. O referido autor pontua que, por meio da conversa, tem-se ao lado um diferente que é próximo, é partilhar, é alento nos momentos de incerteza. Do mesmo

modo, ressalta o autor, que os conselhos ocupam lugar expressivo nas conversas entre avós e netos.

Oliveira (2015) afirma que as atividades realizadas entre avós e netos se configuram uma oportunidade em que ambos podem estabelecer conexão, um aprofundamento na relação. A autora pontua que, através da troca mútua, netos e avós ensinam e aprendem simultaneamente, sendo esta uma experiência bastante enriquecedora para ambas as gerações.

Para Dias e Oliveira (2017), o tempo parece não mais comportar a realização de tantas atividades com os avós quanto no período da infância e adolescência. Elas afirmam que o contato entre avós e netos na fase adulta torna-se mais pontual, geralmente associado às atividades como: ida a médicos, conversas, telefonemas, resolução de alguma dificuldade e encontros em datas comemorativas.

Entre as atividades que gostariam de partilhar, preponderou “viajar” e também foram mencionados conversar mais e passear. A esse respeito, Acevedo (2003), em um artigo que incluiu idosos e jovens, acerca dos motivos para viajar, afirma que foi comum aos dois grupos as expressões: ficar com a família, relaxar, descansar, escapar da rotina, dentre outras razões. Nesse sentido, reforça o autor, que viajar em família faz bem para a saúde, é a receita ideal para ser feliz e viver mais, e ainda, que as famílias que conseguem viajar juntas se reabastecem física e emocionalmente, pois o convívio e o afeto são fatores que beneficiam esses momentos, transformando-os em únicos.

Desse modo, mesmo as viagens curtas trazem muitos benefícios para as relações familiares uma vez que, uma rápida fuga geográfica ajuda a recarregar as baterias e alimentar os vínculos (Confort, 2018). Nesse sentido, Oliveira (1998, p. 14) afirma que “quando passeiam, avós e netos não estão perdendo tempo, estão ganhando vida”.

1.5 *Significado que um tem para o outro*

Nesse tema, predominou uma representação positiva mútua, caracterizada pelas atitudes, virtudes e valores morais:

Grupo avós-netos(as): Díade F

Representa uma boa neta [...] Uma menina boa, digna [...] (Flora, 68 anos, avó paterna).

Ela representa, eu vou ficar emocionada (chorou). Ela é uma pessoa muito boa (falou chorando). Apesar das dificuldades que ela tem com minha tia (com quem a avó mora), enfim, com esses problemas, mas ela é uma pessoa feliz. Uma pessoa independente. [...] É muito ativa [...] Representa o amor, uma pessoa maravilhosa, feliz (Fany, 27 anos, neta paterna).

Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade H

Hian representa um sobrinho legal, viu? É honesto. Não anda com mentira, nem com falsidade, o que tiver que falar, ele fala a verdade. Eu penso que ele é um sobrinho legal, honesto e sincero (Heron, 67 anos, tio paterno).

Ah, eu penso que ele é um cara nota 10! Porque é como eu disse, essa qualidade dele de ser justo, de se afirmar e fazer tudo pela família e correr atrás e... amar a família, né? Tá perto de todo mundo, e é isso (Hian, 23 anos, sobrinho paterno).

Grupo mães-filhos: Díade L

É meu amigo, meu irmão, um filho de Deus, um companheiro de luta (Laura, 65 anos, mãe por afinidade).

[...]Mas ela me representa tudo, o fato de ela gostar de mim e ter me dado todo o apoio no trabalho[...]Me dá conselho, e para pra me ouvir [...] Ela é como uma segunda mãe (Luan, 40 anos, filho por afinidade).

Em linhas gerais, a partir das falas elencadas, revelou-se um significado positivo mútuo entre os participantes, que corrobora com estudos nacionais e internacionais (Dias & Oliveira, 2017; Dias & Silva, 2003; Kennedy, 1990; Oliveira, 1998; Oliveira, 2015; Ramos, 2017; Sanders & Trygstad, 1993).

Desse modo, Oliveira (2015) afirma que os adultos jovens percebem que os idosos foram e continuam sendo pessoas muito significativas e de grande relevância em sua vida. Dessa forma, representavam amor, sabedoria, compreensão, carinho, e que contribuíram para a sua formação enquanto adultos. Da mesma forma, Kennedy (1990), em pesquisa realizada com 704 jovens universitários, afirma que eles apresentaram uma visão positiva dos avós, afirmando que os idosos eram amáveis, prestativos e modelo a ser seguido.

Sanders e Trygstad (1993), em estudo realizado com 125 universitários adultos jovens, revelaram que a maioria disse que o relacionamento com os avós era muito importante, percebiam os avós como transmissores da história familiar, como suporte emocional, como conselheiros e confidentes. Essa perspectiva também é compartilhada por Ramos (2017) ao afirmar que os idosos se tornam confidentes e conselheiros nas contingências intergeracionais e intrafamiliares dos mais jovens.

A referida autora (2017) pontua que palavras e gestos de avós fundamentam-se em ternura, felicidade, idealização, recordações do passado e sonhos de futuro, teias geracionais de ligação entre o passado, o presente e o futuro, a tradição, a renovação e a modernidade de

transmissão cultural e linguística. Oliveira (1998, p. 14) afirma que, para muitos avós, “ter netos é a razão principal de sua existência”.

2 Percepção da influência entre eles

Subcategorias
2.1 Influência mútua
2.2 Ensino e aprendizagem mútuos

2.1 Influência mútua

A maioria respondeu que existe essa influência, sobretudo, no comportamento e em relação a atitudes, virtudes e valores morais. Nesse sentido, vários estudos demonstram os resultados encontrados, sobretudo os que abordam o relacionamento entre avós e netos.

<p>Grupo avós-netos(as): Díade D</p> <p><i>Sim, o meu jeito de ser, as coisas que eu gosto e ela gosta também (Dara, 62 anos, avó materna).</i></p> <p><i>Eu acho que sim. Eu acho que a presença do jovem perto dos idosos transforma eles também.[...] Então a gente influencia pra deixar o dia dela mais alegre (Dália, 23 anos, neta materna).</i></p>
<p>Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade I</p> <p><i>Então. O meu casamento [...] ela disse que a gente é um exemplo pra ela. [...]. Ela confia em mim em tudo. Tudo o que ela vai fazer de importante ou não importante, ela fala comigo.[...] Também acho que ela aprendeu, assim, a fazer docinho, pudim, essas comidas, ela faz tudo [...] (Íris, 67 anos, tia materna).</i></p> <p><i>Eu não sei (Ísis, 27 anos, sobrinha materna).</i></p>
<p>Grupo mães-filhos: Díade J</p> <p><i>Eu influencio sim, porque eu sempre ensinei coisas boas a ela, a respeitar, a ser honesta [...] Ter boas amizades [...] Não mentir (Jane, 66 anos, mãe).</i></p> <p><i>Eu tento muito, né? principalmente nesse negócio de sair de casa, passear, viajar [...] (Julie, 38 anos, filha).</i></p>

Denham e Smith (1989) referem que a influência dos mais velhos sobre as mais jovens pode ser neutra, benéfica ou prejudicial e pode ocorrer de três formas: 1) *interações diretas*: envolvendo as duas gerações por meio de atividades de cunho emocional ou expressivo (aconselhar, disciplinar, brincar, intermediar conflitos entre as demais gerações, entre outras);

2) *interações indiretas*: no caso específico dos avós, eles melhoram a vida dos netos, através do relacionamento com os filhos contribuindo para o ajustamento entre eles ou dando-lhes suporte financeiro; 3) *interações simbólicas*: disponibilidade afetiva e a confiança que os netos e os pais têm em relação aos avós como pessoas com quem podem contar. Elas também se manifestam por meio das atitudes e ensinamentos, mesmo que não haja a presença física dos idosos.

Baranowski (1982) pontua que os avós influenciam os netos em três áreas: 1) desenvolvimento da identidade: ao transmitir os conhecimentos e a história da família; 2) relacionamento com os pais: providenciando histórias e informações sobre os pais, bem como agindo como amortecedores entre filhos e netos; 3) atitudes em relação à velhice: ao engendrarem atitudes positivas dos netos para com os idosos, de maneira geral, e seu próprio processo de envelhecimento mais tarde. As autoras referem ainda que o relacionamento com os avós proporciona satisfação recíproca e ganhos na autoestima.

Roberto e Stroes (1992), Franks *et al* (1993) e Oliveira (2015) corroboram com essa perspectiva ao afirmarem que os avós exercem influência na vida dos netos, principalmente no comportamento, na personalidade e na vida profissional. Do mesmo modo, Harsthorne e Manaster (1982), em um estudo com 178 jovens universitários, ao questioná-los acerca da influência dos avós sobre eles, obtiveram que os participantes consideraram que os avós eram pessoas influentes tanto na dimensão social, como na pessoal. Oliveira (1998, p. 1) afirma que esses sujeitos “se modificam nessa convivência diária, influenciando-se reciprocamente”, ressaltando ainda que, “ocorrem modificações simultâneas no modo de ser e de pensar” de ambos, incitando à reflexão acerca da crença que “os velhos não mudam mais”, o que indica que essa concepção necessita ser revista.

Oliveira (2015) pontua que há um repasse de experiências, valores e costumes de uma geração para a outra, e que os avós, sejam eles de vinculação materna ou paterna, exercem muita influência na vida de seus netos. Especificamente, eles contribuem para o desenvolvimento dos netos nos aspectos cognitivo, emocional, social e moral. Por sua vez, Ramos (2017) refere que, nas relações intergeracionais e familiares, a transmissão psíquica e cultural entre as gerações é fundamental, constituindo os avós a base do equilíbrio necessário entre o imaginário familiar e os laços de filiação, participando, de uma forma consciente e inconsciente, na construção psíquica dos netos e na transmissão psíquica e cultural geracional, representando um apoio emocional, educativo e instrumental importante para os netos e para

os pais. A autora mencionada reforça que os avós têm uma influência importante nas atitudes e nos comportamentos educativos concluindo que “na cultura portuguesa, considera-se mesmo que ser avó ou avô é ser mãe e pai duas vezes” (p.235).

2.2 Ensino e aprendizagem mútuos

Nesse tema, predominou que há um ensinamento mútuo. Os idosos destacaram ensinar aos adultos jovens os valores morais, atividades, e atitudes que emergem das experiências. Os adultos jovens referiram ensinar aos idosos as novas tecnologias.

Grupo avós-netos(as): Díade E

Sim, creio que sim, a ser uma pessoa de bem. Também, através de minhas experiências de vida, para não errar (Eloá, 74 anos, avó paterna).

Eu acho que sim [...] Porque ela tem alguma dúvida, não tá pegando o celular, de tá mostrando foto para ela, coisa que ela nunca viu, assim de foto, de informações do mundo atual, que ela não tem acesso, que ela não assiste televisão. Essas coisas eu sempre tô passando pra ela, e eu acho sim, que ela aprende alguma coisa comigo (Ellen, 28 anos, neta paterna).

Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade G

Acho que aprende, eu acho que ela aprende, né? [...] Aprende, os ensinamentos, comportamento, essas coisas todas aí, a perseverança, tudo... (Gilca, 69 anos, tia paterna).

Aprende as questões, assim, de tecnologia, de redes sociais, assim, ela sempre tá perguntando, e eu tô sempre ensinando, as vezes eu ensino e ela diz: " não eu não quero aprender não, eu só quero fazer ". Aí, ela pede pra mim fazer, mas as vezes eu fico tentando pra que ela aprenda a fazer só, as questões de: mandar uma mensagem no facebook, copiar uma mensagem e colar, enviar uma foto que ela não sabe, mas aí ela diz: " não, eu não quero aprender não, só faça", aí, eu só faço... fazer quando ela pede (Gaby, 24 anos, sobrinha paterna).

Grupo mães-filhos: Díade J

Tudo, eu ensino [...] a lavar as roupas, tomar conta da casa por completo [...] (Jane, 66 anos, mãe).

Eu não sei se ensino a ela, mas acho que ensino as coisas da igreja [...] (Julie, 38 anos, filha).

No ítem sobre o que aprendem, predominou que há uma aprendizagem mútua, destacando-se que os jovens aprendem valores, atitudes. E os idosos assimilam as novas tecnologias.

Grupo avós-netos(as): Díade B

Aprendo esse jeito bom que ela tem, calma [...] A mexer no celular, essas coisas de tecnologia, facebook, WhatsApp (Benta, 65 anos, avó materna).

Muito, todos os dias. Ela é a razão pra mim de força, de independência [...] Tudo nela, assim, é um exemplo pra mim [...] Ela é uma pessoa muito tranquila, mesmo ela passando por muita dificuldade, ela é muito calma (Bella, 22 anos, neta materna).

Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade I

Aprendo. Muito.... A ser paciente. Chorar, mas ser paciente, né? Não escandalizar[...] (Íris, 67 anos, tia materna).

Eu acho que sim. [...] Mas eu acho que eu aprendo mais. [...] Aprendo a me doar mais pelas pessoas, em ajudar mais as pessoas. Eu acho que isso dela, me faz vê, a ser mais generosa, porque ela é muito generosa [...] (Ísis, 27 anos, sobrinha materna).

Grupo mães-filhos: Díade M

Às vezes, alguma coisa...prudência [...] a ser segura com as coisas que falo, a gostar de trabalhar, a gostar de comer e gostar de fazer também (Maria, 67 anos, mãe).

Sim. Aprendo muitas coisas... Ajudar em casa [...] Não falar malcriação, ajudar, ser mais responsável [...] (Mahu, 33 anos, filha).

A esse respeito, Oliveira (1998, p. 1) afirma que, na intergeracionalidade, na convivência diária, “há uma influência e ensinamento recíproco”, uma “coeducação de gerações”, ocorrendo modificações simultâneas nos modos de ser e de pensar. Dias e Oliveira (2017) reforçam que, através da troca mútua, netos e avós ensinam e aprendem simultaneamente.

Esses achados corroboram com o que escreveu Ferrigno (2016, p. 218), ao referir que os velhos ensinam “sobretudo, valores éticos, saberes práticos e experiências vividas. Os mais velhos também servem de modelo positivo ou negativo, fornecido pela convivência, de como se comportar diante do envelhecimento de si e do outro”. Esse pensamento já tinha anteriormente sido expresso por Bosi (1979, p.32), ao relatar que ocorre a transmissão de experiências dos velhos aos jovens: “há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças”.

Por outro lado, Ferrigno (2010) ressalta que o convívio com gente mais jovem propicia aos velhos a oportunidade de reverem seus conceitos sobre a juventude e seu estilo de vida, de modo a torná-los mais compreensivos em relação a temas sensíveis como sexualidade, drogas e os novos comportamentos da juventude. Em outro texto, o mesmo autor (2016, p. 218) refere que um auxílio importante é a “atualização de conhecimentos, mormente aqueles que dizem respeito a novas tecnologias diretamente relacionadas ao dia a dia”. Perspectiva

essa também compartilhada por outros autores (Pires, 2013; Ramos, 2017; Torres & Dias, 2017).

Sobre os idosos aprenderem as novas tecnologias: Pires (2013) verificou que muitos jovens, alunos de cursos na área de informática, socializam com as pessoas idosas de sua família os conhecimentos adquiridos nos cursos que frequentam, facilitando a difícil relação que se dá entre a pessoa idosa e a tecnologia. A autora afirma que os idosos buscam sua inserção na sociedade tecnológica e a família exerce papel importante nesta inserção. Oliveira (2015) corrobora com Pires, ao afirmar que os jovens também introduzem os velhos no domínio das novas tecnologias e redes sociais, o que mostra o quanto o contato para ambos é enriquecedor.

Ferrigno (2016) recorda que a educação se dá inicialmente na família, prosseguindo nas relações entre colegas de brincadeira, nos grupos, no trabalho e também via meios de comunicação. Acrescenta ainda que a educação além de técnica e teórica é estética, moral e afetiva, e segue durante toda a vida, enquanto jovem ou velho. O autor supracitado (p.215) postula que sempre é tempo de aprender e que jamais o ser humano está pronto, se mantém em constante processo de construção, de aprendizagem, “até seu último suspiro”. Ele ressalta que essa condição humana de incompletude se torna mais evidente em nossos dias de mudanças aceleradas.

Ramos (2017) menciona que avós e avôs deixam memórias e recordações diferentes. Os avôs são recordados e relacionados pelos netos com a história social, sendo descritos no seu trabalho, atividades e implicações no domínio exterior e público. Já as avós, são referidas com a história familiar, a casa, a cozinha, os cheiros, as roupas, ou seja, com o domínio privado/familiar. Nesse sentido, Oliveira (2015) afirma que a relação avós e netos favorece a troca de experiências. A autora pontua que, o passado de uma geração não alcançada pelos netos passa a ser acessado através das histórias contadas pelos avós. Por outro lado, para os avós, as experiências e vivências com os seus netos, leva-os a uma constante atualização.

3. Fatores positivos e negativos presentes na relação

Subcategorias
3.1 Fatores positivos
3.2 Fatores negativos

3.1 Fatores positivos da relação

Nesse tema, todos afirmaram que existem fatores positivos na relação prevalecendo conversar e a convivência pautada na atenção, cuidado, carinho, aprendizado, confiança, cumplicidade e compreensão mútua:

<p>Grupo avós-netos(as): Díade A</p> <p><i>A aproximação [...] O carinho que existe um pelo outro [...] O cuidado um com o outro [...] E conversar, a gente sente alguma coisa que não tá do agrado dele nem do meu, a gente conversa (Ana, 67 anos, avó por afinidade).</i></p> <p><i>Quando eu quero falar, ela me ouve; e quando ela quer falar, eu escuto ela. A gente tem essa troca de companheirismo, de ideias, de informações [...] Também, sentar, conversar, sorrir (Adalf, 25 anos, neto por afinidade).</i></p>
<p>Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade G</p> <p><i>O que é que eu acho? Eu acho tudo (Gilca, 69 anos, tia paterna).</i></p> <p><i>[...]Eu acho que é a convivência, assim, do dia a dia, é bom.[...] Então, o positivo da relação da gente é porque eu tenho esse tempo pra tá conversando, coisa que minha outra tia não faz, porque trabalha o dia todo, e a filha dela porque tá nessa fase de só querer tá em internet, só querer dormir, então acho que o positivo é essa conversa que a gente sempre tem (Gaby, 24 anos, sobrinha paterna).</i></p>
<p>Grupo mães-filhos: Díade M</p> <p><i>[...] Conversar, brincar [...] (Maria, 67 anos, mãe) .</i></p> <p><i>[...]A convivência, a proximidade, a paciência, conversar, passear, ser cúmplice uma da outra, de se entender [...] (Malu, 33 anos, filha).</i></p>

Schmidt (2010) refere que o convívio intergeracional é algo benéfico, pois se traduz em enriquecimento mútuo, através da troca de afeto e conhecimentos e da abertura para o diálogo entre as gerações. Ela ressalta que tal premissa é possível quando se lida com o diferente, não como algo ameaçador, mas enriquecedor. Nesse sentido, os laços familiares são mediados pelo afeto e esse elo desenrola atitudes de cooperação e cuidado por parte de ambas as gerações, evidenciando a reciprocidade. Essa convivência entre grupos etários diferentes oportuniza a inversão de papéis sociais, o dar e o receber. Pois os idosos já cumpriram seu papel de provedor, de cuidador e, nesse momento de suas vidas, carecem de retribuição de carinho, cuidado e atenção.

Autores pontuam que a proximidade de familiares protege os idosos contra a depressão. E que o apoio emocional e instrumental recebido dos familiares está associado a um maior senso de bem-estar psicológico. Além disso, as relações familiares podem produzir riqueza

para os diferentes membros, para o grupo familiar e sociedade, tanto em termos materiais, psicológicos, sociais e culturais. (Donati, 2012; Thanakwang, 2015; Tiedt, Saito & Crimmins 2016).

Dias e Oliveira (2017) acrescentam que precisa-se compreender que há reciprocidade nos benefícios advindos do relacionamento entre essas duas gerações. As autoras salientam que, não só os adultos jovens saem beneficiados desta relação, mas os idosos também se beneficiam do contato, visto que experimentam realização, orgulho, satisfação, sentimento de utilidade, de dever cumprido, e renovação do interesse pela vida.

3.2 Fatores negativos da relação

Nessa categoria, a maioria trouxe novamente o tempo insuficiente dos adultos jovens para estar com os idosos, como também a distância geográfica, a religião e questões familiares:

<p>Grupo avós-netos(as): Díade F</p> <p><i>É... é porque é assim, ela é braba. Ela não pode ter assunto de meu filho (o pai de Fany), assim, não posso tocar, porque ela não gosta, isso aí é uma coisa negativa, não falo o nome de meu filho. Nem ela fala e nem eu falo. Eu acho isso negativo. Ela também não gosta que fale de Jesus (risos), é negativo [...] Acho ruim porque não posso defender meu filho, que ela não gosta. Também moramos longe, aí é ruim (Flora, 68 anos, avó paterna).</i></p> <p><i>Atualmente, é ela querer a aproximação da gente com o nosso pai. Porque ela, às vezes, força certas coisas que, não vai acontecer dessa forma.[...] Então, isso me incomoda. Outra coisa é eu trabalhar muito e não ter muito tempo para dar mais atenção a ela (Fany, 27 anos, neta paterna).</i></p>
<p>Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade H</p> <p><i>Até agora não achei nadinha não. Caso aconteça, se eu fizer alguma coisa errada, e eu ver que a pessoa não gostou, aí eu vou lá e digo: olha tu me desculpa o que eu falei, se eu falei errado. E aí ele diz: não, não, tio, tá tudo certo, se aperrei com isso não (Herón, 67 anos, tio paterno) .</i></p> <p><i>O que incomoda, eu acho que... o que incomoda mais, eu acho que é a falta de tempo. Porque apesar da gente se ver, a gente se ver pouco, né? Eu acho que o que atrapalha mais é essa falta de tá procurando, tá sempre perto, sempre conversando, é essa falta de tá perto mesmo, por causa da falta de tempo (Hian, 23 anos, sobrinho paterno).</i></p>
<p>Grupo mães-filhos: Díade J</p> <p><i>Acho que é a falta de tempo pra gente ter mais aproximação e conversar mais (Jane, 66 anos, mãe).</i></p> <p><i>A falta de tempo da minha vida [...] Ela não querer sair comigo [...] Os stresses por causa do meu filho que faz a gente arengar, mas é assim mesmo (Julie, 38 anos, filha).</i></p>

Um dos pontos citados como fator negativo na relação foi principalmente a questão do tempo insuficiente dos adultos jovens para estar com os idosos, que já foi comentando em categorias anteriores. Isso corrobora o pressuposto de que o apoio familiar necessário entre seus membros é seriamente prejudicado pelas realidades da sociedade contemporânea, podendo ocasionar a *insuficiência familiar*, caracterizada principalmente pelo baixo apoio social à pessoa idosa e vínculo familiar prejudicado (Souza, Pelegrini, Ribeiro et al., 2015; Zeng, North e Kent, 2013). Ao buscarem cada vez mais seus objetivos, a distância entre os jovens adultos e seus avós tende a ser mais espaçada (Dias & Oliveira, 2017), bem como entre tios(as) idosos(as)-sobrinhos(as), mães-filhos.

Dias e Oliveira (2017) clarificam que o relacionamento entre gerações pode se configurar também numa fonte de tensões e conflitos, porque o encontro e o convívio entre pessoas de gerações distintas requisitam, de ambas, o respeito a um tempo não vivido, e a paciência para compreender um momento histórico não alcançado. Muitas vezes esses conflitos remontam às dificuldades existentes nas gerações dos avós e pais que respingam nos netos, bem como a distância geográfica.

Dias (2002) concorda com o referido pelos autores acima e acrescenta outros fatores que também podem influenciar de forma negativa as relações, dentre elas a idade, gênero, mediação dos pais, trabalho e saúde dos idosos, o nível socioeducacional da família, ocorrência de eventos difíceis (separação, crises, doenças), tipo de organização familiar, relacionamento estabelecido com filhos, noras e genros, personalidade, entre outros.

4. Propostas de intervenções que facilitem a relação

Nessa categoria os participantes nomearam várias estratégias que os aproximem mais destacando-se: conviver e conversar mais, morar mais perto, aproveitar mais o tempo juntos, o adulto jovem ter mais tempo e dar mais atenção ao idoso(a), saírem mais juntos para passear e se compreender melhor:

Grupo avós-netos(as): Díade F

Estar mais perto, falar mais, sempre a gente marcar assim, um jantarzinho, um almoço, sair mais, né? Porque quanto mais distância... Também porque se viver junto demais dá choque, né? E longe também não é bom. E sempre a gente tá junto numa conversa, ou ela ir lá em casa assim, isso é muito bom. Acho que se tiver mais um tempo, porque assim, elas trabalham...[...] Ter aquele cuidado, né? Assim, nós precisamos fazer isso mais (Flora, 68 anos, avó paterna).

Uma proposta para aproximar... Eu acho que a questão atual, mais, é falta de tempo. De pegar ela, de sair, de passear mais com ela. De levar ela nem que seja para tomar um sorvete, de comprar alguma coisa que ela está precisando. Eu acho que hoje em dia é a falta de tempo mesmo. De estar

mais presente, não só pelo telefone, mas fisicamente mesmo. Eu acho que se eu tivesse mais tempo, isso iria contribuir (Fany, 27 anos, neta paterna).

Grupo tios(as)-sobrinhos(as): Díade I

Se a gente tivesse bem muito dinheiro pra gente gastar com muito amor e carinho, uma com a outra assim. [...]Aí, como eu sou pobre, aí eu digo: vou tirar esse dinheiro pra dar a um. Aí, vou e faço. Esse dinheiro é pra outro. Tá entendendo? Mas todos precisam de carinho, né? Gosto muito, demais de todos. Apesar de que tem uns mais afastados (Íris, 67 anos, tia materna).

Morar mais perto, até pra saber como ela tem passado por conta da idade dela. E ser mais presente na vida dela também. Eu queria muito morar mais perto. E até ajudar quando eu pudesse também, né? (Ísis, 27 anos, sobrinha materna).

Grupo mães-filhos: Díade J

A gente passear mais, ir pra igreja, ficar junto mais tempo, conversar mais, se entender mais [...] (Jane, 66 anos, mãe).

Se eu tivesse mais tempo [...] ter mais tempo pra dá atenção a ela [...] conversar, cada vez mais ficar presente [...] ter paciência com ela (Julie, 38 anos, filha).

Observando-se as propostas elencadas para melhorar a relação, percebe-se o esforço constante à busca pela *homeostase familiar*, que como já antes referida, diz respeito ao funcionamento do sistema para manter-se e não se desfazer, pois uma de suas tarefas é a manutenção do equilíbrio do sistema. Desse modo, o sistema deve ser capaz de captar desvios de normas fixas e corrigir essas tendências (Bertalanffy, 2008).

Por outro lado, é necessário levar em consideração a *mudança e a adaptabilidade*, porque existe um meio ambiente em constante mudança e o sistema familiar deve ser adaptável. Essa *adaptabilidade* é frequentemente realizada pela qualidade *homeostática* que definirá o *equilíbrio*. No entanto, os sistemas complexos como os socioculturais envolvem mais do que isso, portanto, devem ser capazes de efetuar mudanças e se reordenarem à base das pressões ambientais (Bertalanffy, 2008).

Nesse sentido, pode-se incluir a *equifinalidade* como uma propriedade dos sistemas que se referem às várias possibilidades de melhorar a relação para aproximar as gerações, pois nos diz Bertalanffy (2008), que diferentemente das máquinas, os organismos vivos têm a capacidade de atingir um objetivo final (aproximação) de maneiras diversas (ações e intervenções).

Sabe-se que o distanciamento entre as gerações traz sérios prejuízos para os idosos e jovens, mas sobretudo aos velhos. A esse respeito, McKinnon, Harper e Moore (2013) afirmam que os idosos que vivem sozinhos apresentam mais depressão em relação aos que vivem com, pelo menos, um adulto. Nesse sentido, Zapata López (2015) salienta que a solidão é um aspecto que leva os idosos a se sentirem indefesos e vulneráveis. Desse modo, pesquisas no Brasil e em outros países têm demonstrado a importância de atitudes e atividades que integrem as gerações de idosos com os mais jovens.

Augustin e Freshman (2016) realizaram uma intervenção educativa com jovens estudantes, em uma universidade nos Estados Unidos, tendo como foco o tema da velhice. Após a intervenção, os autores verificaram um aumento nas percepções positivas em relação aos idosos. Eles descobriram seus próprios estereótipos ageistas e alguns desenvolveram interesse em seguir uma carreira na profissão de cuidar dos idosos.

Moral Jiménez (2017) fez uma análise crítica da literatura na Espanha, objetivando analisar os Programas Intergeracionais enquanto integrador dos idosos espanhóis e latinoamericanos na comunidade. O autor concluiu que essas ações promovem o envelhecimento ativo e a superação de problemas, desconstruindo o paradigma da decadência e da perda que ainda hoje cerca a velhice.

Por sua vez, Souza (2011), por meio de um grupo focal composto de idosos e jovens, intencionou avaliar atividades intergeracionais desenvolvidas em uma escola de ensino fundamental e as mudanças ocorridas. Resultou que a atividade obteve um impacto positivo na percepção dos participantes referentes à relação familiar, à autopercepção, ao estado de saúde e à solidariedade.

Ferreira, Massi, Guarinello et al. (2015) realizaram grupos de oficinas de linguagem compostos por adultos jovens e idosos, com o objetivo de analisar a visão que o velho tem sobre o jovem e vice-versa, bem como o trabalho de velhos e jovens com a linguagem. Os resultados apontaram que as relações estabelecidas nestes encontros podem propiciar interações significativas entre jovens e velhos, desmistificando preconceitos e promovendo benefícios às diferentes gerações.

Desse modo, o encontro dessas duas gerações permite a oportunidade de compartilharem formas de existir no mundo, através da singularidade das experiências de épocas diferentes, gírias, modismo, valores, pensamentos e conceitos que ambos carregam ao longo de sua existência (Oliveira, 2015).

Considerações finais

Esta pesquisa contou com a colaboração de vinte e quatro participantes, adultos jovens e idosos, que responderam a uma entrevista sobre como percebem e analisam seu relacionamento. Os resultados demonstraram que, no que se refere à percepção das díades/grupos acerca da relação entre idosos(as) e adultos jovens de maneira geral, a maioria percebeu uma relação distante entre as duas gerações. Ela é ocasionada, sobretudo, pelo idadismo/ageísmo, caracterizado pelo desrespeito, discriminação, exclusão, maltrato, incompreensão, impaciência e intolerância. Reconhece-se que a revolução tecnológica e a falta de tempo do adulto jovem, contribuem para o distanciamento. Por outro lado, isso pode ocorrer também devido ao fato de o idoso ou o adulto jovem não desejarem aproximação, ou por terem personalidades difíceis.

Contudo, quando questionados acerca da relação que os participantes mantêm uns com os outros, foi unânime a existência de forte vínculo de amizade, destacando-se como características do relacionamento: acolhimento, atenção, cuidado, carinho, comunicação, presença e respeito. Entretanto, mais uma vez, ressaltou-se a falta de tempo do adulto jovem como um fator negativo na relação. Foi mencionado, também, que, apesar da boa interação, às vezes, existem conflitos, que é comum em qualquer relação, pois o conflito pode gerar o amadurecimento da relação.

Em relação à percepção de influência mútua, a maioria afirmou que ela existe, sobretudo no comportamento, atitudes, virtudes e valores morais. No que se refere à aprendizagem, predominou que há um ensinamento mútuo. Os idosos destacaram ensinar aos adultos jovens os valores morais, atividades, e atitudes que emergem das experiências, enquanto os adultos jovens referiram ensinar aos idosos, principalmente, as novas tecnologias.

Quanto a fatores positivos e/ou negativos presentes na relação: a maioria afirmou que entre os negativos destacaram-se o tempo insuficiente dos adultos jovens para estar com os idosos (devido ao trabalho e estudos), a distância geográfica (morar em bairros diferentes), e, ainda, a religião e questões familiares. Acerca dos positivos, prevaleceram conversar, a convivência pautada na atenção, cuidado, carinho, aprendizado, confiança, cumplicidade e compreensão mútua.

Sobre propostas de intervenções que facilitem a relação, predominou encontrar estratégias que os aproximem mais, destacando-se: conviver e conversar mais, estar mais

perto, morar mais perto, aproveitar mais o tempo juntos, o adulto jovem ter mais tempo e dar mais atenção ao idoso(a), saírem mais juntos, passear, compreenderem-se melhor. Em linhas gerais, os resultados destacam que, de certa forma, existe um distanciamento entre as gerações, oriundo de vários fatores. Todavia, há idoso/adulto jovem com quem existe uma relação de mais proximidade devido a motivos como bom relacionamento desde a infância, proximidade física e afinidade.

Encontrou-se também, nesta pesquisa, adultos jovens que vivem uma relação profunda de confiança e influência por parte de seus familiares de vinculação paterna certamente proveniente da maior participação dos pais na vida dos filhos. Outro dado importante foi a presença do parentesco por afinidade em duas díades, sinalizando que os vínculos de afeto merecem mais atenção nas pesquisas.

Observa-se um movimento em diferentes países e culturas, de criação de intervenções e estudos que contribuam para facilitar o relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens da mesma família e na sociedade como um todo. Trata-se de um processo de coeducação das gerações em que trocas substanciais ocorrem e beneficiam a todos.

Nesse contexto, é importante refletir-se sobre a necessidade de aproximar as gerações de idosos(as) e adultos jovens para o bem-estar de ambas. Côrte e Ferrigno (2016) e Tiedt, Saito e Crimmins (2016), corroboram com essa proposta ao afirmar que a proximidade de familiares protege os idosos contra a depressão. Esse pensamento é compartilhado por autoridades governamentais como o Ministério da Saúde (2007), ao ressaltar que a quantidade de apoio recebido, pelos idosos, em suas relações pessoais pode lhe proporcionar bem-estar psicológico e físico, mas a ausência, combinada com outros fatores, pode aumentar os riscos desse transtorno. Por outro lado, o Estatuto da Juventude (2013) propõe o estímulo ao relacionamento entre jovens e idosos(as) como forma de proporcionar ricos benefícios para os jovens nas trocas intergeracionais.

O presente estudo tem suas limitações devido à carência de pesquisas e da literatura que enfoquem mais especificamente o relacionamento entre pessoas idosas e adultos jovens e que abordem, principalmente, a relação entre tios e sobrinhos. Outra dificuldade encontrada foi ter poucos participantes do sexo masculino. Todavia, espera-se contribuir para futuras reflexões e pesquisas que colaborem para que se estabeleça a solidariedade intergeracional, sobretudo nessas gerações, propiciando mais proximidade e harmonia entre elas.

A partir dos resultados apresentados, a pesquisadora infere que o relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens, é uma questão que merece mais atenção, pois a ausência de interações e, essas, com qualidade, poderá provocar um distanciamento que reverbera em prejuízo para ambas as gerações. Nesse sentido, cabe o aprofundamento de pesquisas que proporcionem subsídios teóricos e práticos para se criar projetos que facilitem a relação entre idosos e adultos jovens. Dentre eles, ser implantado e implementado na matriz curricular escolar infantil e de jovens, disciplinas e/ou programas que colaborem para a desconstrução da ideia negativa acerca da velhice e do velho, pois trata-se de um problema estrutural, de base cultural da sociedade, sobretudo as capitalistas ocidentais.

Referências

- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP. (2018). *Critério de Classificação Socioeconômica Brasil*. Recuperado de <http://www.abep.org>.
- Acevedo, C. R. (2003). Motivos para viajar: um estudo com turistas maduros no contexto brasileiro. *Facef pesquisa*, 6 (3), 78-86.
- Augustin, F., & Freshman, B. (2016). The Effects of Service-Learning on College Students' Attitudes Toward Older Adults. *Gerontology & Geriatrics Education*, 37 (2), 123-44.
- Baranowski, M. (1982). Grandparent-grandchildren relations: beyond the nuclear family. *Adolescence*, 17 (67), 575-584.
- Barbosa, J. C. (2014). Comida e tradição: o dom de agregar. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R. C. Amorim & S. M. P. Sá (Eds.), *Do fogão ao coração: receitas de família* (pp.31-34). Salvador, Ba/ Brasil: edição P55.
- Bertalanffy, L. V. (2008). *Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Berthoud, C. M. E. & Bergami, N. B. B. (2010). Família em fase de aquisição. In C. M. O. Cerveny, C. M. E. Berthoud & Colabordaores (Eds), *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (pp.46-71). São Paulo, SP/Brasil: Casa do Psicólogo.
- Bosi, E. (1979). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, SP: T. A. Queiroz Editor.
- Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. (2003). *Estatuto do Idoso – Lei n. 10.741 de 1º de outubro de 2003*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm
- Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. (2013). *Estatuto da Juventude – Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Recuperado de [dehttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)

- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2018). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>
- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos. (2018). Política Nacional do idoso: a perspectiva dos Direitos Humanos. *Encontro sobre integração entre serviços e benefícios socioassistenciais para a pessoa idosa*. Dias 28 e 29 de junho de 2018, Novotel São Paulo Center Norte, São Paulo/SP.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção básica. (2007). *Cadernos de atenção básica: envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. N. 19. Brasília: DF.
- Brasil. *Política Nacional do Idoso – PNI. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. (1994). Presidência da República. Casa civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Brasília: DF. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm
- Brito, E. S. (2014). Fábrica de Chimango e a força da tradição. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R. C. Amorim & S. M. P. Sá (Eds.), *Do fogão ao coração: receitas de família* (pp.102-108). Salvador, Ba/Brasil: edição P55.
- Biblioteca Virtual em Saúde - BVS. (2018). *DeCS - Descritores em Ciências da Saúde*. Recuperado de <http://decs.bvs.br/>.
- Camarano, A. M. (2004). Os caminhos dos jovens em direção à vida adulta. *Revista do desenvolvimento*, 1(1), 1-2. Recuperado de http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7148/1/Artigo_5_Os%20caminhos%20dos%20jovens%20em%20direção%20à%20vida%20adulta.pdf
- Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA.
- Camarano, A. A., Kanso, S., & Fernandes, D. (2016). Brasil envelhece antes e pós-PNI. In A. O. Alcântara, A. A. Camarano & K. C. Giacomini (Eds.), *Política Nacional do idoso: velhas e novas questões* (pp.63-103). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: IPEA.
- Camilli, C., Millan, A., & Tirro, V. (2010). Una mirada al significado que le atribuyen a la vejez los jóvenes estudiantes de la Universidad Metropolitana de Caracas, Venezuela, (Psicología Social). *Anales de la Universidad Metropolitana*, 10(2), 227-250.
- Carstensen, L. L. (1991). Socioemotional selectivity theory: Social activity in life-span context. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 11, 195-217. New York: Springer.
- Carstensen, L. L. (1992). Social and emotional patterns in adulthood: Support for socioemotional selectivity theory. *Psychology and aging*, 7, 331-338.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2007). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.). *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 7-29). Porto Alegre, RS/Brasil: Artes Médicas.

- Castañeda, P. J., Sánchez, D., Sánchez, A., & Blanc, S. (2004). Como perciben los nietos adultos las relaciones con sus abuelos. *Anuário de Psicologia*, 35(1), 107-123.
- Confort, M. (2018). Viajar em família faz bem pra saúde, sugere a ciência. *Manual do homem moderno*. Recuperado de <https://manualdohomemmoderno.com.br/viagem/viajar-em-familia-faz-bem-pra-saude-sugere-ciencia>
- Connidis, I. A. (1989). Sibling ties. In I. A. Connidis (Ed.), *Family ties and aging* (pp. 71-86). Toronto: Butterworths Canada.
- Côrte, B., & Ferrigno, J. C. (2016). Programas Intergeracionais: Estímulo à integração do idoso às demais gerações. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1526-1534). Rio de Janeiro/RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Costa, L. F. (2014). Aperitivo. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R. C. Amorim & S. M. P. Sá (Orgs.). *Do fogão ao coração: receitas de família*. Salvador, Ba/Brasil: edição P55, 13-14.
- D'Alencar, R. S. (2012). (Re) meaning the solidarity in the old age: beyond consanguineous ties. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences (UEM)*, 34(1), 9-17.
- Denham, T., & Smith, C. (1989). The influence of grandparents on grandchildren: a review of the literature and resources. *Family Relations*, 38, 345-350.
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Minayo, M. C. S. (2008). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Dias, C. M., & Silva, M. A. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, número especial, 8, 55-62.
- Dias, C. M. S. B. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Revista Symposium*, 6 (1/2), 32-38.
- Dias, C. M. S. B. (2015). As relações intergeracionais na família: desafios e possibilidades. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp.93-102). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ed. PUC-Rio: Prospectiva.
- Dias, C. M. S. B, & Oliveira, G. A. S. (2017). Netos adultos e avós: significado, atividades realizadas, frequência do contato e dificuldades no relacionamento. In T. Féres-Carneiro (org.) *Casal e família: teoria, pesquisa e clínica* (pp.115-129). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ed. PUC-Rio: Prospectiva.
- Doll, J., Machado, L. R., & Cachioni, M. (2016). O idoso e as novas tecnologias. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1613-1621). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Donati, P. (2003). La famiglia come capitale sociale primário. In P. Donati (Ed.). *Famiglia e capitale sociale nella società italiana* (pp.31-101). Cinisello Balsamo, Itália: San Paolo.

- Donati, P. (2008). *Família no século XXI: Abordagem relacional*. São Paulo, SP: Paulinas.
- Donati, P. (2012). Cultural change, family transitions and reflexivity in a morphogenetic society. *Memorandum*, 21, 39-55. Recuperado de <http://www.Fafich.ufmg.br/memorandum/a21/donati04>.
- Donati, P. (2013). *La famiglia, il genoma che fa vivere la società*. Soveria Manelli: Rubbetino Editore.
- Esteves de Vasconcellos, M. J. (2003). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Papirus.
- Ferreira, C. K., Massi, G. A. A., Guarinello, A. C., & Mendes, J. (2015). Encontros Intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e idosos. *Revista PUC SP: Distúrbios de Comunicação*, 27(2), 253-263. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/20409/16982>
- Ferrigno, J. C. (2005). A coeducação entre gerações: um desafio da longevidade. *Mundo saúde*, 29(4), 484-490.
- Ferrigno, J. C. (2006). A coeducação entre gerações. *Revista Brasileira de Educação Física Especial*, 20(5), 67-69. Recuperado de <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/>
- Ferrigno, J. C. (2008). Apresentação. In C. R. Lima (Org.), *Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações* (pp.11-13). Campinas, SP/Brasil: Ed. Alínea.
- Ferrigno, J. C. (2010). *Coeducação entre gerações*. São Paulo, SP: SESC.
- Ferrigno, J. C. (2016). O idoso como mestre e aluno das novas gerações. In A. O. Alcântara, A. M. Camarano & K. C. Giacomini (Orgs.). *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões* (pp. 211-223). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ipea.
- Ferrigno, J. C. (2018). Netas Cuidadoras de Avós Fragilizados: Uma Especial Relação de Gerações. *Revista Portal de divulgação*, 57(9), 16-21. Recuperado de <http://portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/723/786>.
- Franks, L. J., Hughes, J. P., Phelps, L. H., & Williams, D. E. (1993). Intergenerational influence on midwest college students by grandparents and significant elders. *Educational Gerontology*, 19, 265-271.
- Frank, M. H., & Rodrigues, N. L. (2016). Depressão, ansiedade, outros transtornos afetivos e suicídio. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.391-403). Rio de Janeiro/RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>

- Harsthorne, T. S., & Manaster, G. J. (1982). The relationship with grandparents: contact, importance, role conceptions. *International Journal of Aging and Human Development*, 15(3), 233-245.
- Kenedy, G. E. (1990). College students' expectations of grandparent and grandchild role behavior. *The Gerontologist*, 30(1), 43-48.
- Kenedy, G. E. (1992b). Shared activities of grandparents and grandchildren. *Psychological Reports*, 70, 211-227.
- Leal, T. C. M. (2014). O kibe Naye da vovó Olga: o sabor da história e o gosto da memória de encontros inesquecíveis em família. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R.C. Amorim & S. M. P. Sá (Orgs.), *Do fogão ao coração: receitas de família* (pp. 69-71). Salvador, Ba/Brasil: edição P55.
- Lerner, R. M. (1995). *America's youth in crisis: challenges and options for programs and policies*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lopes, E. S. L. (2008). *Representação social de velhos e velhice para crianças: contatos intergeracionais no projeto Jarinu tem memória* (Dissertação de mestrado em Gerontologia). UNICAMP, Campinas, SP.
- McKinnon, B., Harper, S., & Moore, S. (2013). The relationship of living arrangements and depressive symptoms among older adults in sub-Saharan Africa. *BMC Public Health*, 13(1), 682-695.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, SP: Ed. Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2018). *O principal fator para o suicídio do idoso é o isolamento, a solidão. GEPeSP entrevista. Disponível em <https://gepesp.org/2018/04/o-principal-fator-para-o-sucidio-do-idoso-e-o-isolamento-a-solidao-gepesp-entrevista-cecilia-minayo/uncategorized>*.
- Miranda, D. S. (2013). Um programa para todas as idades. *Caderno Sesc de Cidadania e intergeracionalidade*, 4(8), 4. Recuperado de www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista.
- Moral Jiménez, M. (2017). Programas intergeneracionales y participación social: la integración de los adultos mayores españoles y latinoamericanos en la comunidad. *Universitas Psychologica*, 16(1), 1-19.
- Moreira, L.V.C., Rabinovich, E. P., & Ramos, M. N. (2017). Introdução. In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs). *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (pp.17-21). Curitiba, PR/Brasil: CRV.
- Neri, A. L. (2008). *Palavras-chave em gerontologia*. Coleção Velhice e Sociedade. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Neves, S. D. (2015). *O casal e as relações de parentesco por afinidade: os sogros* (Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador, Salvador/BA.

- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e métodos*. 7.ed. - Porto Alegre/RS: Artmed.
- Oliveira, P. S. (1998). Cultura e coeducação de gerações. *Psicologia USP*, 9(2), 261-295.
- Oliveira, G. C. A. S. (2015). *Percepção dos vínculos e relacionamento entre netos adultos e seus avós* (Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife/PE.
- Organização Mundial de Saúde - OMS. (2015). *Relatório mundial de saúde e envelhecimento*. Portal Brasil. Recuperado de <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/relatorio-mundial-de...>
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2002). *Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento*. Madri: PNUD.
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2016). *População idosa mais do que dobrará até 2050: especialista da ONU pede foco em direitos*. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/populacao-idosa-mais-do-que-dobrara-ate-2050-especialista-da-onu-pede-foco-em-direitos/>
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2017). *Países dos BRICS terão 940 milhões de idosos até 2050*. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/paises-dos-brics-terao-940-milhoes-de-idosos-ate-2050/>
- Osório, L. C. (2013). *Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais e famílias, empresas*. Porto Alegre, PR: Artmed.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre, PR: AMGH.
- Petrini, G., & Fornasier, R. C. (2017). É possível, ainda, a escolha da família (?). In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (pp. 25-37). Curitiba, PR/Brasil: CRV.
- Piletti, N., Rossato, S. M., & Rossato, G. (2017). *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo, SP: Contexto.
- Pinto, M. T. L. S, Rabinovich, E. P., & Machado, A. I. D. (2017). *Os avós de ontem e de hoje segundo desenho de crianças do 6º ano do ensino fundamental do colégio militar de Salvador, Bahia*. Comunicação oral apresentada no 21º SEMOC: Alteridade, direitos fundamentais e educação na UCSAL - Universidade Católica do Salvador. Recuperado de <http://noosfero.ucsal.br/articles/0014/7452/resultado-trabalhos-semoc-21-semoc.pdf>
- Pires, L. L. A. (2013). Envelhecimento, tecnologias e juventude: caminhos percorridos por alunos de cursos de informática e seus avós. *Estudos interdisciplinares de envelhecimento*, 18(2), 293-309.
- Ponciano, E. L. T. (2015). Autoridade parental em transformação: pais e filhos na adultez emergente. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp.57-72). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ed. PUC-Rio: Prospectiva.

- Ramos, M. (2002). Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, 4(7), 156-175.
- Ramos, N. (2017). Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: avós e netos na contemporaneidade. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (pp.227-247). Curitiba, PR/Brasil: CRV.
- Rabinovich, E. P., Moreira, L. V. C., & Franco, A. F. (2012). Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 139-149.
- Rabinovich, E. P., Franco, A. F., & Moreira, L. V. C. (2012). Compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1), 260-273.
- Roberto, K., & Stroes, J. (1992). Grandchildren and grandparents: roles, influences and relationship. *International Journal of Aging and Human Development*, 34(3), 227-239.
- Robertson, J. F. (1975). Interaction in three generation families, parents as mediators. *International Journal of Aging and Human Development*, 6(2), 103-111.
- Rosas, M. L. G. (2014). Fazendo sala. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R. C. Amorim & S. M. P. Sá (Orgs.), *Do fogão ao coração: receitas de família* (pp.18-22). Salvador, BA/Brasil: edição P55.
- Sanders, G., & Trygstad, D. (1993). Strengths in the grandparents-grandchild relationship. *Activities, Adaptation & Aging*, 17(4), 43-53.
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia I Campinas I*, 25(4), 585-593.
- Schmidt, C. (2010). Entre o avô e o neto: relatos co-educativos. *Simpósio nacional de educação: Infância, sociedade e educação*. 13 a 15 de outubro de 2010, anfiteatro campus Cascavel - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Silva, C. F. S. (2014). *Violência contra idosos: uma proposta de intervenção psicoeducativa junto a familiares envolvidos com a justiça*. (Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife/PE.
- Silva, D. M., Vilela, A. B. A., Oliveira, D. C., & Alves, M. R. (2015). A estrutura da representação social de família para idosos residentes em lares intergeracionais. *Revista de enfermagem da UERJ*, 23(1), 21-26.
- Silva, D. M., Vilela, A. B. A., Nery, A. A., Duarte, A. C. S., Alves, M. R., & Meira, S. S. (2015). Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(7), 2183-2191.
- Silva, M. M. L. (2018). *A contribuição dos tios na vida escolar dos sobrinhos, em uma escola pública de um bairro da periferia de Salvador*. (Dissertação de mestrado do Programa de Pós- Graduação em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador, Salvador/BA.

- Souza, E. M. (2011). Intergenerational integration, social capital and health: a theoretical framework and results from a qualitative study. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(3), 1733-1744.
- Souza, A., Pelegrini, T. S., Ribeiro, J. H. M., Pereira, D. S., & Mendes, M. A. (2015). Conceito de insuficiência familiar na pessoa idosa: análise crítica da literatura. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68(6), 1176-1185.
- Thanakwang, K. (2015). Family support, anticipated support, negative interaction, and psychological well-being of older parents in Thailand. *Psychogeriatrics*, 15(3), 171-178.
- Tiedt, A. D, Saito, Y., & Crimmins, E. M. (2016). Cross-national research; Depressive Symptoms, Transitions to Widowhood, and Informal Support From Adult Children Among Older Women and Men in Japan. *Research on Aging*, 38(6), 619-642.
- Torres, K. A., & Dias, C. M. S. B. (2017). A relação entre avós, idosos e netos por meio das novas tecnologias de informação e comunicação. In L.V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.133-144). Curitiba/PR/Brasil: Ed.CRV.
- Vicente, H. T., & Sousa, L. (2012). Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas. *Revista Kairós*, 15(11), 75-98. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/12778>
- Zapata López, B. (2015). Apoyo social y familiar del adulto mayor del área urbana. Angelópolis, Antioquia 2011. *Revista de Salud Pública = Journal of Public Health*, 17(6), 848-868. Recuperado de <http://search.proquest.com/openview/1ff71a82e9922a7419e192f333d6c269/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2035756>.
- Zeng, W., North, N., & Kent, B. (2013). Family and social aspects associated with depression among older persons in a Chinese context. *International Journal of Older People Nursing*, 8(4), 299-308.

ESTUDO III

PERCEPÇÃO DO RELACIONAMENTO ENTRE IDOSOS E ADULTOS JOVENS DA MESMA FAMÍLIA: RELATO DE UM GRUPO FOCAL

Resumo: Esta pesquisa objetivou compreender os modos como acontecem as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas, utilizando-se o grupo focal como fonte de expressão. Especificamente, pretendeu-se: 1) Avaliar os sentimentos experimentados por eles na participação em um grupo focal; 2) Descrever as características do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens; 3) Propor possibilidades de intervenções que facilitem essa relação. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de corte transversal e com uma amostra por conveniência. Participaram sete idosos(as) com idades entre 62 e 69 anos, e cinco adultos jovens) com idades entre 22 e 28 anos, sendo eles três netos (as), dois sobrinhos(as), três avós, três tios(as) e uma mãe. Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: questionário sociodemográfico e o grupo focal. Os resultados foram avaliados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temática e demonstraram que: 1) quanto aos sentimentos experimentados por estarem juntos no grupo, predominaram felicidade, prazer, satisfação, gratidão, aprendizagem e experiência; 2) acerca da percepção do relacionamento intergeracional entre as duas gerações, prevaleceu a visão de distanciamento; 3) como principais possibilidades para facilitar a relação, foram sugeridas: o adulto jovem priorizar um tempo para dedicar às pessoas idosas, como também, a realização de um processo de conscientização desde a infância sobre o envelhecimento e a importância do relacionamento intergeracional.

Palavras-chave: Relação entre gerações; Família; Idoso; Adulto jovem; Grupo focal.

Introdução

Antes de adentrar ao problema de estudo propriamente dito, entende-se ser importante acrescentar reflexões acerca do momento contemporâneo que a sociedade atravessa, pois compreende-se, de acordo com a teoria sistêmica, que a sociedade enquanto sistema, na sua interação com o sistema familiar (por meio do *intercâmbio com o meio*), afeta-o e, conseqüentemente, seus subsistemas, ou seja, o relacionamento entre idosos e adultos jovens. Portanto, faz-se necessária essa compreensão do que ocorre no momento sócio-histórico e econômico atual, para melhor entender as interações que se estabelecem entre essas duas gerações.

Para tanto, Han (2017) remete a importantes reflexões sobre esse momento contemporâneo em seu escrito sobre a “Sociedade do cansaço”. Sociedade esta que inscreve seu caro registro sob a humanidade, composta também, por idosos e adultos jovens, com suas demandas específicas das fases que estão vivendo. O autor argumenta que cada época possuiu

suas enfermidades fundamentais, e que o século XXI define-se como o neuronal, sendo as doenças psíquicas depressão e *burnout*, enfermidades centrais desse século, determinando a paisagem patológica que compõe o cenário secular.

Nesse sentido, a sociedade caracteriza-se pelo desaparecimento da alteridade, havendo “uma obesidade de todos os sistemas atuais”, do sistema de informação, comunicação e produção, pois “a comunicação generalizada e a superinformação ameaçam todas as forças humanas de defesa” (Han, 2017, p.15). Desse modo, a violência neuronal leva ao infarto psíquico, pois é uma violência sistêmica, imanente ao sistema, que leva à depressão e outros transtornos emocionais.

O autor supracitado refere que a sociedade contemporânea, que incorre à violência neuronal, é “uma sociedade de academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética”, constituindo-se a sociedade do século XXI, como uma “sociedade de desempenho”, na qual seus habitantes são “sujeitos de desempenho e produção e empresários de si mesmos” (p. 23). Assim, o poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade do desempenho, que “produz depressivos e fracassados” (p.25), pois exige desse sujeito do desempenho ser cada vez mais “rápido e produtivo”. Desse modo, o depressivo não está cheio, no limite, mas está esgotado pelo esforço para dar conta do proposto pela sociedade do desempenho, intitulada como a “Sociedade do cansaço”.

O referido autor ressalta que “pertence também à depressão, precisamente, a carência de vínculos, característica para a crescente fragmentação e atomização do social” (p.27). Ele adverte que a causa da depressão do esgotamento é a *pressão do desempenho* que torna o sujeito doente. Pressão essa, que faz com que o sujeito não tenha tempo para investir nas relações, produzindo a carência de vínculos, sendo os vínculos de tamanha importância para a saúde mental, pois, muitas vezes, o tempo que sobra mal dá para descansar (p. 62).

Assim, vive-se hoje, num mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios, “no empuxo da positividade geral do mundo, tanto o homem quanto a sociedade se transformaram numa *máquina autista*” (p. 56). Nesse sentido, o autismo contemporâneo, ocasionado por essa nova forma de ser, tem prejudicado demais as relações humanas. Han denuncia também que os novos meios de comunicação e as técnicas de comunicação estão destruindo cada vez mais a relação com o outro, que o mundo digital é pobre em alteridade e que a virtualização e digitalização estão levando ao desaparecimento da realidade.

Entrementes, “o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando [...]. Esse cansaço atinge a pessoa incapacitando-a de ver e falar”.

O que redundava em violência, “porque destroem qualquer comunidade, qualquer elemento comum, qualquer proximidade, sim, inclusive a própria linguagem” (p.71). Dessa forma, promovendo “o cansado não de ti, mas o cansado para ti” (p.76). Desse modo, o cansaço de esgotamento incapacita de fazer qualquer coisa, inclusive de fortalecer os vínculos relacionais.

O sujeito do desempenho pós-moderno, que dispõe de uma quantidade exagerada de opções, não é capaz de estabelecer ligações intensas. Há um investimento em contatos sempre crescentes e relações superficiais e passageiras. Em virtude de um fraco “elo de ligação”, é muito fácil retirar o investimento de um objeto e com isso direcioná-lo rumo à posse de novos objetos, assim, “a temporalidade da sociedade atual perde contato com tudo que é vinculativo, com tudo que estabelece laços” (p. 114-115).

Por fim, o autor supramencionado ressalta que, na época do relógio de ponto, era possível estabelecer uma clara separação entre trabalho e não trabalho. Hoje, edifícios de trabalho e salas de estar estão todos misturados. Com isso torna-se possível haver trabalho em qualquer lugar e qualquer hora, pois *Laptop* e *smart-phone* formam um campo de trabalho móvel. Nesse sentido, resta pensar sobre o impacto que todas essas mudanças trazem para as relações, sobretudo entre idosos e adultos jovens. Reverberando de forma negativa nas relações, principalmente o excesso de trabalho e tecnologia.

Han (2017) concorda com Rocha (2007), ao compartilharem do mesmo sentimento acerca da contemporaneidade. O segundo autor compreende que o mundo contemporâneo é um mundo sem ideais, porque nele vive-se entre as ilusões da Modernidade e as decepções da Pós-modernidade. Rocha ressalta que a Modernidade determinou não só as representações e os objetos do nosso pensar, mas também os fins do nosso agir. Dessa forma, transformador do mundo, o homem moderno tornou-se também o criador de si mesmo e de sua ética. Porém, “o projeto da Modernidade terminou voltando-se contra o próprio homem” (p.265). O autor supramencionado salienta que desde o momento em que o homem moderno, com o extraordinário poder da ciência e da técnica pode decidir que não haja mais futuro para a humanidade, o futuro deixou de representar uma mensagem de esperança e se tornou uma ameaça de destruição e desespero. Ele refere que os jovens vivem hoje na insegurança de poder não ter um futuro.

Esse é um modo de existir no momento contemporâneo, acentuado na velhice, talvez porque muitos idosos também não se permitem fazer projetos para o futuro. Futuro, só considerado no tempo cronológico, quando, na realidade, é um tempo de existência humana, sempre presente. O futuro implica esperar que desnuda-se com a esperança. Essa condição,

impulsiona a pensar sobre a importância da esperança, sempre, e principalmente em tempos de crise. A esse respeito, Rocha (2007), ao refletir que a “esperança não é esperar, é caminhar” (p.255), propõe que a esperança tem um papel constitutivo na dinâmica da temporalidade humana, podendo ser considerada um elemento do próprio existir do homem no mundo. O autor refere a esperança enquanto pulsão de vida e da desesperança com a pulsão de morte. Ele ressalta que, quando não se espera, não se encontra o inesperado, ou seja, fecham-se definitivamente as portas para o encontro, que só é possível quando se espera, quando existe uma abertura interior para o encontro.

O autor supracitado, esclarece acerca da esperança na dinâmica da temporalidade humana, não como uma “realidade determinada”, mas como possibilidade, como poder-ser. Enquanto “possibilidade da possibilidade”, a temporalidade é o horizonte da compreensão do ser, pois só no tempo se pode encontrar um sentido. Desse modo, “a esperança é um elemento constitutivo do existir humano no tempo” (p.264), pois é ela que sustenta a abertura para o futuro do poder-ser que nós somos, e é ela que nutre a nossa capacidade de sonhar e de caminhar.

O referido autor cita Figueiredo (2003), que propõe que se veja a esperança como um princípio organizador da vida psíquica, indispensável para seu bom funcionamento, e estruturação da subjetividade humana. Ele ressalta, que a esperança sustenta a capacidade de sonhar, alimenta as fantasias de desejo e cria os projetos de amanhã. Desse modo, adverte que a angústia provocada pela desesperança é aterrorizadora porque está impregnada pela ameaça de destruição e da morte.

Por fim, acerca da esperança, pode-se inferir que ela é um princípio fundamental do funcionamento psíquico e da estruturação da subjetividade com a pulsão de vida e a desesperança com a pulsão de morte. Nesse sentido, o grande conflito que ameaça não só a vida psíquica, mas toda a vida cultural é um conflito entre a esperança e a desesperança. Rocha (2007) finaliza seu texto lembrando que, neste campo de luta, entre o “não mais” que será instalado pela morte e o “ainda não” que se abre como tempo da esperança, o homem é um peregrino e seus pés não se cansam de criar novos caminhos, pois seu destino é caminhar e sua alma é uma “alma viajeira”. Desse modo, “o fim a que chega em cada etapa de sua viagem, é de onde ele sempre está partindo para novas estradas e para novas aventuras”(p.271).

Face ao exposto na discussão capitaneada pelos autores elencados acima, entende-se que a sociedade do desempenho, do trabalho, orquestra um modo de vida que provoca a sociedade do cansaço, destrutiva do homem e de suas esperanças. Pois circunscreve a esses

sujeitos de desempenho e trabalho, a falta de tempo, de esperança, de vida vivida com dignidade e qualidade. Sociedade que não oferece-lhes o mínimo, que se traduz em mais tempo, com qualidade, para viver ao lado de quem se ama e precisa de cuidado e acolhimento, para fortalecer os laços de amizade e relacionamento, e conseqüente, mais saúde psíquica.

Diante do contexto acima discutido, compreende-se que o modo contemporâneo de viver, com suas demandas cruéis e devastadoras tem provocado um distanciamento entre as gerações de idosos e jovens (Côrte & Ferrigno, 2016; Ferrigno, 2006; Moral Jiménez, 2017; Oliveira, 2017). Mais especificamente, Miranda (2013) propõe, para além do exposto por Rocha (2007) e Han (2017), que esse distanciamento é um fenômeno da contemporaneidade, provocado por uma sociedade que estabelece uma série de espaços “exclusivos” para atender às diferentes faixas etárias. Argumenta ainda que a família, que sempre foi lugar privilegiado ao propiciar relações intergeracionais, passou por mudanças importantes em sua estrutura e que, conseqüentemente, o menor convívio entre as gerações poderá resultar no desconhecimento mútuo.

Assim, complementa o autor supracitado, que o distanciamento reforça estereótipos que impedem a aproximação entre as pessoas. Por essa razão, ele ressalta que nossa cultura está impregnada pelos conflitos geracionais e pelo preconceito etário, nomeado como idadismo (Couto & Marques, 2016) ou ageísmo (*ageism* em inglês). Esse último termo foi introduzido por Robert Butler (1969) e inclui preconceitos (avaliações negativas), estereótipos (crenças) e comportamentos de discriminação (ex: exclusão). Por conseguinte, o idadismo faz parte do imaginário social, que confere aos jovens qualidades como força e atividade, e reserva aos idosos as perdas e as carências, assim como a fragilidade e a passividade (Miranda, 2013). Essas concepções podem perpassar as relações entre as gerações de forma prejudicial, dificultando, assim, a interação entre elas.

Nesse sentido, o relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens é um campo fértil de estudos, sobretudo em um momento que a população idosa tem alcançado índices nunca antes vistos na história da humanidade, principalmente nos países emergentes, entre eles o Brasil, que, em 2025, será o sexto país no mundo em número de idosos (Camarano, 2004; OMS, 2015; ONU, 2017). O envelhecimento da população brasileira tem resultado em famílias com até quatro ou mais gerações (Vicente & Souza, 2012). Por sua vez, a longevidade vem promovendo alterações substanciais em múltiplas dimensões da vida e, particularmente, nas relações familiares e extrafamiliares (D’Alencar, 2012).

Por conseguinte, decorrentes desse crescimento populacional, e do modo contemporâneo de viver, têm surgido muitas demandas, dentre elas a solidão, o isolamento e a depressão que

tem acometido muitos idosos e jovens, e que os leva a se sentirem indefesos e vulneráveis, podendo ser fonte para o número significativo de suicídios nessas duas faixas etárias (Han, 2017; Zapata López, 2015). De outro modo, aponta-se que também, o distanciamento entre as gerações, fruto desse modo de viver, pode originar o isolamento social e possível depressão nas pessoas idosas e também nos jovens. O que provoca grande preocupação, diante de dados epidemiológicos que mostram que a depressão será a primeira causa de incapacitação nos idosos, nos países emergentes, e a segunda, nos países desenvolvidos, no ano de 2020 (Frank & Rodrigues, 2016; Minayo, 2018; Ministério da Saúde, 2007). Além disso, estudos internacionais e nacionais pontuam que os idosos que vivem sozinhos podem apresentar mais depressão (McKinnon, Harper & Moore, 2013). Por outro lado, a proximidade de familiares e amigos protege os idosos e os jovens contra esse mal-estar subjetivo (Tiedt, Saito & Crimmins, 2016).

Face ao exposto, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender os modos como acontecem as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas. Especificamente, pretendeu-se: 1) Avaliar os sentimentos experimentados por eles na participação em um grupo focal; 2) Descrever as características do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens; 3) Propor possibilidades de intervenções que facilitem essa relação.

O relacionamento e os Programas intergeracionais

Existe um consenso entre os pesquisadores que o relacionamento intergeracional tem sido seriamente prejudicado pelas características da sociedade contemporânea (Han, 2017; Oliveira, Vilas-Boas & Ramos, 2017; Rocha, 2007; Zeng, North & Kent, 2013). O que corrobora com a Teoria Sistêmica, ao postular que o sistema social afeta o sistema familiar através da interação, da relação que com ele mantém (Bertalanffy, 2008). Nesse sentido, D'Alencar (2012) supõe que as aceleradas mudanças sociais impactam diretamente as configurações das famílias e produzem descontinuidades de afetos e solidariedades. Consequentemente, ocorre a insuficiência familiar, que é um processo de interação psicossocial fundado especialmente no baixo apoio social à pessoa idosa e no vínculo familiar prejudicado (Souza et al., 2015), constituindo um dos maiores preditores para o adoecimento do idoso.

Por outro lado, Thanakwang (2015) pontua que um maior apoio emocional e instrumental recebido dos familiares está associado a um aumento da sensação de bem-estar psicológico. Nesse sentido, Oliveira, Villas-Boas e Ramos (2017) afirmam que a rede

familiar desempenha um papel fundamental sendo a fonte primária a proporcionar esse apoio. Contudo, elas reforçam que é uma realidade que, nas últimas décadas, a família tem sido bastante afetada pelas mudanças sociais, culturais, econômicas, tecnológicas, entre outras. Para as referidas autoras, observa-se uma dificuldade na capacidade e no desejo de algumas famílias em prestar o apoio social necessário aos seus membros, sobretudo, idosos e jovens, que são afetados por essa carência. Isso poderá ocasionar solidão, isolamento e depressão, podendo até mesmo chegar ao suicídio (Minayo, 2018).

Diante dessa realidade, Oliveira, Villas-Boas e Ramos (2017) pontuam que é necessário encontrar estratégias que reforcem o apoio familiar, ou que o assegurem aos que não o têm, porque o apoio social tem efeitos muito positivos nos indivíduos, sobretudo nas fases mais tardias do curso de vida. Ele está associado a melhores condições de saúde física e mental, bem como ao aumento da satisfação com a vida. As autoras propõem o recurso e o incremento dos Programas Intergeracionais com a finalidade de aproximar as gerações, entre outros benefícios potencializados por essa ação.

Dias (2015) e Sánchez e Torrano (2013) argumentam que a investigação no campo dos Programas Intergeracionais demonstrou que a relação entre indivíduos de diferentes gerações tem um impacto muito positivo para todos os implicados. Eles assinalam que o incremento do bem-estar psicológico, físico e social, bem como uma mudança nas percepções mútuas entre essas gerações são alguns dos resultados que são alcançados com esse tipo de programa.

Nessa linha de raciocínio, França, Silva e Barreto (2010) reforçam que o Brasil precisa adotar medidas para que o envelhecimento se torne um ganho real e destacam que os Programas Intergeracionais se configuram como uma modalidade para prevenir os preconceitos em relação aos idosos e possíveis conflitos entre as gerações. Ressaltam ainda que os referidos programas contribuem para a desconstrução do ageísmo, desenvolvendo atitudes que estimulam a solidariedade e a cidadania na sociedade hodierna.

Em concordância com os autores mencionados, Côrte e Ferrigno (2016) afirmam que, ao reconhecerem a expressiva potencialidade de transformação social que há na cooperação e na troca de experiências entre pessoas jovens e idosas, especialistas e instituições têm-se dedicado a implantar ações intergeracionais, principalmente nas áreas de educação, cultura, lazer e trabalho voluntário, implementando os Programas Intergeracionais.

A esse respeito, Coutrim (2017) e seus estudos intergeracionais, tem provocado importantes reflexões acerca do relacionamento entre idosos e jovens. A autora propõe que a convivência intergeracional proporciona a estas gerações “aprendizados valiosos para a vida, que se refletem na construção social das relações humanas e do mundo material das

diferentes sociedades” (p.451). Além disso, infere a autora, que a solidariedade entre as gerações traz segurança e proporciona a sensação de pertencimento ao grupo, seja qual for a idade das pessoas.

Por outro lado, a referida autora afirma, que nem sempre essa relação é marcada pelo lúdico, pelo prazer e pelo apoio emocional e/ou financeiro. “Em muitos casos, a coabitação ou o convívio de pessoas de diferentes idades e projetos de vida pode ser permeada de conflitos e dissonâncias, que trazem insatisfação e angústia tanto para os mais velhos quanto para os jovens” (p. 451). Todavia, ela adverte que separar as gerações não é a solução, em uma sociedade plural e democrática, na qual o convívio entre as gerações é de suma importância para os mais jovens e os mais velhos, pois a criação de guetos e redutos geracionais amplia as distâncias.

Por sua vez, Azambuja e Rabinovich (2017) percebem que a interação entre idosos e jovens (avós e netos), proporciona uma coeducação entre essas gerações. As autoras mencionam que a coeducação acontece mediante “o ensino de valores morais e religiosos por parte dos avós para com os netos e, dos netos para os avós, o ensino das novas tecnologias” (p.174). Elas acrescentam, que as avós são confiantes e consideradas mais atenciosas que os avôs. Porém, tanto os avôs como as avós são concebidos como disciplinadores, conselheiros e provedores. As referidas autoras afirmam que, na convivência cotidiana em família, os avós se preocupam em transmitir para os descendentes, em especial para os netos, as lições por eles extraídas dos acontecimentos de suas próprias histórias de vida. Essa convivência envolve contatos de proximidade com interações face a face.

Para além das considerações acima elencadas, pelas autoras supracitadas, elas fazem uma importante contribuição ao pontuarem que “o ato de cuidar e ser cuidado assume formas que diferem de acordo com a particularidade de cada pessoa com a qual se relaciona”. Dessa forma, “cuidado e relacionamento estão ligados intimamente, um não vive sem o outro e as relações se solidificam na medida em que se é cuidado e em que se cuida dos demais” (p.158). Entretanto, elas ressaltam que três características são essenciais para o desenvolvimento de atividade conjunta: reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva. A reciprocidade está relacionada à maneira como idosos e jovens interagem entre si e como um influencia o desenvolvimento do outro. A exemplo, por meio de seus saberes, os netos ensinam não apenas seus jogos e brincadeiras, mas também, um amplo conhecimento sobre o mundo e a sociedade em que vivem.

Método

O método qualitativo foi o selecionado para realizar a pesquisa. Ele responde a questões muito particulares uma vez que trabalha com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Deslandes, Gomes & Minayo, 2008, p. 21). Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. Trata-se do universo da produção humana que pode ser resumido ao mundo das relações, das representações e da intencionalidade. Ele se aplica “ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2014, p.57).

Participantes

Foram convidados 12 idosos e 12 adultos jovens, que tinham relação de parentesco, considerando-se a família nuclear, a extensa e a abrangente (que inclui pessoas que não são parentes, mas que mantêm vínculos afetivos) (Osório, 2013). Todos os participantes tinham vários parentes idosos e jovens na família, porém afirmaram ter uma proximidade especial com um e, assim, foram formadas as díades. Não foram controladas as variáveis: sexo, camada social, religião, estado civil, profissão e escolaridade. No entanto, no que se refere aos idosos, foram observadas suas condições cognitivas para participarem do grupo.

Devido a situações adversas (tempo, trabalho, enfermidade, surgimento de outro compromisso, entre outras) somente 12 fizeram parte da pesquisa, sendo eles três netos (as), dois sobrinhos (as), três avós, três tios (as) e uma mãe. Foram utilizados nomes fictícios para preservação de suas identidades. No caso das duplas participantes, elas serão identificadas pela mesma letra do alfabeto. O perfil sociodemográfico dos participantes está apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1: Dados sociodemográficos dos participantes

DÍADE	NOME	SEXO	IDADE	GRAU DE PARENTESCO	PADRÃO SOCIAL**	GRAU ESCOLAR	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL
A	ANA	F	67	Avó por afinidade	B1	4º ano do ensino fundamental	Empresária	Viúva
A	*ADALF	M	25	Neto por afinidade	B2	3º grau completo e mestrando -	Empresário e estudante	Casado

						Engenheiro		
C	*CAUAN	M	22	Neto paterno	B1	3º grau incompleto	Estudante	Solteiro
D	DARA	F	62	Avó materna	C1	Ensino médio completo	Do lar – Pensionista	Viúva
E	*ELLEN	F	28	Neta paterna	B2	3º grau completo – Psicóloga	Analista de Recursos Humanos	Solteira
F	*FLORA	F	68	Avó paterna	C1	4º ano do Ensino Fundamental	Do lar - Pensionista	Solteira
G	GILCA	F	69	Tia paterna	B2	3º grau completo Licenciatura em matemática	Aposentada	Solteira
G	*GABY	F	24	Sobrinha paterna	B2	3º grau incompleto	Estudante	Solteira
H	*HERON	M	67	Tio paterno	B2	5º ano do Ensino Fundamental	Motorista – Aposentado	Casado
H	HIAN	M	23	Sobrinho paterno	B1	3º grau incompleto	Estudante	Solteiro
I	*IRIS	F	67	Tia materna	B2	Ensino médio completo	Do lar - Pensionista	Casada
J	*JANE	F	66	Mãe	B2	Ensino médio completo	Do lar – Aposentada	Casada

*O sinal asterisco identifica o participante que indicou o outro componente da díade.

Fonte: Elaboração própria

Classificação Socioeconômica / Estrato Socioeconômico / Padrão Social: Renda média domiciliar **A R\$ 23.345,11 - **B1** R\$ 10.386,52 - **B2** R\$ 5.363,19 - **C1** R\$ 2.965,69 - **C2** R\$ 1.691,44 - **D-E** R\$ 708,19, segundo dados do Critério de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2018).

Instrumentos

Questionário sociodemográfico: para o idoso e o adulto jovem, composto de informações sobre os participantes tais como idade, sexo, escolaridade, classe social, estado civil, religião, profissão e grau de parentesco.

Grupo Focal: de acordo com Borges e Santos (2005), o Grupo Focal é uma das várias modalidades disponíveis de entrevista grupal e/ou grupo de discussão (norteadas por questões disparadoras). Os participantes dialogam sobre um tema particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate. Kind (2004) afirma que esse instrumento possibilita ao pesquisador ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de poder observar as interações características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações sobre sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um determinado tema.

Segundo Minayo (2014), o Grupo Focal se constitui num tipo de entrevista ou conversa em grupos pequenos e homogêneos. “Visa a obter informações, aprofundando a interação entre os participantes, seja para gerar consenso, seja para explicar divergências” (p. 269). O

valor principal dessa técnica fundamenta-se na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos (Krueger, 1988).

Para operacionalização do grupo focal, este deve ser composto por, no mínimo, seis e, no máximo, quinze pessoas, com tempo médio de duração de noventa minutos (Nogueira-Martins & Bogus, 2004). Segundo Gatti (2005), grupos maiores limitam a participação, as oportunidades de trocas de ideias e elaborações, o aprofundamento no tema e nos registros dos dados. O referido autor refere que o sucesso da coleta de dados depende muito do moderador do grupo: esse deve oferecer informações que deixem os participantes à vontade, informando-os o que deles se espera, qual será a rotina da reunião e a duração do encontro. Assim, devem ser explicados os objetivos do encontro, a forma de registro, a anuência dos participantes, a garantia de sigilo dos registros e dos nomes. Nesse sentido, é imprescindível deixar claro que todas as informações interessam e que não há certo ou errado nas opiniões emitidas, pois a discussão é totalmente aberta em torno do tema proposto e qualquer tipo de reflexão e contribuição é importante para a pesquisa. Quanto à frequência, poderá ser realizado em um ou mais encontros, de acordo com a intenção da pesquisa.

Procedimento de coleta dos dados

Inicialmente, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o número de parecer 1.947.588, em 02 de março de 2017, e então a primeira pesquisadora iniciou a pesquisa de campo, que se estendeu de 03 de março de 2017 a 30 de julho do mesmo ano. Por ser uma amostra por conveniência, os adultos jovens e idosos foram indicados por pessoas do conhecimento da pesquisadora. O convite foi feito aos participantes individualmente. Ao aceitar participar, foi agendado com cada um individualmente o encontro. No dia, hora e local marcado, o participante foi convidado a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, estando de acordo, assinou-o. Em seguida, responderam, individualmente, ao Questionário sociodemográfico, de forma oral.

Posteriormente, foram convidados a participar também do Grupo Focal, que aconteceu em outro momento, num único encontro. O tempo de duração da sessão foi de uma hora e vinte minutos. Na ocasião, responderam a três perguntas disparadoras que foram elaboradas a partir dos objetivos da pesquisa, elencadas a seguir: 1) Como é para vocês estarem juntos no grupo?; 2) Como vocês percebem a relação entre idosos e adultos jovens?; 3) Na percepção

de vocês, o que pode ser feito para melhorar a relação entre idosos e adultos jovens da mesma família?

A realização do grupo aconteceu em um local adequado para a pesquisa, que era de melhor acesso para todos os participantes, localizado na cidade do Recife/PE. Foi enfatizada a garantia do sigilo das informações. Todos os participantes foram informados da filmagem, gravação de suas falas e da anotação e transcrição dos conteúdos.

Procedimento de análise dos dados

O procedimento de análise adotado na pesquisa foi a *Análise de conteúdo Temática*. Ela nos remete à noção de *tema*, que está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, de uma frase, de um resumo. Consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem uma comunicação, cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado. Operacionalmente, a análise temática desdobra-se em três fases, ou seja, a 1ª etapa: *pré-análise* (composta de leitura flutuante, constituição do *corpus* e formulação de hipóteses); 2ª etapa: *exploração do material* (consiste em encontrar as categorias de análise) e 3ª etapa: *análise e interpretação do material* (Minayo, 2014, p. 315-318).

Análise e Discussão dos resultados

Nesta seção, serão discutidos os principais dados obtidos na pesquisa, os quais serão apresentados em dois momentos: as características sociodemográficas dos participantes e os eixos temáticos selecionados a partir dos objetivos específicos.

1. Perfil sociodemográfico dos participantes idosos e dos adultos jovens

Participaram do grupo focal sete idosos e cinco adultos jovens sobressaindo-se os parentes de vinculação paterna, com predominância do relacionamento avós-netos (as), seguidos por tios (as)-sobrinhos (as), dentre outros pontos importantes discutidos a seguir:

1) A participação de somente uma pessoa idosa do sexo masculino, sendo a maioria mulheres. Talvez essa ocorrência possa ser resultante do fenômeno da *feminilização da velhice*, que consiste na maior presença relativa de mulheres na população idosa e maior longevidade das mulheres em comparação com os homens (IBGE, 2018; Neri, 2008; Papalia & Feldman, 2013). Por outro lado, por vezes, os homens se integram menos na vida social e eventos dessa natureza (Camarano, Kanso & Fernandes, 2016; Papalia & Feldman, 2013).

2) Parentesco para além dos laços consanguíneos: no caso do adulto jovem (Adalf), escolher uma avó por afinidade (Ana), mesmo tendo vários idosos na própria família. Trata-se de um tipo de constituição em que os membros compõem a denominada família abrangente, que se caracteriza não pelos laços de consanguinidade, mas pela vinculação afetiva (Carter & McGoldrick, 2007; Neves, 2015; Osório, 2013).

3) A maioria foi constituída por díades de avós-netos(as), seguidas das de tios(as) e sobrinhos(as). Este achado corrobora o que a literatura apresenta sobre o vínculo de proximidade entre avós e netos(as). A esse respeito, Oliveira (2015), em sua pesquisa, afirmou que os netos, à unanimidade, disseram que os avós foram e continuam sendo pessoas muito significativas em suas vidas, talvez, por esse motivo, justifique-se a escolha pelos avós.

A segunda posição de escolha foi constituída pelo grupo formado por díades tio(as)-sobrinhos(as). Silva (2018, p.5) ressalta a importância dos tios (as) na vida dos sobrinhos e vice-versa. A autora supõe que as mulheres na posição de tias, venham a assumir o lugar dos pais, tanto quanto a ajuda para a subsistência de sobrinhos, como também incentivando-os “a ver, na educação, o caminho para superar as mazelas de uma sociedade capitalista, além da aquisição de conhecimentos”. A autora supracitada propõe que com as famílias cada vez menores, os tios vêm ocupando o papel de pais-reserva, nas horas necessárias. Ressalta, ainda, que a ajuda dos tios vai muito além da ajuda financeira, sendo a proximidade afetiva o mais importante. Rabinovich, Moreira e Franco (2012) e Rabinovich, Franco e Moreira (2012) fazem referência aos tios e tias como membros que contribuem para o funcionamento familiar, manutenção de um ambiente agradável e preservação das relações familiares. Talvez por esses fatores os tios-tias foram os mais escolhidos depois dos avós.

1) A maior parte dos participantes escolheu idosos ou adultos jovens com quem tinham vinculação paterna, resultado que corrobora os achados de Oliveira (2015). É possível que esse fenômeno ocorra, atualmente, devido à maior participação dos pais na vida dos filhos.

Acerca desse fato, Silva e Piccinini (2007) referem que as crenças e as expectativas sobre o papel do pai na criação dos filhos sofreram uma grande transformação nas últimas décadas. Eles apontam o maior envolvimento paterno com os filhos e, conseqüentemente, o envolvimento com os parentes de vinculação paterna também se aprofundou.

2) A maioria dos participantes indicou professar uma religião, apesar de esse item não ter sido critério de inclusão no estudo. Contudo, não se pode negar que a espiritualidade é um elemento organizador do psiquismo humano e ajuda na superação em tempos de crise. Ferreira (2018) corrobora com esse pressuposto ao pontuar que a espiritualidade e a religião são especialmente importantes na vida do indivíduo devido ao seu potencial de proteção ao estresse. A autora reforça ainda que sua função de prestar auxílio em tempos de crise é sobretudo relevante quando se trata da população de idosos, principalmente, os mais velhos.

2.Eixos temáticos

Por meio do grupo focal foi possível elencar três eixos temáticos, em acordo com os objetivos específicos: 1) Os sentimentos experimentados pela participação no grupo; 2) A percepção sobre as características do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens; 3) As possibilidades vislumbradas que podem contribuir e facilitar o relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens. Essas categorias serão analisadas e discutidas a seguir:

2.1. Sentimentos experimentados pelos idosos e adultos jovens na participação do grupo

A maioria dos participantes relatou sentimentos de felicidade, alegria, prazer, satisfação, amor e gratidão por estar no grupo, como também por conhecer novas pessoas, conforme as falas descritas a seguir:

É um prazer e satisfação muito grande, uma alegria estar aqui junto com vocês e conhecendo mais pessoas. Uns eu já conhecia, mas é muito bom, eu me sinto muito alegre, uma satisfação muito grande de estar com vocês. [...]e por estar aqui nessa tarde com Citrino (marido de sua neta), que eu considero como neto, e a todos né? E eu agradeço a Deus por tudo, agradeço pelas vossas vidas, que tem nos dado esse carinho pra nós estarmos tudo junto aqui, ou seja, eu agradeço a Deus por tudo e por conhecer vocês (Ana, 67 anos, avó, por afinidade, de Adalf).

Também é muito bom estar aqui. Porque aqui a gente conseguiu unir as principais pessoas que temos afeição. Então, imagina só, se eu tenho muita afeição por Diamante, dentro da minha família, eu

consegui trazer ela aqui e outros conseguiram trazer as pessoas que eles têm mais afeição entre si. Então, aqui tá um vínculo de amor, são as pessoas que a gente mais ama, as pessoas que a gente mais deseja estar próximo. Eu acho que tem uma palavra pra eu resumir nosso encontro aqui, hoje, é o amor. Porque a gente tá com quem mais ama, aqui, hoje (Adalf, 25 anos, neto por afinidade de Ana).

Eu estou me sentindo maravilhosamente bem, nem mereço esse convite. Quando eu vejo esses meninos, eu renovo a minha vida, eu fico feliz, e também tão alegre conhecendo mais uma família de Deus, as pessoas que eu não conhecia também (Flora, 68 anos, avó).

Observa-se um sentimento de bem-estar proporcionado pelo encontro no grupo focal, tendo sido mobilizado pelos afetos de alegria, prazer, satisfação, amor e gratidão por estar com o parente que nomeou como o de maior proximidade e por conhecer novas pessoas. Essas pontuações estão de acordo com o que Kind (2004) afirma de que o grupo focal é um instrumento facilitador do estreitamento das relações, apesar de ter acontecido um único encontro. Dessa forma, acredita-se que ele reforça ainda mais os laços existentes, uma vez que o critério de escolha por parte dos participantes recaiu sobre o familiar com quem tinham mais proximidade.

Mendizábel e Carbonero (2004) ressaltam que dentre os benefícios proporcionados por esse instrumento de coleta de dados, está o favorecimento de sentimentos positivos, como os que foram elencados nas falas dos participantes. Por sua vez, Silva e Junqueira (2013) destacam que as relações entre as gerações podem ser otimizadas através dessa intervenção, pois são cenários de reconhecimento do outro como singular. A esse respeito, Rizzolli e Surdi (2010) afirmam que encontros em grupo focal contribuem para melhorias e mudanças na vida dos idosos, tais como na saúde, autoestima e valorização. Os autores mencionados pontuam ainda que a participação nos grupos é de suma importância na busca de se obter melhor qualidade de vida.

Encontros intergeracionais beneficiam ambas as gerações, pois proporcionam aos participantes efeitos muito positivos, tais como o bem-estar psicológico, físico e social do idoso, como também do adulto jovem (França, Silva & Barreto, 2010; Sánchez & Torrano, 2013). Vale destacar o relacionamento intergeracional entre Adalf (neto) e Ana (avó), como sendo um parentesco construído por afinidade, que se traduz em afeto, amor e acolhimento. Essa situação corrobora com o que propõe Osório (2013), configurando-se como a família *abrangente*, que inclui os não parentes, que são unidos por afinidade.

A esse respeito, D’Alencar (2012) afirma que o envelhecimento da população vem promovendo alterações substanciais nas relações familiares e extrafamiliares, por vezes, fazendo com que os idosos reelaborem essas relações sob novas bases e avancem na construção e diversificação de novos laços e solidariedades, projetando para outros espaços aquilo que entendem como perdido: ausência de familiares, carinho, afeto, atenção e respeito. Desse modo, muitos extrapolam a família consanguínea, o que nos parece benéfico para tamponar a possível falta do necessário suporte social por parte desse tipo de família.

Também se destacaram as respostas aprendizagem e experiência mútua, oportunizadas pelo encontro no grupo focal:

Eu tava pensando aqui, eu gosto de pensar que a vida ela é um conjunto de experiências, um conjunto de aprendizados que a gente vai absorvendo e reutilizando né? E qual a melhor forma de aprender, do que através de pessoas que já viveram tudo, que já passaram de tudo, e tem de tudo pra ensinar pra gente? Cada um. É impossível a pessoa viver tudo, sem viver na vida né? Cada um vive um pouquinho e a gente vai aprendendo com cada um, um pouquinho mais. Todas as experiências são boas pra nosso aprendizado, pra o nosso crescimento, amadurecimento, pra gente jovem. E, os idosos, tudo o que eles têm que passar pra gente é isso, experiências, conhecimento, tudo o que eles viveram, tudo o que eles passaram, serve como um guia pra gente que tá chegando agora, né? Pra gente seguir, saber o caminho que seguir, então é muito bom, muito bom tá aqui (Hian, 23 anos, sobrinho).

Assim, eu me sinto feliz por estar aqui, não só está com a minha tia, mas também com outras pessoas, que são exemplos pra mim, tanto na sabedoria, exemplos de vida, de amor, de compreensão. São pessoas que são exemplos, que quando, se eu chegar nessa idade, porque a gente não sabe se vai chegar nessa idade né, eu quero ser assim. E é coisas, assim, que eu consigo tirar de cada um, assim, coisa valiosas, que quando eu chegar nessa idade, eu também quero ter essa sabedoria, essa paciência, e assim são exemplos de vida que é importante [...] (Gaby, 24 anos, sobrinha).

Eu estou muito feliz também, né, de estar aqui juntas [...]. E eu tô muito satisfeita, grata a Deus por cada oportunidade que Deus tem nos dado. A gente fica feliz da vida, tantos que nessa hora não têm a oportunidade que a gente tá tendo, né? E um exemplo desses, esse encontro, um aprende com o outro, né? [...] (Dara, 62 anos, avó).

De igual modo, percebe-se, nas falas elencadas acima, um sentimento de gratidão pela oportunidade de troca de conhecimentos, experiências, e aprendizagens mútuas proporcionados pelo encontro no grupo focal. Tais achados corroboram a afirmação de Ferrigno (2010) e Côrte e Ferrigno (2016), que pontuam a cooperação e a troca de experiências como um grande benefício desse encontro. Salientam os autores mencionados que os idosos ensinam aos jovens, e os jovens aos idosos. Nesse sentido, Ferrigno (2005, 2010) e Azambuja e Rabinovich (2017) pontuam que, considerando-se essas possibilidades,

pode-se falar em “coeducação de gerações”, afirmando ser essa uma das metas a serem alcançadas nas experiências de aproximação intergeracional.

Em consonância com os referidos autores, Oliveira, Villas-Boas e Ramos (2017) e Coutrim (2017), afirmam que esse encontro se alicerça em processos recíprocos de orientação, influência, intercâmbio e aprendizagem entre indivíduos de diferentes gerações, pois há um compartilhamento de vivências, saberes, sentimentos e experiências que são mutuamente enriquecedoras.

Nesse sentido, França, Silva e Barreto (2010) reforçam que o Brasil precisa intensificar encontros intergeracionais, pois se configuram como uma modalidade para prevenir os preconceitos quanto ao envelhecimento e possíveis conflitos intergeracionais. Ressaltam ainda que essas intervenções contribuem para a desconstrução do *ageísmo*, o que também é compartilhado por Dias (2015) e por Moral Jiménez (2017) ao afirmarem que esses encontros promovem o envelhecimento ativo e a superação, desconstruindo o paradigma da velhice apenas marcada por decadência e perda.

Ferreira, Massi *et al.* (2015) corroboram com os autores supracitados, ao destacarem que esse encontro contribui para o jovem perceber a velhice de forma mais positiva, e os idosos reconhecerem que podem ampliar seus conhecimentos e perspectivas acerca da sociedade em que estão inseridos, como também desmistificar preconceitos com relação aos jovens. Por sua vez, Mendizábal e Cabornero (2004) acrescentam que são inúmeros os benefícios advindos da participação neste tipo de proposta de intervenção, entre os quais estão as trocas sociais, experiências, dificuldades e aprendizagens.

1.2. Percepção das características do relacionamento entre idosos e adultos jovens

A maior parte dos participantes revelou ter uma percepção de distanciamento ocasionado por alguns fatores, entre os quais se destacaram, principalmente: o desprezo, o abandono e o preconceito; a falta de tempo do adulto jovem e as novas tecnologias, conforme registram as falas a seguir:

Desprezo, abandono e preconceito

Primeiro assim, eu acho que as pessoas jovens deveriam tratar melhor os idosos. Principalmente os filhos, né? Com as mães, porque não é brincadeira você passar nove meses com o filho dentro da barriga, depois sofre pra ter, sofre pra criar, aquelas primeiras letrinhas, hoje ele é formado, mas as primeiras letrinhas quem ensinou em casa foi a mãe. [...] E hoje tão orgulhoso! –Ah! não querem saber que a mãe tá ficando velha. [...] Sai não diz à mãe, isso é triste pra uma pessoa de idade, num é? A pessoa não sabe como isso é horrível pra uma pessoa de idade, dentro de casa e não

dá atenção, num é? Dá desprezo. Você tá assim sentado no sofá e quando vê aquela pessoa passa com a mala – aí que isso dói. Passa um mês fora e não telefona pra você, num diz como é que está passando, num diz nada, quando chega passa nem sequer diz -Benção mãe, como passou? [...] O desprezo, ah é terrível! Quem nunca passou, não queira passar [...] Envelheceu, não pode fazer mais nada dentro de casa, não presta mais, tem que ir pra o lixo (risos) [...] (Flora, 68 anos, avó).

[...] Tem jovem também que não gosta de pessoas de idade. Porque, eu já cheguei em loja, já cheguei em loja, deu ficar assim oh, deu ficar assim admirando alguma coisa e às vezes os atendentes olham assim... Às vezes eu fico assim pensando, eu fico assim olhando e pensando: - Tá vendo? Se fosse uma jovem que chegasse aqui, bem arrumada, chegava perto e atendia bem. Porque eu já cheguei em loja assim, de mal me atender, eu na idade que eu tô, meia sete, e quem tiver, quando chegar mais pra frente, como é que a gente vai ficar? (Ana, 67 anos, avó por afinidade).

Agora a situação do idoso é meio difícil. Apesar de ter muita gente que é bem tratado, mas tem muito mais que é maltratado até pelos próprios filhos. [...] Eu acho que os idosos são muito esquecidos. Apesar de, eu tô falando no idoso de modo geral, que não é só família, muitos vai pra os abrigos (Gilca, 69 anos, tia).

Quanto ao *desprezo, abandono e preconceito*, sofridos pelos idosos e retratados nas falas acima, Silva e Dias (2016) afirmam que esse cenário é real, e conforme pontuam Sanches, Lebrão e Duarte (2008), está alicerçado na construção sócio-histórica e cultural do que significa ser velho. O que, segundo Souza, Freitas e Queiroz (2007), é um problema universal. Em outras palavras, trata-se do *idadismo*, que compreende as avaliações negativas; a utilização de estereótipos que se referem às crenças e aos comportamentos de discriminação e exclusão (Butler, 1969). Eles têm como alvo as pessoas idosas, referindo-se a avaliações negativas feitas sobre os idosos, as quais têm como base essencialmente a idade que os indivíduos têm (Couto & Marques, 2016).

Nesse sentido, já em 1990, Beauvoir denunciou como a sociedade se recusava a enfrentar o fenômeno do envelhecimento, negando a velhice com práticas de abandono e desrespeito aos idosos e não valorizando os papéis sociais que antes eram atribuídos à pessoa idosa. Ressaltava a autora mencionada que havia um descaso da sociedade em relação à velhice, o que fazia emergir uma “conspiração do silêncio”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Vieira e Lima (2015, p. 952) afirmam que “a sociedade brasileira atribuí aos idosos características negativas tais como: inúteis, incapazes, estorvos, frágeis, doentes, improdutivos, dependentes, chatos, inaptos, sem valor e que representam um gasto”, e, assim, os exclui e os desrespeita. Desse modo, trata-se de uma violência calada, invisível e invisibilizada pelos pactos do silêncio, sobretudo nas famílias, até porque a vítima teme represálias, ou até mesmo o abandono (Faleiros & Brito, 2009). A esse fenômeno, Faleiros (2007, p. 35) denominou como “Conluio do silêncio”.

Entretanto, a família e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade e defendendo sua dignidade, bem-estar e direito à vida (PNI - Política Nacional do Idoso, Lei 8842/1994). Contudo, percebe-se que, na prática, não existe a efetivação da lei proposta, o que representa um paradoxo.

Portanto, no relacionamento entre idosos e adultos jovens da mesma família, isso se torna ainda mais complexo, pois a família, que deveria cumprir com o dever de cuidar e proteger, por vezes, agride uma pessoa idosa que já está mais vulnerável e necessitada de acolhimento. Não obstante, também no espaço público, a situação se repete (Faleiros, 2013). Por isso, é necessário que intervenções sejam protagonizadas no afã de minimizar esse mal que assola os idosos e é motivo de grande sofrimento. Um exemplo são as intervenções psicoeducativas (Silva & Dias, 2016).

Carvalho (2012) reforça o que foi dito acima pontuando que a sociedade atual tende a excluir os idosos e eles acabam segregados e se fecham para o contato com outras gerações, fato que contribui para o isolamento social e o esvaziamento das relações intergeracionais. Em contrapartida, ao estimular atividades intergeracionais, os idosos e as outras gerações transformam seus conceitos em relação ao velho e à velhice, promovendo a inclusão do idoso na família e na comunidade:

Falta de tempo por parte do adulto jovem

[...] A falta de tempo, assim, o que eu percebo da minha realidade é que poderia ser um pouco mais presente, mas não vou por conta do trabalho, porque trabalho longe de tudo... O que eu posso fazer, pra tá perto assim, sempre quando eu posso, eu tento me fazer presente. Mas acho que a falta de tempo é um fator que dificulta a relação entre os idosos e os jovens. Mas, às vezes, pode ser uma desculpa, mas também pode ser uma realidade. Porque a gente vive no mundo de hoje, que tipo, conta para pagar, conhecimento para adquirir, e você acaba priorizando algumas situações e esquecendo o idoso, até mesmo um contato familiar. Mas eu acredito que é sim uma realidade, assim fato, mas também pode servir como desculpa (Ellen, 28 anos, neta).

[...] As senhoras e senhores escutem aqui agora, por favor. Então é o seguinte, o jovem tem que disponibilizar seu tempo e a gente pensa, eu sou jovem, eu penso o seguinte: não é sempre que eu tenho condições de disponibilizar o meu tempo, porque eu tô investindo no meu futuro, assim como o idoso, já foi jovem um dia e precisou investir o tempo dele, não poderia parar todos os momentos, ou nos momentos que pra o idoso era oportuno, para naquele momento, pra dar atenção. Mas, assim, eu julgo que é necessário, é bom pra você crescer em conhecimento e sabedoria com a experiência de estar ao lado do idoso, mas você não tem condições de estar sempre do lado do idoso. Mas quando você tiver essa condição de estar ao lado do idoso eu acho muito importante aproveitar. Aproveitar pra saber das histórias, pra escutar a mesma história mais de uma vez (Adalf, 25 anos, neto por afinidade).

Eu não sou contra a quem tem um pai, uma tia num abrigo decente, que possa se botar, porque a pessoa não tem tempo, trabalha, estuda, aí não tem tempo. Mas tem que visitá-lo, vá todo o dia. Eu já disse às minhas filhas. Eu tenho duas filhas, né, aí ela disse: - 'Mainha! Eu não vou fazer isso não'. Eu disse: - Olhe, vocês têm seus afazeres, idoso dá muito trabalho, é igual a criança, aí tem que movimentar. Aí vocês me botam num decente, que tem um aqui na Várzea, hotel cinco estrelas, agora vá me visitar e não me deixe lá por conta não. [...] Aí a gente vê outro fator que tem - 'Ah eu não vou não, que não tenho tempo' - 'Ah, eu tenho hospital.' Mas o fator mesmo é tempo. [...] Aí, a gente tem que arrumar tempo (Gilca, 69 anos, tia).

A falta de tempo dos adultos jovens foi apontada como um dos fatores importantes para o distanciamento entre eles e os idosos. A esse respeito, estudiosos do desenvolvimento humano (Berthoud & Bergami, 2010; Papalia & Feldman, 2013; Piletti, Rossato & Rossato, 2017), entendem que esse momento na vida dos adultos jovens é aquele em que eles estão envolvidos em um complexo de atividades que irão fomentar a base de seu futuro e, por essa razão, uma maior aproximação com os idosos fica prejudicada.

Especificamente, Berthoud e Bergami (2010) analisaram esse momento do curso de vida do adulto jovem como a Fase de Aquisição. Na perspectiva das autoras, esta fase inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho (que transforma o jovem casal em nova família) e a vida com os filhos pequenos. Segundo as autoras mencionadas, é a fase de adquirir, em todos os sentidos: material, emocional e psicológico. Elas acrescentam que é esse o momento no qual os indivíduos estão bastante envolvidos no complexo movimento de dar e receber; conquistar e ceder; ser e vir a ser. Reforçam ainda que as transições necessárias para a adaptação a essa nova fase da vida familiar exigem maturidade e demandam tempo.

Papalia e Feldman (2013) corroboram com as autoras supracitadas, ao afirmarem ser nessa fase que os seres humanos constroem a base para grande parte de seu posterior desenvolvimento. Elas salientam que esse é o período em que a maioria das pessoas costumam sair da casa dos pais, iniciar sua vida profissional, casar-se ou formar outros relacionamentos íntimos, ter e criar filhos e começar a contribuir significativamente para suas comunidades. Destacam, ainda, que os adultos jovens que estão construindo carreiras e talvez cuidando de bebês têm tempo limitado para passar com amigos e familiares. Ressaltam que o número de amigos e a quantidade de tempo passado com eles geralmente diminuem no decorrer do período do ciclo vital do adulto jovem. Contudo, as amizades são importantes para eles. As autoras enfatizam que pessoas que têm amigos tendem a sentir uma sensação de

bem-estar e que as amizades nessa fase tendem a centrar-se nas atividades de trabalho e da parentalidade, bem como na troca de confidências e conselhos.

Vale salientar que a amostra do presente estudo foi composta praticamente por idosos aposentados e pensionistas, que têm mais tempo livre para dedicar às relações sociais, e por adultos jovens emergentes, na Fase de Aquisição, que têm menos tempo. Na ocasião, todos os participantes adultos jovens estavam envolvidos com suas tarefas desenvolvimentais, que são necessárias para fomentar a base do futuro (Berthoud & Bergami, 2010; Papalia & Feldman, 2013).

Diante do exposto, a partir das reflexões de Han (2017), entende-se que o modo de viver contemporâneo, reforça a falta de tempo do adulto jovem. Esse tempo, que já é diminuído pela fase de aquisição. Desse modo, a necessidade de trabalhar e estudar cada vez mais, tem transformado os adultos jovens em “sujeitos do trabalho, do desempenho”, levando-os à exaustão, em uma sociedade nomeada como “a sociedade do cansaço”. Na qual, os jovens sentem-se cansados e sem tempo, de tal forma que, por vezes, não têm condições de ter um vínculo de mais proximidade com as pessoas idosas. E aí, Han (2017, p.176) infere que a pessoa “está cansada para ti”, cansada para se encontrar mais vezes com o idoso, pelo excesso de atividades que lhes são impostas e então não lhe resta disposição, por vezes, nem para sair de casa.

As novas tecnologias

É o seguinte, a gente vive numa era pós-moderna, que tudo é velocidade e tecnologia, certo? Então quanto maior a velocidade maior a individualidade. Conversar com os idosos para muitos e até para aqueles que consideram os idosos bem, pessoas que têm vontade de conversar, é difícil. Então de qualquer que seja a maneira, conversar com os idosos, ceder um pouco da atenção e disponibilizar o seu tempo, assim como que eles têm mais tempo hoje pra disponibilizar, às vezes tão aposentados, não precisam mais trabalhar, trabalham apenas em casa, há um descompasso [...] (Adalf, 25 anos, neto por consideração).

É, eu acho que a grande dificuldade é a própria tecnologia. Hoje influencia muito, porque às vezes o jovem, ele não tem tanta paciência de tá com o idoso, assim, que é mais lento ou que ele já não tem tanta agilidade quanto a gente que é jovem, isso acaba é distanciando um pouco. Porque a própria tecnologia e o mundo que a gente vive é diferente do que vocês viveram, então acaba influenciando a rapidez da informação, na forma de lidar, cuidar, na paciência que você tem que ter pra o idoso entender ou mexer no celular ou uma coisa que é mais nova, então é preciso ter paciência pra conseguir conciliar e chegar no meio termo. O jovem não ser rápido demais nem o idoso ser lento demais, a gente tentar se adaptar e ser resiliente pra os dois se encaixarem harmoniosamente (Cauã, 22 anos, neto).

Vemos que nós vivemos no mundo moderno e aonde também a tecnologia é muito alta, muito avançada. Hoje também, inclusive, as pessoas que têm sessenta, setenta anos, oitenta anos, até mesmo as que têm menos um pouco não são assim... não são chegadas à tecnologia, não têm o conhecimento. É, o acesso, e isso dificulta inclusive muitas vezes o papo entre os jovens e o adulto (Heron, 67 anos, tio).

Alguns participantes afirmaram que as novas tecnologias, a velocidade que elas propõem e o fato de o idoso, em geral, ser mais lento em relação a esse novo tempo têm contribuído para a distância entre idosos e adultos jovens, principalmente da mesma família. Entretanto, essa é uma das características das sociedades atuais, acompanhada pelo individualismo, a dissolução dos laços, a provisoriedade, a solidão e a particularização da vida (Bauman, 1998).

Nesse sentido, Oliveira, Villas-Boas e Ramos (2017) pontuam que a rede familiar tem sido bastante afetada pelas mudanças tecnológicas das últimas décadas. As autoras ressaltam que essas modificações têm dificultado a capacidade e o desejo da família em prestar o apoio social necessário aos seus membros, sobretudo aos mais velhos.

Em relação à utilização das novas tecnologias, Doll, Machado e Cachioni (2016, p. 1620), em uma pesquisa realizada no Brasil, constataram que os idosos ainda utilizam pouco o computador e a internet, “somente 14% das pessoas com mais de 60 anos usam o computador, contra 86% na faixa entre 10 e 15 anos”. As autoras salientam a importância de estimular a participação de pessoas idosas no mundo digital, apesar de ser compreensível sua participação minoritária, tendo em vista que o acesso à internet se tornou regular somente quando essas pessoas já eram adultos maduros ou idosos. Por outro lado, ressaltam que é o grupo que mais cresce em relação ao uso de computador.

Torres e Dias (2017, p. 141) corroboram com as autoras mencionadas acima ao afirmarem que “muitos idosos estão cada vez mais ativos e interessados nas mais variadas formas de tecnologias, demonstrando plasticidade cerebral e capacidade constante de aprendizado”. Elas destacam que netos e avós estão cada vez mais conectados e que os laços afetivos estabelecidos entre eles têm ganhado força na era digital. Nesse sentido, reforçam que, por mais que essas gerações estejam distantes geograficamente, existe a possibilidade de comunicação por meio do *ciberespaço* que surge como uma estratégia para amenizar a dor e a saudade ocasionadas pela distância.

Contudo, existem idosos que não têm condições econômicas ou cognitivas, e mesmo desejo, para se comunicar via *online*. Para essas situações, de fato, as novas tecnologias podem promover um distanciamento entre essas gerações. Entretanto, conforme pontuam

Torres e Dias (2017), a tecnologia/internet, possibilita o protagonismo de idosos à medida que eles podem reescrever um novo capítulo de suas vidas no século XXI.

Todavia, alguns idosos preferem viver com o mínimo de uso de tecnologias, utilizando apenas aquelas que são indispensáveis como o telefone celular (mais para fazer ligações do que mesmo usar o WhatsApp), a máquina de lavar, o micro-ondas, descartando tecnologias como, por exemplo, computador, *smartphone*, *tablet*, *notbook*, GPS, entre outros. Assim sendo, “não se deve generalizar ao dizer que é necessário que todos os idosos estejam incluídos digitalmente, uma vez que nem todos o desejam, e respeitar a decisão deles é essencial”(Doll, Machado & Cachioni, 2016, p. 1620).

Nesse sentido, para esses idosos, visando à aproximação intergeracional, cabe estimulá-los à participação nos programas intergeracionais para que eles não sejam marginalizados, utilizando-se, inclusive, de encontros intergeracionais onde os jovens possam ensinar as novas tecnologias aos idosos. A esse respeito, Pires (2013) realizou uma intervenção com jovens alunos de informática e idosos parentes deles, e obteve um bom resultado em relação aos idosos, que aprenderam a utilizar as novas tecnologias, tendo sido ensinados pelos estudantes. A autora mencionada pontua que é preciso os jovens buscarem superar o preconceito, no sentido de compreenderem as limitações dos idosos (ser mais lento) e ajudá-los a se inserir no mundo tecnológico.

Os estereótipos desfavorecem grande parte das pessoas idosas que ficam deprimidas pela perda do prestígio social, magoadas pelo esquecimento familiar, pela perda do papel doméstico e do *status* na sociedade, incluindo sua importância como trabalhador (Pires, 2013). Desse modo, intervenções por meio de projetos que promovam oficinas nas quais adultos jovens possam ensinar informática às pessoas idosas precisam ser implementados.

Salienta-se que é impressionante como o idoso é descartado, pois, para muitos, a informação consequente da era tecnológica é mais importante que a experiência de vida do idoso. Desse modo, a experiência vivida e o valor da narrativa e das histórias, que constituem a família, dos quais os idosos são depositários, são esquecidos. Porém, as consequências que o esquecimento dos idosos pode trazer são devastadoras, influenciando o desenraizamento da família, povoando o universo de Jovens e idosos perdidos, imersos na solidão e no vazio, por vezes depressivos, o que pode levar muitos a cometerem o suicídio.

Embora, a falta de tempo e o uso da tecnologia, sejam características da sociedade atual (Han, 2017), faz-se necessário refletir acerca de possibilidades de intervenções que facilitem a convivência entre idosos e adultos jovens, aproximando as gerações, no afã de minimizar os

danos consequentes do modo de viver contemporâneo (Côrte & Ferrigno, 2016; Ferrigno, 2018).

2.3. Possibilidades de intervenções que facilitem a convivência entre idosos(as) e adultos jovens

A maioria dos participantes indicou três possibilidades para facilitar a convivência entre adultos jovens e idosos (as): os adultos jovens dedicarem mais tempo para interagir com o idoso(a), e implantar-se um processo de conscientização contínuo acerca da importância do relacionamento intergeracional entre idosos (as) e adultos jovens. Além disso, reconheceram a necessidade de esclarecimentos sobre o processo de envelhecimento e da velhice, se possível, desde a infância, conforme descrito nas falas a seguir:

Pra melhorar essa relação entre idoso e jovem eu acho que o que precisa é a coisa mais difícil, é tempo ou depois uma consciência, um trabalho de conscientização. A primeira, e maior dificuldade, vai ser tempo. Mas quem vai vencer, talvez ou não talvez, quem vai vencer essa falta de tempo é a consciência [...] Eu acho que deve haver, se houver uma, uma política que venha favorecer essa sua ação, que pelo menos os jovens, hoje eles sejam conscientizados de começar a fazer uma forma, um modelo de família que no futuro haja uma nova consciência (Heron, 67 anos, tio).

Eu concordo, porque a gente sai, discute tanto, e escuta: ‘Ah! Eu não tenho tempo não’;- ‘Ah! porque num sei o quê’. E o tempo, a gente não tem tempo não, a gente faz o tempo, prioriza, tem que ter como foco fazer isso, a gente faz, faz, faz e sobra tempo [...]. O que eu quero falar é conscientizar os jovens. ‘Ah, mas não tenho tempo’. Tem, procure tempo que você acha, não precisa você passar o tempo todo, a semana toda lá não. A maioria, como eu já falei, vai na casa de dona Maria, dona Severina, dona Joana, a vida é corrida, é, mas se arrumar um tempinho, corre atrás, acha. Não precisa ser o ano todo não, vá dá uma alegriazinha à dona Maria no aniversário dela. Em dez minutos converse com uma pessoa, vá fazer uma visita para ver se o idoso não vai ficar feliz. Acho que dá pra ter um jeito. Dá pra transformar essa situação. Depende de nós. Pronto, o jeito da gente transformar o mundo, mudar, é mudando a gente, é bom. As coisas começam de casa (Gilca, 69, tia).

Eu sigo a ideia deles todos. Eu acho que uma, eu acho que tudo, né? Você educar, você começar, você ter os seus e começar a educar e mostrar o que você acha que é certo. E eu sei que o mundo, às vezes, acaba meio que educando também, né? Às vezes, não é exatamente, com uma educação correta, mas enfim você, você dá uma base e fazer com que a pessoa entenda que um dia você vai tá assim, você se colocar no lugar de qualquer pessoa acho que te dá uma base um pouco aproximada (Ellen, 28 anos, neta).

Agora imagine uma coisa, nós os jovens ainda não nos conscientizamos dessa situação porque ainda o mundo dos idosos no Brasil é uma coisa muito recente, entende? É agora que a gente tá vendo a gerontologia, as políticas pra idosos, o nome idoso, o nome terceira idade surgindo no vocabulário, pelo menos eu tenho 25 e é de uns três anos pra cá que eu tive noção da grandeza da terceira idade, entendeu? Eu acho que daqui pra frente a conscientização, ela vai ser uma coisa um pouco mais

comum para os jovens. Agora, assim, como a política pública não tá tomando precauções para serem realizadas, então o nível de conscientização da população ainda não tá tão grande, principalmente a população jovem. Mas acho que com o passar do tempo, com a política pública brasileira demonstrando mais interesse no envelhecimento, eu acho que vai crescer a visibilidade da terceira idade. [...] (Adalf, 25 anos, neto por afinidade).

No tocante a ter mais tempo para interagir com o idoso, entende-se que as demandas da fase desenvolvimental dos adultos jovens emergentes (estudo, busca de emprego, relacionamento amoroso, entre outras), inviabilizam, de certa forma, uma relação de mais proximidade com o idoso (Berthoud & Bergami, 2010; Papalia & Feldman, 2013). Por outro lado, o *Ciberespaço*, para os idosos que têm acesso, pode aproximá-los (Torres & Dias, 2017).

Quanto a implantar-se um processo de conscientização contínuo acerca da importância do relacionamento intergeracional, desde a infância, sendo a educação um fator importante para o modo de viver de um povo, Pires (2013, p.295) destaca que, se o Brasil será, em um futuro próximo, um “país de velhos” é importante levar a juventude a compreender o processo de envelhecimento e aceitá-lo, valorizando as experiências dos idosos. Assim, é fundamental a troca de experiências, o aprender com, o ensinar, pois a vida social dos idosos é muito rica.

Também, dentro do processo de conscientização, descortina-se como possibilidade o aprender vivenciado nas práticas intergeracionais. Nesse sentido, as relações entre gerações podem ser otimizadas por meio de iniciativas que levem em consideração o convívio, as trocas de experiências e o reconhecimento do outro como diferente, singular e sujeito portador de direitos, que são possíveis através da reflexão em grupo (Silva & Dias, 2016; Silva & Junqueira, 2013).

Incluem-se, sobretudo, os programas intergeracionais que têm por objetivo aproximar gerações, quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos e vencer discriminações, além de proporcionar bem-estar às gerações, entre muitos outros benefícios (Côrte & Ferrigno, 2016; Ferrigno, 2008, 2010; Oliveira, Villas-Boas & Ramos, 2017; Sánchez & Torrano, 2013). Pode-se pensar também nas intervenções psicoeducativas, que, conforme Silva e Dias (2016), surtem um efeito muito positivo no processo de conscientização.

Por fim, ressaltou-se, e acredita-se ser importante salientar que os jovens também precisam de atenção:

[...] Os jovens precisam de atenção também [...]. (Citrino, 25 anos, neto por afinidade)

Erich Fromm (1995) já afirmava que todo adulto jovem tem necessidade de ajuda, de calor humano e de proteção. Sob muitos aspectos, essas necessidades diferem e, ainda assim, assemelham-se às de uma criança (Papalia & Feldman, 2013). Nesse sentido, observa-se a carência também do adulto jovem que foi oportunamente expressa por um participante. Desse modo, todo o caminho percorrido nesta pesquisa mostra a necessidade de se traçar estratégias que venham a contribuir para facilitar o relacionamento intergeracional entre as pessoas idosas e as outras gerações, em que todos serão beneficiados. Assim, a proposta dos programas intergeracionais se constitui, na atualidade, uma das mais exitosas (Côrte & Ferrigno, 2016; Estatuto da Juventude, 2013; Nascimento, 2008; Sánchez & Torrano, 2013; UNESCO, 2002).

Considerações finais

O objetivo geral deste estudo foi compreender os modos como acontecem as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas, discutidas em um grupo focal. Especificamente, pretendeu-se: avaliar os sentimentos experimentados por eles na participação do grupo focal; descrever as características do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens; e propor possibilidades de intervenções que facilitem essa relação.

No que se refere aos dados sociodemográficos, destacaram-se: 1) A participação de somente uma pessoa idosa do sexo masculino; 2) O vínculo afetivo que ultrapassa os laços consanguíneos, uma vez que um adulto jovem escolheu uma avó por afinidade, mesmo tendo vários idosos na própria família; 3) A maioria foi constituída por díades de avós-netos (as), seguidas de tios (as) e sobrinhos (as); 4) A maior parte dos participantes escolheu idosos ou adultos jovens com quem tinham vinculação paterna.

Quanto aos sentimentos experimentados por estarem juntos no grupo, predominaram os de felicidade, prazer, satisfação, gratidão, aprendizagem e experiência. Acerca da percepção do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens, incluindo os da mesma família, prevaleceu uma percepção de distanciamento entre essas gerações, ocasionado por fatores tais como: a falta de tempo do adulto jovem (devido ao envolvimento nas tarefas da

sua fase desenvolvimental); desprezo, abandono e preconceito do jovem em relação ao idoso; e as novas tecnologias. Como principais possibilidades a serem trabalhadas para minimizar o distanciamento e facilitar o relacionamento entre essas duas gerações foram sugeridas: o adulto jovem priorizar um tempo para dedicar às pessoas idosas, bem como a realização de um processo de conscientização sobre o envelhecimento e a importância do relacionamento intergeracional, a começar na infância.

Em linhas gerais, observa-se que o grupo focal possibilita inúmeros benefícios aos participantes, tais como: trocas de experiências e dificuldades, ampliação da rede social, aprendizagens, apoio emocional, favorecimento de sentimentos positivos, compartilhamento de preocupações, dúvidas e medos e a emergência de soluções criativas para os problemas enfrentados no cotidiano. Desse modo, os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Esses dados levam em conta o processo do grupo, tomado como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo.

Nessa linha de raciocínio, entende-se que os encontros, as intervenções psicoeducativas e socioeducativas, bem como os programas intergeracionais surgem como propostas com muito potencial para aproximar as gerações. Percebe-se que esse é um caminho promissor para resgatar os laços fragmentados pelas demandas da vida moderna, restabelecendo-se a homeostase dos sistemas familiar e social, especificamente no que se refere ao relacionamento intergeracional.

O presente estudo tem suas limitações, dada a pequena quantidade de participantes e de sessões, não se podendo generalizar os resultados. Todavia, espera-se dar visibilidade à importância do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens e fornecer subsídios teóricos e práticos aos profissionais que trabalham com idosos, adultos jovens e famílias, em especial com a temática do relacionamento intergeracional. Almeja-se, também, que ele inspire a realização de outras pesquisas nessa temática, na esperança de minimizar a distância entre os idosos e as outras gerações.

Referências

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP. (2018). *Critério de Classificação Socioeconômica Brasil*. Recuperado de <http://www.abep.org>.

- Azambuja, R. M. M., & Rabinovich, E. P. (2017). O cuidar dos avós visto pelos netos. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.157-176). Curitiba/PR/Brasil: Ed. CRV.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Bertalanffy, L. V. (2008). *Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Berthoud, C. M. E., & Bergami, N. B. B. (2010). Família em fase de aquisição. In C. M. O. Cerveny & C. M. E. Berthoud (Orgs.). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (pp. 46-71). São Paulo, SP/Brasil: Casa do Psicólogo.
- Borges, C. D. & Santos, M. A. (2005). Aplicações metodológicas da técnica de grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 6(1), 74-80.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2018). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>
- Brasil. Presidência da República. (2013). *Estatuto da Juventude – Lei N° 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htmBrasil.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção básica. (2007). *Cadernos de atenção básica: envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. N. 19. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd19.pdf
- Brasil. Presidência da República. Casa civil. Subchefia para assuntos jurídicos.(1994). *Política Nacional do Idoso – PNI. Lei n° 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm
- Butler, R. (1969). Age-Isim: another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9, 243-246.
- Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA.
- Camarano, A. A., Kanso, S., & Fernandes, D. (2016). Brasil envelhece antes e pós-PNI. In A. O. Alcântara, A. A. Camarano & K. C. Giacomini (Eds.), *Política Nacional do idoso: velhas e novas questões* (pp. 63-103). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: IPEA.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2007). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 7-29). Porto Alegre, RS/Brasil: Artes Médicas.

- Carvalho, M. C. B. N. M. (2012). Relações intergeracionais: alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. *Revista Portal de Divulgação*, 28(3), 83-88. Recuperado de <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>.
- Côrte, B., & Ferrigno, J. C. (2016). Programas Intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1526-1534). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Couto, M. C. P. P., & Marques, S. (2016). Atitudes em relação ao envelhecimento: vamos falar sobre o idadismo? In D.V.S Falcão, L. F. Araújo & J. S. Pedroso (Orgs.), *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp. 17-32). Campinas, SP/Brasil: Alínea.
- Coutrim, R. M. E. (2017). Idosos e jovens em salas multigeracionais na educação de jovens e adultos. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs.), *Pais, avós, e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (pp.451-463). Curitiba/PR/Brasil: Ed. CRV.
- D'Alencar, R. S. (2012). (Re) meaning the solidarity in the old age: beyond consanguineous ties. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences (UEM)*, 34(1), 9-17.
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Minayo, M. C. S. (2008). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Dias, C. M. S. B. (2015). As relações intergeracionais na família: desafios e possibilidades. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp.93-102). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ed. PUC-Rio – Prospectiva.
- Doll, J., Machado, L. R., & Cachioni, M. (2016). O idoso e as novas tecnologias. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1613-1621). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Faleiros, V. P. (2007). *Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores*. Brasília, DF: Universa.
- Faleiros, V. P. (2013). *O mapa da violência contra a pessoa idosa no Distrito Federal*. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Brasília, DF: MPDFT.
- Faleiros, V. P., & Brito, D. O. (2009). Representações da violência intrafamiliar por idosas e idosos. In V. P. Faleiros, A. M. L. Loureiro & M. A. Penso (Orgs), *O Conluio do Silêncio: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa*. (pp.2-19). São Paulo, SP/Brasil: Roca.
- Ferreira, C. K, Massi, G. A. A., Guarinello, A. C., & Mendes, J. (2015). Encontros Intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e idosos. *Revista Puc SP: Distúrbios de Comunicação*, 27(2), 253-263. Recuperado de <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/20409/16982>
- Ferreira, V. R. P. M. (2018). *Espiritualidade e religiosidade como recurso de ajustamento psicológico e de bem-estar de idosos de 80 anos ou mais*. (Monografia do curso de

- Especialização em Gerontologia). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE/Brasil.
- Ferrigno, J. C. (2005). A coeducação entre gerações: um desafio da longevidade. *Mundo Saúde*, 29(4), 484-490.
- Ferrigno, J. C. (2006). A coeducação entre gerações. *Revista Brasileira de Educação Física*, 20 (5), 67-69. Recuperado de <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/>
- Ferrigno, J. C. (2008). Apresentação. In C. R. Lima (Org.), *Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações* (pp.11-13). Campinas, SP/Brasil: Ed. Alínea.
- Ferrigno, J. C. (2010). *Coeducação entre gerações*. São Paulo, SP: SESC.
- Figueiredo, L. C. (2003). O paciente sem esperança e a recusa da utopia. *Psicanálise. elementos para a clínica contemporânea*, 157-89.
- França, L. H. F. P., Silva, A. M. T. B., & Barreto, M. S. L. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 519-531.
- Frank, M. H., & Rodrigues, N. L. (2016). Depressão, ansiedade, outros transtornos afetivos e suicídio. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.391-403). Rio de Janeiro/Rio de Janeiro/Brasil: Guanabara Koogan.
- Fromm, E. (1995). *The sane society*. New York: Rinehart.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Líber Livro Editora.
- Han, B-C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kind, L. (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, 10(15), 124-136.
- Krueger, R. A. (1988). *Focus Groups: a Practical Guide for Applied Research*. New-Bury Park: Sage.
- McKinnon, B., Harper, S., & Moore, S. (2013). The relationship of living arrangements and depressive symptoms among older adults in sub-Saharan Africa. *BMC Public Health*, 2-9. Recuperado de <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/1471-2458-13-682?site=bmcpublihealth.biomedcentral.com>
- Mendizábal, M. R. L., & Cabornero, J. A. C. (2004). *Grupo de debate para idosos: guia prático para coordenadores dos encontros*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, SP: Ed. Hucitec.

- Minayo, M. C. S. (2018). *O principal fator para o suicídio do idoso é o isolamento, a solidão.* *GEPeSP* entrevista. Recuperado de <https://gepesp.org/2018/04/o-principal-fator-para-o-sucidio-do-idoso-e-o-isolamento-a-solidao-gepesp-entrevista-cecilia-minayo/uncategorized>.
- Miranda, D. S. (2013). Um programa para todas as idades. *Caderno Sesc de Cidadania e Intergeracionalidade*, 4(8), 4-13. Recuperado de www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista
- Moral Jiménez, M. V. (2017). Programas intergeracionales y participación social: la integración de los adultos mayores españoles y latinoamericanos en la comunidad. *Universitas Psychologica*, 16(1), 1-19.
- Nascimento, A. M. (2008). *Aspectos da transição para a vida adulta no Brasil, dos filhos adultos que residem com os pais, segundo a Pesquisa sobre Padrões de Vida 1996-1997.* Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.
- Neri, A. L. (2008). *Palavras-chave em gerontologia.* Coleção Velhice e Sociedade. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Neves, S. D. (2015). *O casal e as relações de parentesco por afinidade: os sogros.* (Tese de doutorado). Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA/Brasil.
- Nogueira-Martins, M. C. F., & Bogus, C. M. (2004). Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade*, 13(3), 44-57.
- Oliveira, A. L. (2017, julho). Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais. In *V Congresso A voz dos Avós: Família e Sociedade*, Anais do V Congresso “A voz dos Avós: Família e Sociedade”. Salvador, Bahia.
- Oliveira, G. C. A. S. (2015). *Percepção dos vínculos e relacionamento entre netos adultos e seus avós* (Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE/Brasil.
- Oliveira, A. L., Villas-Boas, S., & Ramos, M. N. (2017). Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais: um estudo sobre atividades de voluntariado. In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.259-269). Curitiba/PR/Brasil: Ed. CRV.
- Organização Mundial de Saúde - OMS. Portal Brasil. (2015). *Relatório mundial de saúde e envelhecimento.* Recuperado de <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/idosos-serao-um-quinto-do-planeta-em-2050-diz-oms-17649843>
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2017). *Países dos BRICS terão 940 milhões de idosos até 2050.* Recuperado de <https://nacoesunidas.org/paises-dos-brics-terao-940-milhoes-de-idosos-ate-2050/>

- Osório, L. C. (2013). *Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais e famílias, empresas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre/RS: AMGH.
- Piletti, N., Rossato, S. M., & Rossato, G. (2017). *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo, SP: Contexto.
- Pires, L. L. A. (2013). Envelhecimento, tecnologias e juventude: caminhos percorridos por alunos de cursos de informática e seus avós. *Estudos Interdisciplinares e Envelhecimento*, 18(2), 293-309. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/34181>
- Rabinovich, E. P.; Moreira, L. V. C., Franco, A. F. (2012). Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 139-149.
- Rabinovich, E. P.; Franco, A. F.; Moreira, L. V. C. (2012). Compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1), 260-273.
- Rizzolli, D., & Surd, A. C. (2010). Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(2), 225-233.
- Rocha, Z. (2007). Esperança não é esperar, é caminhar: reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, X(2), 255-273.
- Sanches, A. P. R. A., Lebrão, M. L., & Duarte, Y. A. O. (2008). Violência contra idosos: uma questão nova? *Revista Saúde e Sociedade*, 17(3), 90-100. Recuperado em 11 de junho, 2012 de http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/57.pdf.
- Sánchez, M. G., & Torrano, D. H. (2013). Los beneficios de los programas intergeneracionales desde la perspectiva de los profesionales. *Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria*, 21, 213-235.
- Silva, C. F. S., & Dias, C. M. S. B. (2016). Violência contra idosos: características e enfrentamento. In D.V.S. Falcão, L. F. Araújo & J. S. Pedroso (Orgs.), *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp. 209-228). Campinas, SP/Brasil: Alínea.
- Silva, H. S., & Junqueira, P. G. (2013). Reflexões e narrativas (auto)biográficas sobre as relações intergeracionais: resultados de uma intervenção socioeducativa com mulheres idosas. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 559-570.
- Silva, M. M. L. (2018). *A contribuição dos tios na vida escolar dos sobrinhos, em uma escola pública de um bairro da periferia de Salvador* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA/Brasil.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Souza, J. A. V., Freitas, M. C., & Queiroz, T. A. (2007). Violência contra os idosos: análise documental. *Revista Brasileira de Enfermagem* (Brasília), 60(3), 535-540.

- Souza, A., Pelegrini, T. S., Ribeiro, J. H. M., Pereira, D. S., & Mendes, M. A. (2015). Conceito de insuficiência familiar na pessoa idosa: análise crítica da literatura. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68(6), 1176-1185.
- Thanakwang, K. (2015). Family support, anticipated support, negative interaction, and psychological well-being of older parents in Thailand. *Psychogeriatrics the official Journal of the Japanese Psychogeriatric Society*, 15(3), 171-178.
- Tiedt, A. D, Saito, Y., & Crimmins, E. M. (2016). Cross-national research: Depressive Symptoms, Transitions to Widowhood, and Informal Support From Adult Children Among Older Women and Men in Japan. *Research on Aging*, 38(6), 619-642.
- Torres, K. A., & Dias, C. M. S. B. (2017). A relação entre avós, idosos e netos por meio das novas tecnologias de informação e comunicação. In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.133-144). Curitiba/PR/Brasil: Ed.CRV.
- UNESCO. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Distrito Federal, Brasília: UNESCO BID. Recuperado de <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>
- Vicente, H. T., & Sousa, L. (2012). Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas. *Revista Kairós*, 15(11), 75-98. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/12778>
- Vieira, R. S. S., & Lima, M. E. O. (2015). Estereótipos sobre os idosos: Dissociação entre crenças pessoais e coletivas. *Temas em Psicologia*, 23(4), 947-958.
- Zapata López, B. (2015). Apoyo social y familiar del adulto mayor del área urbana. Angelópolis, Antioquia 2011. *Revista de Salud Pública = Journal of Public Health*, 17(6), 848-868. Recuperado de <http://search.proquest.com/openview/1ff71a82e9922a7419e192f333d6c269/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2035756>.
- Zeng, W., North, N., & Kent, B. (2013). Family and social aspects associated with depression among older persons in a Chinese context. *International Journal of Older People Nursing*, 8(4), 299-308.

CONCLUSÃO DA TESE

Esta tese objetivou “compreender os modos como acontecem as relações entre idosos(as) e adultos jovens da mesma família”, sob três aspectos: 1) Através de uma revisão sistemática da literatura no período de 2008-2018; 2) A partir do olhar das díades avós-netos, tios(as)-sobrinhos(as), mães-filhos(as), sendo os participantes entrevistados individualmente, mas as falas analisadas conjuntamente, como um todo, pois o todo é maior que a soma de suas partes; 3) Por meio do relato de um Grupo Focal, composto pelo mesmo grupo, que se constitui num tipo de entrevista ou conversa, a partir de perguntas disparadoras, que visam a obter informações, aprofundando a interação entre os participantes, seja para gerar consenso, ou para explicar divergências. O valor principal dessa técnica fundamenta-se na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com os outros indivíduos, conforme propõe o Pensamento Sistêmico. Os referidos estudos foram perpassados pelos objetivos propostos pela Tese. Entretanto, cada um tentou analisar a questão de acordo com seus respectivos instrumentos de coleta de dados.

Assim sendo, o Estudo I intitulado: “Relacionamento Intergeracional entre idosos e adultos jovens da mesma família: uma revisão sistemática (2008-2018)” se propôs realizar uma revisão de literatura com o objetivo de compreender o estado da arte do tema, por meio da análise de artigos científicos de periódicos indexados em bases de dados, como também dissertações e teses registradas no Portal do CAPES/MEC, tendo como pergunta norteadora “Como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família?”. Desses estudos emergiram quatro eixos temáticos de acordo com a literatura encontrada: 1) a percepção das gerações jovens acerca da velhice; 2) a dinâmica do relacionamento intergeracional na percepção de idosos; 3) as características da relação entre idosos e as gerações jovens; 4) intervenções facilitadoras da relação entre idosos e as gerações jovens.

Constatou-se que os artigos, na sua maioria, se referiram a estudos descritivos, seguidos de propostas de intervenção e estudos teóricos. Os principais resultados indicam uma percepção negativa dos jovens acerca da velhice. Contudo, essa visão poderá sofrer diferenças de acordo com a sociedade em que estiverem inseridos, se oriental ou ocidental. A dinâmica do relacionamento intergeracional na percepção dos idosos foi caracterizada de forma positiva, permeada pelo cuidado, apoio e até conflitos, sendo a distância geográfica e o processo desenvolvimental da vida dos jovens fatores de impacto negativos para o

relacionamento, provocando a solidão e, por vezes, depressão nos idosos. A relação entre idosos e adultos jovens tem sido prejudicada pelo modo de viver na contemporaneidade, especificamente pelo mundo do trabalho e a era tecnológica, produzindo descontinuidades de afetos e solidariedades. Propõe-se, para facilitar o relacionamento entre essas duas populações, as ações intergeracionais, que se têm mostrado como fator de impacto positivo, ao propiciar interações significativas, desmistificando preconceitos e promovendo benefícios para ambos, sobretudo o bem-estar subjetivo.

No Estudo II, intitulado “Percepção do relacionamento entre idosos e adultos jovens da mesma família: um olhar a partir dos grupos formados pelas díades avós-netos(as), tios(as)-sobrinhos(as) e mães-filhos(as)”, propôs-se compreender como se dão as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, considerando-se também a *família extensa e abrangente*, a partir da percepção dos grupos formados por seis díades de avós-netos(as), três de tios(as)-sobrinhos(as), e três de mães-filhos(as). Mais especificamente, visou-se a analisar e a descrever na percepção deles: 1) as características da relação; 2) a influência mútua entre eles; 3) os fatores positivos e/ou negativos presentes na relação; 4) indicar, a partir da percepção dos participantes, o que pode ser realizado para facilitar a relação entre eles.

Os resultados da categoria 1 Características da relação entre idosos(as) e adultos jovens, que foi subdividida em cinco subcategorias, demonstraram que, na percepção das díades, acerca da relação idosos(as)/adultos jovens, a maioria percebe uma relação distante entre as duas gerações, de forma geral, ocasionada pelo idadismo/ageísmo, a era tecnológica, a falta de tempo do adulto jovem, a distância geográfica, ou ainda, por não desejarem aproximação ou por terem personalidades difíceis. Sobre a percepção das díades/grupos acerca da relação que eles mantêm com os outros idosos/adultos jovens da família: eles afirmaram manter uma relação de consideração. Quanto à percepção das díades sobre a pessoa escolhida: nesta questão todos afirmaram manter uma relação de mais proximidade afetiva (acolhimento, atenção, cuidado, carinho, comunicação, presença e respeito) com quem escolheram, do que com os outros familiares idosos/adultos jovens da mesma família. Sobre as atividades/elementos em comum: predominou a alimentação (a “comida”, “comer”) como fator agregador, dentre outros. Em relação ao significado que um tem para o outro: prevaleceu uma representação positiva mútua, caracterizada pelas atitudes, virtudes e valores morais.

A categoria 2, acerca da percepção da influência entre eles, foi dividida em duas subcategorias: 1) Influência mútua: a maioria respondeu que existe essa influência, sobretudo, no comportamento e em relação a atitudes, virtudes e valores morais. Na subcategoria 2) Ensino e aprendizagem mútuos: predominou que há um ensino recíproco. Os idosos destacaram ensinar aos adultos jovens os valores morais, atividades e atitudes que emergem das experiências. Os adultos jovens referiram ensinar aos idosos as novas tecnologias. Observa-se nesses pontos a coeducação entre as gerações.

Na categoria 3, sobre fatores positivos e negativos presentes na relação, esta também foi dividida em duas subcategorias: 1) Fatores positivos: todos afirmaram que existem fatores positivos na relação, prevalecendo, a conversa e a convivência pautada na atenção, cuidado, carinho, aprendizado, confiança, cumplicidade e compreensão mútua. 2) Fatores negativos: a maioria trouxe o fator tempo insuficiente dos adultos jovens para estar com os idosos, como também a distância geográfica, a religião e questões familiares.

Na quarta e última categoria, acerca da indicação do que pode ser realizado para facilitar a relação: os participantes destacaram conviver e conversar mais, morar mais perto, aproveitar mais o tempo juntos, o adulto jovem ter mais tempo e dar mais atenção ao idoso, saírem mais juntos para passear e se compreenderem melhor. Diante da realidade contemporânea, é importante pensar, que talvez, aos invés da quantidade de tempo juntos, necessário se faz refletir sobre a qualidade desse tempo que compartilham.

No Estudo III, intitulado “Percepção do relacionamento entre idosos e adultos jovens da mesma família: relato de um grupo focal”, objetivou-se compreender os modos como acontecem as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas, utilizando-se o grupo focal como fonte de expressão. Especificamente pretendeu-se: 1) avaliar os sentimentos experimentados por eles na participação em um grupo focal (por essa razão, a pergunta “Como é para vocês estarem juntos aqui nesse grupo”); 2) descrever as características do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens; 3) indicar, a partir da percepção dos participantes, o que pode ser realizado para facilitar a relação. Os resultados demonstraram que:

Na categoria 1, quanto aos sentimentos experimentados pelos idosos e adultos jovens, por estarem juntos no grupo, predominaram felicidade, alegria, prazer, satisfação, amor e gratidão, além de aprendizagem e experiência mútua. Na categoria 2, acerca da percepção das características do relacionamento entre idosos e adultos jovens, de forma geral, a maior parte dos participantes revelou ter uma percepção de distanciamento, ocasionado por alguns fatores,

entre os quais destacaram-se, principalmente, o desprezo, o abandono e o preconceito; a falta de tempo do adulto jovem e as novas tecnologias. Na categoria 3, como principais possibilidades para facilitar a relação, foram sugeridas: o adulto jovem priorizar um tempo para dedicar às pessoas idosas, bem como a realização de um processo de conscientização contínuo acerca da importância do relacionamento intergeracional entre as duas gerações. Além disso, mencionaram a necessidade de orientação sobre o processo de envelhecimento e da velhice, desde a infância.

Traçando um paralelo entre os estudos, as principais conclusões da tese foram: 1) existe a percepção, por parte dos entrevistados, de distanciamento entre as gerações, que corrobora com a literatura ao afirmar que, devido ao modo de viver contemporâneo, há um distanciamento. Entretanto, existe um membro adulto jovem/idoso(a) de cada família, com o qual se tem mais proximidade, devido à existência de um vínculo afetivo mais forte. 2) Que entre os que vivenciam uma relação mais próxima, existe uma influência mútua. 3) Existem fatores positivos e negativos na relação. Como exemplo de positivos temos: a atenção, cuidado, carinho, aprendizado, confiança, entre outros. Quanto aos negativos: a falta de tempo do jovem, a era tecnológica, a distância geográfica, religião, questões familiares (tensões e conflitos), entre outros. 4) As estratégias citadas pelos participantes para facilitar a relação foram: conviver mais tempo, o jovem dedicar mais tempo à relação, procurar compreender-se e respeitar as diferenças, uma educação de base desde a infância, dentre outros.

Destacou-se, ainda, que há uma carência de estudos sobre o relacionamento entre idosos e adultos jovens da mesma família, sobretudo, de tios(as)-sobrinhos(as); outro achado interessante foi a maior parte dos participantes terem preferido os parentes de vinculação paterna; a escolha por afinidade/afetiva, referida por duas díades, sobressaindo-se ao laço sanguíneo; e uma maior proximidade entre avós-netos(as), ao invés de mães-filhos(as) ou tios(as)-sobrinhos(as), o que demonstra o protagonismo dos avós e a importância que os avós tem para os netos e eles para os avós. Além disso, percebe-se que há um descompasso entre as gerações de pessoas idosas e os jovens, com relação à questão de tempos vivenciados de modo diferente, gerando desalinhamento, o que mostra como a sociedade interfere na vida relacional das pessoas.

Diante desse contexto, faz-se necessário, como medida mais imediata, a implantação e implementação de Programas e encontros intergeracionais que contribuam para promover a

aproximação entre as gerações. Como também, intervenções psicoeducativas e socioeducativas, a partir de políticas públicas de incentivo à intergeracionalidade, uma vez que se constitui como uma iniciativa para despertar o sentido das relações em um mundo individualizado.

Outro grande foco deve ser na educação: preparar as crianças para respeitar a tradição e valorizar “as histórias dos velhos”. Nesse sentido, é premente ensinar às pessoas, desde a infância, a respeitar, acolher, compreender, cuidar e amar a pessoa idosa, dada a vulnerabilidade na velhice. É ideal que esses ensinamentos transponham os muros domésticos e façam parte do currículo escolar, desde a infância, no afã de desconstruir o estigma que coloca a pessoa idosa no lugar de descartável e peso social. Pois a grande questão passa pela educação e consciência cívica, que ainda não existe no Brasil, diferente de outros países como Portugal, Espanha, Japão, China, o que gera um modo de pertencimento do idoso diferente e mais inclusivo. Desse modo, a tradição é um valor a ser considerado e não descartado.

Também é importante promover a conscientização tanto aos idosos(as) como aos jovens, de que a relação entre eles é uma via de mão dupla, na qual quem ensina aprende e quem aprende ensina, havendo uma coeducação entre as gerações, em que todos crescem na aprendizagem, conhecimento e sabedoria. A era da informática tem sido apontada como mais importante que a experiência de vida dos idosos. Desse modo, a experiência vivida e o valor da narrativa e das histórias, que constituem a família, são esquecidas. E as consequências que o esquecimento das narrativas dos idosos pode trazer são devastadoras, pois influenciam o desenraizamento da família, o que reverbera em pessoas vazias e perdidas, tendo como possível consequência a depressão e até mesmo o suicídio. Outra situação a considerar é a percepção de muitos jovens de que o idoso não faz parte do futuro. Muitos esquecem que o presente tem a força do já vivido e que esse prepara o futuro. Desse modo, o idoso também tem um papel importante no futuro, o que hoje a família construiu teve a participação dele, e essa construção se apresenta como uma mola propulsora.

De igual modo, é importante pontuar que o calor humano compartilhado quando ambos estão juntos é muito importante, além de minimizar a solidão, tristeza e, por vezes, depressão, que tanto assolam muitas pessoas idosas e jovens, combate o suicídio. Nesse sentido, as relações virtuais não podem substituir as relações presenciais. Outra importante dificuldade que atravessou os três estudos, refere-se à falta de tempo, ou seja, à quantidade de tempo

disponível do adulto jovem para estar presente. Talvez, diante da impossibilidade de quantidade de tempo, seja mais importante a qualidade do encontro quando estão juntos.

As principais limitações do estudo foram o tamanho da amostra, por não ser representativa e não poder generalizar-se os resultados. Desse modo, não se pode entender que o distanciamento entre idosos e jovens adultos é uma regra. Apenas, os resultados chamam atenção para um maior cuidado sobre essa demanda. Ainda a participação de somente duas pessoas idosas do sexo masculino. Como também, a realização de apenas uma sessão do grupo focal.

Face ao exposto, conclui-se que existe, em certa medida, um distanciamento entre as gerações, tendo como principal fator o modo de viver contemporâneo circunscrito pela sociedade do desempenho/trabalho. Ela reverbera na falta de tempo do jovem para dedicar-se à pessoa idosa, fazendo-o ficar “cansado para ti” (Han, 2017), (para a pessoa idosa), além da era tecnológica, que em certa medida pode atrapalhar uma maior comunicação entre idosos e jovens. Espera-se que esta tese possa dar visibilidade social e científica à importância do relacionamento entre essas gerações, bem como fornecer subsídios teóricos e práticos aos profissionais que trabalham com esse público, incitando ao aprofundamento de pesquisas acerca das questões levantadas, no afã de contribuir para a solidariedade intergeracional.

REFERÊNCIAS DA TESE

- Acevedo, C. R. (2003). Motivos para viajar: um estudo com turistas maduros no contexto brasileiro. *Facef pesquisa*, 6(3), 78-86.
- Alcântara, A. O, Camarano, A. A., & Giacomini, K. C. (2016). *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA.
- *Augustin, F., & Freshman, B. (2016). The effects of service-learning on college students' attitudes toward older adults. *Gerontology & Geriatrics Education*, 37 (2), 123-144.
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: what is it, and what is it good for? *Child development perspectives*, 1 (2), 68-73.
- Arnett, J. J. (2008). The neglected 95%: Why developmental psychology needs to become less developmental. *American Psychologist*, 63(7), 602-614.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP. (2018). *Critério de Classificação Socioeconômica Brasil*. Recuperado de <http://www.abep.org>.
- Atlan, H. (1979). *Entre le crystal et la fumée. Éssai sur l'organization du vivant*. Paris: Seuil.
- Atlan, H. (1984). L'intuition du complexe et ses théorizations. In F. Soulié (org.), *Colloque de Cérisy: les théories de la complexité. Autor de l'oeuvre d'Henri Atlan* (pp.9-42). Paris: Seuil.
- Augustin, F., & Freshman, B. (2016). The Effects of Service-Learning on College Students' Attitudes Toward Older Adults. *Gerontol Geriatr Educ*. 37(2), 123-44.
- Azambuja, R. M. M, & Rabinovich, E. P. (2017). O cuidar dos avós visto pelos netos. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.157-176). Curitiba/PR/Brasil: Ed. CRV.
- Aziz, R., & Steffens, D. C. (2013). What are the causes of late-life depression? *Psychiatric Clinics North American*, 36(4), 497-516.
- Baranowski, M. (1982). Grandparent-grandchildren relations: beyond the nuclear family. *Adolescence*, 17 (67), 575-584.
- Barbosa, J. C. (2014). Comida e tradição: o dom de agregar. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R. C. Amorim & S. M. P. Sá (Orgs.). *Do fogão ao coração: receitas de família* (pp. 31-34). Salvador, BA/Brasil: Edição P55.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Batistoni, S. S. T. B., Neri, A. L., Tomomitsu, M. R. S. V., Vieira, L. A. M., Oliveira, D., Cabral, B. E., & Araújo, L. F. (2013). Arranjos domiciliares, suporte social, expectativa de cuidado e fragilidade. In A. L. Neri (Org.), *Fragilidade e qualidade de vida na velhice* (pp. 267-281). Campinas, SP: Editora Alínea. Coleção Velhice e Sociedade.
- Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

- Bertalanffy, L. V. (2008). *Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Berthoud, C. M. E., & Bergami, N. B. B. (2010). Família em fase de aquisição. In C. M. O. Cervený & C. M. E. Berthoud (Orgs). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (pp.46-71). São Paulo, SP/Brasil: Casa do Psicólogo.
- Borges, C. D., & Santos, M. A. (2005). Aplicações metodológicas da técnica de grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 6(1), 74-80.
- Bosi, E. (1979). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, SP: T.A. Queiroz Editor.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial.
- Bourdieu, P. (1983). *A juventude é apenas uma palavra*. Rio de Janeiro, RJ: Marco Zero.
- Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. (2003). *Estatuto do Idoso – Lei n. 10.741 de 1º de outubro de 2003*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm
- Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. (2013). *Estatuto da Juventude – Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Recuperado de 2016 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). *Sinopse do Censo Demográfico 2010*. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&i_pagina=1.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2016). *População – projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação – Índice de Envelhecimento*. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2018). *Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017.html>
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2018). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2018). *População: Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>
- Brasil. Presidência da República. (2013). *Estatuto da Juventude – Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm Brasil.

- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos. (2018). Política Nacional do Idoso: a perspectiva dos Direitos Humanos. *Encontro sobre integração entre serviços e benefícios socioassistenciais para a pessoa idosa*. Dias 28 e 29 de junho de 2018, Novotel São Paulo Center Norte, São Paulo/SP.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção básica. (2007). *Cadernos de Atenção Básica: envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. N. 19. Brasília: DF.
- Brasil. *Política Nacional do Idoso – PNI. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. (1994). Presidência da República. Casa civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Brasília: DF. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm
- Brito, E. S. (2014). Fábrica de Chimango e a força da tradição. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R. C. Amorim & S. M. P. Sá (Orgs.), *Do fogão ao coração: receitas de família*. (pp. 102-108). Salvador, BA/Brasil: edição P55.
- Butler, R. (1969). Age-ism: another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9, 243-246.
- Biblioteca Virtual em Saúde - BVS. (2018). *DeCS - Descritores em Ciências da Saúde*. Recuperado de <http://decs.bvs.br/>.
- Camarano, A. A., Pazinato, M. T., Kanso, S., & Vianna, C. (2003). *A transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios? Mercado de trabalho: conjuntura e análise*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA. Recuperado de <http://www.ipea.gov.br>
- Camarano, A. M. (2004). Os caminhos dos jovens em direção à vida adulta. *Revista do desenvolvimento*, 1(1), 59.
- Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA.
- Camarano, A. A., Kanso, S., & Fernandes, D. (2016). Brasil envelhece antes e pós-PNI. In A. O. Alcântara, A. A. Camarano & K. C. Giacomini (Orgs.). *Política Nacional do idoso: velhas e novas questões* (pp.63-103). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: IPEA.
- Camilli, C., Millan, A., & Tirro, V. (2010). Una mirada al significado que le atribuyen a la vejez los jóvenes estudiantes de la Universidad Metropolitana de Caracas, Venezuela. (Psicología Social). *Anales de la Universidad Metropolitana*, 10(2), 227-235.
- Carstensen, L. L. (1991). Socioemotional selectivity theory: Social activity in life-span context. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 11, 195-217.
- Carstensen, L. L. (1992). Social and emotional patterns in adulthood: Support for socioemotional selectivity theory. *Psychology and aging*, 7, 331-338.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2007). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 7-29). Porto Alegre, RS/Brasil: Artes Médicas.

- Carvalho, M. C. B. N. M. (2012). Relações intergeracionais: alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. *Revista Portal de Divulgação*, 28(3), 83-88. Recuperado de <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>.
- Castañeda, P. J., Sánchez, D., Sánchez, A., & Blanc, S. (2004). Como perciben los nietos adultos las relaciones con sus abuelos. *Anuário de Psicologia*, 35(1), 107-123.
- Cervený, C. M. O. (2010). Introdução. In C. M. O. Cervený, C. M. E. Berthoud & colaboradores (Orgs), *Família e Ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (pp.9-17). São Paulo, SP/Brasil: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C. M. O., Berthoud, C. M. E., & colaboradores. (2010). *Família e Ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo, SP/Brasil: Casa do Psicólogo.
- Cheng, Y. P., Birditt, K. S., Zarit, S. H., & Fingerman, K. L. (2015). Young adults' provision of Support to Middle-Aged Parents. *The Journals of Gerontology*. 70(3), 407-16.
- Confort, M. (2018). Viajar em família faz bem pra saúde, sugere a ciência. *Manual do homem moderno*. Recuperado de <https://manualdohomemmoderno.com.br/viagem/viajar-em-familia-faz-bem-pra-saude-sugere-ciencia>
- Connidis, I. A. (1989). Sibling ties. In I. A. Connidis (Ed.), *Family ties and aging* (p. 71-86). Toronto: Butterworths Canada.
- Côrte, B., & Ferrigno, J. C. (2016). Programas Intergeracionais: Estímulo à integração do idoso às demais gerações. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1526-1534). Rio de Janeiro/RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Costa, L. F. (2014). Aperitivo. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R. C. Amorim & S.M.P. Sá (Orgs.), *Do fogão ao coração: receitas de família* (pp.13-14). Salvador, BA/Brasil: Edição P55.
- Couto, M. C. P. P., & Marques, S. (2016). Atitudes em relação ao envelhecimento: vamos falar sobre o idadismo? In D.V.S Falcão, L. F. Araújo & J. S. Pedroso (Orgs.), *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp. 17-32). Campinas, SP/Brasil: Alínea.
- Coutrim, R. M. E. (2017). Idosos e jovens em salas multigeracionais na educação de jovens e adultos. In L.V.C., Moreira, E. P., Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós, e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (pp.451-463). Curitiba/PR/Brasil: Ed. CRV.
- D'Alencar, R. S. (2012). (Re) meaning the solidarity in the old age: beyond consanguineous ties. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences (UEM)*, 34(1), 9-17.
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Minayo, M. C. S. (2008). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Denham, T., & Smith, C. (1989). The influence of grandparents on grandchildren: a review of the literature and resources. *Family Relations*, 38, 345-350.
- Dias, C. M. S. B. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Revista Symposium*, 6(1/2), 32-38.
- Dias, C. M. S. B. (2015). As relações intergeracionais na família: desafios e possibilidades. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp. 93-102). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ed. PUC-Rio: Prospectiva.
- Dias, C. M. S. B., & Oliveira, G. A. S. (2017). Netos adultos e avós: significado, atividades realizadas, frequência do contato e dificuldades no relacionamento. In T. Féres-Carneiro (org.), *Casal e família: teoria, pesquisa e clínica* (pp.115-129). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ed. PUC-Rio: Prospectiva.
- Dias, C. M., & Silva, M. A. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, número especial, 8, 55-62.
- Doll, J. (2008). Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas. *A Terceira Idade. São Paulo*, 19(43).
- Doll, J., Machado, L. R., & Cachioni, M. (2016). O idoso e as novas tecnologias. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1613-1621). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Donati, P. (2003). La famiglia come capitale sociale primário. In P. Donati (Ed.), *Famiglia e capitale sociale nella società italiana* (pp.31-101). Cinisello Balsamo, Itália: San Paolo.
- Donati, P. (2008). *Família no século XXI: Abordagem relacional*. São Paulo, SP: Paulinas.
- Donati, P. (2012). Cultural change, family transitions and reflexivity in a morphogenetic society. *Memorandum*, 21, 39-55. Recuperado de <http://www.Fafich.ufmg.br/memorandum/a21/donati04>.
- Donati, P. (2013). *La famiglia, il genoma che fa vivere la società*. Soveria Manelli; Rubbetino. Santiago: Ediciones UC.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Esteves de Vasconcellos, M. J. (2003). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Papyrus.
- Falcão, D. V. S. (2006). *Doença de Alzheimer: um estudo sobre o papel das filhas cuidadoras e suas relações familiares* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, DF/Brasil.
- Falcão, D. V. S., & Baptista, M. N. (2010). Avaliação psicológica de família com idosos. In D. V. S. Falcão (Org.), *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade* (pp.13-36). Campinas, SP/Brasil: Papyrus.

- Faleiros, V. P. (2007). *Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores*. Brasília, DF: Universa.
- Faleiros, V. P., & Brito, D. O. (2009). Representações da violência intrafamiliar por idosas e idosos. In V. P. Faleiros, A. M. L. Loureiro & M. A. Penso (Orgs), *O Conluio do Silêncio: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa* (pp.02-19). São Paulo, SP/Brasil: Roca.
- Faleiros, V. P. (2013). *O mapa da violência contra a pessoa idosa no Distrito Federal/ Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios*. Brasília : MPDFT.
- Ferreira, V. R. P. M. (2018). *Espiritualidade e religiosidade como recurso de ajustamento psicológico e de bem-estar de idosos de 80 anos ou mais*. (Monografia do Curso de Especialização em Gerontologia). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE/Brasil.
- Ferreira, H. G., & Barham, E. J. (2016). Relações sociais, saúde e bem-estar na velhice. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1490-1497). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Ferreira, C. K, Massi, G. A. A., Guarinello, A. C., & Mendes, J. (2015). Encontros Intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e idosos. *Revista Puc SP: Distúrbios de Comunicação*, 27(2), 253-263. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/20409/16982>
- Ferrigno, J. C. (2005). A coeducação entre gerações: um desafio da longevidade. *Mundo saúde*, 29(4), 484-490.
- Ferrigno, J. C. (2006). A coeducação entre gerações. *Revista Brasileira de Educação Física Especial*, 20(5), 67-69. Recuperado de <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/>
- Ferrigno, J. C. (2008). Apresentação. In C. R. Lima (Ed.), *Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações* (pp.11-13). Campinas, SP/Brasil: Ed. Alínea.
- Ferrigno, J. C. (2010). *Coeducação entre gerações*. São Paulo, SP: SESC.
- Ferrigno, J. C. (2016). O idoso como mestre e aluno das novas gerações. In A. O. Alcântara, A. M. Camarano & K. C. Giacomini (Orgs.), *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões* (pp. 211-223). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ipea.
- Ferrigno, J. C. (2018). Netas cuidadoras de avós fragilizados: Uma especial relação de gerações, *Revista Portal de divulgação*, 57(9), 16-21. Recuperado de <http://portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/723/786>.
- Figueiredo, L. C. (2003). O paciente sem esperança e a recusa da utopia. In L. C. Figueiredo (Ed.), *Psicanálise elementos para a clínica contemporânea* (pp. 157-189). São Paulo, SP/Brasil: Escuta.

- França, L. H. F. P., Silva, A. M. T. B., & Barreto, M. S. L. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 519-531.
- Frank, M. H., & Rodrigues, N. L. (2016). Depressão, ansiedade, outros transtornos afetivos e suicídio. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.391-403). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Franks, L. J., Hughes, J. P., Phelps, L. H., & Williams, D. E. (1993). Intergenerational influence on midwest college students by grandparents and significant elders. *Educational Gerontology*, 19, 265-271.
- Fromm, E. (1995). *The sane society*. New York: Rinehart.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Líber Livro Editora.
- Giddens, A. (1992). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, SP: UNESP.
- Gil, G., & Lopes, R. G. C. (2014). Programas Intergeracionais no Brasil: Revisão bibliográfica. *Revista portal de Divulgação*, 40(IV). Recuperado de www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>
- Gramsci, A. (1981). *Concepção dialética da história*. 4ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Günther, I. A. (2011). Envelhecimento, relações sociais e ambiente. In D. V. S. Falcão & L. F. Araújo (Orgs.), *Psicologia do envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados* (pp.11-25). Campinas, SP/Brasil: Ed. Alínea.
- Han, B-C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Harsthorne, T. S., & Manaster, G. J. (1982). The relationship with grandparents: contact, importance, role conceptions. *International Journal of Aging and Human Development*, 15(3), 233-245.
- Henriques, C. R. (2009). *Entre o aconchego e os detalhes do cotidiano: a relação pais e filhos adultos* (Tese de doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ/Brasil. Recuperado de <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>
- Kehl, M. R. (2013). Maria Rita Kehl: em defesa da família tentacular. *Fronteiras do pensamento*. Recuperado de <https://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>.

- Kenedy, G. E. (1990). College students' expectations of grandparent and grandchild role behavior. *The Gerontologist*, 30(1), 43-48.
- Kenedy, G. E. (1992b). Shared activities of grandparents and grandchildren. *Psychological Reports*, 70, 211-227.
- Kind, L. (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, 10(15), 124-136.
- Krueger, R. A. (1988). *Focus Groups: a Practical Guide for Applied Research*. New-Bury Park: Sage.
- Kublikowski, I. (2019). Adolescência estendida ou adultez emergente? A passagem para a vida adulta e o ciclo vital da família. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & R. C. Fornasier (Orgs.), *Adolescentes e adolescências: família, escola e sociedade*. Curitiba, PR/Brasil: Editora CRV. (No prelo).
- Leal, T. C. M. (2014). O kibe Naye da vovó Olga: o sabor da história e o gosto da memória de encontros inesquecíveis em família. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R. C. Amorim & S. M. P. Sá (Orgs.), *Do fogão ao coração: receitas de família* (pp. 69-71). Salvador, BA/Brasil: Edição P55.
- Lerner, R. M. (1995). *America's youth in crisis: challenges and options for programs and policies*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lima, C. R. (2008). *Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Lima, G. S. (2012). Executivos jovens e seniores no topo da carreira: conflitos e complementaridades. *REAd. Revista Eletrônica de Administração*, 18(1), 63-96.
- Lipovetsky, G. (2005). *A Era do vazio: ensaios sobre o individualismo Contemporâneo*. Barueri, SP: Manole.
- Lopes, E. S. L. (2005). *Representação social de velhos e velhice para crianças: contatos intergeracionais no projeto Jarinu tem memória* (Dissertação de mestrado em Gerontologia). UNICAMP - Universidade de Campinas, Campinas, SP/Brasil.
- Lopes, E. S. L. (2008). *Encontros intergeracionais e representação social: o que as crianças pensam sobre velhos e velhice*. Holambra: SP: Editora Setembro, Fapesp.
- Leme, V. B. R., Falcão, A. O., Morais, G. A., Braz, A. C., Coimbra, S., & Fernandes, L. M. (2016). Solidariedade Intergeracional Familiar nas pesquisas brasileiras: revisão integrativa da literatura. *Revista da SPAGESP*, 17(2), 37-52. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Lyotard, J. F. (1984). *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press. Recuperado de http://tomhuhn.com/includes/pdf/publications/reviews/18_postmodern_condition_BR.pdf

- Marangoni, J., & Oliveira, M. C. S. L. (2010). Relacionamentos intergeracionais: avós e netos, na família contemporânea. In D.V.S. Falcão (Org.), *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade* (pp. 37-56). Campinas, SP/Brasil: Papirus.
- Maturana, H. (1987). O que se observa depende do observador? In W. I. Thompson (Org.), *Gaia: uma teoria do conhecimento* (pp.53-72). São Paulo, SP/Brasil: Editora Gaia.
- Maturana, H., & Varela, F. (1979). *Autopoiesis and Cognition. The Realization of Living*. Dordrecht: D. Reidel Publishing.
- McCall W. V., & Kintziger, K. W. (2013). Late life depression: a global problem with few resources. *Psychiatric Clinic North American*, 36(4), 475-481.
- McKinnon, B., Harper, S., & Moore, S. (2013). The relationship of living arrangements and depressive symptoms among older adults in sub-Saharan Africa. *BMC Public Health*. 13(682).
- Mendizábal, M. R. L., & Cabornero, J. A. C. (2004). *Grupo de debate para idosos: guia prático para coordenadores dos encontros*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. Edição 14ª. São Paulo, SP: Ed. Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2018). O principal fator para o suicídio do idoso é o isolamento, a solidão. *GEPeSP entrevista*. Recuperado de <https://gepesp.org/2018/04/o-principal-fator-para-o-suicidio-do-idoso-e-o-isolamento-a-solidao-gepesp-entrevista-cecilia-minayo/uncategorized>
- Miranda, D. S. (2013). Um programa para todas as idades. *Caderno Sesc de Cidadania e intergeracionalidade*, 4(8), 4. Recuperado de www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista.
- Modell, J., Furstenberg J. F. F., & Hershberg, T. (1976). Social change and transitions to adulthood in historical perspective. *Journal of Family history, Minneapolis :(USA) NCFR*. 38(1), 7-32.
- Moral Jiménez, M. (2017). Programas intergeracionales y participación social: la integración de los adultos mayores españoles y latinoamericanos en la comunidad. *Universitas Psychologica*, 16(1).
- Moreira, L. V. C., Rabinovich, E. P., & Ramos, M. N. (2017). Introdução. In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (pp.17-21). Curitiba, PR/Brasil: CRV.
- Morin, E. (1982). *Ciência como consciência*. Lisboa: Europa-América.
- Morin, E. (1983). *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América.
- Morin, E. (1990). *Ciência como consciência*. Mem Martins: Europa-América.
- Müller, E. (2013). O conceito de transição e o curso da vida contemporâneo. *Revista feminismo*, 1(3). Recuperado de www.feminismos.neim.ufba.br

- Nascimento, A. M. (2008). *Aspectos da transição para a vida adulta no Brasil, dos filhos adultos que residem com os pais, segundo a Pesquisa sobre Padrões de Vida 1996-1997*. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.
- Neri, A. L. (2006). *Palavras-chave em gerontologia*. 2ª edição. Coleção Velhice e Sociedade. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Neri, A. L. (2008). *Palavras-chave em gerontologia*. 3ª edição. Coleção Velhice e Sociedade. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Neri, A. L. (2013). *Fragilidade e Qualidade de Vida na velhice*. Coleção Velhice e Sociedade. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Neves, S. D. (2015). *O casal e as relações de parentesco por afinidade: os sogros*. (Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA/Brasil.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e métodos*. 7ª.ed. - Porto Alegre, RS: Artmed.
- Nogueira-Martins, M. C. F., & Bogus, C. M. (2004). Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade*, 13(3), 44-57.
- Oliveira, P. S. (1998). Cultura e coeducação de gerações. *Psicologia USP*, 9(2), 261-295.
- Oliveira, M. B. (2013). *Um pai cuida de dez filhos, mas dez filhos não cuidam de um pai: transferências familiares entre gerações* (Dissertação de mestrado em Economia). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG/Brasil. Recuperado de <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>
- Oliveira, G. C. A. S. (2015). *Percepção dos vínculos e Relacionamento entre Netos Adultos e seus Avós* (Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE/Brasil. Recuperado de <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>
- Oliveira, A. L. (2017, JULHO). Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais. In: *Anais do V Congresso A voz dos Avós: Família e Sociedade*, Salvador. UCSAL - Universidade Católica do Salvador, BA.
- Oliveira, A. L., Villas-Boas, S., & Ramos, M. N. (2017). Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais: um estudo sobre atividades de voluntariado. In L.V.C. Moreira, E.P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.259-269). Curitiba, PR/Brasil: Ed.CRV.
- Organização Mundial de Saúde - OMS. Portal Brasil. (2015). *Relatório mundial de saúde e envelhecimento*.

- Organização das Nações Unidas - ONU. (2002). *Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento*. Madri: PNUD.
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2016). *População idosa mais do que dobrará até 2050: especialista da ONU pede foco em direitos*. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/populacao-idosa-mais-do-que-dobrara-ate-2050-especialista-da-onu-pede-foco-em-direitos/>
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2017). OMS cobra melhorias no atendimento aos idosos. Recuperado de https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=IDOSOS+NO+MUNDO
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2017). Países dos BRICS terão 940 milhões de idosos até 2050. Recuperado de https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=IDOSOS+NO+MUNDO
- Organização das Nações Unidas - ONU. (2018). Brasil adota recomendações da OMS e lança estratégia para melhorar vida de idosos. Recuperado de https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=IDOSOS+NO+MUNDO
- Organización Panamericana de La Salud - OPS. (2004). El maltrato de las personas mayores. In *informe mundial sobre la dentific y lasalud*. Washington: DC, 135-158.
- Osório, L. C. (2013). *Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais e famílias, empresas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Ossó, A. B. (2014). *Escuchar, observar y comprender: recuperando la narrativa en las ciencias de la salud*. Catalúnia: Taller Gráfico.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Edição 12ª. Porto Alegre, RS: AMGH.
- Petrini, G. (2003). A identidade da Universidade Católica e sua contribuição à vida acadêmica e social. In Palestra apresentada na PUC-SP. *Pós-modernidade e família – um Itinerário de compreensão*. Bauru, EDUSC.
- Petrini, G., & Fornasier, R. C. (2017). É possível, ainda, a escolha da família(?). In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea*, (pp. 25-37). Curitiba, PR/Brasil: CRV.
- Piletti, N., Rossato, S.M., & Rossato, G. (2017). *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo, SP/Brasil: Contexto.
- Pinto, M. T. L. S, Rabinovich, E.P., & Machado, A. I. D. (2017). Os avós de ontem e de hoje segundo desenho de crianças do 6º ano do ensino fundamental do colégio militar de Salvador, Bahia. Comunicação oral apresentada no 21º SEMOC: Alteridade, direitos fundamentais e educação na UCSAL - Universidade Católica do Salvador. Recuperado de <http://noosfero.ucsal.br/articles/0014/7452/resultado-trabalhos-semoc-21-semoc.pdf>

- Pires, L. L. A. (2013). Envelhecimento, tecnologias e juventude: caminhos percorridos por alunos de cursos de informática e seus avós. *Estudos interdisciplinares e envelhecimento*, 18(2), 293-309.
- Ponciano, E. L. T. (2015). Autoridade parental em transformação: pais e filhos na adultez emergente. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp.57-72). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ed. PUC-Rio: Prospectiva.
- Prigogine, I. (1991). *O nascimento do tempo*. Lisboa: Edições 70.
- Prigogine, I., & Stengers, I. (1984). *A nova aliança. A metamorfose da ciência*. Brasília, DF: UNB.
- Rabelo, D. F. (2016). Os idosos e as relações familiares. In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1490-1497). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan.
- Rabelo, D. F., & Neri, A. L. (2014). A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. *Pensando famílias*, 18(1), 138-153. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100012&lng=pt&tlng=pt.
- Rabinovich, E. P., Moreira, L. V. C., & Franco, A. F. (2012). Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 139-149.
- Rabinovich, E. P., Franco, A. F., & Moreira, L. V. C. (2012). Compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1), 260-273.
- Ramos, M. (2002). Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, 4(7), 156-175.
- Ramos, N. (2017). Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: avós e netos na contemporaneidade. In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (pp. 227-247). Curitiba, PR/Brasil: CRV.
- Richardson, R. J., & Cols. (1999). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo, SP: Atlas.
- Rittirong, J., Prasartkul, P., & Rindfuss, R. R. (2014). From whom do older persons prefer support? The case of rural Thailand. *Journal Aging Study*, 31, 171-81.
- Rizzolli, D., & Surd, A. C. (2010). Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(2), 225-233.
- Roberto, K., & Stroes, J. (1992). Grandchildren and grandparents: roles, influences and relationship. *International Journal of Aging and Human Development*, 34(3), 227-239.
- Robertson, J. F. (1975). Interaction in three generation families, parents as mediators. *International Journal of Aging and Human Development*, 6(2), 103-111.
- Rocha, Z. (2007). Esperança não é esperar, é caminhar: reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, X(2), 255-273.

- Rosas, M. L. G. (2014). Fazendo sala. In E. P. Rabinovich, M. L. Rosas, R. C. Amorim & S. M. P. Sá (Orgs.), *Do fogão ao coração: receitas de família* (pp.18-22). Salvador, BA/Brasil: Edição P55.
- Sanches, A. P. R. A., Lebrão, M. L., & Duarte, Y. A. O. (2008). Violência contra idosos: uma questão nova? *Revista Saúde e Sociedade*, 17(3), 90-100. Recuperado de http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/57.pdf.
- Sánchez, M. G., & Torrano, D. H. (2013). Los beneficios de los programas intergeneracionales desde la perspectiva de los profesionales. *Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria*, 21, 213-235.
- Sanders, G., & Trygstad, D. (1993). Strengths in the grandparents-grandchild relationship. *Activities, Adaptation & Aging*, 17(4), 43-53.
- Santos, A. S. S. C. (2001). Envelhecimento: Visão de filósofos da antiguidade Oriental e Ocidental. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 2 (1), 88-94. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/5837/4146>.
- Schmidt, C. (2010). Entre o avô e o neto: relatos co-educativos. *Simpósio Nacional de educação: Infância, sociedade e educação*. 13 a 15 de outubro de 2010, anfiteatro campus Cascavel - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia I Campinas I* 25(4), 585-593.
- Schrader, A. (1987). *Introdução à pesquisa social empírica*. Porto Alegre, RS: Globo.
- Silva, C. F. S. (2014). *Violência contra idosos: uma proposta de intervenção psicoeducativa junto a familiares envolvidos com a justiça* (Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE/Brasil.
- Silva, D. M. (2013). *A família intergeracional na ótica de idosos* (Dissertação de mestrado em Enfermagem e Saúde). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié. Recuperado de <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>
- Silva, C. F. S., & Dias, C. M. S. B. (2016). Violência contra idosos: características e enfrentamento. In D.V.S Falcão, L. F. Araújo & J. S. Pedroso (Orgs.), *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp. 209-228). Campinas, SP/Brasil: Alínea.
- Silva, H. S., & Junqueira, P. G. (2013). Reflexões e narrativas (auto) biográficas sobre as relações intergeracionais: resultados de uma intervenção socioeducativa com mulheres idosas. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 559-570.
- Silva, D. M., Vilela, A. B. A., Oliveira, D. C., & Alves, M. R. (2015). A estrutura da representação social de família para idosos residentes em lares intergeracionais. *Revista de Enfermagem da UERJ*, 23(1), 21-26.
- Silva, D. M., Vilela, A. B. A., Nery, A. A., Duarte, A. C. S., Alves, M. R., & Meira, S. S. (2015). Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes

- no Município de Jequié (Bahia), Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(7), 2183-2191. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015207.17972014>
- Silva, M. M. L. (2018). *A contribuição dos tios na vida escolar dos sobrinhos, em uma escola pública de um bairro da periferia de Salvador* (Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA/Brasil.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Silveira, T. M. (2002). Convívio de gerações: ampliando possibilidades. *Textos sobre Envelhecimento*, 4(8).
- Souza, A. M. V. (2004). *Tutela jurídica do idoso: a assistência e a convivência familiar*. Campinas, SP: Alínea.
- Souza, E. M. (2011). Intergenerational integration, social capital and health: a theoretical framework and results from a qualitative study. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(3), 1733-1744. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000300010>
- Souza, J. A. V., Freitas, M. C., & Queiroz, T. A. (2007). Violência contra os idosos: análise documental. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(3), 535-540.
- Souza, A., Pelegrini, T. S., Ribeiro, J. H. M., Pereira, D. S., & Mendes, M. A. (2015). Conceito de insuficiência familiar na pessoa idosa: análise crítica da literatura. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68(6), 1176-1185. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680625i>
- Thanakwang, K. (2015). Family support, anticipated support, negative interaction, and psychological well-being of older parents in Thailand. *Psychogeriatrics*, 15(3), 171-178.
- Thompson, M. G., & Heller, K. (1990). Facets of support related to well-being: Quantitative social isolation and perceived family support in a sample of elderly women. *Psychology and Aging*, 5, 535-544.
- Tiedt, A. D., Saito, Y., & Crimmins, E.M. (2016). Cross-national research; depressive symptoms, transitions to widowhood, and informal support from adult children among older women and men in Japan. *Research on Aging*, 38(6), 619-642.
- Tier, C. G., Menezes, A. F., Silva, M. S., Ziani, J. S., Muniz, A. G., Kubiça, C. G., Morin, F., Jesus, M. A. B., Silva, J. J. S., Stamm, B., & Gomes, B.F. (2018). A percepção da pessoa idosa em relação a sua família: relato de experiência. *Cidadania em ação: revista de extensão e cultura*, 2(1), 106-112.
- Tsai, F. J., Motamed, S., & Rougemont, A. (2013). The protective effect of taking care of grandchildren on elders' mental health? Associations between changing patterns of intergenerational exchanges and the reduction of elders' loneliness and depression between 1993 and 2007 in Taiwan. *BMC Public Health*, 10, 3-9.
- Torres, K. A., & Dias, C. M. S. B. (2017). A relação entre avós, idosos e netos por meio das novas tecnologias de informação e comunicação. In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & C.M.S.B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.133-144). Curitiba/PR/Brasil: Ed.CRV.

- UNESCO. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Brasília, DF: UNESCO, BID.
- Unrug, M. C. (1974). *Analyse de contenu et acte de parole*. Paris: Éd. Universitaires.
- Vicente, H. T., & Sousa, L. (2012). Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas. *Revista Kairós*, 15(11),75-98. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/12778>.
- Vieira, R. S. S., & Lima, M. E. O. (2015). Estereótipos sobre os idosos: Dissociação entre crenças pessoais e coletivas. *Temas em Psicologia*, 23(4), 947-958.
- Wiener, N. (1978). *Cibernética e sociedade. O uso humano de seres humanos*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Zaccarelli, L. M., & Godoy, A. S. (2010). Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. *CADERNOS EBAPE. BR*, 8 (3), 550-563.
- Zapata López, B. (2015). Apoyo social y familiar del adulto mayor del área urbana. Angelópolis, Antioquia 2011. *Revista de Salud Pública = Journal of Public Health*, 17(6), 848. Recuperado de <http://search.proquest.com/openview/1ff71a82e9922a7419e192f333d6c269/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2035756>.
- Zeng, W., North, N., & Kent, B. (2013). Family and social aspects associated with depression among older persons in a Chinese context. *International Journal of Older People Nursing*, 8(4), 299-308.


APÊNDICES

APÊNDICE A

**PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE PERNAMBUCO**

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE PARA A PESSOA IDOSA (fonte tamanho 14 para facilitar a leitura)

	<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</p>
---	--

PREZADO (A) PARTICIPANTE

1. O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Relação intergeracional entre idosos e adultos jovens da mesma família: caracterização e repercussões”.
2. O (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento.
3. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
4. O objetivo geral desta pesquisa é compreender os modos como acontecem as relações entre idosos e adultos jovens, da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas. Especificamente pretende-se: 1) Descrever as características da relação entre idosos e adultos jovens; 2) analisar como percebem a influência mútua entre eles através do que dizem; 3) descrever os fatores positivos e/ou negativos presentes na relação entre eles; 5) propor intervenções que facilitem essa relação.
5. Sua participação consistirá em responder a uma entrevista sobre as referidas questões, as quais não lhes trarão risco para sua saúde mental ou física.

6. Os benefícios relacionados com a sua participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de, a partir dos resultados, serem levantadas proposições e propostas de intervenção que podem facilitar a interação entre idosos e adultos jovens, garantindo-lhes um melhor bem estar subjetivo.
7. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
8. Solicitamos autorização para gravar, filmar e transcrever a entrevista, com a finalidade de melhor compreender e analisar os resultados.
9. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Os dados ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora, por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.
10. O (a) senhor (a) está recebendo uma cópia deste termo onde constam os telefones e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Assinatura

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,
BLOCO G4

Telefone: (81) 21194097 (Curso de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81) 2119.4376 – FAX (81) 2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 2017.

Participante da pesquisa

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO PARA A PESSOA IDOSA

1.Sexo:

2.Idade:

3.Grau de escolaridade:

4.Estado civil:

5.Com quem reside:

6. Tem filhos (as), netos (as), bisnetos (as), sobrinhos (as)? Quantos? Quais idades? Quais residem com o senhor? Com que frequência os vê? Algum depende do (a) senhor (a)? Ou o senhor depende dele?

7.Profissão:

8.Trabalha? É aposentado?

9. Se trabalha, em qual empresa e que função desempenha:

10.Renda familiar (em salários mínimos):

11.Religião:

12.Tem algum problema de saúde? Qual?

13.O que costuma fazer em seu tempo livre?

14. Faz algum trabalho voluntário?

15. Cuida ou ajuda a cuidar de algum deles?

16. Participa de algum grupo de convivência para idosos (Universidade Aberta para Terceira Idade, Religioso, entre outros) ou de algum Programa Intergeracional (atividade entre idosos e pessoas de outras idades)?


APÊNDICE D

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A PESSOA IDOSA

1. Como o (a) senhor(a) percebe a relação entre idoso(as) e adultos jovens da mesma família?
2. O (a) senhor (a) tem pessoas adultas jovens na sua família? Quem é? filho (a), neto(a), sobrinho (a), ou outra? Qual a idade delas?
3. Mora na mesma residência?
4. Como é a sua relação com eles(as)?
5. Tem alguma dentre eles(as) que é mais significativa para o (a) senhor(a), com quem tem uma relação de mais proximidade?
6. Como é a relação entre o(a) senhor(a) e essa pessoa?
7. Em que local a encontra?
8. Com que frequência mantém contato com ela? Fale-me sobre isso.
9. Com que frequência conversam? Fale-me sobre essas conversas (quanto tempo, aproximadamente, o(a) senhor(a) fica conversando com ela; que assuntos)?
10. Com que frequência fazem alguma coisa juntos? O que fazem juntos? O que podem fazer juntos? O que gostaria de fazer juntos?
11. Vocês tem interesses em comum? Fale-nos sobre isso?
12. O(a) senhor(a) sente-se influenciado(a) por essa pessoa? Fale-me sobre isso.
13. O(a) senhor(a) percebe se influencia essa pessoa? Fale-me sobre isso.
14. O(a) senhor (a) acha que aprende com essa pessoa? Fale-me sobre isso.
15. O(a) senhor(a) acha que essa pessoa aprende com o(a) senhor(a)? Fale-me sobre isso.
16. O que essa pessoa representa para o(a) senhor(a)?
17. O que o(a) senhor(a) pensa sobre essa pessoa?
18. O que o(a) senhor(a) acha que essa pessoa pensa sobre o(a) senhor(a)?
19. O que o(a) senhor(a) acha que incomoda, é negativo, na relação entre vocês?
20. O que o(a) senhor(a) acha que é bom, positivo, na relação entre vocês?
21. Tem alguma situação ou vivência, com essa pessoa, que o (a) senhor (a) gostaria de compartilhar?
22. O que o(a) senhor(a) acha que poderia contribuir para facilitar mais a relação entre vocês?
23. O que o(a) senhor(a) acha que poderia contribuir para facilitar mais a relação entre idosos e adultos jovens de forma geral?

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O ADULTO JOVEM

	<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</p>
---	--

PREZADO (A) PARTICIPANTE

1. Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Relação intergeracional entre idosos e adultos jovens da mesma família: caracterização e repercussões”.
2. Você poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento.
3. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
4. O objetivo geral desta pesquisa é compreender os modos como acontecem as relações entre idosos e adultos jovens, da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas. Especificamente pretende-se: 1) Descrever as características da relação entre idosos e adultos jovens; 2) analisar como percebem a influência mútua entre eles através do que dizem; 3) descrever os fatores positivos e/ou negativos presentes na relação entre eles; 5) propor intervenções que facilitem essa relação.
5. Sua participação consistirá em responder a uma entrevista sobre as referidas questões, as quais não lhes trarão risco para sua saúde mental ou física.
6. Os benefícios relacionados com a sua participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de, a partir dos resultados, serem levantadas proposições e propostas de intervenção que podem facilitar a interação entre idosos e jovens adultos, garantindo-lhes um melhor bem estar subjetivo.
7. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
8. Solicitamos autorização para gravar, filmar e transcrever a entrevista, com a finalidade de melhor compreender e analisar os resultados.

9. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem. Os dados ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora, por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam Identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.

10. Você está recebendo uma cópia deste termo onde constam os telefones e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Assinatura

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,
BLOCO G4

Telefone: (81) 21194097 (Curso de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81) 2119.4376 – FAX (81) 2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE F**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO PARA O ADULTO JOVEM**

- 1.Sexo:
- 2.Idade:
- 3.Grau de escolaridade:
4. Grau de parentesco com o(a) idoso(a):
- 5.Estado civil:
- 6.Tem filhos? Quantos? Quais as idades? Moram com você?
7. Profissão:
8. Trabalha e estuda? Ou só trabalha?
9. Se trabalha,que função desempenha?
11. Renda familiar (em salários mínimos):
12. Religião:
13. Com quem reside?
14. Sua casa é própria, financiada ou alugada?
15. Tem carro? Próprio ou financiado?
16. Tem familiares idosos? Você depende financeiramente deles ou eles dependem de você?
17. O que costuma fazer em seu tempo livre?
18. Faz algum trabalho voluntário?
19. Participa de algum grupo de convivência para idosos? Ou outro grupo que os encontre com frequência (Universidade Aberta para Terceira Idade, Religioso, entre outros)?
20. Participa de algum Programa Intergeracional (atividades entre idosos e pessoas de outras idades)?

APÊNDICE G**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O ADULTO JOVEM**

1. Como você percebe a relação entre idoso(as) e adultos jovens da mesma família?
2. Você tem pessoas idosas na sua família? Quem? Pai/mãe, avós, tios(as), ou outra? Qual a idade delas?
3. Moram na mesma residência que você?
4. Como é a sua relação com eles(as)?
5. Tem algum dentre eles(as) que é mais significativo para você? Com quem você tem uma relação de mais proximidade?
6. Como é a relação entre você e essa pessoa?
7. Em que local a encontra?
8. Com que frequência mantém contato com ela(ele)? Fale-me sobre isso.
9. Com que frequência conversam? Fale-me sobre essas conversas (quanto tempo, aproximadamente, você fica conversando com ela; que assuntos?)
10. Com que frequência fazem alguma coisa juntos? O que fazem juntos? O que podem fazer juntos? O que gostaria de fazer juntos?
11. Vocês têm interesses em comum? Fale-nos sobre isso?
12. Você sente-se influenciado(a) por essa pessoa? Fale-me sobre isso.
13. Você percebe se influencia essa pessoa? Fale-me sobre isso.
14. Você acha que aprende com essa pessoa? Fale-me sobre isso.
15. Você acha que essa pessoa aprende com o(a) senhor(a)? Fale-me sobre isso.
16. O que essa pessoa representa para você?
17. O que você pensa sobre essa pessoa?
18. O que você acha que essa pessoa pensa sobre você?
19. O que você acha que incomoda, é negativo, na relação entre vocês?
20. O que você acha que é bom, positivo, na relação entre vocês?
21. Tem alguma situação ou vivência especial, com essa pessoa, que você gostaria de compartilhar?
22. O que você acha que poderia contribuir para facilitar mais a relação entre vocês?
23. O que você acha que poderia contribuir para facilitar mais a relação entre idosos e adultos jovens de forma geral?

APÊNDICE H
GRUPO FOCAL

Perguntas disparadoras aplicada aos idosos e adultos jovens juntos

1. Como é para vocês estarem juntos aqui nesse grupo?
2. Como vocês percebem a relação entre idosos e adultos jovens?
3. Na percepção de vocês, o que pode ser feito para melhorar a relação entre idosos e adultos jovens da mesma família?